

DEDC
Departamento de Educação
Campus XI – Serrinha



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

ANAIS DO SEMINÁRIO DO NUPE
XI SEMINÁRIO DO NUPE: 35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA
PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

Edição 5, 2023, ISSN: 2595-8534, Volume 02

22 a 24 de novembro de 2023

Serrinha, Bahia

Organização:

Jusceli Maria Oliveira de Carvalho Cardoso
Márcia Raimunda de Jesus Moreira da Silva
Jeanne Ferreira de Oliveira
Ana Cristina Silva de Oliveira Pereira
Maria Claudete Marques Barbosa Estrêla

EdUnEb
Editora da Universidade do Estado da Bahia

Grupos de Pesquisa:



GASB
GEO(BIO)GRAFAR



LEPEGE
NEDER



Serrinha, 2023

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

Adriana dos Santos Mormori Lima
REITORA

Dayse Lago de Miranda
VICE – REITORIA

Isabelle Sanches Pereira
DIRETORA DO DEDC XI

Marize Damiana Moura Batista e Batista
DIRETORA SUBSTITUTA

Gildaite Moura de Queiroz
COORD. DO COLEGIADO DE PEDAGOGIA

Ivan dos Reis Cardoso
COORD. DO COLEGIADO DE GEOGRAFIA

Carlos Rangel Portugal Pereira
COORD. DO COLEGIADO DE ADMINISTRAÇÃO

Jusceli Maria Oliveira de Carvalho Cardoso
COORD. DO NÚCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO – NUPE

COMISSÃO ORGANIZADORA

Ailton Oliveira Miranda
Bruno Leonardo Gonçalves e Castro
Bruno Trabuço Pedreira Oliveira
Carlos Rangel Portugal Pereira
Daise Maria Silva dos Santos
Diego Melo dos Santos
Dilzete da Silva Mota Ramos
Fernando de Sousa Nunes
Geivson Santos dos Anjos
Geovana Santos Cedraz
Idnéia de Santana Santos Coutinho
Ione Goés da Silva
Isaura Santana Fontes
Isabelle Sanches Pereira
Ivan dos Reis Cardoso
Jeane Ferreira de Oliveira
Jones Costa Lima
José Silenaldo do Nascimento
Joyce Cruz Pinheiro
Juliana Melo Leite
Jussara Fraga Portugal
Karla Cruz Bacelar dos Santos
Kerlon Santana de Azevedo

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

Lucas de Carvalho Cardoso
Lúci Ana Gonçalves Rosa
Márcia Raimunda de Jesus Moreira da Silva
Marcos Antônio Lima de Jesus
Maria Amparo Ribeiro da Silva
Maria Cezarela Oliveira Carvalho
Maria Claudete Marques Barbosa Estrêla
Maria Helena Brandão Silva
Maria Telma Silva Gonçalves
Marize Damiana Moura Batista e Batista
Marlon Santos Barros
Nayane Sepúlveda Suzart
Nelia de Mattos Monteiro
Patrícia Júlia Souza Coelho
Poliana Santana dos Santos
Simone Santos de Ribeiro
Taiana de Cerqueira Silva
Tássio Lima de Santana
Telma Regina Batista Nascimento
Thiago Brandão Oliveira
Vanessa Araújo Santo

COMITÊ CIENTÍFICO

Profa. Dra. Ana Cristina de Mendonça Santos (UNEB)
Profa. Ma. Ana Cristina S. de Oliveira Pereira (UNEB)
Prof. Dr. Bruno Leonardo Goncalves e Castro (UNEB)
Prof. Me. Carlos Rangel Portugal Pereira (UNEB)
Profa. Ma. Claudene Ferreira Mendes Rios (UNEB)
Prof. Dr. Cleber de Souza Couto (UNEB)
Profa. Dra. Dilzete da Silva Mota Ramos (UNEB)
Prof. Me. Edson Barreto Lima (UNEB)
Profa. Ma. Elivânia Reis de Andrade Alves (UNEB)
Profa. Ma. Elizabete Bastos da Silva (UNEB)
Profa. Ma. Gelcivânia Mota Silva (UNEB)
Profa. Ma. Gildaite Moura de Queiroz (UNEB)
Profa. Dra. Glauce Maciel Barbosa Pereira (UNEB)
Profa. Ma. Isabel de Jesus Santos dos Santos (UFRB)
Profa. Dra. Isabelle Sanches Pereira (UNEB)
Profa. Dra. Isaura Santana Fontes (UNEB)
Prof. Dr. Ivan dos Reis Cardoso (UNEB)
Profa. Dra. Ivonete Barreto de Amorim (UNEB)
Profa. Dra. Janeide Bispo dos Santos (UNEB)
Prof. Me. Jean da Silva Santos (UNEB)
Prof. Me. Joao Evangelista dos Santos Filho (UNEB)
Profa. Ma. Jocely Santos Caldas Almeida (UNEB)
Profa. Ma. Josianne da Silva Lima (UNEB)
Profa. Dra. Jucelia Macedo Pacheco (UNEB)
Prof. Dr. Júlio César Gomes Santos (UNEB)
Profa. Dra. Jusceli Maria Oliveira de C. Cardoso (UNEB)
Profa. Dra. Jussara Fraga Portugal (UNEB)
Profa. Esp. Lucimeire Lobo Almeida (UNEB)

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

Prof. Me. Luiz Rogerio de Lima Macêdo (UNEB)
Prof. Dr. Macário Protazio Costa Junior (UNEB)
Profa. Ma. Madryracy Ferreira C. M. Ovídio (UNEB)
Prof. Esp. Manoel Silva Santos Filho (UNEB)
Analista Universitária Dra. Marcia Raimunda de Jesus Moreira da Silva (UNEB)
Profa. Dra. Márcia Torres Neri Soares (UNEB)
Profa. Dra. Marize Damiana Moura B. e Batista (UNEB)
Profa. Ma. Miriam Barreto de A. Passos (UNEB)
Profa. Dra. Mônica Moreira de O. Torres (UNEB)
Profa. Ma. Nayana Sepúlveda Suzart (UNEB)
Profa. Dra. Patrícia Júlia Souza Coelho (UNEB)
Profa. Ma. Renata Adrian Ribeiro S. Ramos (UNEB)
Prof. Dr. Renato Leone Miranda Leda (UNEB)
Profa. Dra. Selma Barros Daltro de Castro (UNEB)
Profa. Dra. Simone Santos de Oliveira (UNEB)
Profa. Ma. Telma Regina Batista Nascimento (UNEB)
Profa. Esp. Urania Maria Vieira Alves (UNEB)
Prof. Dr. Valdemiro Lopes Marinho (UNEB)

DIAGRAMAÇÃO

Jeane Ferreira de Oliveira

MONITOR (A) VOLUNTÁRIO (A)

Aine Candace de Jesus M. da Silva
Alane Pâmela Lopes Aquino
Ana Cleide Pinto da Anunciação
Ana Ruth Amaro da Silva
Ananda Bruna Lopes de Aquino
Angélica Pereira dos Santos
Antônio Moacy de Oliveira Mota Júnior
Ariane Silva de Jesus
Beatriz Rodrigues Miranda Matos
Bonifácio Carvalho Santos
Camila Santos da Silva
Daniele da Silva Santos Moura
Douglas Rodrigues Miranda de Matos
Edileuza Souza de Jesus
Eliana Barreto Teixeira
Érico Ribeiro Santos
Fábio Pereira dos Santos
Fernanda Victória Pinheiro Santiago
Geisa Brito Santana
Henrique Silva Mota
Iolanda Bispo Santiago
Íris Torres Estrela Amorim
Janete Silva Santos
Janiele Moura Souza
Josélia Souza de Jesus
Jozeane Pereira da Silva

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

Jucilene de Jesus Silva
Kelly Silva Santos
Laís Samara Ferreira dos Santos
Maires Santos Alves
Marcondes Santos da Silva
Maria Isabel dos Santos
Marlon dos Santos Barros
Mikaely Raiane Santos Chaves
Patrícia Souza de Jesus
Rafaela Falcão Nunes
Rafaias de Jesus Queiroz
Railane da Conceição Ferreira
Rosilane Paixão da Conceição
Selma Silva de O. Santos
Syndi Moame Paixão
Taise de Jesus Queiroz
Thifany de Jesus Oliveira
Uemerson de Jesus Batista
Vanessa Santos Ferreira
Wagner Sena de Jesus

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB

Maria Claudete Marques Barbosa Estrêla - CRB/ BA 806

Seminário de Pesquisa e Extensão do NUPE Campus XI (11: 2023: Serrinha, BA)
Anais do XI Seminário do NUPE: 35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E
EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO, 22 a 24 de novembro de 2023,
Serrinha. / Organizado por Jusceli Maria Oliveira de Carvalho Cardoso, Márcia
Raimunda de Jesus Moreira da Silva, Jeane Ferreira de Oliveira, Ana Cristina
Pereira de Oliveira Silva e Maria Claudete Marques Barbosa Estrêla. – Serrinha: 2023.

Evento realizado pela: Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação
Campus XI, Núcleo de Pesquisa e Extensão – Serrinha-Ba.

1. Pesquisa - Congressos. 2. Iniciação Científica - Congresso. 3. Educação -
Congressos. I. Santos, Janeide Bispo. II. Universidade do Estado da Bahia.

CDD: 001.4

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

SUMÁRIO

	Página
Apresentação	19
Justificativa	20
Objetivos	23
Programação Geral	25

RESUMOS SIMPLES			
AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO	Página
Camile Vitória Pinto Martins Glaudiane Heloisa dos Santos Michelle Santos Sales	UNEB	DIFERENÇAS RACIAIS ANÁLISE DA CHARGE MAFALDA: PRECONCEITO RACIAL	31
Cléo Santos de Santana Juliana Melo Leite	UNEB	DIÁLOGO E DIVERSIDADES: DIREITOS, ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO SOCIAL	33
Daciana Oliveira Carvalho Emilia Maynar Carvalho da Cruz Mainara Pereira da Silva	UNEB	TODO MENINO É UM REI	35
Aline Santos Macêdo Ana dos Santos Neres Mariana Santos da Silva Prof. Dra. Dilzete da Silva Mota Ramos	UNEB	TRABALHANDO AS DIFERENÇAS NA ESCOLA: A BELEZA DAS DIVERSIDADES	37
<i>Ariane Silva</i> <i>Josélia Jesus</i> <i>José Carlos</i> <i>Maries Alves</i>	UNEB	O PATINHO FEIO: DIVERSIDADE	39
Ana Ruth Amaro da Silva Profa. Me Maria Izabel Freitas Santos de Matos	UNEB	EDUCAÇÃO ESPECIAL APOIADA NA MUSICALIDADE DA REALIDADE DE PAIS ATÍPICOS	40
Lara Ribeiro Almeida Profª. Me. Elivânia Reis de Andrade Alves	UNEB	CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: ALFABETIZAR LETRANDO NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	42
Ludimila Silva Araujo Nívia Lima Souza Selma Barros Daltro de Castro	UNEB	CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E A PRODUÇÃO CIENTÍFICA: ESTUDOS INICIAIS NA INICIAÇÃO CIENTÍFICA COM MENTORIA DE EGRESSO	44
Patrícia Souza de Jesus Veluzia Santos da Silva Selma Barros Daltro de Castro	UNEB	CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E OS FUNDAMENTOS INICIAIS CONSTRUÍDOS EM SUBPROJETOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA	45

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

RESUMOS EXPANDIDOS			
AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO	Página
Maria Eduarda Brito Yanka Kaeny Carneiro	UNEB	EXERCITANDO A FASE PRÉ SILÁBICA NA TURMA DE 4º ANO DA ESCOLA CRENITA BRIZOLARA – DIREITO DA CRIANÇA	48
Ariana de Santana Sena Juscely Maria O. de C. Cardoso Nayana Sepulveda Suzart	UNEB	CONVERSAS POÉTICAS SOBRE EMOÇÕES E SENTIMENTOS JUNTO A CRIANÇAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA	50
Daíse Maria Silva dos Santos Juliana Melo Leite Ronivaldo da Silva de Almeida	UNEB	COMPETÊNCIAS DIGITAIS: USOS E ATRIBUIÇÕES NO NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO DA UNEB SERRINHA	53
Veluzia Santos da Silva Dilzete da Silva Mota	UNEB	CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO REVOADA DISCENTE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	56
Alane Pamela Lopes de Aquino Henrique Silva Mota Simone Ribeiro Santos	UNEB	A GEOGRAFIA NA ESCOLA DO ENSINO FUNDAMENTAL II: EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE	59
Fabírcia Santos Carneiro Ailton Oliveira Miranda Kivia Rayane Mota dos Santos Ana Cristina Silva de Oliveira Pereira	UNEB	INTERSEÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E SAÚDE: CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS DA PEDAGOGIA NO CONTEXTO HOSPITALAR	62
Ronaldo Santos Costa Junior Jussara Fraga Portugal	UNEB	HISTÓRIAS, LUGARES E GEOGRAFIAS VIVIDAS: UMA GEOGRÁFICA LEITURA DAS NARRATIVAS UBALDIANAS	64
Geferson de Jesus Sales Larissa Bomfim Silva Stefany Silva Vilaronga Dra. Dilzete da Silva Mota Ramos	UNEB	A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE RACIAL NA LITERATURA INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO LIVRO “ MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA”	67
Karolayne Santos Araujo Marcia Torres Neri Soares	UNEB	INTERFACES ENTRE O AEE E O ACOMPANHAMENTO A ESTUDANTES COM TDAH: REFLEXÕES EM ANDAMENTO	70
Lucas de Carvalho Cardoso	NAAPA - Serrinha / NAI - CAMPUS XI	O QUE FAZ A(O) PSICÓLOGA(O) ESCOLAR? RELATOS SOBRE AÇÕES PSICOEDUCATIVAS	73
Camila Santos da Silva Kivia Rayane Mota dos Santos Lucimara Morgado Pereira Lima Glauce Maciel Barbosa Pereira	UNEB	A CONTRIBUIÇÃO DA LUDICIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA VISUAL	76
Alice dos Santos Oliveira Larissa Souza de Almeida Taiana de Cerqueira Silva Thainara Pereira Xavier Juscely Maria Oliveira de	UNEB	ATELIÊS PEDAGÓGICOS: CONSTRUINDO PROTÓTIPOS DIDÁTICOS PARA AULAS DE LINGUAGEM ESCRITA	78

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

C.Cardoso			
Ananda Bruna Lopes de Aquino Eliane Barreto Teixeira Jeane Mariane de C. Santos Thais Oliveira Mota Jusceli Maria Oliveira de C.Cardoso	UNEB	ATELIÊS PEDAGÓGICOS FORMATIVOS: PROTÓTIPOS DIDÁTICOS PARA AULAS DE LEITURAS	81
Jorge Antônio da Cruz Santos Letícia Anjos Carvalho Marcondes Santos da Silva Geisiane Batista Ramos	UNEB	LITERATURA DE CORDEL: ESTRATÉGIA LÚDICA DE LEITURA E SCRITA	84
Maria Vanilda de Oliveira Pereira Roberta De Oliveira Souza Vera Cecília Marques Reis Madryracy Ferreira C. Medeiros Ovídio	UNEB	NARRATIVAS- ARTE - IMAGENS: EXPERIVIVÊNCIAS E AFETOS DA/NA UATI	87
Fábio Pereira Santos Eliene Lima de Jesus Karolayne de Carvalho Borges Carla de Jesus Souza	UNEB	INICIAÇÃO À DOCÊNCIA NA EJA: (EXPERI)VIVÊNCIAS, RELATOS, DIÁLOGOS E CONEXÕES EM EJA	90
Vanessa Santos Patrícia da Silva Geisa de Jesus Madryracy Ferreira C. Medeiros Ovídio	UNEB	INICIAÇÃO À DOCÊNCIA NA EJA: NARRATIVAS FORMATIVAS DAS ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA	93
Maely de Oliveira Souza	UNEB	A APRENDIZAGEM SOBRE DUAS PERSPECTIVAS: CAPENE COMO ESPAÇO DE ENSINO PARA GRADUANDOS EM PEDAGOGIA E PESSOAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS	96
Hebert Filipe dos Santos Carneiro Dr ^a . Marize Damiana Moura Batista e Batista	UNEB	O ENSINO DE GEOGRAFIA NAS TURMAS DE EJA COMO INSTRUMENTO CRÍTICO-SUPERADOR: O PAPEL DO PIBID NA FORMAÇÃO DO LICENCIANDO DE GEOGRAFIA	98
Camila Silva Santos Vanderléia Almeida da Silva Marcia Torres Neri Soares	UNEB	CONSTRUINDO CONHECIMENTO COM AS DIFERENÇAS, CURRÍCULO ESCOLAR E DEFICIÊNCIA	101
Camila Silva Santos Lyvia Nascimento Santos Mariana Santos Milena Caldas	UNEB/ CAPENE SERRINHA	APRIMORANDO E DESENVOLVENDO NOVAS HABILIDADES EDUCACIONAIS SOCIAIS RESPEITANDO E ACEITANDO AS DIFERENÇAS	104
Isabelle Sanches Pereira Marcondes Santos da Silva	UNEB	FEIRAS LITERÁRIAS: UM ESTUDO SOBRE A FEIRA LITERÁRIA INTERNACIONAL DE SERRINHA E SEU PAPEL VITAL NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA	106
Evelyn Matos Santana Lucas de C. Cardoso	UNEB	SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIAS DOMÉSTICAS E SOCIAIS VIVENCIADAS PELAS CRIANÇAS: O QUE A ESCOLA TEM A VER COM ISSO?	109

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

Aline Santos Macedo Mariana Santos da Silva Vera Cecília Marques Reis	UNEB	A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	112
Naially Teles de Oliveira Rocha Veluzia Santos da Silva Patrícia Souza de Jesus Dilzete da Silva Mota	UNEB	CONFECÇÃO DA MASSINHA DE MODELAR CASEIRA COMO POSSIBILIDADE DE PROMOÇÃO DO LETRAMENTO	114
Calliane Freitas Pereira da Silva Carla de Jesus Freitas Valdiana Ferreira Santos Dilzete da Silva Mota Ramos	UNEB	DIFERENÇAS ÉTNICO-RACIAIS EM JULGAMENTO: VOZES DE TESTEMUNHAS.	117
Jorge Antônio da Cruz Santos Kívia Rayane Mota dos Santos Marcondes Santos da Silva Dilzete da Silva Mota Ramos	UNEB	IDENTIDADE EM FOCO: VALORIZANDO QUEM SOMOS	120
<i>Deyvson Silva dos Santos</i> <i>Vanessa Araújo dos Santos</i> <i>Maria Cezarela Oliveira</i> <i>Carvalho</i>	UNEB	CURSO DE EXTENSÃO INTERDEPARTAMENTAL HÍBRIDO: OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	123
Maria Vanilda de Oliveira Pereira Roberta de Oliveira Souza Vera Cecília Marques Reis Profª Drª Dilzete da Silva Mota Ramos	UNEB	ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL: A CESTA DE DONA MARICOTA	126
Larissa das Chagas Mota Patrícia Saturnino Araújo Taiane de Carvalho Santana	UNEB	DIREITO DAS CRIANÇAS	128
Dilzete da Silva Mota Ramos Iracema da Silva Nascimento	UNEB	DIFERENÇAS ÉTNICO -RACIAIS: CONTRIBUIÇÕES ATRAVÉS DE JÚRI SIMULADO PARA EFETIVAÇÃO DA LEI 10.639/23 NA UNIVERSIDADE	130
Rosiane Caetano de Sena Barreto Geisiane Pereira Ramos Glauce Maciel Barbosa Pereira	UNEB	AS ARTES MÚSICA E DANÇA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	132
Rosilane Paixão da Conceição Isabela de Oliveira Vitor Railane Ferreira da Conceição Dilzete da Silva Mota	UNEB	OFICINA DE LEITURAO CABELO DE LELÊ	135
Vanessa Araújo dos Santos Jusceli Maria O. de C. Cardoso	UNEB	MEMÓRIAS CONSTRUÍDAS PELOS ESTUDOS E ESCRITAS CIENTÍFICAS SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO TERRITÓRIODO SISAL	137
Wilma dos Santos Rodrigues Dilzete da Silva Mota Ramos	UNEB	IMPACTOS DA NÃO IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 PARA O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE	141

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

Ana Paula de Jesus Bispo Araújo Elen Silva Santos Luciano da Silva Brito Rosiane Caetano de Sena Barreto Jusceli Maria Oliveira de C. Cardoso	UNEB	ATELIÊ PEDAGÓGICO AULAS DE ORALIDADE: QUE TAL CONSTRUIR UM PROTÓTIPO DIDÁTICO?	143
Fábio Pereira Santos Eliene Lima de Jesus Karolayne de Carvalho Borges Carla de Jesus Souza Madryracy Ferreira Coutinho Medeiros Ovídio	UNEB	INICIAÇÃO À DOCÊNCIA NA EJA: (EXPERI)VIVÊNCIAS, RELATOS, DIÁLOGOS E CONEXÕES EM EJA	145
Camilla Bispo dos Santos IVONEIDE ROCHA OLIVEIRA Syndi Moame Paixão Cesar Dilzete da Silva Mota	UNEB	OFICINA DE LEITURA: O CABELO DE LELÊ	148
Ronaldo da Silva Xavier Maria Ferreira dos Santos Marize Damiana M. B. e Batista	UNEB	O PIBID DE GEOGRAFIA E A FORMAÇÃO DO LICENCIANDO: UMA LEITURA DE ATIVIDADES E TEMAS FORMATIVOS	150

POSTERS			
AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO	Página
Gustavo Lima da Cruz Maristela dos Santos Carmo Marize Damiana M.B. e Batista	UNEB	A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA NA EJA: A QUEM E A QUE SERVE A GEOGRAFIA?	154
Anderson Dantas Barbosa Janeide Bispo dos Santos	UNEB	CONTEÚDO E MÉTODO DE ENSINO DE GEOGRAFIA NO DOCUMENTO CURRICULAR REFERENCIAL DA BAHIA- DCRB, ENSINO MÉDIO	157
Awany Queiroz de Andrade Graziele Gomes Simões Natália Pereira Oliveira Drª Dilzete da Silva Mota Ramos	UNEB	PROMOVENDO IDENTIDADE, AUTOESTIMA E REPRESENTATIVIDADE	159
Edilza Oliveira dos Santos Iolanda Bispo Santiago Sandra Melo Gomes Dilzete da Silva Mota Ramos	UNEB	DIFERENÇAS ÉTNICO-RACIAIS	161

MINI CURSO			
AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO	Página
Maria da Paz de Jesus Rodrigues Alana Marques de Oliveira Janine Carvalho dos Santos Wallefe Santana Silva Oliveira	UNEB	CIDADES DO TERRITÓRIO DO SISAL EM FOCO: DINÂMICAS URBANAS E PROBLEMATIZAÇÕES SOCIOESPACIAIS	163
Gêisa Cunha dos Santos Marize Damiana M. Batista e	UNEB	CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA PARA O ENSINO DE	165

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

Batista		GEOGRAFIA: Suporte com professores dos anos iniciais	
---------	--	---	--

OFICINAS			
AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO	Página
Alane Pamela Lopes de Aquino Mikaely Raiane Santos Chaves Thifany de Jesus Oliveira Jusceli Maria Oliveira de Carvalho Cardoso	UNEB	LIBRAS NA INFÂNCIA: INTERPRETANDO AS EMOÇÕES	168
Tainance Souza Freire Daniele dos Santos Ferreira Lucimara Morgado Pereira Lima Glauce Maciel Barbosa Pereira	UNEB	JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA INCLUSÃO ESCOLAR	170
Angélica Pereira dos Santos Bianca de Araujo Ferreira Wallefe Santana Silva Oliveira Jusceli Maria Oliveira de Carvalho Cardoso	UNEB	EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: A LEITURA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO A PARTIR DA INCLUSÃO	172
Janine Carvalho dos Santos José Armando dos Santos Silva Jusceli Maria Oliveira de C. Cardoso	UNEB	PALAVRINHAS MÁGICAS: REFLEXÃO SOBRE A VIDA	174
Beatriz Rodrigues Miranda Marianna Torres Prado Fernanda Victória Pinheiro Dilzete da Silva Mota Ramos	UNEB	A RATOEIRA E O RATO: SOLIDARIEDADE E EMPATIA	176
Lucas de Carvalho Cardoso Poliana Santana dos Santos	UNEB/NAI	INTRODUÇÃO A AUDIODESCRIÇÃO COMO DISPOSITIVO DIDÁTICO: SUBSÍDIOS AOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR	178
João Eduardo dos Santos Paulo Vitor Silva de Jesus Janair Meireles de Lima Lucimara Morgado Pereira Lima	UNEB	APRENDER BRINCANDO: AS FORMAS GEOMÉTRICAS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	179
Cleidson Alves Rosa Lara Ribeiro Almeida Thais Oliveira Mota Profa. Geisiane Pereira Ramos	UNEB	JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM DIFICULDADE DE APRENDIZADO.	181

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

Camila Silva Santos Vanderléia Almeida da Silva Lyvia Nascimento Santos Lucimara Morgado Pereira Lima	UNEB	EM PROL DA EQUIDADE: UNIVERSALIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO EM LIBRAS	183
Paulo Vitor Silva de Jesus Janair Meireles de Lima Madija Santos da Silva	UNEB	COMER PARA PODER CRESCER UMA OFICINA SOBRE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL	185
José Mateus Ferreira Costa Maria Eduarda Kevylla Lima Rodrigues Jusceli Maria Oliveira de Carvalho Cardoso	UNEB	A MAGIA DAS CORES: TODOS SOMOS DIFERENTES, TODOS SOMOS ESPECIAIS	187
Alane Pamela Lopes de Aquino Angélica Pereira dos Santos Jaiane Araujo Oliveira José Mateus Ferreira Costa Lais Samara Ferreira dos Santos Eric Silva dos Santos	UNEB SEC/BA	CARTOGRAFIAS DO COTIDIANO: CONHECER, LOCALIZAR E NAVEGAR NO ESPAÇO	188
Alana Marques de Oliveira Diego Calçada Rigaud Felix Erico Ribeiro Santos Gilda Oliveira de Jesus José Marcos Silva Ribeiro Taise Reis Silva Andrade	UNEB	OFICINA DE INICIAÇÃO À LEITURA CARTOGRÁFICA: PRÁTICAS CARTOGRÁFICAS NO COTIDIANO	190
Ariane Silva Josélia Jesus José Carlos Maíres Alves Profª Drª Dilzete Mota	UNEB	O PATINHO FEIO: DIVERSIDADE	192
Camila Matos dos Santos Istefani Maria dos Santos Hellen Carla dos Santos Cruz Jeniffer Lima Alves Maria Vitoria Almeida Matos Rodrigo Guimarães Mot	UNEB	A CARTOGRAFIA E OS ELOS AFETIVOS NA ESCOLA	194
Cleane Lopes de Aquino Fernanda Alves dos Santos Máriele Miranda Ferreira Dantas Profª Drª Dilzete da Silva Mota Ramos	UNEB	HISTÓRIA INFANTIL SOBRE DIFERENÇAS ÉTNICOS-RACIAIS NO BRASIL	196
Fernanda Maria Carneiro de Jesus Sônia Barbosa Araújo Thamilis Santos	UNEB	MINHA MÃE É NEGRA SIM: CONSTRUINDO IDENTIDADE	198
Alana Santos da Silva Mercia de Oliveira Carneiro Sara Ferreira Lopes dos Santos	UNEB	TUDO MENINO É UM REI	200

35 ANOS DE (RE)EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

Hebert Filipe Dos Santos Carneiro Valdirene Barbosa dos Santos Gustavo Lima da Cruz Silvano Ferreira de Oliveira Pro. Dr. Bruno Leonardo Gonçalves e Castro	UNEB	MAPEAMENTO COLABORATIVO: O USO DAS GEOTECNOLOGIAS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA E PLANEJAMENTO URBANO	202
Andreyana Nascimento Mota Carine Junqueira Silva Ingrid Naially Silva	UNEB	O PRECONCEITO RACIAL ESCONDIDO EM “BRINCADEIRAS DO COTIDIANO	204
Ana Claudia Cordeiro de Almeida Rafaela Andrade Santos Sandymila Santiago Pereira Dilzete da Silva Mota Ramos	UNEB	A RATOeira E O RATO: SOLIDARIEDADE E EMPATIA	205
Josiele Oliveira dos Santos Elaine Santiago Junqueira de Queiroz Nívia Lima Souza	UNEB	YAPO, YA YA, Ê Ê Ô: UMA VIAGEM PELAS CULTURAS DOS POVOS ORIGINÁRIOS	207

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

CANTO PARA JOVEM CAMPUS SERRINHA

Meu jovem Campus Serrinha,
Analogicamente às pessoas,
O vejo jovem, de vigor configurado;
Boa fase crescente, tal qual lua: Inclusiva, cognitiva, colaborativa.
De ações capilares e pulverizadoras
Pairastes nas Serrinhas da Bahia:
São 35 anos de registros históricos,
Caminhos traçados, tracejados com lágrimas e sorrisos,
Garimpagem de quilate profissional regada à cidadania.

Meu jovem Campus, filho de Morena Bela;
Alimentado por peitos fartos de sonhos
Que vão se tornando reais e intencionais.
Espalha-se nas terras secas, nas serras interioranas,
Aprendente da força de bravos sertanejos viventes.
Espalha-se em apêndices, veias que viram veios,
Caminhos de chão batido ou asfalto curtido,

Para este Campus, casa de mãe,
Migram como pêndulos sujeitos do sisal identidade,
De territórios bem configurados, de comunidades.
Vem gente das fronteiras porosas,
Das Barrocas e Lamarão,
Dos Jorros termais e Águas Fria,
Das águas Biritingas, como saindo das canas doces;
Dos Tanquinhos, Tanques Grandes e Serras Pretas.
Vem Santos e Santas de fé:
Santa Bárbara, Conceição, Santana e Fátima,
Vem São Domingos e gente dos Canudos de Conselheiro.
Vem gente Valente, contente, guerreiros.

Poetas das Letras: de Euclides da Cunha e Castro Alves;
Vem povo das aves, de Tucanos e Andorinhas;
Dos Pombais, dos Retiros e Teofilândias.
De Araci e Mucugê, vem gente de Irará;
De Creguenhem, de Quijingue e Tracupá.
Vem gente de muitos lugares: Vem das matas do Recôncavo,
Das Muritibas e da Cruz das Almas;
Aqui estamos: escrevinhando versos e prosas,
Em rodas de conversas e rodas de samba
E tecendo conhecimentos.

Meu jovem Campus Serrinha,
Hoje é dia de festa,

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

Não detalharei as dores,
À flor ou não da pele, em processos de cura;

Meu jovem campus XI,
Falarei de Cristinas,
Desses meninos e dessas meninas fortes,
De Anderson, Fernandos e Uilmas.
Falarei de Vânicas, de Jandirobas, frutos e Andirobas,
Isabelles, Jucelis, Julietas, Rosas e Violetas,
Falarei de jardins, florais e beija-flores,
Falarei de Amparos e confortos,
De contornos, confrontos e dialéticas;
De acolhimentos, e pertencimentos,
De casa de Ensino, Pesquisa e Extensão,
De Casa jovem de Educação.

Ivan dos Reis Cardoso
Professor Adjunto da Universidade do Estado
da Bahia Campus XI Serrinha; Licenciado em
Geografia pela UCSAL, Mestre em Ciências
Agrárias pela UFRB
Dr. em Difusão do Conhecimento pela UFBA
icardoso@uneb.br

Texto poético de versos livres escrito em comemoração aos 35 anos do Campus XI Serrinha – BA, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Homenagem a este Departamento de Educação que vem desenvolvendo projetos em várias áreas do conhecimento, principalmente nos temas relacionados à Administração, Geografia e Pedagogia em um viés de qualidade profissional e pessoal de cada pessoa, quer da comunidade acadêmica e do entorno que tem acesso ao Campus diretamente ou pelas redes da tecnologia.

E temos mais homenagens ao CAMPUS XI

Quem é a Uneb no Campus XI Serrinha?

Por: Professora Dra. Isaura Santana Fontes

Seu corpo humano! Servidoras, servidores e estudantes. Servidores que atuam na docência e na gestão dos diversos setores de atendimento, funcionamento e estrutura unebiana. Assim, o que é hoje este campus universitário diz muito do que as pessoas, em sua atuação profissional são e fazem. Nós somos a universidade.

Reza a lenda, que tudo começou por desejos da iniciativa privada, noutra versão conta-se que gestores públicos da região, do estado da Bahia e do Planalto Central disputaram a implantação e a sua não implantação no final da década de 80. Penso que venceu o povo. Entre interesses de diversas cores, nasceu a Faculdade de Educação de Serrinha com o curso de Pedagogia, com um currículo projetado em algum dos gabinetes Unebianos, por uma mente brilhante e bem-intencionada que nos legou tanto!!!

Foi importante nascer com um curso para atender a formação docente voltada para as infâncias, nossa maior riqueza! As crianças! Seguida a sua criação, A FES, Faculdade de Educação de Serrinha, passa a ser habitada por gentes. Corpos críticos e inteligentes que a ela se integram, e sem jamais a ela se acomodar, com ela muitos se implicam, se incomodam e a vão recriando em suas rotinas, eventos, cotidianamente fazendo acontecer a emergência de outros cursos, como o de Administração e Geografia. Cada um destes cursos incorporam novas ideias e modos de atuação profissionais que fazem mudar o contexto e suas dinâmicas internas e externas desta já consolidada Instituição de Ensino, Pesquisa e Extensão universitárias. Criamos aqui também um polo da UNEAD que oferta diversos cursos à distância.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

E como os castelos que nascem dos sonhos pra no real achar seu lugar, como nos inspira Montenegro, nós nos forjamos através de embates internos e externos na defesa de uma sociedade na qual as crianças possam ser ouvidas e suas falas, necessidades e direitos possam ser a régua e o compasso a dar linha às políticas da educação, às políticas de estado e às ações efetivas e afetivas que delas emanem para que o direito não seja um privilégio baseado em cores, gêneros, idades ou poderes econômicos.

E nessas lutas, hoje somos uma instituição mais inclusiva. Mais dialógica, mais próxima dos movimentos sociais, mais cuidadosa com as pessoas. Entretanto, temos muitos desafios. A ampliação da oferta de nossos cursos é um dos nossos desafios. Outro desafio diz respeito à consolidação e ampliação da pós-graduação, no formato das especializações, do mestrado e do doutorado que vem chegando com uma grande potência em direção a excelência. Mais um desafio, é o da relação entre a oferta dos cursos presenciais com a Educação on-line.

E por fim, não encerrando os inumeráveis desafios, quero encerrar a minha fala dizendo que para cada desafio e para cada avanço, nós dependemos de pessoas, com suas características individuais, com seus modos de ser e estar no mundo, mais precisamos que mais do que elas existam, que elas interajam, que elas se amem, que elas se respeitem, que elas se cuidem, que cuidem umas das outras. Ou seja, que nós, as pessoas que desde de dentro da universidade e desde fora dela, construam espaços e tempos de colaboratividade, solidariedade, respeitabilidade, e porque não dizer, de amorosidade. Pois sozinhas, nem nascemos. Quanto mais chegamos a algum lugar é por que “dependemos de tanta, muita diferente gente, cada pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas” como me disse um dia tal de Luiz.

E assim, em meu nome, em nome de toda minha família com toda a nossa ancestralidade, com a licença e a bênção de minha mãe, eu agradeço.

Em nome da Faculdade de Educação de Serrinha, pedindo licença a sua primeira equipe gestora, eu agradeço.

Em nome do Departamento de Educação Campus XI, pedindo licença a atual diretora Isabelle Sanches e toda sua equipe, eu agradeço.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

E em nome da Universidade do Estado da Bahia, pedindo licença a professora Adriana Marmori, e toda a equipe gestora, aqui representada pela professora Elivânia Andrade, eu agradeço:

Obrigada à dona Dodô e a todas as famílias que acolheram, acolhem, e acolherão a Uneb no território do Sisal, e nos demais cantos da Bahia,

Obrigada a Kailaine e demais estudantes de ontem, de hoje, e de amanhã desta universidade,

Obrigada a Flavinha e a todas as pessoas que cuidaram, cuidam e continuarão a cuidar de nós nesta universidade,

Obrigada a Sr. Nery e a todas as pessoas que cuidaram, as cuidam e as que continuarão a cuidar de nossa segurança de dia e de noite,

Obrigada a Ives a todos os motoristas que nos conduziram, mesmo durante a pandemia levando exames e vacinas para salvar vidas, e continuam a nos conduzir para nos formar e formarmos em conjunto uma sociedade de saberes diversos,

Obrigada Claudete e a todo corpo técnico administrativo desta universidade que tanto serviço prestou, presta e continuará prestando a estas comunidades locais e a nossa sociedade,

E por fim, a professora Norma Neide e a todo corpo docente desta universidade que se formou, se forma e continuará se formando em comunhão,

Agradecemos todas as pessoas que fazem da Universidade do Estado da Bahia o que ela é, com todas as suas possibilidades e convidamos a quem ainda não é unebiano a ocupar o seu espaço no seio desta Universidade se quer pública, gratuita, de qualidade, inclusiva e participativa para continuar fazendo ciência com e no interior da Bahia, em diálogo com a capital, com e no nordeste brasileiro, em diálogo com as demais regiões do país, com e na América do Sul, em diálogo planetário, comigo, com você e todas as pessoas que entrarem nesta roda, com sua etnia, condição, idade, peso, gênero, fé, sonho, e vontade de conhecer, de fazer ciência, filosofia, educação, tecnologia e um planeta no qual a vida pulse com mais amor e a paz seja consequência.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

APRESENTAÇÃO

O Seminário do Núcleo de Pesquisa e Extensão é um evento anual do Departamento de Educação (DEDC), Campus XI - Serrinha da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), organizado e realizado pelos diversos segmentos que compõem a comunidade acadêmica.

O Seminário deste ano, 2023, pretende além de celebrar os 35 anos de (re) existência do Departamento de Educação, CAMPUS XI, no Território do Sisal baiano, fortalecer a trajetória da extensão e da pesquisa, assim como pretende dar espaço para socialização dos conhecimentos produzidos, pelos diversos sujeitos e grupos de pesquisa constituídos, no Departamento de Educação.

Além disso, também visa a ser espaço de aprofundamentos teóricos e metodológicos com vistas a dialogicidade entre os estudantes, docentes, pesquisadores e a comunidade externa frente ao contexto e demandas que afloram no cenário contemporâneo.

Assim, será busca de todas as atividades propostas e que, em conjunto constituem o Seminário do NUPE, alavancar as discussões, debates, escutas e o exercício polifônico das vozes dos atores e atrizes sociais que edificam a história do CAMPUS XI, seja na condição de servidores, técnicos, docentes, discentes, egressos e colaboradores que estão imersos no território onde o CAMPUS XI tem suas raízes fincadas.

Sendo assim, o coletivo de pessoas que edifica as ações do Núcleo de Pesquisa e Extensão, dialoga, partilha e colaborativamente constrói a história da pesquisa e extensão no CAMPUS XI e nos territórios onde atuamos, de modo que, ao propor a realização do XI Seminário do NUPE, trabalhamos incessantemente para que o ensino, a pesquisa e extensão resista e se comprometa, sobretudo, com a educação pública, a escola de educação básica e com a classe trabalhadora.

Neste sentido, este evento pretende tornar públicas as ações de ensino, pesquisa e extensão realizadas no contexto do departamento destacando o papel político, social, humano da Universidade do Estado da Bahia, em especial o CAMPUS XI, no Território do Sisal.

Comissão Organizadora do XI Seminário do NUPE

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

JUSTIFICATIVA

A urgência em se construir uma proposta que congregue ações que visam a vivificar a trajetória histórica da UNEB no contexto serrinhense, no que tange a evidenciar o impacto positivo que tal instituição de ensino, pesquisa e extensão tem gerado ao longo dos anos, se justifica por vários motivos.

Entre vários motivos, salientamos o papel relevante que a UNEB tem desempenhando no território do semi árido e do Sisal, como instituição que tem se destacado pela ação constituída em torno da política de formação de docentes, no âmbito dos cursos de Licenciaturas em Pedagogia, Geografia, como também no cerne da Administração de Empresas, com o curso de ADM, contribuindo, decisivamente, para as transformações sociais que se operam, paulatinamente nos contextos das comunidades interioranas, onde os CAMPUS se inserem.

Além do mais, as proximidades celebrativas dos trinta e cinco anos de trabalho construído da UNEB na região, precisam ser efetivados e celebrados em torno da história da própria UNEB, na singularização do CAMPUS XI.

Com isso, detectamos a necessidade de re-contarmos a história do CAMPUS XI, evidenciando a sua implantação, os primeiros anos da gestão e a afirmação de uma instituição de ensino superior num cenário de tantas urgências e emergências de temáticas complexas e iladas aos desafios sócio-educativos impostos pelo novo tempo, em que ainda vivenciamos as mazelas herdadas da pandemia do covid.

Através das atividades indissociáveis de ensino, pesquisa e extensão, tem a UNEB /Campus XI por objetivos a formação do homem como ser integral e o desenvolvimento socioeconômico da região e do país, visando, especificamente, em sua área de competência:

- ✓ Produção e crítica do conhecimento científico, tecnológico e cultural, facilitando o seu acesso e difusão;
- ✓ Participação e assessoramento na elaboração das políticas educacionais, científicas e tecnológicas nos seus diversos níveis de complexidade;
- ✓ Formação e capacitação de profissionais;

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

- ✓ Participação e contribuição para o crescimento da comunidade em que se insere a resolução de seus problemas.

Como função indissociável do ensino e da extensão e instrumento de produção de novos conhecimentos, as atividades de pesquisa desenvolvidas pela UNEB buscam atender aos objetivos da Universidade e as necessidades da comunidade onde estão inseridas as suas Unidades, principalmente no que diz respeito ao conhecimento e possíveis soluções das problemáticas locais.

Têm-se realizado estudos sobre inclusão escolar, alfabetização, o analfabetismo, fome, saúde, gestão, administração, geografia e preservação do ambiente, *bem como de problemáticas de inclusão sócio-educacionais e temáticas voltadas a questões administrativas procurando desenvolver um trabalho coerente com os postulados da Universidade com a estrutura teórica dos conhecimentos institucionalizados e uma prática que contemple em seu bojo a participação efetiva da sociedade.*

Com o objetivo de registrar, divulgar e valorizar a produção científica, a UNEB/Departamento de Educação CAMPUS XI – *tendo o NUPE como setor coordenador/articulador da catalogação das ações de pesquisa e extensão planeja a publicação de um catálogo de pesquisa, contendo o registro resumido dos trabalhos desenvolvidos pela comunidade acadêmica desta Instituição ao longo dos últimos 35 anos, em um trabalho de levantamento do acervo documental, consulta aos idealizadores dos projetos de pesquisa e extensão realizados.*

Assim, através do efetivo exercício da docência (*contemplando o eixo Pesquisa – Extensão – Ensino*) onde a formação docente é sempre objeto de estudos, podemos salientar que, no período de vinte anos, temos acumulado um capital cultural extenso, o qual necessitará ser evidenciado, trazendo-se à tona, com o intuito de divulgar todo esse conjunto de trabalhos, pesquisas, ações de ensino e extensão, ao mesmo tempo em que contaremos e recontaremos a história da implantação e da afirmação do CAMPUS XI na cidade e na região, configurada como território do sertão.

Sendo assim, *este Seminário, o XI, busca promover a criação de espaços-*

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

tempos diferenciados, e terá como meta, trazer a polifonia de vozes dos que fizeram e *ainda* fazem acontecer a história de uma instituição pública que, paulatinamente, vai edificando com a força do seu trabalho, os ideais de educação pública, gratuita e de qualidade.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

OBJETIVOS

GERAL:

- ✓ Promover um espaço/tempo singular, marcado pela polifonia de vozes dos atores e atrizes sociais que constituíram e continuam a construir a história do CAMPUS XI mediante as ações de ensino, da pesquisa e da extensão efetivados ao longo dos trinta e cinco anos de atividades do Departamento de Educação do CAMPUS XI demarcados no Território do Sisal baiano, assim como em conexão com outros territórios como: Portal do Sertão e Semi árido.

ESPECÍFICOS:

- ✓ *Socializar a construção* sobre a história do *processo de* implantação e da afirmação do CAMPUS XI no contexto da cidade de Serrinha;
- ✓ Evidenciar a produção acadêmica do CAMPUS XI, no que concerne ao exercício do processo de ensino, pesquisa e extensão acumulados ao longo dos 35 anos de trabalhos acadêmicos;
- ✓ Fomentar a participação e o diálogo ativo com a comunidade externa favorecendo a consolidação de parcerias institucionais;
- ✓ Historicizar a trajetória acadêmica do CAMPUS XI ao longo dos últimos 35 anos *de sua existência*, evidenciando *sua* importância no semi-árido baiano.
- ✓ Divulgar a produção acadêmica do CAMPUS XI acumulada ao longo dos 35 anos
- ✓ Promover um diálogo entre diversos segmentos que constituem o corpo Universitário: equipe docente, discentes, técnicos administrativos, gestores em torno das ações comemorativas dos 35 anos de trabalho da UNEB na cidade de Serrinha.
- ✓ Promover o debate sobre educação e contemporaneidade, assim como, fazendo emergir outras temáticas que se derivam e pulsam no seio das comunidades das quais o CAMPUS XI, faz parte;
- ✓ Apresentar a produção do conhecimento do Departamento de Educação da UNEB (Serrinha) para a comunidade interna e externa como um ato de resistência ao longo destes 35 anos de existência;

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

- ✓ Ampliar o diálogo com a Educação Básica, os movimentos sociais, a rede de economia solidária, os sindicatos e as organizações governamentais e não governamentais do Território do Sisal, através dos trabalhos apresentados nas sessões de comunicação e posters, bem como nas rodas de conversa;
- ✓ Oportunizar as condições para publicação das experiências científicas e extensionistas;
- ✓ Fortalecer as redes e grupos de investigação e cooperação no âmbito departamental, interdepartamental e interinstitucional;
- ✓ Integrar a comunidade da discussão, planejamento e desenvolvimento de ações de pesquisa e extensão no DEDC/XI.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

PROGRAMAÇÃO GERAL XI SEMINÁRIO NUPE

35 anos (Re)existência da pesquisa e extensão na Território do Sisal

22/11/2023 – Manhã

7:30h às 8:30h	Credenciamento
8:30h às 9:10h	Programação Cultural
9:00h às 9:30h	Abertura Oficial: <i>Professora Dra. Isabelle Sanches-Diretora do DEDC Campus XI/UNEB</i> <i>Professora Dra. Jusceli Maria Cardoso – Coordenadora do NUPE</i>
10:00 às 10:30h	Apresentação do grupo de pesquisa FORMACI Professoras: <i>Rita de Cássia Oliveira</i> <i>Eliwânia Reis de Andrade Alves e Isaura S. Fontes.</i>
10:30h às 11:45h	Conferência de abertura: Pesquisa- formação/ Formação- pesquisa: criação de saberes e heurística formacional Palestrante: <i>Prof. Dr. Roberto Sidney Macedo</i> Mediadora: <i>Prof. Telma Regina Batista Nascimento</i>
8:30 as 11:45h	PROGRAMAÇÃO SIMULTÂNEA: Sessão de pôsteres digitais e impressos Exposição Digital: Artenatureza – Produção da Brinquedoteca Criação
8:30 as 11:45h	PROGRAMAÇÃO SIMULTÂNEA Circuito de Oficinas Pedagógicas: Processos de Alfabetização Público: Professores, estudantes, interessados Oficinas 1,2,3,4 (Pavilhão Milton Santos) e sala 01- Segundo andar Coordenação: <i>Professora Dra. Dilzete Mota</i>

22/11/2023 – Tarde

13:30h às 14:00h	Programação cultural
14:00 às 15:30h	GASP em foco Grupo Ambiente, Sustentabilidade e Paisagem (GASP): Pesquisa, extensão e ensino, discutindo a sustentabilidade, o espaço e a inserção da comunidade nas atividades acadêmicas Mediação: <i>Prof. Dr. Bruno Leonardo Gonçalves e Castro</i> Projetos de extensão e pós-graduação: pós-graduação PPAGT Revista AYIKA Projeto Carcará Youthmappers Quartas ambientais LACARD e o GASP Experiências: Projetos de pesquisa e extensão *Levantamento e caracterização espeleológica de cavernas não carbonáticas no município de serrinha/BA – <i>Esp. Kelly Sandra Ramos Santos Silva</i> * Degradação das APAS do oeste da Bahia - <i>Prof. Dr. Bruno Leonardo Gonçalves e Castro</i>

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO


	<p>* Educação ambiental e mapeamento participativo no ensino fundamental II em Retirolândia/BA - <i>Esp. Edikécia Oliveira dos Santos</i></p> <p>* Educação ambiental e etnobotânica em Santa Bárbara - <i>Prof. Ms. Isabela Camargo Rodrigues</i></p> <p>* Mapeamento colaborativo na Escola - <i>Prof. Dr. Renato Leda</i></p>
15:30h às 17:00h	<p>Sessões de comunicações Espaços de Diálogos e Práticas – EDP</p>
13:30 as 16:30h	<p>PROGRAMAÇÃO SIMULTÂNEA Ateliê pedagógico: Ludicidades e Letramento Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Língua Portuguesa</p> <p>Professoras <i>Maria Cezarela C. Carvalho e Jusceli Maria Cardoso</i> <i>Local: Sala de aula 02- Segundo andar</i></p>

22/11/2023 – Noite

19:00h	<p>Programação cultural</p>
19:30 às 21:00h	<p>GE PEDRU em debate Oportunidades de pesquisa: um estudo integrado de Administração e Geografia <i>Prof^a Dra. Keila Petronília Lopes</i></p>
21:00 às 22:00h	<p>Sessões de comunicações Espaços de Diálogos e Práticas – EDP</p>
19:00h às 21:00h	<p>PROGRAMAÇÃO SIMULTÂNEA Oficina Coordenação: <i>Bruno Leonardo Gonçalves e Castro</i></p>

23/11/2023 – Manhã

8:00 às 8:30 h	<p>Programação Cultural</p>
8:30h às 10:30h	<p>GEOBIOGRAFAR em foco Formação e trabalho docente em múltiplos contextos: narrativas em movimento.</p> <p>Prof^a Dra. <i>Poliana Marina Mascarenhas Magalhães</i>, pesquisadora GEPPE (Núcleo de Pós-Graduação Gastão Guimarães).</p> <p>Prof^a. <i>Claudene Ferreira Mendes Rios</i> (Professora Assistente da UNEB/Campus Xi, grupo de pesquisa GEOBIOGRAFAR)</p> <p>Mediação: <i>Ana Cristina Silva de C. Pereira.</i></p> <p>Vitrine Literária: GEOBIOGRAFAR: <i>Construindo memórias, registrando histórias.</i></p> <p>Mediação: <i>Simone Ribeiro Santos</i></p>



35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

10:30 às 11:30h	Sessões de comunicações Espaços de Diálogos e Práticas – EDP
8:30h as 11:00h	PROGRAMAÇÃO SIMULTÂNEA Circuito de Oficinas Pedagógicas: Linguagens Público: crianças do 1º ao 5º ano: Escola Creunita Brizolara Oficinas 1,2,3,4 (Pavilhão Milton Santos) e sala 01- Segundo andar <i>Coordenação: Professora Dra. Dilzete Mota</i>

23/11/2023 – Tarde

13:00 h às 14:00	Programação Cultural
14:00h às 15:30h	EPODS, MPIES, GEPERCS e LIPEGE em foco Conferência: Políticas de fundos e financiamento da Educação Básica no Brasil: novos contextos para formação e atuação dos profissionais de educação <i>Maria Aparecida Silva de Menezes</i> (Servidora do Tribunal de Contas do Estado da Bahia, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais (GEPPOLE), na UFBA, é também associada as entidades acadêmicas e científicas ANPED, ANPAE e FINEDUCA) <i>Mediação: Prof. Dra. Patrícia Júlia Souza Coelho</i>
15:30h às 17:00h	Sessão de comunicação (Oficinas Pedagógicas PRP linguagem cartográfica) Sessão de comunicação EPD – Espaço de Diálogos e Práticas
14:00h as 16:30h	PROGRAMAÇÃO SIMULTÂNEA Minicurso: Introdução a audiodescrição <i>José Gleidson Araújo</i> <i>Catiane de Santos Pereira</i> <i>Lucas de C. Cardoso</i> <i>Poliana Santana</i> Público: estudantes do curso de Braille
14:00h às 16:30h	Circuito de oficinas – PRP – Geografia Tema: Linguagem cartográfica Oficinas 1, 2, 3 <i>Mediadoras: Professoras Simone Oliveira e Jussara F. Portugal</i> <i>Sala 2, 3, 4 – Pavilhão Milton Santos</i>

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

24/11/2023 – Tarde

13:30 às 14:00h	Programação Cultural
14:00 às 15:30h	<p>ENTRELAS em foco 20 anos da lei 10.639/2013 e 20 anos de cotas – uma conversa Entre Elas</p> <p><i>Railda Neves Souza</i> (Coordenadora pedagógica do Centro Educacional São Felipe; Mestre em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas pela UFRB)</p> <p><i>Geovania Silva do Nascimento</i> (Graduado em Letras - UEFS Mestre em Estudos Linguísticos - UEFS)</p> <p>Mediadores/as: <i>Isabelle Sanches Pereira</i> (Profª Dra. DEDC XI serrinha/UNEB, Líder do Grupo de Pesquisa Entre Elas- Educação e Culturas)</p> <p><i>Ulma dos Santos Rodrigues</i> (Graduanda em Licenciatura em Pedagogia/DEDCXI Serrinha/UNEB)</p> <p><i>Marcondes Santos da Silva</i> (Graduando em Licenciatura em Pedagogia/DEDCXI Serrinha/UNEB)</p>
16:00 às 17:00h	<p>PROGRAMAÇÃO SIMULTÂNEA Circuito de Oficinas e Minicurso -Tema: Educação Antirracista com a turma do 1º semestre.</p>
14:30 as 16:30h	<p>Expobrincar! Interação com brinquedos produzidos pelos acadêmicos-3º semestre de Pedagogia Coordenação: <i>Professora Nayana Sepúlveda Suzart</i></p>

24/11/2023 - Noite (Remoto)

Plataforma Microsoft Teams - Teremos único link para acesso

17:30 às 20:00h	<p>Conferência de Encerramento: (REMOTO) As tecnologias como potencializadoras da pesquisa e da extensão no Território do Sisal Convidado: <i>Profa. Dra. Mary Valda Souza Sales</i> Mediação: <i>Profa. Ana Cristina Silva de Oliveira Pereira</i></p>
20:00 às 21:00h	Sessão de Comunicações (REMOTA)

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

23/11/2023 – Noite

19:00 às 19:30 h	Programação cultural
19:30 às 21:00h	<p>GETEL em foco Colóquio: Inclusão e acessibilidade na educação: O que temos aprendido nestes 35 anos? Palestra: <i>Dra. Patrícia Carla da Hora Correia</i> Mediação: <i>Maria Cezarela O. Carvalho e Júlio Cesar Gomes.</i></p> <p>Convidados/as: <i>Patrícia Zutião IF-Baiano</i> <i>Maria Vanelma Damião Mota -NAAPA</i> <i>Maria José Araújo Lopes-CAPENE</i> <i>Márcia Raimunda de J. M. da Silva-NAI</i> <i>Marijoice dos Santos Cardoso Lima-Coordenação de Educação Especial-SEMED</i></p>
21:00 às 22:00h	Sessões de comunicações Espaços de Diálogos e Práticas – EDP

24/11/2023 – Manhã

8:00 às 8:30 h	Programação Cultural
8:30 às 10:00h	<p>NEPEJA/ GEPEJA em foco Tertúlia Literária: Entrelaçamentos da Literatura com as infâncias e a juventude. Professoras. <i>Dra. Alana de Oliveira Freitas El Fahl</i> <i>Cibele C. Queiroz</i> <i>Luciana Maria Ávila Carvalho</i> Mediação: <i>Professora Dra. Glauce Maciel Barbosa Pereira</i></p>
10:00 às 11:30h	<p>Sessão de Contação de histórias Convidada: <i>Luciana Maria Ávila Carvalho</i> Mediação: <i>Professora Dra. Glauce Maciel Barbosa Pereira</i> Lançamento de livro: <i>Alana de Oliveira Freitas El Fahl.</i> <i>Luciana Maria Ávila Carvalho</i></p>
8:00 às 11:00h	<p>PROGRAMAÇÃO SIMULTÂNEA <i>Projeto Sinais de Inclusão: Circuito de Oficinas.</i> Salas de aulas 1,2,3,4 Coordenação: <i>Professora Jusceli Maria de O. Carvalho Cardoso</i></p>
8:00 às 11:00h	<p>Expobrincar! Interação com brinquedos produzidos pelos acadêmicos – 3º semestre de Pedagogia Coordenação: <i>Professora Nayana Sepúlveda Suzart</i></p>

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

RESUMOS SIMPLES

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

DIFERENÇAS RACIAIS ANÁLISE DA CHARGE MAFALDA: PRECONCEITO RACIAL.

Camile Vitoria Pinto Martins

UNEB CAMPUS XI

camilevitoriapinto11@gmail.com

Glaudiane Heloísa dos Santos

UNEB CAMPUS XI

heloisa.ichu@gmail.com

Michelle Santos Sales

UNEB CAMPUS XI

michellesantossales03@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como tema “As diferenças raciais, apresentada nas charges de Mafalda relatando o preconceito racial”. Que surgiu a partir do estudo das características linguísticas e estruturais do gênero textual artigo, durante as aulas ministradas pela docente Dilzete da Silva Mota Ramos, no componente curricular do primeiro semestre: Leitura e Prática de Textos Acadêmicos, do curso de Pedagogia, da Universidade do Estado da Bahia. O artigo selecionado para a discussão e identificação das partes construtivas foi “As questões da diversidade e da política de reconhecimento das diferenças”, através do envolvimento dos alunos com a temática deu origem a ideia de a professora propor aprofundar as discussões a partir da execução de oficinas. A análise empregada nas charges para embasar o estudo diante dos preceitos teórico, e levar a conhecimento a questão da diversidade racial, conscientizando-os de que vivemos num país com diversidade de povos, raças e cores, que somos todos diferentes e essa singularidade não faz de ninguém inferior. Na charge escolhida, Susanita age de forma preconceituosa com o brinquedo de Mafalda, demonstrando susto quando ela questiona se ele gostou do presente que havia ganhado, presente este que era um boneco negro, ele logo questiona, “um pretinho?” e a sua amiga lhe responde: “Sim, por quê? Não vai dizer que você tem preconceito racial?”, seu amigo nega dizendo : “Somos todos iguais, como vou ter preconceito racial?” com isto, o personagem aproveita essa fala para camuflar o racismo, mas quando ele tocar no boneco, ele corre para lavar as mãos, e assim demonstrando que estaria com nojo por se tratar de uma representação de um menino de raça e cor diferente da dele. Método utilizado foi o estudo teórico como artigo bibliográficos, discursões nas aulas no componente e a lei 10.639/2003 que afim de assegurar os direitos civis dos seus cidadãos nos diz em seu “Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Essa oficina com charge pode contribuir nesse eixo 1 , é um conceito que compreende os diversos aspectos únicos em diferentes culturas. Também significa multiplicidade e variedade, estando ela relacionada a todos os atributos que caracterizam ou diferenciam os indivíduos dentro de uma sociedade. Conclui-se que esse trabalho é relevante para concretizar e ajudar as crianças e escola do 3 ano e 4 anos do ensino fundamental para compreender com desenho em charges para eles levarem a forma mais simples que eles possam aprender da forma de interpretação, Através

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO de roda de conversas, de fatos vivenciados no cotidiano que nos mostram como acontece a camuflagem do preconceito já citado.

Palavra-chave: diversidade racial; malfada; discriminação; charges; preconceito.

REFERÊNCIAS

<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2020/09/7-tirinhas-de-mafalda-para-refletir-sobre-os-tempos-atuais.html>
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

[*admin,+4Kabengele-Formatado.kabe-1+\(1\).pdf](#)

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

DIÁLOGO E DIVERSIDADES: DIREITOS, ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO SOCIAL

Cléo Santos de Santana

Discente e Monitora bolsista do Projeto
UNEB, CAMPUS XI
cleosantos9221@gmail.com

Juliana Melo Leite

UNEB
jusilva@uneb.br

RESUMO

Diálogos e Diversidades: direitos, acessibilidade e Inclusão Social é um projeto de extensão do Departamento de Educação, Campus XI, Serrinha que surgiu com o propósito de criar espaços e tempos dialogais entre os sujeitos e promover conversas efetivas e afetivas inerentes aos direitos e garantias constitucionais voltadas as Pessoas com Necessidades Educativas Especiais (NEE) e/ou Pessoas com Deficiência (PCD). O intuito é informativo e interativo para produzir redes dialógicas e dispositivos que comuniquem e levem dados e informações importantes para as vidas e processos sociais de todas as pessoas que necessitem ou que tenham interesse pelo tema. Sendo assim, possibilitando encontros em vários espaços para além da universidade, cumprindo os preceitos da política de extensão universitária, dialogando, e descortinando saberes através de rodas de debates sobre políticas públicas de acessibilidade e inclusão para os pessoas sempre reforçando direitos, garantias e instigando a visibilidade nos espaços formais de educação, não formais e informais, a fim de construir uma sociedade inclusiva. Sabemos que a acessibilidade e a inclusão de pessoas com NEE e/ou deficiência, na sociedade, não se trata apenas de olhares ou ideologias caritativas e mesmo assistenciais, longe de tal pensamento, promover a acessibilidade e inclusão é dever das instituições como asseguram os marcos e documentos legais em vigência no Brasil. O processo de inclusão de pessoas com deficiência no sistema educacional, seja na educação básica ou na universidade, assim como na dimensão social, ao longo dos anos, tem sido alavancado de modo assertivo por diversos movimentos da ordem mundial, os quais alargaram e despertaram as pessoas, os cidadãos para a luta em prol de espaços sociais e educativos cada vez mais acessíveis e, por conseguinte, mais inclusivos. Isso significa dizer que, lutar para que todos e todas estejam juntos em processos de aprendizagens coletivas é fundamental para que tenhamos um mundo mais equânime e justo sob ponto de vista de oportunidades e construções mais humanitárias, em ações de respeito e celebração da diversidade inerente ao ser humano e ao mundo. Diante de tantos desafios que emergem da necessidade de incluir todos e todas, não importando a condição e mesmo a existência da deficiência, aparecem nos cenários da educação a necessidade legal, social, econômica, cultural, moral e ética de oferecer aos sujeitos condições de equidade para que acessem aos sistemas de educação, permaneçam e possam construir caminhos de aprendizagem. Para a realização das ações previstas neste projeto, foram pensados encontros, colocando em ação diversas plataformas de interação, entre elas canais oficiais do DEDC XI no *youtube*, *Microsoft Teams* e também, espaços dialogais, podcasts em que os atores e atrizes sociais dialogaram

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO e debateram sobre temáticas da inclusão. Para isso, realizaremos parceria com o Núcleo de Comunicação (NUCOM) do DEDC XI, para aprimorarmos formas de colocar os diálogos com a diversidade em sintonia com a comunidade interna e externa. Para isso, usaremos de estratégias como: planejamento, produção de conteúdos, entrevistas e outros modos de comunicar.

Palavras-chave: diálogo; diversidades; direitos; acessibilidade; inclusão.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

TUDO MENINO É UM REI

Daciana Oliveira Carvalho

Discente UNEB, CAMPUS XI

Dacianaoliveira0@gmail.com

Emília Maynar Carvalho da Cruz

Discente UNEB, CAMPUS XI

Emiliamaynar.666@gmail.com

Maynara Pereira da Silva

Discente UNEB, CAMPUS XI

maynarapereira@yahoo.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Este relato apresenta como foi produzida a oficina que tem como tema "Todo menino é um rei", produzida durante aulas ministradas pela professora Dra. Dilzete da Silva Mota Ramos, do componente curricular Linguagens e Análises Linguísticas, do curso de Pedagogia, da Universidade do Estado da Bahia, Campus XI. O projeto escolhido nos faz refletir sobre questões, como diversidade étnico-raciais. Ao longo das aulas experimentamos momentos desafiadores, mas de muito aprendizado, que proporcionou aos grupos rodas de conversas e partilhas entre os componentes que construíram o projeto. Diante do cenário visto atualmente, de muitos casos de preconceito racial nas escolas, selecionamos o poema "O Pequeno Príncipe Preto" escrito por Marcelo Serralva e a arte gráfica "Todo menino é um rei" do artista Nilcley Rocha (artista serrinhense), a fim de proporcionar a reflexão dos alunos sobre o respeito e a valorização das diferenças e assim proporcionar um ambiente de respeito e harmonia entre os estudantes. Durante a caminhada para a construção da oficina encontramos desafios, como citado anteriormente, o primeiro, se adequar o gênero textual para apresentar aos docentes do quinto ano do ensino fundamental e foi partindo disso que o grupo se juntou em busca de alternativas para que o conteúdo pudesse ser passado de forma leve e compreensível, e antes de tudo foi necessário que todas as discentes buscassem compreender a mensagem que a poesia transmitia, assim como a arte gráfica que também seria exposta e assim, uma segurança a mais na apresentação. É válido informar que a oficina, no momento de escolha, foi desafiadora, exigindo um cuidado e atenção com a letra. "Todo menino é um rei" de Roberto Ribeiro foi a escolhida se encaixava bem com todo o conteúdo e contribuir para preparação para acionar o cérebro. Houve dúvidas sobre o plano de aula que seria utilizado, foram feitos debates sobre quais métodos seriam utilizados, optamos por momentos de descontração, atenção e reflexão, e assim manter o clima leve e divertido. Após a música, iniciaram as discussões e compreensão do tema, mantendo a clareza e suavidade. Foi pensado também na confecção de uma lembrancinha com alguns doces e uma figura, representando o tema abordado. É importante apresentar ainda o novo desafio. Infelizmente não foi possível realizar a oficina na instituição da educação infantil na Escola Municipal Creunite Silva Brizolara Pereira, isso se deu pois houve um atraso por parte do transporte municipal chegar até o Campus para assim levar os universitários para escola. Embora não tenhamos apresentado, a experiência de confeccionar, interpretar e estudar o tema sem dúvidas foi muito válida para o nosso desempenho acadêmico contribuindo para o nosso crescimento pessoal compreendendo sobre os

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

problemas étnico raciais enfrentados pelas crianças. Além das boas experiências durante a construção da oficina, em alguns momentos gerou pensamentos nos discentes de que seriam incapazes de realizar a atividade proposta, pois essa seria a primeira produção deste tipo, de todos eles, mas, depois de muita reflexão e ajuda, foi possível compreender e argumentar. Foi uma experimentação provocante e bastante necessária. Que foi vivenciado, trouxe para cada um a certeza de que tudo valeu a pena e que futuramente tudo o que foi vivenciado ao longo desses dias será colocado em prática. O trabalho foi fundamentado na Lei 10636/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da cultura afrodescendente e afro-brasileira nas escolas do ensino básico e médio, particular e pública. As discussões travadas nessa oficina muito contribuem enquanto promovem reflexões sobre diversidade, diferenças étnico-raciais e a necessidade de uma educação multicultural e antirracista, capaz de contemplar todos os cidadãos. A criação da oficina contribuiu de maneira direta para aprimorar nosso conhecimento, enfrentar as diferenças e superar os obstáculos, mesmo quando as dúvidas surgiram, mesmo quando nada parecia certo, buscamos alcançar o que nos foi proposto. Sendo assim, reconheceu-se que todas as discussões em sala e a elaboração do trabalho serviram de forma essencial para ajudar na nossa formação, fazendo-nos aprender e ter uma noção mais evidente de como se dá o planejamento docente.

PALAVRAS CHAVES: experiência; diversidade; representação racial.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

TRABALHANDO AS DIFERENÇAS NA ESCOLA: A BELEZA DAS DIVERSIDADES

Aline Santos Macedo

Universidade do Estado da Bahia-UNEB
alinemacedo16@gmail.com

Ana dos Santos Nunes

Universidade do Estado da Bahia-UNEB
anasnunes74@gmail.com

Mariana Santos da Silva

Universidade do Estado da Bahia-UNEB
msilva8605285@gmail.com

Professora Dra.Dilzete da Silva Mota Ramos

Universidade do Estado da Bahia-UNEB
dmota@uneb.br

RESUMO

Sabe-se que existe uma grande defasagem a respeito do trabalho voltado para o letramento racial e a conscientização negra nas escolas, como cita Silva (2004). O Negro, frente a essa sociedade tomada por valores europeus, encontra-se, muitas vezes, desprovido de um parâmetro capaz de fazê-lo se reconhecer como parte dela. Dessa forma, a identidade negra pode se constituir numa identidade frustrada e aderir ao ideal do branqueamento da nação, negando, assim, a sua condição. (Silva apud Munanga, 2004, p.285). Visando contemplar essa abordagem, construímos a oficina pedagógica; “Trabalhando as Diferenças na Escola: A Beleza das Diversidades” que foi planejada e desenvolvida na escola Creunite Brizolara, na turma do 5º ano, fazendo uso literatura infantil negra, realçando a beleza das diversidades, com o objetivo de estimular o conhecimento acerca da composição linguística do texto, promover a valorização da diversidade cultural e física através da identificação com os personagens e fomentar a empatia e o respeito pelas diferenças culturais e físicas dos outros. O trabalho foi solicitado e orientado pela professora Dilzete Ramos, que ministra o componente Alfabetização e Processos de Letramento. A oficina se faz de acordo com a seguinte questão norteadora: Como a escola, através da prática pedagógica cotidiana pode promover educação anti racista? Para o desenvolvimento da oficina, foi realizada uma dinâmica de socialização, fazendo uso de uma caixa com os nomes dos componentes da turma, onde cada criança pega o nome de um colega e cita características físicas do nome escolhido, em seguida houve um momento com questões norteadoras voltadas para o tema, o que introduziu a contação da história. Para avaliar a oficina foi feita uma atividade de auto retrato, com a socialização dos desenhos, em seguida uma abordagem com questões de compreensão e um bingo com palavras existentes na história. Para desenvolver o trabalho, escolhemos o livro “Cada um Com Seu Jeito, Cada Jeito é de Um”, escrita por Lucimar Rosa Dias e ilustrada por Sandra Beatriz Lavandeira, que conta de forma leve e divertida a história da personagem principal, Luanda. Evidenciando que as relações de afeto devem estar presentes diariamente nos grupos sociais, a história é uma grande potência na discussão sobre representatividade e/ ou identidade afrodescendente, pois retrata uma família

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO angolana alegre e unida, quebrando os estereótipos impostos pela sociedade que muitas vezes veem a família negra com olhos racistas . A obra proporciona interdisciplinaridade e promove reconhecimento/ pertencimento pessoal e social. Esse trabalho se justifica por refletir sobre a necessidade de reconhecer, valorizar e respeitar as diferenças etnico raciais no Ensino Fundamental I, contribuindo dessa maneira com uma educação antirracista , tal como prevê a Lei 10.639/03 que tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas brasileiras, tendo como objetivo trabalhar nas salas de aulas a valorização e ressaltar a presença africana na sociedade, sendo instrumento no combate ao preconceito e a discriminação racial.

Palavras-chave: literatura infantil negra; diversidade; representatividade; respeito.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 10.639/2003**, de 09 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018

DIAS, Lucimar Rosa. **Cada um com Seu Jeito Cada Jeito é de Um**. Editora: Alvorada, 1º edição, 2012.

SILVA, Ana Célia Da. A desconstrução no livro didático. In MUNANGA Kabengele (orgs). **Superando o racismo na escola**. 2ª ed. Revisada. Brasília: Ministério da educação, Secretaria da educação continuada, Alfabetização e diversidade, 2008.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

O PATINHO FEIO: DIVERSIDADE

Ariane Silva

as0295018@gmail.com

Josélia Jesus

joseliasouza055@gmail.com

José Carlos

silvasantocarlos793@gmail.com

Maíres Alves

mairesalves34@gmail.com

RESUMO

A oficina "o patinho feio", produzida durante as aulas do componente curricular Linguagens e Análises Linguísticas, ministrada pela professora Dilzete Ramos, foi planejada uma manhã com atividades lúdicas com intuito de estimular a diversidade do estado da Bahia, e também a conscientização sobre as diversas diferenças recorrentes na sociedade. Os alunos matriculados no quarto ano da escola Creunite Silva Brizolara Perreira, com atividades que envolviam interação com dinâmica, músicas, desenho e animação com fantoches. Além disso, a escolha desta história, teve embasamento na temática norteadora de que está voltada para a inclusão do diferente, a aceitação e a necessidade de respeitar o outro, A história conta o cotidiano de um cisne que nasceu em uma família de patos, sendo ele então diferente dos demais integrantes da família foi considerado feio, por até então não se encaixa no padrão que foi determinado por membros anteriores, com isso podemos notar a importância de nos enxergarmos como um ser distinto, e que isso não necessariamente ruim, sendo assim diferente faz parte da nossa identidade. A história é de extrema importância por abordar assuntos que ajudam na aceitação de crianças que porventura se sintam excluídas e indiferentes em espaços escolares e não escolares, sendo assim, levar o "patinho feio" para alunos em idade de desenvolvimento. Oportuniza e reflete sobre a importância de aceitação das diferenças de colegas e de suas próprias individualidades, nesse viés, ensinamos futuros jovens a não aceitarem discriminação por parte de colegas e até mesmo críticas desnecessárias de parentes, assim a temática da história traz reflexões relevantes para os alunos e acrescentando assim positivamente no desenvolvimento cognitivo, social e mental da criança. A oficina tem como tema :o patinho feio, respeito a diversidade, foi produzida durante as aulas, a questão que norteou essa pesquisa como a história pode contribuir para a inclusão do diferente e a aceitação do diferente e da necessidade de respeitarmos o outro, nesse sentido, os objetivos da oficina são: refletir sobre a importância de acolher aceitar e respeitar o diferente; a metodologia utilizada foi a contação da história com fantoches, logo em seguida uma dinâmica com a música o funk do patinho, dando continuidade os alunos irão colorir impressões que nos vamos oferecer a eles. A importância para o eixo do seminário será, estimular a criança a desenvolver por meio da história reflexões que são de cunho explicativo, ensinando a criança a ser mais receptiva com o diferente. Concluir a atividade com a exposição das diferenças dos desenhos e demonstrar que o ato de ser diferente não é ruim, concluimos com entrega de brindes.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

EDUCAÇÃO ESPECIAL APOIADA NA MUSICALIDADE DA REALIDADE DE PAIS ATÍPICOS

Ana Ruth Amaro da Silva
UNEB

ruthpedagoga2022@gmail.com

Profa. Me Maria Izabel Freitas S. de Matos
UNEB

mimatos@uneb.br

RESUMO

A ideia da construção de um documentário acerca da musicalização na educação especial, mais especificamente com crianças com algum espectro de transtorno do autismo (TEA), podendo ser um aliado tanto para pais atípicos quanto para educadores/as um desafio que assusta, mas que motiva a colaborar em tempos (pós)pandêmicos. O tema escolhido, foi a música, por ser uma linguagem universal que expressa nos sentidos a sensação de presencialidade em diversas situações, ou seja, aguça a memória afetiva por sensibilização musical, tornando um recurso muito utilizado desde a pré-escola. A música ainda exerce um papel fundamental na diminuição das características do TEA podendo contribuir com o acréscimo de competências e habilidades, estimulando a memória, coordenação motora e a comunicação, promovendo a interação dela com o mundo no qual o rodeia, auxiliando no desenvolvimento da linguagem criativa e na capacidade rítmica. Trazendo estímulo para memória, criatividade, o raciocínio lógico, coordenação motora e na comunicação. Contribuindo para o desenvolvimento de habilidades intelectuais e emocionais, além de garantir a aprendizagem de forma prazerosa para a criança. Alguns dos objetivos são desenvolver os dois hemisférios do cérebro, ativação dos neurônios, desenvolvimento motor e social, ajudando no processo de aquisição da linguagem, trazendo estímulo para autoestima, levando a criança por um caminho de autoconhecimento, para perceber e verbalizar a maneira de como sente-se. O autoconhecimento promove autodomínio, que promove o respeito. Paulo Freire afirma que música na sociedade e no contexto escolar pode ser transformadora, portanto, ela deve assumir o papel mais definido no ensino escolar. Piaget diz que a música além das suas próprias atribuições, socializa e sensibiliza o indivíduo, que desenvolve o seu poder, concentração e raciocínio, importante em todas as fases das nossas vidas. Ela também auxilia na coordenação neuro motora e na parte fonoaudiológica da criança. O papel da música na aprendizagem contribui para a formação sociocultural, psicomotor, cognitivo e linguístico. Como forma de apresentação do trabalho, foi escolhido uma criança de cinco anos com TEA, sendo relatado a importância da musicalização, pois aos dois anos de vida parou de falar. Ao começar a fase observação, a fonoaudióloga diagnosticou com TEA, durante o período de tratamento o mesmo voltou a falar, porém em inglês, a mãe foi aconselhada a sempre traduzir em português o que a criança estava dizendo, pois se não fizesse isso, chegaria uma determinada fase em que a família não conseguiria mais se comunicar com ele, um tempo depois ele voltou a falar português e hoje é fluente nos dois idiomas. A mãe relata que somente com o incentivo da música em português conseguiram ter êxito, ela afirma que sempre ensina e incentiva a criança que ela conseguirá chegar aonde quiser, pois é capaz e como é lindo vê-lo alcançar seus

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO objetivos e enfrentando todos os desafios e que o limite é o céu. Portanto, a constatação de que a música ao longo da história da humanidade sempre exerceu o papel de resistência, superação, ou melhor, a música faz no ser humano um efeito de resiliência.

PALAVRAS-CHAVE: memória afetiva; musicalidade; linguagens; TEA.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: ALFABETIZAR LETRANDO NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Lara Ribeiro Almeida

UNEB/DEDC Campus XI

laralmeida.ped@gmail.com

Prof^ª. Me. Elivânia R. de Andrade Alves

UNEB/DEDC Campus XI

RESUMO

Essa pesquisa partiu da vivência através do componente curricular Pesquisa e Estágio III – séries iniciais do ensino fundamental. Foi realizada em uma escola localizada na cidade de Serrinha, Bahia, na turma de primeiro ano do fundamental. Com o acesso a informações cada vez mais cedo na vida das crianças, surge novas estratégias de ensino, ampliando o entendimento de que é necessário que, a criança, entenda o que está chegando até ela. Percebendo a necessidade de uma intervenção no alfabetizar letrando, surge o desejo de utilizar a consciência fonológica nesse processo, estimulando a oralidade, a reflexão e o entendimento dos sons da fala das crianças. Dessa forma, surge então o seguinte problema: de que forma a consciência fonológica auxilia no processo de alfabetização e letramento? Com o objetivo principal de estimular a consciência dos sons através da fala, brincar com a linguagem e, reconhecer os sons passando a associá-los aos códigos, desenvolvendo a escrita e o entendimento do que está sendo escrito. Minayo (1994) diz que a pesquisa qualitativa responde a questões particulares, enfoca um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. A autora defende que qualquer investigação social deveria contemplar uma característica básica de seu objeto, que é o aspecto qualitativo. As estratégias pedagógicas utilizadas foram: trabalhar a leitura de rótulos e identificação de letras; atividades em grupo; contação de história com o uso de literaturas, com temas voltados aos conteúdos; observações fora da sala de aula, estimulando o aprender em todos os ambientes; rodas de conversas em que o aluno se expresse. Foi levado para sala de aula recursos que se aproximavam do cotidiano dos alunos, gerando o aprender de forma natural. Soares (2017) afirma que, não se pode dissociar a alfabetização do letramento, já que no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos, sendo perceptível a importância da alfabetização e do letramento caminharem juntos. Durante o período do estágio foi possível observar que a consciência fonológica contribuiu de forma positiva em todo o processo daquelas crianças, pois em um tempo curto de um mês, foi alcançado avanços na leitura, na identificação dos sons, na escrita e no entendimento do que estavam lendo. Além do trabalho em sala de aula, foi orientado aos pais maneiras que contribuíssem todo o processo no ambiente doméstico, criando um vínculo escola-família. O avanço tecnológico e o fácil acesso as informações vem deixando as crianças cômodas e desestimuladas quanto aprender a ler, dificultando o trabalho dos professores em sala de aula, com isso, utilizar a consciência fonológica como potencializador da alfabetização e

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO letramento em todo trabalho desenvolvido no estágio mostrou que foi só o início de uma longa jornada para alcançar resultados maiores, em que pude perceber a necessidade de alfabetizar letrando no mundo de hoje. Formar crianças alfabetizadas e letradas em uma turma de primeiro ano do ensino fundamental é um desafio que acredito poder ser superado através da aproximação do ensino com o cotidiano dos alunos.

Palavras-chave: alfabetização; consciência; fonológica; letramento.

REFERÊNCIA

MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social.**

Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 7. ed. São Paulo. Contexto, 2017.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E A PRODUÇÃO CIENTÍFICA: ESTUDOS INICIAIS NA INICIAÇÃO CIENTÍFICA COM MENTORIA DE EGRESSO

Ludimila Silva Araujo
ludimilaa25@gmail.com
Nívia Lima Souza
nivalimasouza0@gmail.com
Selma Barros Daltro de Castro
scasro@uneb.br

RESUMO

Os Conselhos Municipais de Educação (CME) se constituem como possível mecanismo para a democratização da educação em contextos locais, embora não seja tarefa fácil a sua criação e operacionalização, tendo em vista o histórico de práticas de subjugação dos Municípios em relação aos Estados. Conhecer sobre a produção científica acerca do CME também pode evidenciar a importância ou não dada ao tema de relevância para a gestão educacional local no campo acadêmico. O presente trabalho refere-se aos resultados iniciais de um subprojeto de pesquisa de Iniciação Científica (IC), edital 019/2023, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), estando vinculado ao projeto de pesquisa maior, efetivado por pesquisadores do grupo de pesquisa Educação Políticas Públicas e Desenvolvimento Social (EPODS), em articulação com o Colegiado de Pedagogia e ao Programa de Pós-Graduação Intervenção Educativa e Social (PPGIES), situados no *Campus XI*, Departamento de Educação- Serrinha-BA e conta com a mentoria de egressos do curso de Pedagogia. Esse resumo objetivou mapear as produções existentes sobre CME no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC/UNEB). Tendo como base teórica Castro (2019). A metodologia utilizada foi inspirada no estado do conhecimento, desenvolvido através da leitura e reflexão de trabalhos científicos disponíveis no site do (PPGEduC/UNEB), nos meses de setembro e outubro de 2023. Como resultados iniciais compreende-se que os CME se apresentam como possibilidade para a construção da autonomia para a educação em âmbito local, mas, também revelam que a criação e o funcionamento do CME podem não estar alinhados a práticas e condutas democráticas. Até o momento foi encontrado apenas um trabalho disponível sobre o CME no site do PPGEduc. O trabalho se trata de uma dissertação de Maria Amélia Silva Nascimento. O mesmo, tem como objetivo analisar como o Conselho Municipal de Educação vem desempenhando as suas atribuições regimentais no que se refere a sua participação no âmbito do Sistema Municipal de Ensino de Santa Luz – BA. Esse resultado inicial revela que há pouca produção disponível para um tema de tanta representatividade no campo da gestão da educação. A continuidade dos estudos se constitui como uma necessidade acadêmica tendo em vista ser imprescindível conhecer a percepção do mundo científico sobre a dinâmica de participação e representação social efetivada na gestão educação local.

Palavras-Chave: conselho municipal de educação; produção científica.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E OS FUNDAMENTOS INICIAIS CONSTRUÍDOS EM SUBPROJETOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Eixo 3: Políticas Públicas, Gestão e Empreendedorismo.

Patrícia Souza de Jesus

patysjesus2001@gmail.com

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Veluzia Santos da Silva

Veh12003@gmail.com

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Selma Barros Daltro de Castro

scaastro@uneb.br

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

RESUMO

Os Conselhos Municipais de Educação (CME) surgem no Brasil na década de 80 e a sua origem está principalmente articulada aos movimentos sociais que buscaram ativamente a redemocratização do país e conseqüentemente da educação, dessa maneira, constituindo-se como um espaço de oportunidade política para a efetiva participação de representantes sociais que defendem a qualidade da educação escolar, em âmbito local, logo esse órgão apresenta-se com a função de contribuir para o fortalecimento dos princípios de gestão democrática da educação nos municípios. Os estudos sobre CME trazem relação direta com o eixo Políticas Públicas, Gestão e Empreendedorismo, na medida que os conselhos se apresentam como órgão de fiscalização e normatização das políticas públicas educacionais nos municípios. Dessa maneira, o presente trabalho refere-se aos resultados preliminares de dois subprojetos de pesquisa de Iniciação Científica (IC) submetidos ao edital 019/2023 da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), financiados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), estando vinculados ao projeto de pesquisa maior, efetivado por pesquisadores do grupo de pesquisa Educação Políticas Públicas e Desenvolvimento Social (EPODS), em articulação com o Colegiado de Pedagogia e o Programa de Pós-Graduação Intervenção Educativa e Social (PPIES), situados no *Campus XI*, Departamento de Educação- Serrinha-BA. Os subprojetos tiveram as atividades iniciadas em setembro de 2023 e a sua terminalidade está prevista para agosto de 2024, com estudos voltados para caracterização dos CME em alguns municípios do Território de Identidade do Sisal. A questão que norteia esse resumo é: quais os fundamentos que subsidiam os estudos sobre CME, nos aspectos de história, categorias conceituais e implicação para educação local? Nesse sentido, teve como objetivo identificar os marcos históricos acerca do CME no Brasil, levantar as categorias conceituais que subsidiam as discussões sobre CME e sua implicação para educação local. As discussões teóricas estão embasadas nos autores Castro (2006); Cury (2004 e 2006), Lima (2018). A metodologia utilizada foi inspirada na pesquisa bibliográfica, com leitura de materiais conceituais, analisados nos meses de setembro e outubro de 2023 e selecionados a partir das referências utilizadas no projeto que originou os subprojetos da IC. Como resultados iniciais identificou-se que

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO os CME, embora tenham possibilidade de constituir-se como importante forma de participação social na gestão da educação local, não existe uma obrigatoriedade da criação do CME. A história do CME está ligada aos movimentos sociais emergentes no Brasil em defesa da educação pública. Conceitos como democracia, participação social, representação social, autonomia e descentralização subsidiam os estudos sobre CME, que em instância municipal, pode ser criado com funções normativas, fiscalizadoras, propositivas. Embora a pesquisa ainda apresente resultados iniciais, já é possível afirmar que os CME se apresentam como órgão colegiado que contribui com o alicerçamento da democratização e autonomia da educação municipal, assim como importante campo de formação e estudos para bolsistas de IC.

Palavras-Chave: conselho municipal de educação; gestão democrática; iniciação científica.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

RESUMOS EXPANDIDOS

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

EXERCITANDO A FASE PRÉ SÍLABICA NA TURMA DE 4º ANO DA ESCOLA CREUNITA BRIZOLARA – DIREITO DAS CRIANÇAS

Maria Eduarda Brito
UNEB/Campus XI
mariaeduarda2003.db@gmail.com
Yanka Kaenny Carneiro
UNEB/Campus XI
yankakenny1@gmail.com

RESUMO

Através de um plano realizado pelas alunas do componente Processos de Alfabetização e Letramento do 6º semestre colocamos – os em prática em uma Escola de fundamental 1 e série 4º ano, trabalhando com o tema “Direitos e deveres das crianças conhecendo o ECA”. Dada a questão norteadora, temos: Como identificar a fase silábica alfabética em crianças maiores de 6 anos? Como intervir? Quais atividades podem ser praticadas durante todo esse processo de aprendizagem?

A respeito dos objetivos temos: Desenvolver a compreensão sobre os direitos das crianças, propor conhecimento sobre novas palavras, praticar leitura e escrita de palavras, conhecer o gênero textual: Poesia.

Na metodologia, preparamos um cartaz com alguns direitos das crianças e levamos também o conceito do Estatuto da Criança e do Adolescente expomos e explicamos para os estudantes. Fizemos uma roda de conversa onde perguntamos para eles se alguém conhecia alguma palavra do cartaz e algum direito das crianças, se eles sabiam para que servia o cartaz e logo após esse bate-papo, entregamos uma poesia sobre os direitos das crianças de Ruth Rocha, onde fizemos a leitura coletiva com os alunos e mostramos algumas imagens impressas que falavam na poesia. Para avaliarmos a escrita dos estudantes, realizamos um ditado de palavras com as mesmas que foram citadas da poesia para avaliar o processo de leitura e escrita da sala em geral. Como nossa visita foi na semana da criança, para finalizar realizamos um mini circuito onde eles pulariam cones e bambolês. Eles amaram!

Entregamos pirulitos e balas e tiveram pedidos dos mesmos para voltarmos lá.

A hipótese silábica-alfabética constitui-se como a transição entre a fase silábica e alfabética, momento em que o indivíduo “descobre a necessidade de fazer uma análise que vá ‘mais além’ da sílaba pelo conflito entre a hipótese e a exigência de quantidade mínima de letras [...] e o conflito entre as formas gráficas que o meio lhe propõe” (Ferreiro; Teberosky, 1999, p. 214).

Realizada uma oficina na turma de 4º ano da Escola Creunita Brizolara, situada no Município de Serrinha – Bahia, solicitada pela Professora Dilzete do componente Processos de Alfabetização. Realizada pelas estudantes do 6º semestre do Departamento de Educação da Uneb, campus XI, onde foi elaborada uma aula com o tema “Direito das Crianças”, com apresentação de cartaz lúdico, leitura de poema, ditado de palavras, atividade esportiva de circuito e entrega de doces. Propondo assim uma aula descontraída, com intuito de desenvolver a compreensão sobre os direitos das crianças, ampliar conhecimento a partir de outro gênero textual: poema “direitos e deveres” de Ruth Rocha, exercitando a leitura e a escrita, tendo como base o estatuto da criança e do adolescente (ECA) na qual é uma lei que tem que

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO assegura os direitos das crianças e dos adolescentes, reconhecendo-os como sujeitos de direitos. Através da oficina foi possível destacar que algumas crianças tinham conhecimentos sobre alguns dos seus direitos, onde conseguiram ficar por dentro de outros direitos desconhecidos para eles, na qual conheceram a importância do (ECA), também conseguimos perceber a escrita e leitura das crianças através do ditado de palavras, no qual notamos que parte delas tem grande dificuldade de compreensão de escrita, apresentando palavras escritas erradas e falta de conhecimentos mediante as letras do alfabeto e dificuldade de identificação de sílabas simples. Foi possível perceber o entusiasmo das crianças quanto ao tema apresentado, com a exposição do cartaz, os questionamentos feitos e principalmente com dinâmica de circuito, a leitura do poema de Ruth Rocha com ilustrações apresentadas através de imagens coladas em palitos físgaram a atenção deles, para melhor entendimento eles iam descrevendo cada imagem que era apresentada, onde ocorreu um momento muito participativo envolvendo todos. Os principais objetivos dessa oficina se baseiam em além de desenvolver a compreensão sobre os direitos das crianças, observar como está sendo desenvolvido o processo de alfabetização na etapa da fase silábica alfabética, em que as crianças conseguem reconhecer os fonemas e percebendo os sons das letras em cada sílaba, como conseguimos analisar na turma o fato em que as crianças ainda não dominam o sistema alfabético, mas conseguem escrever algumas palavras com mais exatidão. Para melhor desenvolvimento desses alunos mais atividades como essas que foi o ditado de palavras e outras, dentre elas, cruzadinhas, criações de textos através de imagens, mais leituras de textos como um desenvolvimento de um projeto para estimular melhor a leitura vai fazer com o que esses alunos consigam entender como escrevem determinadas palavras, além de adquirir mais conhecimento.

Palavras – Chave: leitura; escrita; direito das criança.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

CONVERSAS POÉTICAS SOBRE EMOÇÕES E SENTIMENTOS JUNTO A CRIANÇAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA

Ariana de Santana Sena

arysena94@gmail.com

UNEB- CAMPUS XI

Jusceli Maria O. de C. Cardoso

jcardoso@uneb.br

UNEB- CAMPUS XI

Nayana Sepulveda Suzart

nayauzart@gmail.com.

UNEB- CAMPUS XI

RESUMO

A literatura poética é arte e através dela nos posicionamos diante do mundo, expondo nossas ideias e conceitos sobre o externo e o interno, a poesia pode ser encontrada na música, na pintura, na dança, na escrita, é importante no despertar dos sentimentos e exercício da empatia, auxiliando o ser humano em seu processo de reconhecimento de si mesmo e do outro. Assim, as emoções e os sentimentos que a poesia carrega são moldados por meio das nossas vivências nos tornando humanos, manifestam-se em nosso meio social. Sendo a escola pertencente a este meio tem sua função social de capacitar o ser, tornando-o cidadão, desenvolvendo suas potencialidades físicas, cognitivas e emocionais. A inteligência emocional segundo Goleman (2001, p. 337) é “a capacidade de identificar nossos próprios sentimentos e os dos outros, de motivar a nós mesmos e de gerenciar bem a emoção dentro de nós e em nossos relacionamentos”, afeta significativamente o desenvolvimento da aprendizagem, um aluno capaz de gerir suas emoções se posiciona diante das situações de forma mais crítica, responsável e ética. O período de quarentena decorrente do Covid-19 afastou as crianças da escola e do convívio social, dificultando o desenvolvimento de diversas áreas de sua vida, e contribuiu para o aumento de doenças psicossomáticas em pessoas jovens, doenças estas causadas por problemas emocionais. Então, utilizaremos a literatura poética como recurso para amparar o diálogo com as crianças, orientando-as a percepções, raciocínio, entendimento e gerenciamento de suas emoções. Desta forma, o presente trabalho aborda como tema: oficinas de leituras poéticas: conversas pedagógicas sobre emoções e sentimentos junto a crianças em uma escola pública, buscando auxiliar a escola em sua função de promover uma educação que vá além do conhecimento de saberes, ancorado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em formar gestores de suas próprias emoções, estimulando suas competências socioemocionais. Diante disso, emerge a questão de pesquisa: De que forma podemos construir atividades por meio literário que favoreçam a exteriorização e compreensão das emoções e sentimentos pela criança? Para contemplar a questão aqui apresentada, o objetivo geral da pesquisa foi: Refletir sobre as potencialidades da linguagem poética como dispositivo favorecedor da comunicação e compreensão das emoções fomentando a criação de práticas pedagógicas voltadas para a poesia como forma de exteriorização das vivências e entendimentos pelas crianças sobre as emoções que sentem e vivenciam em seus cotidianos. Quanto aos específicos pontuamos: Identificar potencialidades da

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO
linguagem poética como canal de trabalhar as emoções; descrever ações
construídas na escola voltada para o trabalho com as emoções; narrar demandas
vivenciadas pelas crianças na questão da exteriorização das emoções. Para
fundamentar as discussões, trazemos como referencial teórico: Zilberman (1988);
Lyra (1986); Almeida (2007); Goleman (2001); Freire (1996), dentre outros. Serão
também considerados documentos como BNCC (2017); PCN (1997). Em relação
aos aspectos metodológicos optamos pela pesquisa de abordagem qualitativa,
sendo o tipo de estudo a pesquisa de campo, de caráter exploratório propondo uma
oficina pedagógica, de cunho lúdico, utilizamos ainda como instrumento de coleta de
informação a entrevista semiestruturada. O trabalho está estruturado nas seguintes
seções: Introdução; Conversas iniciais; Diálogos teóricos; Metodologia; Análise e
reflexões; Ações construídas na escola seguido das considerações finais.

Palavras-chave: poesia; emoções; saúde mental; educação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: out. 2010.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

_____. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS - PCN: Meio Ambiente e Saúde**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3a. ed. Brasília, 1997.

CARDOSO, Jusceli Maria Oliveira de Carvalho; SILVA, Márcia Raimunda de Jesus Moreira. **Retratos da realidade: leitura na escola pública**, 2003. Biblioteca Digital, Portal Domínio Público, 2023. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&o_autor=56997. Acesso em: 25/06/ 2023.

CARDOSO, Jusceli Maria Oliveira de Carvalho. A criança com dificuldades na oralidade e a prática discursiva na sala de aula. **A travessia do silêncio excludente para a didática da oralidade**. Dissertação de Mestrado, Feira de Santana, Bahia, Brasil, 2006, páginas 114- 118.

_____. **Utilização pedagógica das novas TIC no atendimento educacional especializado a surdos nas escolas públicas inclusivas na cidade de Serrinha**. Brasil, 2017. Asunción. 417 f, 2018.

CURY, Augusto. Oitavo código da inteligência: código do eu como gestor da emoção. In: **O código da inteligência: a formação de mentes brilhantes e a busca pela excelência emocional e profissional**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil/Ediouro, 2008.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

DIVERTIDA MENTE. Direção: Pete Docter. Produção de Pixar Animation Studio. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2015. 94 min

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GOLEMAN, Daniel. **Trabalhando com a Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. **Como lidar com emoções destrutivas**: para viver em paz com você e com os outros: diálogo com a contribuição do Dalai Lama. Rio de Janeiro: Campus: Elsevier, 2003.

GUARESCHI, Pedrinho, Michele Reis (Coord.). **Bullying**: mais sério do que se imagina. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2008.

LYRA, Pedro. **Conceito de poesia**. São Paulo: Ática S. A. 1986.

MORAN, José Manoel; MASSETO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediações pedagógicas**. 19° ed.- Campinas, SP: Papirus, 2012.

PRADO, Adélia. In: **A Bagagem**. Rio de Janeiro: Record, 2014 [1979], p.54.

SENA, Ariana. **Eu, moradia das emoções**. Serrinha, 2023.

_____. **Liberte as emoções**. Serrinha, 2023.

SUSSUARANA, Ariano. **“Dez Sonetos com Mote Alheio”**. Recife: edição manuscrita e iluminogravura pelo autor, 1980.

ZILBERMAN, R. (2008). **O papel da literatura na escola**. Via Atlântica, 1(14), 11-22. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/va.v0i14.50376>. Acesso em: 16 de maio de 2023

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

COMPETÊNCIAS DIGITAIS: USOS E ATRIBUIÇÕES NO NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO DA UNEB SERRINHA

Daíse Maria Silva dos Santos

daissantos@uneb.br

Juliana Melo Leite

Universidade do Estado da Bahia

jusilva@uneb.br

Ronivaldo da Silva de Almeida

roni.almeida1996@gmail.com

O presente estudo é fruto do Trabalho Final de Trilha, da Pós - Graduação em Educação Digital (UNEAD) e das experiências profissionais advindas do Núcleo de Comunicação da UNEB Serrinha e propõe abordar a trajetória da Evolução das Competências Digitais, pautado em pesquisa teórica, imprescindíveis para a compreensão de uma temática tão presente e atual em nossas vidas. No decorrer da conversa, falaremos acerca de conceitos primordiais da temática, são eles: competência, literacia e fluência. O trabalho tem como objetivo discutir o papel das Competências Digitais na sociedade contemporânea e sua apropriação por nós, cidadãos digitais, visto que circulamos entre os espaços físicos e virtuais, bem como, articular esses conceitos com as experiências profissionais diárias no Núcleo de Comunicação (NUCOM), da Universidade do Estado da Bahia, em Serrinha.

O processo de globalização acompanhado da maturação e desenvolvimento das Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação (TDICs) nos permite dizer que a vida é Digital. Exigindo que os indivíduos se adaptem a essa nova realidade não apenas como meros usuários, ou limitando-se a capacidade técnica em saber ou não utilizar essas tecnologias, mas num cenário mais amplo, no qual a nova tecnologia tem ocupado todas as áreas da vida e mais relevância, sobretudo, na esfera profissional.

Nesse contexto localizamos as Competências Digitais e com mais frequência percebe - se os usos e discussões a cerca desse importante Conceito na Sociedade Contemporânea, gerando o objetivo central desse trabalho que é compreender o que são Competências Digitais e verificar a sua articulação com os conceitos de Literacia Digital e Fluência Digital. Para tanto, propõe - se uma revisão de literatura sobre a evolução desses conceitos e como eles relacionam - se no presente tempo com as atividades cotidianas realizadas pelo Núcleo de Comunicação da UNEB Serrinha.

O movimento de entender o conceito de Competências parte do indicativo que este conceito não é fechado e está em constante evolução ao passo que a sociedade evolui. Segundo a OECD (2005) as competências englobam construtos muito variados que vão além de conhecimentos ou de capacidades e que implicam a capacidade de concretizar tarefas complexas... (TRINDADE, 2022), ou seja, a ideia de competência digital tem por base a capacidade de viver em ambientes onde o digital pode ser encontrado, mas pode diferir consoantes objetivos, culturas ou mesmo estruturas sociais.

Trindade (2022) define competência como "um conjunto de saberes, conhecimentos, atitudes, recursos cognitivos diversos e esquemas de ação e de avaliação" (p.9). As Competências digitais que devem ser trabalhadas e desenvolvidas em nós para que possamos acompanhar a nova realidade do mundo na "Era da Tecnologia e Informação" devem, ser inclusivas e adaptadas para não correr riscos maléficis é

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO
preciso trabalhar individualmente e se conscientizar da mudança, é latente e perceptível que a comunicação está descentralizada.

O termo Literacia Digital começa a ser utilizado nos anos de 1990 e envolve a capacidade de decifrar, por exemplo, imagens ou sons, para além de texto. A mesma fonte digital pode gerar todos esses recursos, interligados, tornando-se, assim, necessária a capacidade para compreender e assimilar estas novas formas de apresentação. Gilster (1997) salienta que a literacia digital se refere ao domínio de ideias, não de teclas de computador. Dessa forma, para o autor citado anteriormente ser digitalmente letrado implicava então a compreensão sobre mais do que o uso de tecnologias digitais, sendo necessário compreender que o uso desses e equipamentos poderia efetivamente ser feito, de uma forma intrínseca à vivência de qualquer ser humano, praticamente, impossível de detalhar em listas de capacidades.

A Fluência digital reúne algumas características fundamentais que são uma capacidade de alcançar recursos através do uso de uma tecnologia, e ainda, ser um indivíduo digitalmente fluente requer esse domínio, mas também como, quando e por que utilizá-la. A complexidade desses conceitos acompanhada da rápida e constante evolução da tecnologia torna desafiador a compreensão desses processos. A Fluência digital, ao contrário da Literacia, vai além do pensamento crítico, é saber reagir diante das constantes mudanças evolutivas, como, quando e em que contexto podemos utilizar as Competências digitais numa perspectiva de fluidez ao exercemos nossa capacidade de adaptação.

A compreensão sobre esses conceitos e, sobretudo, os domínios dessas Competências Digitais são de grande importância para o trabalho cotidiano desenvolvido no Núcleo de Comunicação da UNEB, Serrinha. Por se configurar como um espaço de diálogos com a comunidade, garantindo direito ao acesso a comunicação e informação.

Podemos citar como exemplo de fluência Digital o domínio do gerenciamento das redes sociais do Departamento. Com a expansão das redes sociais o *Instagram* se tornou uma espécie de vitrine, um mural digital, local de maior visibilidade das ações, projetos e programas implementados pelas universidades. Desta forma, ressaltamos os legados de Freire (1993) quando aborda que a intercomunicação é característica essencial ao ser humano enquanto sujeito social. Todos estão inseridos no mundo a partir dos aspectos culturais e históricos construídos pelas suas experiências.

O *Instagram*, por ser uma rede social popular e de grande aderência, tem sido o meio de comunicação do DEDIC XI mais acessado para atualização dos usuários. Atingimos a marca de 4 mil seguidores. Portanto, baseado nas métricas do último trimestre alcançamos 11,1 mil contas, 11, 4 mil pelos *reels* e mais de 9 mil através de publicações no *feed*, somando nesse período mais de 415.577 impressões. Esses dados estão disponíveis no painel de insights da plataforma.

Sendo assim, o NUCOM estabeleceu o *Instagram* como um portal para as práticas educativas e sociais dialógicas, horizontalizadas e aberta pautada na ética e compromisso social cujas intencionalidades estejam alinhadas para uma sociedade humanizada e libertária ampliando o direito e acesso à informação.

Palavras-chave: competência; literacia; fluência; comunicação.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1993.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

GILSTER, P. **Digital literacy**. New York: Wiley, 1997.

OCDE; FINEP. **Manual de Oslo**: diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação, 2005

TRINDADE, Sara; Dias Ebook. **Competências Digitais na Educação**. 2021. Curso Educação Digital, UNEB.2022

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO REVOADA DISCENTE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Veluzia Santos da Silva

Vehl2003@gmail.com

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Dilzete da Silva Mota

Dmota@uneb.br

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o intuito de relatar a experiência vivenciada no projeto de extensão, intitulado: Revoada Discente: Acadêmicos Conectados com a Alfabetização e os Letramentos Infante-juvenis nas Escolas de Educação Básica. O projeto foi elaborado a partir das aulas de vários componentes que proporcionaram um contato direto com a realidade vivida na educação básica, sobretudo com dificuldades apresentadas e percebidas quanto ao retorno das aulas presenciais, pós fase da pandemia.

A execução do projeto promoveu uma reflexão e ação frente aos desafios constatados, o que possibilitou um trabalho pedagógico que atende às necessidades observadas, contribuindo no processo formativo da monitora do projeto, por proporcionar a aproximação da real situação vivida na educação do município de Serrinha-BA.

A consolidação dos processos de letramento, junto a crianças e jovens escolarizados em escolas públicas, têm sido meta e busca constante de todas as equipes pedagógicas das instituições, embora muitas das habilidades necessárias aos atos de leitura e escrita ainda não terem sido construídas ou potencializadas por muitos sujeitos.

Ademais, com a pandemia do Covid-19 houve a necessidade de fechamento das escolas e universidades por um largo tempo, impondo a necessidade de aderir ao modelo remoto de ensino, tendo como consequência muitas fissuras nos processos de letramentos, principalmente no que tange a alfabetização. Partido desse ponto, o projeto teve como objetivo geral construir canais de diálogos com a realidade vivenciada nas escolas de educação básica do município de Serrinha, tendo como foco a edificação de ações colaborativas entre a universidade e as escolas públicas no que tange ao fortalecimento dos processos de letramento dos sujeitos, sendo considerado este espaço-tempo como significativo para elaboração de experiências pedagógicas importantes para a consolidação da formação dos acadêmicos e dos profissionais da educação.

E objetivos específicos: estabelecer canais de comunicação colaborativa entre escolas de educação básica e universidade (CAMPUS XI); consolidar a docência como espaço para edificação de pesquisas e de extensão; elaboração colaborativa de estratégias, recursos didáticos e tecnologias educativas educacionais voltadas para a construção dos letramentos das pessoas; consolidar as experiências pedagógicas empíricas como espaço-tempo para a formação dos acadêmicos e dos profissionais da educação; contribuir de modo parceiro, com os processos de

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO alfabetização e letramentos de crianças de crianças e jovens escolarizados em Instituições públicas de cidade de Serrinha.

DESENVOLVIMENTO

No semestre de 2023.1 iniciamos nossos encontros e trabalhamos a parte teórica. Estudamos o texto “As muitas Facetas da Educação” de Magda Soares (2005), onde a partir dele pude perceber a complexidade que envolve o ato de alfabetizar. E o conceito de alfabetização como momento de aquisição de habilidades de leitura e escrita, que distingue do desenvolvimento da linguagem – momento este permanente.

Discutimos a diferença entre “aquisição” e “desenvolvimento” da língua, onde um se refere a adquirir a habilidade de ler e escrever e o outro aprender e compreender significados expressos na língua escrita ou expressar significados através dela, o que nos remete a concepção de letramento.

Abordamos também a psicogênese da escrita, com pressuposto teórico em Emília Ferreiro (1999), que refere a teoria que estuda como se organiza o pensamento das crianças durante o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, sendo ele dividido por fases: Icônica; garatuja; pré-silábica; silábica sem valor sonoro e com valor sonoro; silábico-alfabético e; alfabético. Além do já citado, trabalhamos a consciência fonológica, que se constitui como a capacidade de ouvir e reconhecer que as palavras faladas são compostas por pedaços menores e que cada uma delas possui um som.

A perspectiva construtivista, visão baseada no princípio de que o conhecimento é construído pelos alunos através de um processo ativo e mental de desenvolvimento. Nesse sentido, o aluno se torna o principal autor de sua própria aprendizagem e o conhecimento é resultado da construção pessoal do mesmo, na qual o professor se apresenta como um importante mediador desse processo. Esse entendimento derruba a perspectiva tradicional de reprodução, seguindo o pensamento de que o conhecimento não é adquirido e sim construído. E por fim, pesquisamos os métodos de alfabetização, que são divididos em dois grupos: os sintéticos, vai das partes para o todo e os analíticos partem do todo para as partes.

Partindo para o semestre 2023.2, fomos para parte prática, realizando visitas à escola, situada no Bairro da Vaquejada na cidade de Serrinha. Realizamos duas visitas para observação e uma para aplicação de uma oficina pedagógica, onde trabalhamos o gênero receita, tendo em vista que o letramento diz respeito às situações cotidianas (práticas sociais) que são permeadas por atividades que envolvem leitura e escrita. Como resultado preliminar, pudemos perceber que parte dos alunos que estão a partir 4º ano apresentam maiores dificuldades na leitura e escrita do que os alunos que estão entre o 3º e o 1º ano, anos previstos para a consolidação do processo de alfabetização. O que pode ser concluído a partir disso é que a pandemia deixou sequelas no processo de aprendizagem desses educandos e que há uma necessidade de uma atenção maior para essa parcela. Em diálogo com alguns educadores da escola, fomos informados de que acontece atendimento individualizado para os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, em turno oposto. E como o intuito do projeto é aliar-se e colaborar com estratégias que possam contribuir com o processo de ensino-aprendizagem, estamos elaborando uma ação que objetiva contribuir com essa prática, afim de consolidar as experiências pedagógicas voltadas para a construção dos letramentos dos estudantes da escola pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se trata de um projeto que ainda está em andamento, as conclusões serão delineadas de forma parcial. No entanto, a partir do já vivenciado, é possível afirmar que a proposta do projeto de extensão é percebida de forma necessária pelas diferentes dificuldades apresentadas pelos alunos da educação básica, que deve seguir um caminho para a efetivação da prática pedagógica na perspectiva de reverter o quadro, propondo uma análise crítica e reflexiva juntamente com os educadores da escola regular sobre os métodos de ensino e sobre possíveis ações pedagógicas que podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem.

Diante do exposto, o projeto aponta para a continuidade de acompanhamento e colaboração das ações pedagógicas da referida escola, no processo de troca de aprender e ensinar a partir das experiências vividas no local.

É relevante ressaltar que as atividades foram desenvolvidas em apenas uma escola, por conta da inviabilidade de abarcar outras demandas com apenas uma monitora.

Palavras-chave: projeto revoada discente; alfabetização; letramento; educação básica; universidade.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília. **Psicogênese da língua escrita**. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 1999.

FREITAS, Gabriela Castro Menezes de. **Sobre a consciência fonológica. Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artmed, p. 179-92, 2004.

RAMOS, Jefferson Evandro Machado. **Construtivismo na Educação**. Sua Pesquisa, 2022. Disponível em <[Construtivismo na Educação: o que é, características - Sua Pesquisa](#)>. Acesso em 31, out, 2023.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

A GEOGRAFIA NA ESCOLA DO ENSINO FUNDAMENTAL II: EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

Alane Pamela Lopes de Aquino

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

alanepamela129@gmail.com

Henrique Silva Mota

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

motahenrique54321@gmail.com

Simone Ribeiro Santos

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

ssoliveira_valentec3@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O presente resumo expandido apresenta as experiências e aprendizagens adquiridas a partir do desenvolvimento do projeto didático-pedagógico intitulado “A caatinga no nordeste Brasileiro: desconstruindo estereótipos”, realizado durante o componente de Estágio Supervisionado em Geografia I, na turma do 8º ano do Ensino Fundamental II, Anos Finais, ocorrido na Escola Municipal José Soares da Silva, localizada no espaço rural do município de Serrinha- Bahia, tendo como dispositivo pedagógico as diversas linguagens, como os jogos e brincadeiras, no processo de ensino. Essa experiência se configura como de grande relevância para se discutir e pensar o trabalho pedagógico voltado para desenvolver a função social do conhecimento, pois, à medida em que abordamos conteúdos associando-os à realidade do estudante, esse internaliza-se, despertando a capacidade de articulação entre o conhecimento científico e a realidade vivida, construindo novos saberes ou ressignificando aqueles já existentes. Além disso, ressalta-se a importância do estágio supervisionado para a formação do futuro professor, visto que se constitui como um momento de troca de conhecimentos que contribui para construção da identidade docente, ao aliar prática e teoria, enriquecendo o trabalho pedagógico. Ainda, é relevante enfatizar a utilização dos jogos e brincadeiras como uma importante ferramenta pedagógica durante a realização dessa oficina. Evidenciando a importância do uso das diversas linguagens da aprendizagem como potencializadoras no processo de ensino-aprendizagem. A intenção desse projeto que visou abordar as concepções depreciativas a respeito da caatinga, tinha como objetivo central desconstruir a imagem negativa e equivocada acerca desse bioma, o qual, tanto no senso comum quanto através dos meios de comunicação é retratado como um cenário de pobreza e seca intensa, logo, visou-se evidenciar a relevância, potencialidades e especificidades deste bioma, dotado de riquezas e biodiversidade. Diante disso, essa proposição pedagógica, tem como justificativa a necessidade de se discutir os discursos e representações a respeito do bioma caatinga, o qual está presente na realidade dos estudantes, mas que, no entanto, nota-se poucas abordagens acerca na sala de aula e também, sendo pouco explorado nos livros didáticos de Geografia.

DESENVOLVIMENTO

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

O projeto intitulado “ A caatinga no nordeste Brasileiro: desconstruindo estereótipos” teve como objetivo abordar características e desmistificar as visões equivocadas relacionadas à caatinga no nordeste brasileiro, que é uma questão pouco debatida, visto que conforme o diálogo do que é abordado nas obras de LEAL (2008) se percebe que a Caatinga é um bioma que muitas vezes não possui a atenção necessária conforme sua riqueza e relevância, consequentemente sendo o menos estudado entre as regiões naturais brasileiras. A realização do debate acerca deste trabalho se fundamenta pela necessidade de abordar e dar enfoque na valorização do bioma caatinga, que é o bioma ao qual a região do município de Serrinha-BA está inserida, trazendo informações acerca das suas características, riquezas, problemas e preconceitos enraizados. A caatinga em todo seu processo histórico esteve permeado em preconceitos estruturais, questão essa muito debatida nos estudos desenvolvidos por SENA (2011), que enfatiza a necessidade de reverter tais discursos negativos, que estereotipa a imagem do bioma e reproduz um pré-julgamento errôneo frente ao debate da representação do que se entende como a caatinga, sendo assim necessário desmistificar e trazer à tona a representatividade e aspectos consideráveis que retratam de fato o quão abrangente e rico esse bioma é, composto de biodiversidade e pluralidades culturais em seu interior. Então, a discussão desenvolvida durante o processo de execução desse projeto durante o estágio supervisionado foi de grande relevância visto que estimulou um debate que muitas vezes é negligenciado e não recebe a atenção necessária por parte da sociedade, assim, proporcionando aos discentes um contato mais próximo a questões pertinentes relacionadas a pauta em questão e os incentivando a valorizar esse bioma tão rico ao qual eles estão inseridos. Como forma de envolver os estudantes da escola básica na prática pedagógica a proposta do projeto variou desde abordagens teóricas até atividades dinâmicas para abordagem e fixação do conteúdo. E para isso, utilizamos como recurso didático pedagógico os jogos e brincadeiras que tem a capacidade de estimular a aprendizagem de forma mais atrativa e prazerosa para os estudantes. Os jogos utilizados foram o jogo de tabuleiro e o jogo quiz, adaptados para o conteúdo abordado e temática da oficina. De fato, com a prática educativa associada com essas atividades recreativas como os jogos, permitiu resultados positivos acerca do envolvimento dos estudantes, bem como a assimilação do conhecimento científico. Com isso, pode-se constatar que trabalhar a partir de metodologias ativas, como os jogos, favorecem a inserção dos discentes na prática pedagógica, pois é de extrema importância, visto que propiciou uma grande interação e um momento de notável acúmulo de conhecimento aos discentes. Ainda, a partir do vivenciado no decorrer deste estágio, foi possível estabelecer os primeiros contatos com turmas do Ensino Fundamental II, proporcionando experiências essenciais de familiarização com o ambiente escolar, o qual possui diferentes particularidades de acordo com a realidade a qual a instituição de ensino está inserida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado dessa prática, percebemos o quanto a visão equivocada em relação ao bioma caatinga ainda é predominante no ponto de vista dos discentes, pois muito disso decorre do modo como esse cenário é representado em seus cotidianos. A interação por meio da proposta didática abordada nesse projeto propiciou aos discentes um olhar reflexivo e proeminente no que se refere ao que de fato

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO representa o bioma caatinga, propiciando assim, a aprendizagem e valorização desse bioma tão rico e importante do cenário nacional. Além disso, a partir dos resultados alcançados com a utilização de recursos pedagógicos diferenciados, pode-se constatar a importância do uso das diversas linguagens durante o ato educativo, como subsídio fomentador na busca de despertar no estudante o interesse pela aprendizagem. Logo, tal experiência foi de fundamental importância para a formação profissional como futuro docente, pois propiciou familiaridades tanto com a prática de ensino quanto com o ambiente escolar.

Palavras-chave: estágio supervisionado; prática docente; bioma caatinga; jogos e brincadeiras.

REFERÊNCIAS

LEAL, I.R.; TABARELLI, M.; SILVA, J.M.C. **Ecologia e conservação da Caatinga:** uma introdução ao desafio. In: LEAL, I.R.; TABARELLI, M.; SILVA, J.M.C. (Org.). *Ecologia e conservação da Caatinga*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, p. XIII-XVI 2008.

SENA, Liana Mara Mendes de. **Conheça e Conserve a Caatinga** - O Bioma Caatinga. Vol.1 Fortaleza: Associação Caatinga, 2011. 54p.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

INTERSEÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E SAÚDE: CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS DA PEDAGOGIA NO CONTEXTO HOSPITALAR

Fabília Santos Carneiro¹

carneirofabricia4@gmail.com

Ailton Oliveira Miranda²

mirandaailton710@gmail.com

Kivia Rayane Mota dos Santos³

kivia.ray@gmail.com

Ana Cristina Silva de Oliveira Pereira⁴

acpereira@uneb.br

Universidade do Estado da Bahia UNEB/Campus XI

RESUMO

Educação e Saúde são campos de saberes que têm suas especificidades e que, erroneamente, criou-se um paradigma de que ambos não conseguem ser trabalhados de forma interrelacionada. Todavia, a Pedagogia Hospitalar surge como ponto de interseção em prol da educação de estudantes acometidos pelas mais diversas patologias, coadjuvando na recuperação da saúde. É factível ao pedagogo neste exercício laboral não somente a extensão das aulas regulares, mas também ao atendimento humanístico ao estudante em condição de internamento por longos períodos e à sua família; na promoção atividades lúdicas, recreativas e intervenções pedagógicas que lhe proporcione aprendizagens, dialogando com suas necessidades e possibilidades enquanto está hospitalizado. É desse contexto de discussões que surgem as inquietações desta escrita a partir das discussões no Componente curricular Educação e Pedagogia, no Curso de Licenciatura em Pedagogia do Campus XI, a qual tem relevância social, institucional e profissional, haja vista que compreende a educação como natureza diversa e essencial para o desenvolvimento humano em qualquer espaço que demande intervenções pedagógicas. Daí emerge a questão norteadora deste estudo: Que contribuições a Pedagogia hospitalar pode proporcionar aos estudantes hospitalizados? Tem como objetivo geral compreender as contribuições da atuação do pedagogo, inserido no espaço hospitalar, pelas práticas pedagógicas desenvolvidas e os benefícios que propiciam tanto para a criança e/ou adolescente enfermo, quanto para o Hospital. Os fundamentos da escrita são referenciados por Silva e Andrade (2013), Matos e Mugiatti (2009) e Gohn (2008), os quais põem em evidência o papel do pedagogo no contexto hospitalar e suas possibilidades de atuação, enquanto articulador do currículo escolar e as necessidades educativas do estudante hospitalizado, assim como em promover a saúde concomitante à educação pelo intermédio das práticas pedagógicas. São autores/as que trazem o debate sobre o papel social que a Pedagogia desempenha em espaços não-formais da educação, entendendo o desenvolvimento pleno das pessoas e considerando suas singularidades, aberturas

¹ Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia – Campus XI - UNEB

² Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia – Campus XI - UNEB

³ Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia – Campus XI - UNEB

⁴ Professora Assistente B da Universidade do Estado da Bahia – Campus XI

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO e autonomia. Trata-se de uma pesquisa inspirada na abordagem qualitativa, em que a partir dos estudos bibliográficos foi realizada uma entrevista semiestruturada com uma pedagoga que tem vasta experiência no campo da Pedagogia hospitalar. Através desse estudo foi possível analisar o papel do pedagogo nesses espaços, assim como as contribuições dessa atuação para uma Educação Inclusiva, em que ficou evidente que, apesar das divergências entre os saberes da Educação e Saúde, é pertinente que ambas sejam articuladas, concomitantemente, pela Pedagogia Hospitalar; fica notório, ainda, que a Pedagogia hospitalar tem por finalidade precípua colaborar para inclusão desses indivíduos que se encontram impossibilitados de frequentar a sala de aula regular, evitando, assim, a exclusão social e possíveis prejuízos na vida escolar deles, haja vista que a saúde, segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde) é o “total bem-estar bio-psico-social do homem” não somente a ausência da enfermidade, é imprescindível e profícuo ao pedagogo, apropriar-se de práticas pedagógicas que busquem promover a saúde e, conseqüentemente, garantir o cumprimento dos direitos humanos, para além do ato de educar. Enfim, é imprescindível ampliar esse debate para referenciar outros discursos e outras práticas em torno dos campos de estudo da Pedagogia.

Palavras-chave: pedagogia hospitalar; educação; saúde; práticas pedagógicas.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

HISTÓRIAS, LUGARES E GEOGRAFIAS VIVIDAS: UMA GEOGRÁFICA LEITURA DAS NARRATIVAS UBALDIANAS

Ronaldo Santos Costa Junior

costaronaldo@outlook.com.br

Jussara Fraga Portugal

Universidade do Estado da Bahia

jportugal@uneb.br / jfragaportugal@yahoo.com.br

O presente trabalho é um recorte da pesquisa “A ensolarada Itaparica: lugares e experiências nas crônicas de João Ubaldo Ribeiro”, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (Proet/UNEB), vinculada ao Grupo de Pesquisa Geo(bio)grafar – Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de Professores e encontra-se ancorada nos princípios teórico-metodológicos e na interface da pesquisa (auto)biográfica, na perspectiva da abordagem da Geografia Humanista com inspiração no método fenomenológico. A intencionalidade desta investigação centra-se na análise das narrativas literárias de Ubaldo as quais contemplam geografias vividas por meio das situações experienciadas nos cotidianos dos lugares de Itaparica/Bahia. Tendo como aporte teórico os estudos de Oliveira (2014), Dardel (2015) e Tuan (1983), buscamos apreender os modos como o Ubaldo concebe a cidade de Itaparica como cenário das histórias narradas, considerando as formas de ser e de estar no mundo e as suas possibilidades existenciais. Com isso, torna-se necessário apresentar o sentido de lugar defendido por Oliveira (2014, p.11), ancorada na concepção adotada por Yi-Fu Tuan (2013), ao sinalizar que “[...] conhecemos o nosso lugar; cada um tem seu lugar. Assim sendo, onde vivemos, nossa residência, nosso bairro inteiro, se tornam um lugar para nós”. Nesse contexto, o lugar é apresentado como pressuposto para compreender a geograficidade que emerge nas/das crônicas ubaldianas. Nas suas escritas, João Ubaldo Ribeiro descreve os cotidianos dos lugares da ensolarada Itaparica, sua terra natal, como realidade-espaco (o vivido), no qual apresenta as relações entre os personagens, os acontecimentos e as emoções que emergem dos símbolos, marcados pela ironia e os significados retratados a partir das experiências, as quais contribuem na constituição dos lugares. A partir disso, esse gênero literário (crônicas) possui características que englobam, em suas descrições, temas relacionados aos acontecimentos cotidianos, situações experienciadas e histórias narradas nos lugares que compõem o mosaico das suas narrativas.

Os lugares da cidade de Itaparica – o largo da quitanda, o mercado e o jardim do forte – são cenários que compõem os enredos das suas narrativas, as quais comportam descrições e destacam as vivências, experiências e acontecimentos protagonizados pelos moradores daquele lugar. Portanto, “[...] a matéria-prima da crônica é o cotidiano construído pelo cronista mediante a uma seleção que o leva a registrar aspectos mais relevantes e significativos de determinados eventos”. (Gonçalves, 2020, p. 69).

João Ubaldo Ribeiro, nas suas crônicas, narra experiências dotadas de significados, estabelecidas na ligação que o ser constrói com/e no mundo, cujos elementos narrativos retratam uma geograficidade. Ao anunciar-se ao mundo, a partir de seu lugar, o sujeito toma consciência que a Terra é o alicerce da existência. Sobre esta

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO
questão, Dardel (2015, p.40-41) aponta que

[...] em nossa relação primordial com o mundo, tal como se manifesta nesse gesto banal, ao nos abandonarmos assim 'às virtudes protetoras do lugar', firmamos nosso pacto secreto com a terra, expressamos, por meio de nossa própria conduta que nossa subjetividade de sujeito se encolha sobre a terra firme, se assente, ou melhor, 'repouse'. É desse 'lugar', base de nossa existência [...].

O lugar encarna as múltiplas formas de existir e as maneiras sensíveis que as pessoas se conectam com os lugares, nesse sentido, a crônica elegida para compor a escrita desse trabalho comporta narrativas que relevam os modos/formas que os Itaparicanos e Ubaldo relacionam-se intimamente com a cidade e os seus lugares, o constituindo experiências a partir dos seus modos de ser e viver.

O fragmento a seguir, extraído da crônica "Leite de porca é bom e faz crescer" que compõe o livro "De Itaparica ao Leblon" (2011), exalta a maneira como o escritor articula a narrativa, contemplando detalhes que permitem que o leitor construa imagetivamente aquela situação narrada e, possivelmente, ao se apropriar do enredo, tornar-se personagem da história narrada. Para Todorov (2009), a conexão do leitor com a narrativa é a forma que a escritura adquire a essência da existência, do afeto e ganha sentido, pois esse mundo que a narrativa partilha com leitor, proporciona as interações com outras formas de existir no mundo, outras experiências com os lugares, independente que esse mundo descrito tenha ou não ligação com a realidade concreta do leitor. O mundo narrativo adentra o mundo do leitor e amplia seu repertório a respeito dos fenômenos retratados, em uma perspectiva experiencial.

Mas Ferreira, de todos o mais disposto, não chegou a desistir completamente e, um belo dia, chegou ao triunfalmente Mercado, de viagem do Baiacu (distrito aqui na ilha onde a porcalidade impera), contando que tinha tomado leite de porca, sentia-se fortíssimo, outro homem mesmo. Como é que você conseguiu tirar o leite da porca? perguntou Gunga. - Ah, eu não tirei. Eu aproveitei que compadre Julião do Outeiro Grande cria uma porquinha malhada de estimação no quintal, mansinha mesmo, e aí eu fui lá abaixadinho, fui chegando, fui chegando, no meio daquela lama e dos bacorinhos, e mamei na porca. Ah, vocês nem queiram saber, ferrei fixe na teta da bicha, grudei ali e só saí quando já tinha mamado bem uns dois copos. Dois copos não digo, mas digo umas duas xicaras. (Ribeiro, 2011, p. 53)

Sobre a situação narrada, o escritor apresenta alguns lugares da Ilha de Itaparica, que não pertence ao município de Itaparica, porém, ele reporta a esses lugares para contextualizar e construir a sua narrativa. Quando Ubaldo menciona o retorno de Ferreira à cidade, e o encontra no Mercado, informa que ele estava em Baiacu – uma Vila de pescadores –, uma comunidade pertencente ao município de Vera Cruz, situado na Ilha de Itaparica. Também denuncia que a "porcaria impera" ao fazer referência, indiretamente, à falta de saneamento básico e assistência à comunidade. Pode-se dizer que a origem da poluição presente na comunidade pode estar relacionada ao descarte inadequado do lixo doméstico a céu aberto, nas imediações das estradas e no entorno do lugar. Assim, a crônica aponta outras dimensões e outros lugares, além da cidade de Itaparica.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

Ao descrever as conexões do homem com a Terra, a literatura expressa a perspectiva da experiência aos leitores. Os escritores, em suas obras, ao destacarem a movimentação da cotidianidade das pessoas, tecem narrativas que cruzam os elementos paisagísticos com os acontecimentos/fatos que compõem os enredos, permitindo a ressonância e repercussão nos leitores. Os textos refletem o mundo ficcional na realidade vivida pelos leitores, entrecruzam os mundos, e os leitores sonham e transformam-se em personagem, constituindo experiências. O texto antes de tudo tem que ser transmissível, palpável e sentido, para que os leitores voem, reflitam e conectem-se com a leitura.

O texto permite experienciar o narrado e o vivido pelo escritor em sua cidade natal, faz sentir sensações, emoções e a entrega do ser para compreender o que é o espaço do lugar. A geografia pessoal de Ubaldo, presente na crônica, com a interface com a Geografia, reafirma a potencialidade da Literatura para os estudos geográficos nas dimensões que debruçam sobre as formas de ser e estar no mundo.

Palavras-chave: João Ubaldo Ribeiro; lugar; literatura; geografias vividas.

REFERÊNCIAS:

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2015.

GONÇALVES, Débora da Silva Chaves. **“Deixem que eu fale por mim”**: autoficção na crônica de João Ubaldo Ribeiro. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

OLIVEIRA, Lívia de. O sentido de lugar. *In*: MARANDOLA JÚNIOR; Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (org.). **Qual o espaço do lugar?**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2014. p. 3-16.

RIBEIRO, João Ubaldo. **De Itaparica ao Leblon**. 2. ed. Rio de Janeiro: Singular, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em Perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

TUAN, Ti-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: EdUEL, 2013.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE RACIAL NA LITERATURA INFANTIL: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO LIVRO” MENINA BONITA DO LAÇO
DE FITA”**

Geferson de Jesus Sales

Universidade do Estado da Bahia-Campus XI
Gefersonsales64@gmail.com

Larissa Bomfim Silva

Universidade do Estado da Bahia- Campus XI
larissabomfim2004@gmail.com

Stefany Silva Vilaronga

Universidade do Estado da Bahia-Campus XI
stefanyvilaronga@hotmail.com

Dra. Dilzete da Silva Mota Ramos

Universidade do Estado da Bahia-Campus XI
dmota@uneb.br

A presente escrita revela a preposição de uma experiência que seria vivenciada pelos estudantes do 2º semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *campus* XI Serrinha – BA, no componente curricular - Linguagens e Análises Linguísticas. A oficina programada para o dia 11/10/2023 aconteceria na instituição Creunite Brizola Pereira, localizada na Rua São Miguel Arcanjo-Vaquejada, Serrinha-BA, o principal objetivo era desenvolver uma prática pedagógica que exercesse uma influência positiva no comportamento das crianças em relação a sua própria identidade racial, reforçado a valorização da ancestralidade da beleza negra e a promoção da educação antirracista no estabelecimento educacional. Todo processo foi meticulosamente concebido e analisado nas aulas do componente curricular - Linguagens e Análises Linguísticas sob a orientação da professora Dr^a Dilzete Mota, no entanto, quando chegou o momento de implementação, o grupo enfrentou desafios decorrentes da indisponibilidade do transporte, que havia sido solicitado à Prefeitura do Município de Serrinha - BA.

Contudo, durante esse processo de organização e sistematização, foi desenvolvido a metodologia foi desenvolvida a partir da inquietação que versou sobre como abordar a pertinência da valorização e representatividade dos povos afro-brasileiros a partir da literatura infantil? Contribuindo inclusive para disseminar práticas pedagógicas antirracistas, uma vez que muitos casos de racismo ocorridos em ambientes escolares são resultados do impasse que permeia muitas áreas da sociedade, refletindo atitudes preconceituosas em diversas situações, incluindo interações familiares e sociais. Dessa maneira, é pertinente ressaltar que não se pode atribuir a escola como sendo o único lugar propício para a constituição de identidades, pois de acordo com Hall (1992, p.7, apud Mota, 2019, p.7) esses “sujeitos pós-moderno” são seres em construção que sofrem influência dos contextos em que estão inseridos.

Outrossim, o ser infantil tem a tendência de auto comparações logo é mais propício demonstrar preconceito de forma “natural”, afinal, muitos pais e educadores não fornecem orientações/formações sobre a necessidade de práticas antirracistas. Dessa forma é imprescindível desenvolver ações e oficinas que trabalhem o protagonismo negro, como, por exemplo, a inclusão de literaturas afro-brasileira,

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO inclusive já existe aparatos legais para essa inserção, a Lei nº 10639 de janeiro de 2003 no artigo 26-A explicita que nas instituições que oferecem o ensino fundamental anos iniciais e finais além do ensino médio, torna-se indispensável o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. A base teórica para esta discussão deriva da pesquisa sobre a prática pedagógica no curso de Pedagogia com os componentes titulados Larissa Bomfim Silva, Geferson de Jesus Sales e Stefany Silva Vilaronga no ano de 2023. Nesse contexto, foi identificado que as crianças frequentemente enfrentam desafios relacionados à sua autoestima devido às diferenças em seus tipos de cabelo, que são por vezes rotulados como "cabelo ruim". Isso muitas vezes resulta em sentimentos de vergonha e insegurança, em grande parte devido ao racismo enraizado na sociedade. Diante desse cenário, essa proposta de oficina proporciona contribuições para o eixo temático - Educação, Cultura e Diversidade, na medida que perpassa a necessidade de contribuir para a consolidação de vivências pedagógicas pautadas no princípio antirracistas. A atividade planejada pelo grupo teve como o principal recurso o livro "Menina bonita do laço de fita" (1986) da autora Ana Maria Machado, que narra a jornada de um coelho que se apaixona pela cor de sua vizinha coelha, que é negra, e tenta de várias maneiras ficar igual a ela. Após várias tentativas sem sucesso, ele encontra a felicidade ao se casar com uma coelha preta e juntos têm filhos de diferentes cores, incluindo branco e negros celebrando a diversidade. Após a seleção do material didático, nos preparamos para iniciar o processo de desenvolvimento das atividades. Em primeiro lugar, foi preparada o momento da acolhida com a música "funk do patinho". Ela trabalha a coordenação motora, espaço e agilidade, e constituiria como um elo inicial para promover a interação entre nós, graduandos e os alunos, favorecendo um ambiente acolhedor e receptivo. Em seguida, partimos para a contação de histórias em formato de círculo.

Essa etapa é considerada fundamental para estimular a imaginação e o envolvimento dos alunos com o conteúdo do livro didático. Acreditava-se que durante a narrativa, as perguntas inseridas desafiariam os estudantes a aprofundar sua compreensão, fomentando discussões e debates sobre a história. Além disso, ao longo de todo esse percurso, incorporou-se as questões de inferência, como por exemplo, observarem de onde herdaram os traços de suas características. O objetivo de incentivar os alunos a interpretar o enredo, adivinhar o que aconteceria em seguida e desenvolver habilidades de raciocínio crítico, após a enriquecedora roda de conversa seria o momento de orientar uma atividade prática e criativa: a confecção de um painel com o tema "Viva a Diferença", neste projeto, as crianças seriam convidadas a produzir autorretratos que reflitam sua individualidade e singularidade. Esses autorretratos seriam expostos em um painel, que não apenas promoveriam a autoexpressão dos alunos, mas também celebraria a diversidade e a inclusão no espaço escolar, fomentando assim, uma experiência de aprendizado enriquecedora e significativa para todos os envolvidos.

Destarte, apesar do considerável investimento de tempo neste projeto, infelizmente, nos deparamos com desafios significativos que impediram a concretização as oficinas programadas nas escolas, devido à falta de compromisso e notável negligência no transporte que nos levaria até o local. Teve-se uma preocupação com a produção de figurinos relacionados à história, resultando em despesas substanciais, tanto para a confecção das vestimentas quanto para as lembranças planejadas para o evento. Nesse contexto, é evidente que o resultado em parte foi frustrante, mas para o campo formativo/profissional foi enriquecedor vivenciar esse processo de construção da pesquisa e a troca de conhecimentos que favoreceu uma

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO ampla compreensão sobre a pertinência da referida temática para as nossas práticas enquanto Pedagogos, além da apreciação de como funciona a organização de uma oficina, o que facilitará no processo de construção de demais projetos.

Palavras-chave: oficina; antirracista; menina bonita do laço de fita.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10639, de 9 de janeiro de 2003.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: <
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm >.

CAPISTRANO, G.; MELO, L.; MOTA, R. **Estágio supervisionado em ensino de história: Relatos de experiência III.** Estágio–Licenciatura em História: Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Conceição do Coité, 2019. **[S.I.]**. (Não publicado).

MACHADO, A.M. **Menina bonita do laço de fita.** 9ªed. São Paulo: Ática, p.1-24, 2011.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

INTERFACES ENTRE O AEE E O ACOMPANHAMENTO A ESTUDANTES COM TDAH: REFLEXÕES EM ANDAMENTO

Karolayne Santos Araujo

Discente do CAMPUS XI, UNEB

Karol30araujo@gmail.com

Marcia Torres Neri Soares

Docente do CAMPUS XI, UNEB

mtsoares@uneb.br

RESUMO

O desafio de lidar com as diferenças no espaço escolar tem sido tema de nosso interesse e estudos no campo da inclusão escolar como indicam as contribuições de Carvalho (2004). Na caminhada acadêmica como discente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) *Campus XI Serrinha-BA*, despertamos o olhar para especificidades de estudantes com Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Este interesse surgiu após a realização do estágio em uma escola, no ano de 2019, associado a escassez de informação sobre uma política pública voltada para o acompanhamento às necessidades educacionais do referido público. Desse modo, o presente texto tem por objetivo relatar as experiências advindas da realização de pesquisa acadêmica originada de nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Interfaces entre o AEE e o acompanhamento a estudantes com TDAH: produções acadêmicas e reflexões”. Embora o público da modalidade da Educação Especial defina-se como estudantes com deficiência, Transtorno do Espectro Autista e Altas Habilidades/Superdotação (Brasil, 2008), estudantes com TDAH são considerados como grupo com necessidades específicas e, portanto, requerem contemplar essas necessidades no campo educacional. Observamos o TDAH como um transtorno neurobiológico de causas genéticas cuja gênese está na infância e acompanha o indivíduo por toda vida. As características do TDAH são semelhantes ao comportamento de uma criança indisciplinada, pois a hiperatividade, a desatenção e a impulsividade são comportamentos de qualquer sujeito. No entanto, quando esses desempenhos acontecem com frequência e há dificuldade em seguir normas estabelecidas, percebe-se a necessidade de um olhar diferenciado e reflexivo do professor com a parceria com um psicopedagogo, haja vista o estudante com TDAH ter total capacidade para desenvolver o seu intelecto. Por seu turno, o Atendimento Educacional Especializado (AEE) é um apoio a uma sala de aula comum, no qual existe a parceria entre o profissional especializado e o educador para minimizar as barreiras presentes na aprendizagem dos estudantes contemplados pela modalidade aludida. Tal suporte acontece nas instituições especializadas e/ou nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) na própria escola ou fora desta, em turno oposto à aula para não prejudicar o estudante, tendo as aulas formais e os acompanhamentos especializados, mas quanto aos estudantes com TDAH, existe alguma política em atenção às suas necessidades? Com base nessa problemática, definimos um periódico específico das discussões acerca da Educação Especial para procedermos uma análise mais acurada. A pesquisa encontra-se em desenvolvimento e tem como objetivo geral analisar produções teóricas acerca do TDAH no campo da Educação Especial a fim de caracterizar sua inserção na política

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO governamental brasileira. Para tanto, parte do mapeamento de dados provenientes da Revista Brasileira de Educação Especial (RBEE), periódico de grande referência na educação inclusiva. Anualmente a revista publica em torno de quatro publicações organizadas por ano, por volume, número e edições. Vale ressaltar o período de investigação do assunto, compreendido entre os anos de 2019 a 2023, sendo uma análise realizada dos últimos cinco anos. Para tanto, parte da metodologia bibliográfica e tem aporte teórico em autores como Gil (2002) e Severino (2007). De caráter qualitativo busca realizar uma investigação aprofundada sobre os fenômenos na perspectiva de compreender as produções teóricas e seus rebatimentos no campo da política educacional brasileira. Com base no levantamento em andamento, é possível identificar uma tímida produção acadêmica no tocante a inserção da temática no campo das políticas voltadas para a inclusão educacional. Ao reconhecer a relevância de investigar sobre o tema, concluímos sobre nossa participação no desenvolvimento da pesquisa parcialmente relatada e alguns aspectos suscitados a serem considerados: a) os Componentes Curriculares estudados durante o Curso favorecem nossa abertura e interesse pelo tema a ser investigado no TCC; b) é possível desenvolver estratégias para garantia da escrita acadêmica face ao trabalho estabelecido em parceria com a orientadora; c) a escassez de estudos não deve provocar um desânimo, antes pode servir de dados para fortalecer o objeto de estudo em investigação; d) a organização dos dados levantados pode favorecer a análise posterior na otimização do tempo requerido aos trabalhos desta natureza. Da experiência em andamento, portanto, abstraímos características importantes ao ato de pesquisar e, conforme acreditamos, certamente outros aspectos ainda serão agregados nesse percurso acadêmico e em outros ainda a serem trilhados. Além de nossa imbricação pessoal nesta pesquisa, realçamos o tema escolhido, afinal acreditamos em sua relevância para os comprometidos com o desafio de uma educação voltada ao cotidiano escolar inclusivo, numa estrutura democrática, constatando e considerando a educação e diversidade, a fim de garantir uma educação de qualidade, como um subsídio enriquecedor nos processos pedagógicos. Ao entender as especificidades de estudantes com TDAH, faz-se relevante instigar a atenção constante para proporcionar a plenitude de suas experiências. Para dedicação a estes estudantes, é imprescindível investimentos no campo da formação continuada considerando a importância do tratamento diferenciado e uma rotina estimulante capaz de centrar a atenção do discente, afinal como salvaguarda a Constituição Federal Brasileira (1988), todos têm direito de igualdade e condições para o acesso e permanência a uma educação de qualidade ao longo da vida. O estudo indica a importância das pesquisas voltadas para a temática com contribuições de autores como Vygotsky (2001) e Baptista (2008), pois oportunizam estudantes em formação, como o caso da pesquisadora, aprofundarem e aguçarem o desejo de investigar temas tão relevantes no cenário educacional.

Palavras-chave: transtorno de déficit de atenção com hiperatividade; atendimento educacional especializado; revista brasileira de educação especial.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Cláudio. Ação Pedagógica e Educação Especial: a sala de recursos como prioridade na oferta de serviços especializados. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.17, p.59-76, Maio-Ago., 2011. Edição Especial

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

_____. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2008.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 1996

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução: Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

O QUE FAZ A(O) PSICÓLOGA(O) ESCOLAR? RELATOS SOBRE AÇÕES PSICOEDUCATIVAS

Lucas de Carvalho Cardoso

Psicólogo e Psicopedagogo

NAAPA - Serrinha / NAI - CAMPUS XI

E-mail: lucascardoso@uneb.br

INTRODUÇÃO

Sabemos o quanto os dias correntes no calendário se configuram como desafiadores, sobretudo pelas profundas consequências socioemocionais ocasionadas pelo isolamento social necessário a contenção da doença covid 19, entre os anos 2020 à 2021. Foram dias de muitas angústias e sofrimentos emocionais, os quais geraram mudanças de hábitos nas pessoas como também aprendizagens importantes.

Dentre as muitas questões derivadas da pandemia do Covid 19, está a visibilização das questões da saúde mental, principalmente das crianças, que dentre vários sujeitos sociais, foram atingidos em cheio pela política de fechamento das escolas e equipamentos coletivos de lazer e cultura.

Assim, ao abrimos as escolas com o chamamento de retorno a presencialidades, fomos surpreendidos com o volume de casos de crianças e jovens em estado de sofrimento emocional o que nos levou a ponderar de modo reflexivo e ativamente sobre o que podemos fazer.

Neste contexto, permeado por muitas incertezas e muitas situações críticas em relação aos processos de adoecimento psicoemocionais das pessoas, em especial os professores e alunos, com foco nas escolas de educação básica, o Núcleo de Acompanhamento a Aprendizagem – NAAPA, na cidade de Serrinha reúne profissionais, de modo interdisciplinar, congregando esforços de atores sociais cujas formações se focalizam das áreas da Saúde, Serviços Sociais e Educação, para cooperativamente pensarem em ações que poderiam ocorrer no seio das escolas de ensino fundamental II de modo a ajudar os sujeitos nos exercício de compreensão do autoconhecimento, emoções e sentimentos.

Em parceria com a Secretaria Municipal de Educação - SEMED, o NAAPA já atua na cidade de Serrinha, desde o ano de 2020, com o pioneiro trabalho de levar o Psicólogo para dentro da dinâmica escolar instituindo o trabalho de suporte destes profissionais no campo das ações psicoeducativas, voltando-se para o acompanhamento da aprendizagem escolar das crianças e jovens atendidos e escolarizados nas escolas públicas do fundamental I e II na cidade de Serrinha.

De tal maneira, a equipe do NAAPA, desempenha papel fundamental na articulação dos processos de atenção integral as crianças, tendo como desafios, construir dentro das unidades escolares um trabalho sistemático de ações coordenadas principalmente pautando a escuta especializada as famílias, as crianças e adolescentes e condições de vulnerabilidade emocional, acolhimento, encaminhamentos a rede de saúde, quando necessário.

No entanto, para além de todas essas ações o NAAPA inaugura, nas escolas assistidas, um coletivo de ações que afirmam e confirmam a importância do Psicólogo como profissional atuante na esfera de um projeto que se consolida em redes de

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO atenção interdisciplinar, atuando para proteção dos direitos das crianças e jovens ao atendimento quanto a saúde mental.

De tal modo, o NAAPA afirma a importância do trabalho do psicólogo dentro das escolas, nos ambientes de ensino e aprendizagem, focalizando na vertente das ações psicoeducativas.

DIÁLOGOS SOBRE AÇÕES PSICOEDUCATIVAS E O EMERGIR DOS PROJETOS TRABALHANDO COM AS EMOÇÕES

Com a ampliação dos desafios e demandas da educação, principalmente abarcando as questões de saúde mental: infância e adolescência para condução da vida e dos processos de aprendizagem ao desenvolvimento global das pessoas, as(os) psicólogas(os) percebem uma forte demanda emergindo no chão das escolas, o que abre os caminhos, discussões e efetivação de práticas que denominamos de ações psicoeducativas.

O trabalho da/o profissional de Psicologia na Educação vai além do acolhimento, escuta especializada, realização de encaminhamentos, atividades/ações psicoeducativas, plantão psicológico, rodas de conversas e/ou palestras (Cardoso, 2022, p.22).

Pensamos, então que para discutir sobre os dilemas, avanços e possibilidades do ofício do psicólogo no cenário pedagógico, torna-se crucial, refletir sobre o conceito de educação, desenhando o conceito do que nomeamos como pautas psicoeducativas.

Por ações psicoeducativas entendemos todas aquelas que se destinem a promover a reflexão em vista da compreensão do eu, das emoções dos sentimentos, com intuito de oferecer aos sujeitos contato e experiências de imersão, para assim serem construídas as compreensões quanto ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais, tal como define Fonseca:

Os sentimentos são respostas às emoções, e dizem respeito a como a pessoa se sente diante daquela emoção. Uma vez que a emoção dá origem ao sentimento, esses dois tipos de reação estão completamente relacionados, e um sentimento também é capaz de desencadear emoções da mesma espécie (Fonseca, 2017).

Neste sentido, a equipe de psicólogos que atua no NAAPA, a partir de processos de formação continuada, refletiu sobre a necessidade de ampliação das ações psicoeducativas que já estavam acontecendo de modo fluido nas escolas atendidas, enfatizando um projeto amplo e sistematizado de modo a ampliar as ações e atender de modo mais abrangente escolas públicas.

Foi nesse aspecto que emergiu o projeto Trabalhando com as emoções em rede colaborativa, em que trabalhamos a pauta do autoconhecimento a partir de uma oficina planejada de modo colaborativo pelo coletivo de profissionais do NAAPA.

REFERÊNCIAS

ALTMICKS, Alfons Heinrich; CARDOSO, Jusceli Maria Oliveira de Carvalho; FERREIRA, Rosimeire dos Anjos e Orgs. **Psicopedagogia Institucional em foco.**

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO
Euclides da Cunha: FAEC, 2019. 168p. ISBN: 978-85-67741-11-6.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. **Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas.** Psicologia Escolar e Educacional [online]. 2008, v. 12, n. 2, pp. 469-475. Disponível em: <https://encurtador.com.br/gmyzG>.

CARDOSO, Lucas de Carvalho. **ATUAÇÕES DA (O) PSICÓLOGA (O) NA EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA O CONTEXTO ACADÊMICO.** Trabalho de conclusão de curso: Artigo, apresentado na Faculdade da Região Sisaleira – FARESI, Conceição do Coité-Bahia no ano de 2022.

COLLIN, Catherine; GRAND, Voulla; BENSON, Nigel; LAZYAN, Merrin; GINSBURG, Joannah; WEEKS, Marcus. **O livro da Psicologia.** Rio de Janeiro: Editora Globo, 2012.

FERREIRA, A.; FRANCO SANT'ANA, F. G. A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO FRENTE ÀS EMERGÊNCIAS E DESASTRES. **Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - ALAGOAS**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 99, 2018. Disponível em: <https://encurtador.com.br/oqwC0>.

FONSECA, Rodrigo. **Qual a diferença entre emoção e sentimento na psicologia?** Sbie, 2017. Disponível em: <https://encurtador.com.br/wyEJX>.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

A CONTRIBUIÇÃO DA LUDICIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Camila Santos da Silva

Universidade do Estado da Bahia

camila176silva@gmail.com

Kivia Rayane Mota dos Santos

Universidade do Estado da Bahia

kivia.ray@gmail.com

Lucimara Morgado Pereira Lima

CAPENE/PIBID

morgadomara@hotmail.com

Glauce Maciel Barbosa Pereira

Docente e Coordenação do Projeto

gmpereira@uneb.br

RESUMO

A criança com deficiência visual desde que nasce, necessita o mais cedo possível ter acesso ao mundo dos símbolos e elementos em relevo para despertar a curiosidade tátil. Ela precisa decodificar o mundo pelo tato, perceber nuances de formas, detalhes, pontos e saliências. Essas crianças possivelmente terão acesso a esses elementos apenas quando entrarem para a vida escolar. Vislumbrando essa premissa e levando em consideração a necessidade da obtenção de recursos adaptados para o trabalho em sala de aula com os alunos com deficiência visual e as mais diversas possibilidades que o professor pode ter, além dos recursos próprios à deficiência, foi pensada a oficina “A Contribuição da Ludicidade no Processo de Aprendizagem do Estudante com Deficiência Visual”, tendo por objetivos possibilitar que os docentes participantes possam compreender a importância da ludicidade na promoção do aprendizado de estudantes com deficiência visual dentro e fora das instituições de ensino, sendo capazes de refletir acerca das dificuldades enfrentadas pelos mesmos; desenvolver o interesse em conhecer, identificar e confeccionar jogos adaptados a serem utilizados em suas salas de aula para melhor desenvolvimentos desses estudantes; promover a interação e socialização entre a turma, estimulando a inclusão de todos os sujeitos. A inserção de recursos lúdicos como jogos e brincadeiras possibilitam uma dinâmica de interação entre os sujeitos, aproximação com os seus pares, uma aprendizagem mais consistente e eficaz, tendo em vista que para cada jogo ou brincadeira a ser realizada é necessário conhecer a necessidade específica do estudante e a adaptação adequada para que o recurso se torne acessível e proveitoso, possibilitando práticas pedagógicas que contribuam para a construção de um novo tipo de conhecimento e livres de preconceitos, assumindo uma postura de valorização que permeie a diversidade já que por vezes os estudantes com deficiência visual já chegam em sala de aula estigmatizado, visto como incapaz e coitadinho, o que impossibilita a interação, inclusão, aprendizado e conhecimento. Em suma, a deficiência não é um empecilho para a aprendizagem, e a ludicidade tem por mérito a garantia de que todos podem aprender. Diante disso percebe-se a necessidade de criação e adaptação de jogos e brincadeiras que possibilitem o acesso e inclusão desses sujeitos. A oficina será conduzida por momentos como dinâmicas, explanação sobre a temática e confecção

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO de recursos lúdicos a serem trabalhados em sala de aula com os estudantes com e sem deficiência visual. Para nortear a escrita desta oficina foram realizadas leituras de textos e livros de autores como; Amiralian (2002), Bruno (1992), (1993), (1997), Piaget (1971), Kishimoto (2017) além de documentos; Brasil (1998), (1999). Ao docente da sala de aula regular, elaborar suas aulas levando em consideração o uso de recursos lúdicos, garantindo a participação ativa de alunos com deficiência visual visando a construção da sua aprendizagem e de todo um contexto escolar. O professor precisa estar atento às necessidades do aluno com deficiência visual, buscando otimização para desenvolver atividades adaptadas dentro de um contexto inclusivo no processo ensino /aprendizagem, reforçando sempre as suas ações, de forma que venham a criar um ambiente escolar que possibilite a inclusão de todos os alunos, respeitando suas respectivas individualidades.

Palavras-chave: práticas pedagógicas; deficiência visual; ludicidade; aprendizagem.

ATELIÊS PEDAGÓGICOS: CONSTRUINDO PROTÓTIPOS DIDÁTICOS PARA AULAS DE LINGUAGEM ESCRITA

Alice dos Santos Oliveira

Larissa Souza de Almeida

Taiana de Cerqueira Silva

Thainara Pereira Xavier

Discentes do Curso de Pedagogia

UNEB, CAMPUS XI

Jusceli Maria Oliveira de C. Cardoso

Professora UNEB, CAMPUS XI

INTRODUÇÃO

O exercício da docência fundamenta-se em bases teórico, epistemológicas das quais serão derivadas as metodologias que deverão ser construídas para atender as demandas do estudante e dos desafios dos letramentos e agora dos Multiletramentos. Assim, atentos aos necessários movimentos formativos, os ateliês articulados que contemplam os letramentos, linguagens escritas e as ludicidades visam a contribuir com o processo formativo do futuro pedagogo através de ações de aproximação da docência e da pesquisa como aspectos indissociáveis. Então, edificamos os espaços tempos, que denominamos de ateliês pedagógicos.

Sabemos o quanto as crianças e os jovens ficaram distantes das práticas sociais de uso da linguagem escrita, sobretudo durante dos dias da pandemia do Covid 19, que suscitaram as famigeradas aulas remotas. Naqueles dias, por mais que os docentes tentassem, os exercícios de contato com os letramentos e com a produção escrita, foram reduzidos ao que se pode fazer naqueles dias de emergência em saúde coletiva.

Diante de tamanha lacuna, experimentamos, as consequências nefastas da pandemia no tecido escolar, em que, precisamos, atar os nós, e juntar as peças de um processo que foi despedaçado. Neste sentido, precisamos reorganizar a escola, as práticas de modo a torná-las mais coloridas e lúdicas.

Assim, emergiram os ateliês para edificação de protótipos didáticos, que atrelem letramentos e ludicidades. Á luz dos Multiletramentos entendemos os protótipos como constructos, ou seja, artefatos elaborados pelos profissionais cujo intento se volta a atender as demandas específicas de um coletivo de sujeitos e ou mesmo para atenção a questões individuais dos discentes.

E assim, unindo a criatividade, a pesquisa como elemento basilar do processo formativo do professor, edificamos uma atividade cíclica constando de ações concatenadas, que culminaram na elaboração de dispositivos lúdicos conectados com os letramentos, produzindo diversos artefatos didáticos, os quais, á luz da teoria dos Multiletramentos denominamos de protótipos por serem artefatos construídos pelos próprios sujeitos, interlocutores do processo formativo, em atos, durante o semestre acadêmico.

RELATO DAS VIVÊNCIAS

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

Com inspiração na própria semântica do vocábulo, percebemos a pertinência de elaborarmos os ateliês pedagógicos com o sentido de ser um lugar de trabalho cooperativo, em que todos os participantes (docentes, discentes, profissionais do AEE) pudessem partilhar, trocar ideias e construir de modo colaborativo recursos, protótipos didáticos empenhados com a edificação de práticas leitoras prazerosas e significativas, tendo como recurso indutor das experiências leitoras a ludicidade.

De tal modo, denominamos os ateliês de práticas pedagógicas para designar, nomear os espaços tempos de aprendizagem colaborativa, edificados por meio da articulação entre o NUPE- Núcleo de Pesquisa e Extensão do CAMPUS XI, a Brinquedoteca Criação, o NAI- Núcleo de Acessibilidade e Inclusão do CAMPUS XI, educação básica, nos segmentos educação infantil e ensino fundamental, da cidade de Serrinha e de outras circunvizinhas.

Nestas ações, estudantes universitários, aproximam-se das vivências escolares, observando práticas, saberes e lacunas que permitem a construção de protótipos e de recursos que podem ser replicados nas escolas de educação básica.

O objetivo da abertura dos ateliês se consolida na promoção de um espaço de interlocução entre a educação básica e os estudantes do curso de Pedagogia, mediados pelo componente Fundamentos Teóricos e Metodológicos do ensino da Língua Portuguesa no sentido da gestação de práticas, recursos com potencial para uso didático nas turmas de educação fundamental, tendo como premissa a construção das práticas de leituras como atos inclusivos, ativos, críticos e acima de tudo, permeados pela função social do ato de ler, tendo como moldura para tudo, a ludicidade.

Durante os ateliês foram construídos diversos protótipos que podem ser utilizados nas aulas de leituras com crianças como: dobraduras, narrativas imagéticas, narrativas com segredos, fabulando histórias, molde lacunado, pausas protocoladas, narrativas fatiadas, avental mágico de escritas dentre outras atividades derivadas e concatenadas com os protótipos criados.

Todos os protótipos construídos precisam ser entrelaçados a um planejamento, de modo que possamos disparar as atividades de leituras de modo sistemático e pedagógico atrelando e costurando os artefatos lúdicos a um para quê, pedagógico.

CONCLUSÃO

Em outras palavras, nesses ateliês aprendemos, na prática, a como planejar, construir recursos, metodologias, tendo sempre como caminho o estudo teórico que é posto em reflexão durante os ateliês, quando experimentamos e vivenciamos os atos de produção com a linguagem escrita e outras esferas didáticas,

REFERENCIAS

CARDOSO, Jusceli Maria Oliveira de Carvalho. **A criança com dificuldades na oralidade e a prática discursiva na sala de aula. A travessia do silêncio excludente para a didática da oralidade.** Dissertação de Mestrado, Feira de Santana, Bahia, Brasil, 2006, páginas 114- 118

REYZÁBAL, Maria Victória. **A comunicação oral e sua didática.** Tradução Waldo Mermelstein. – Bauru; SP: EDUSC, 1999.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2001.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

_____. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2. Ed.- Belo Horizonte:
Autêntica: Ceale, 1999.

_____. **Alfabetização: Dilemas da Prática.** RJ: Dois Pontos, Ed Ltda., 1986.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar.** In: I ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, IV JORNADA DE PRÁTICA DE ENSINO, XIII SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEM, Maringá, 2007. Arq. Mudi. Periódicos.

SOUZA, Ester Maria Figueiredo e SILVA, Nelma Teixeira. **O USO DO PROTÓTIPO DIDÁTICO COMO ESTRATÉGIA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.** (Universidade estadual do Sudoeste da Bahia) In: Pensares em Revista, São Gonçalo-RJ, n. 7, pág. 127-143, jul. / dez. 2015

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

ATELIÊS PEDAGÓGICOS FORMATIVOS: PROTÓTIPOS DIDÁTICOS PARA AULAS DE LEITURAS

Ananda Bruna Lopes de Aquino
Eliane Barreto Teixeira
Jeane Mariane de C. Santos
Thaís Oliveira Mota
Estudantes do Curso de Pedagogia
UNEB, CAMPUS XI
Jusceli Maria O. de C. Cardoso
Docente UNEB, CAMPUS XI

INTRODUÇÃO

O exercício da docência fundamenta-se em bases teórico, epistemológicas das quais serão derivadas as metodologias que deverão ser construídas para atender as demandas do estudante e dos desafios dos letramentos e agora dos multiletramentos. Assim, atentos aos necessários movimentos formativos, os ateliês articulados que contemplam os letramentos e as ludicidades visam a contribuir com o processo formativo do futuro pedagogo através de ações de aproximação da docência e da pesquisa como aspectos indissociáveis. Então, edificamos os espaços tempos, que denominamos de ateliês pedagógicos.

Em busca rápida ao dicionário encontramos alguns significados para o vocábulo ateliê:

Local preparado para a execução de trabalhos de arte, fotografia etc.; estúdio [...]local onde artesãos ou operários trabalham em conjunto, numa mesma obra ou para um mesmo indivíduo; oficina. [...] ateliê. de costura. (Oxford Language, 2023)

Em uma visão geral, na linguagem corriqueira, do dia a dia, usamos o vocábulo ateliê para abordar um lugar de fazer coisas, de execução de trabalhos principalmente manuais. De empréstimo, tomamos o termo, ressignificando para a seara pedagógica, passamos a cunhá-lo na perspectiva de transformação da sala de aula, sobretudo aquelas universitárias, em verdadeiros locais para produção, criação e inventividades docentes.

Ou seja, tomamos de empréstimo a palavra ateliês para denominar uma ação pedagógica alicerçada na perspectiva da produção interativa e colaborativa do conhecimento em que os estudantes do curso de Pedagogia são desafiados a construção de dispositivos, artefatos ou melhor protótipos com enfoque didático, os quais derivarão produções de sequencias didáticas empenhadas com o desenvolvimento dos processos de letramentos dos sujeitos.

Isso porque, em trabalhos de campo, efetivados em diversas escolas da cidade de Serrinha e circunvizinhanças, temos percebido as dificuldades vivenciadas pelos educadores com relação as práticas leitoras, o que tem caracterizado os distanciamentos das crianças e jovens dos atos de leituras.

De tal modo, atentos a realidade que circunda, revelando de demandas, estudando sobre aspectos teóricos da leitura, em especial a teoria do Multiletramentos, enfocada em especial nos estudos de Rojo () e outros, percebemos que, uma

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO
ponte promotora dos desejos de aprendizagens, sobretudo as leitoras são os dispositivos que chegam à criança de modo lúdico.

E assim, unindo a criatividade, a pesquisa como elemento basilar do processo formativo do professor, edificamos uma atividade cíclica constando de ações concatenadas, que culminaram na elaboração de dispositivos lúdicos conectados com os letramentos, produzindo diversos artefatos didáticos.

RELATO DAS VIVÊNCIAS

Com inspiração na própria semântica do vocábulo, percebemos a pertinência de elaborarmos os ateliês pedagógicos com o sentido de ser um lugar de trabalho cooperativo, em que todos os participantes (docentes, discentes, profissionais do AEE) pudessem partilhar, trocar ideias e construir de modo colaborativo recursos, protótipos didáticos empenhados com a edificação de práticas leitoras prazerosas e significativas, tendo como recurso indutor das experiências leitoras a ludicidade.

De tal modo, denominamos os ateliês de práticas pedagógicas para designar, nomear os espaços tempos de aprendizagem colaborativa, edificados por meio da articulação entre o NUPE - Núcleo de Pesquisa e Extensão do Campus XI, a Brinquedoteca Criação, o NAI - Núcleo de Acessibilidade e Inclusão do Campus XI, educação básica, nos segmentos educação infantil e ensino fundamental, da cidade de Serrinha e de outras circunvizinhas.

Nestas ações, estudantes universitários, aproximam-se das vivências escolares, observando práticas, saberes e lacunas que permitem a construção de protótipos e de recursos que podem ser replicados nas escolas de educação básica.

O objetivo da abertura dos ateliês se consolida na promoção de um espaço de interlocução entre a educação básica e os estudantes do curso de Pedagogia, mediados pelo componente Fundamentos Teóricos e Metodológicos do ensino da Língua Portuguesa no sentido da gestação de práticas, recursos com potencial para uso didático nas turmas de educação fundamental, tendo como premissa a construção das práticas de leituras como atos inclusivos, ativos, críticos e acima de tudo, permeados pela função social do ato de ler, tendo como moldura para tudo, a ludicidade.

Durante os ateliês foram construídos diversos protótipos que podem ser utilizados nas aulas de leituras com crianças como: dobraduras, trabalho com papel crepom, histórias interativas, narrativas imagéticas, oficinas da primavera, narrativas e personagens construídos com CD velhos, personagens com sucatas, dentre outros. Todos os protótipos construídos precisam ser entrelaçados a um planejamento, de modo que possamos disparar as atividades de leituras de modo sistemático e pedagógico atrelando e costurando os artefatos lúdicos a um para quê, pedagógico.

CONCLUSÃO

Em outras palavras, nesses ateliês aprendemos, na prática, a como planejar, construir recursos, metodologias, tendo sempre como caminho o estudo teórico que é posto em reflexão durante os ateliês, quando experimentamos e vivenciamos os atos de leituras e outras esferas didáticas,

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Jusceli Maria Oliveira de Carvalho. **A criança com dificuldades na**

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO
**oralidade e a prática discursiva na sala de aula. A travessia do silêncio
excludente para a didática da oralidade.** Dissertação de Mestrado, Feira de
Santana, Bahia, Brasil, 2006, páginas 114- 118

CORCIONE, Domingos. Oficina. In: **A Questão da Formação de Assessores
Dirigentes e Lideranças Intermediárias para o Movimento Popular e Sindical.**
Debate (coletânea de textos), CESE, v. 4, n. 3, 1994.

OXFORD. **Language.** <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/> 2023

REYZÁBAL, Maria Victória. **A comunicação oral e sua didática.** Tradução Waldo
Mermelstein. – Bauru; SP: EDUSC, 1999.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Letramento:** um tema em três gêneros. 2. Ed.- Belo Horizonte: Autêntica:
Ceale, 1999.

_____. **Alfabetização:** Dilemas da Prática. RJ: Dois Pontos, Ed Ltda., 1986.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

LITERATURA DE CORDEL: ESTRATÉGIA LÚDICA DE LEITURA E ESCRITA

Jorge Antônio da Cruz Santos

santos1308cruz@gmail.com

Universidade do Estado da Bahia/ Campus XI

Letícia Anjos Carvalho

leticiaanhos087@gmail.com

Universidade do Estado da Bahia/ Campus XI

Marcondes Santos da Silva

smarcondes053@gmail.com

Universidade do Estado da Bahia/ Campus XI

Geisiane Batista Ramos

Docente Supervisora PIBID/Pedagogia UNEB Campus XI

E-mail: geise.ramos14@gmail.com

RESUMO

O resumo em questão busca evidenciar a atividade prática realizada a partir de uma oficina pedagógica realizada pelo Programa Institucional de Bolsa de iniciação à docência (PIBID) do subprojeto “Criação de tecnologias educacionais e assistiva: tecendo aprendizagens nos cenários de AEE junto a crianças com deficiência/NEE nas escolas inclusivas” do curso de Pedagogia do Campus XI da Universidade do Estado da Bahia. A intenção foi utilizar da ludicidade para estimular práticas de leitura e escrita a estudantes do 8º ano do ensino fundamental II da Escola Municipal Teodoro dos Santos Ribeiro localizada no bairro do Cruzeiro no município de Serrinha – BA. A partir da experiência vivenciada, foi possível identificar que alguns estudantes apresentam certa dificuldade no domínio oral e escrito da área de linguagem, trazendo assim a reflexão acerca do papel do professor na busca por uma intervenção pedagógica eficaz para mediar o processo de aprendizagem.

A oficina realizada surgiu a partir das observações acontecidas ao longo do período de atuação dos autores como bolsistas do PIBID na escola. Diante disso, foi possível perceber que a pandemia da covid-19 trouxe consigo alguns problemas para o processo de ensino-aprendizagem tais como a manifestação dos problemas relacionados a decodificação da língua, motivo pelo qual nos levou a produção dessa ação pedagógica voltada para a área das linguagens. O objetivo geral da intervenção foi possibilitar aprendizagens relacionadas ao domínio de leitura e escrita com o auxílio de produções artísticas regionais como o é o caso do gênero textual cordel. As especificidades pautaram por incentivar a leitura e a escrita dos estudantes a partir da interação com a literatura de cordel; possibilitar a expansão dos conhecimentos de forma lúdica e interativa; e por fim, valorizar a cultura nordestina apreciando a literatura regional.

A oficina “Literatura de cordel: estratégia lúdica de leitura e escrita” teve como propósito promover aprendizagens relacionadas às habilidades de leitura e escrita, utilizando a mediação pedagógica com o auxílio de atividades lúdicas como a xilogravura e a produção de cordel para potencializar o processo de alfabetização, compreendendo que as dificuldades associadas à leitura e à escrita demonstradas pelos alunos podem ser sanadas por intermédio de atividades interativas e prazerosas que permitem a elaboração de situações de aprendizagem e o consequente desenvolvimento das suas capacidades e habilidades cognitivas.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

Nesse sentido, para o início da prática foi levantado o seguinte questionamento: Quem aqui conhece a literatura de cordel? alguns responderam que sim e outros que não, a partir daí apresentou-se para turma o que é a literatura de cordel, seu surgimento, sua estrutura e o assunto que ela costuma retratar, possibilitando para os estudantes um conhecimento sobre o texto literário. Logo, foram distribuídos fragmentos do cordel “Nordeste: Aqui é meu lugar!” sendo uma pausa lúdica com o intuito de estimular a leitura na interação com a literatura, a qual traz elementos cruciais para a formação de leitores e escritores críticos e reflexivo na sociedade. Nessa pausa lúdica, pode-se observar a dificuldade de alguns alunos na realização da leitura dos fragmentos do texto, o que é preocupante por ser um dos maiores problemas da escola.

Em segunda instância, foi-se projetado um pequeno vídeo reforçando o que já havia dito anteriormente sobre a literatura de cordel, evidenciando a sua importância no processo de desenvolvimento do domínio da escrita e oralidade. Dessa forma, foi proposto que cada um construísse uma estrofe com sete versos, alguns estudantes apresentaram dificuldade para escrever corretamente as palavras e para realizar a rima que o gênero textual citado faz uso. Diante disso, houve, mais uma vez, a intervenção dos elaboradores com a mediação individual a cada um dos alunos para que eles pudessem produzir com autonomia a atividade proposta.

Seguindo a dinâmica metodológica prevista, após a finalização da proposta escrita das estrofes do cordel, foi realizada uma breve explicação a respeito das “xilografuras” em que ocorreu a proposta de produzir uma forma de manifestação artística por meio do desenho com a utilização de isopor. Neste momento, foram distribuídas plaquinhas de isopor que eles puderam desenhar gravuras típicas da região nordestina como cactos, animais e elementos da natureza como o sol. Com o lápis em mãos eles iniciaram o processo de marcar profundamente no isopor o contorno do desenho desejado e, após a finalização desta etapa, eles pintaram o desenho com tinta preta e realizaram a impressão da imagem sobrepondo folhas de ofício A4 em cima do desenho.

Como finalização da oficina, todos penduraram seus desenhos e estrofes do cordel em um novelo que acabou compondo um único cordel realizado por todos. Em seguida, as obras foram declamadas e todos tiveram a oportunidade de contar como foi a sua experiência.

De acordo com Melo: “Tecnologia assistiva são recursos e serviços que visam facilitar o desenvolvimento de atividades diárias para pessoas com deficiência. Procuram aumentar as capacidades funcionais e assim promover a independência e a autonomia de quem as utiliza”. (Melo, 2008, sp). Dessa forma, a oficina pedagógica funciona como ferramenta crucial para o desenvolvimento de ensino e aprendizagem da pessoa com dificuldade de aprendizagem, pois a mesma está em consonância com a abordagem inclusiva na educação, ao proporcionar um ambiente de aprendizado colaborativo e participativo, permitindo que todos os participantes possam contribuir e aprender com as experiências uns dos outros, independentemente de suas habilidades. Para além disso compreende-se que:

As oficinas pedagógicas são situações de ensino e aprendizagem por natureza abertas e dinâmicas, o que se revela essencial no caso da escola pública – instituição que acolhe indivíduos oriundos dos meios populares, cuja cultura precisa ser valorizada para que se entabulem as necessárias articulações entre os saberes populares e os saberes científicos ensinados na escola (Moita; Andrade, 2006, p. 11).

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

As oficinas promovem o aprender de forma prática e interativa possibilitando experiências concretas ao criar e recriar novas situações em que os participantes vivenciem de forma prática as dificuldades e as soluções proporcionadas pela tecnologia assistiva. Neste viés, as oficinas pedagógicas em espaços de educação formal se constituem como elemento essencial na propagação de informação e que estimulam a criatividade dos alunos, além do desenvolvimento das potencialidades e interação com outros estudantes. Ao realizar uma oficina de cunho pedagógico com a construção de cordel e xilogravura nota-se a relevância de pautar estímulos concernentes a leitura e escrita no processo de ensino e aprendizagem, viabilizando estratégias metodológicas que se fundamentam em aperfeiçoamento didático.

As oficinas ainda proporcionam a assimilação de conteúdos por meio de desafios que envolvem a construção de elementos que fortalecem a aprendizagem de forma sistêmica, sendo fundamental nas atividades do Atendimento Educacional Especializado, bem como na construção de tecnologias assistivas que viabilizam progresso de estudantes com necessidades educativas especiais. Paralelo a isso, cumpre destacar a importância das instituições de ensino na implementação de oficinas pedagógicas de forma interdisciplinar a fim de possibilitar a autonomia discente e elevação da consciência crítica acerca das abrangências no campo educacional como também no impulsionamento a realização de atividades que fomentam a complexidade ações no viés educativo.

PALAVRAS-CHAVE: leitura; escrita; cordel; literatura; aprendizagem.

REFERÊNCIAS

MELO, Amanda Meincke, PUPO, Deise Tallarico; PÉREZ FERRÉS, Sofia.

Acessibilidade: discurso e prática no cotidiano das bibliotecas. São Paulo, SP: UNICAMP, 2008.

MOITA, F. M. G. S. C; ANDRADE, F. C. B. **O saber de mão em mão:** a oficina pedagógica como dispositivo para a formação docente e a construção do conhecimento na escola pública. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, v. 29, p.16, 2006.

**NARRATIVAS- ARTE - IMAGENS:
EXPERIVIVÊNCIAS E AFETOS DA/NA UATI**

Maria Vanilda de Oliveira Pereira
mariavop18@gmail.com

Roberta De Oliveira Souza
robertasouzadpe@gmail.com

Vera Cecília Marques Reis
marquescecilia26@gmail.com

Madryracy Ferreira Coutinho Medeiros Ovídio
madrycoutho@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar o processo de observação, reflexão, planejamento e execução do projeto de intervenção, realizada por nós durante a experivivência de Pesquisa e Estágio em Espaços Não escolares, do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade do Estado da Bahia, sob coordenação da Profa. Dra. Madryracy Ferreira Coutinho Medeiros Ovídio, realizada na Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), vinculada ao Departamento de Educação, Campus XI-Serrinha-BA, que objetivou construir junto as pessoas idosas uma proposta de intervenção prática colaborativa a partir do projeto “Relatos, vivências e um pouquinho de arte na melhor idade”, a ser desenvolvida com o objetivo de estimular o resgate da memória e da arte, por meio do fortalecimento do grupo de (con)vivência da UATI, contribuindo para uma melhoria significativa na qualidade de vida, na saúde e bem-estar social das pessoas idosas, promovendo o desenvolvimento da autonomia e inclusão social. Assim sendo, este projeto justificase por várias premissas, tanto pelos potenciais benefícios a pessoa idosa que participa da UATI quanto aos discentes e docentes envolvidos, posto que, em contribuição mútua, desenvolvem ações colaborativas, com foco na promoção do envelhecimento ativo e na qualidade de vida das pessoas idosas. Nessa perspectiva, a nossa inquietação parte de: como o resgate da memória e da arte podem colaborar para estimular a pessoa idosa durante o seu percurso na Universidade Aberta da Terceira Idade, Campus XI/Serrinha? Essa questão serviu de referência e norteou a proposta de intervenção pedagógica, cuja atividades foram divididas em seis etapas. A primeira etapa abordou o tema “Memórias Afetivas que energizam o corpo e a alma”. Para o seu desenvolvimento trabalhamos com o corredor dos afetos e foi promovido o resgate das memórias da UATI que energizam o corpo e a alma: como conheceram a UATI? Quais memórias que guardam da UATI? Quais as marcas da UATI que querem que se consolidem em nossas memórias, dos nossos pares, nossa família, nossa comunidade? Este momento foi gravado e utilizado posteriormente no vídeo documentário produzido com a colaboração das idosas participantes da UATI. No segundo encontro foi discutido a “importância do Estatuto da Pessoa Idosa” (Lei 3.646/ 2019), considerada uma das maiores conquistas da população idosa brasileira, contribuindo para refletir a importância da pessoa idosa na sociedade, para combater o preconceito que existe contra o envelhecimento e trazer dignidade e respeito a essa parcela da população. A terceira e quarta etapas foram marcadas por “fazendo arte com fuxico”, para viabilização dessas etapas

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO foram fomentados o saber-fazer fuxico como expressão da linguagem artística da pessoa idosa em sua potência estética e terapeuta, através da costura com panos de chitas (fuxico), marcadores dos saberes *de resistência e poder feminino*. Ao final dessa etapa, além dos fuxicos, foi possível conferir um levantamento imagético da arte com tecidos de chitas (fuxico) a partir do registro de fotografias realizado pelas estagiárias e pelas próprias idosas que constarão no vídeo documentário produzido durante o estágio. A quinta etapa, propôs a utilização da Dinâmica Musical para estimular o resgate da história de vida, a criatividade, a imaginação, promover aumento da autoconfiança e da autoestima colaborando para a promoção da saúde e da qualidade de vida da pessoa idosa. A vivência musical promoveu a integração entre as participantes visando estimular a musicalidade através do canto coral “Valeu amigo”, proporcionando uma vivência prazerosa tanto individual como em grupo que constará no vídeo documentário produzido pelas estudantes da UNEB e as participantes da UATI. A culminância do projeto (último encontro) contou com exibição do documentário “Re-existências e existências na/da UATI” que foi fruto de um processo de produção durante a realização do estágio, resgatando a memória cultural e a importância da UATI, tendo as idosas como protagonistas relatando suas experiências, mas só como incitação, nunca obrigação, deixando-as tomarem a decisão de se engajarem na atividade ou não. Após a exibição, houve um pequeno bate-papo, ocasião em que as estudantes-estagiárias socializaram com a plateia um pouco da experiência, destacando principalmente todo processo de produção até a concretização do vídeo. O aporte teórico deste trabalho está pautado em Alcântara; Camarano; Giacomini (2016), Freire (1985), Veras (2004), Veras; Ramos; Kalache (1987), Guerra (2018) entre outros teóricos que estudam a temática promoção da saúde, da cidadania do idoso e o movimento das universidades da terceira idade. O modelo de investigação utilizado é de cunho qualitativo, embasado num estudo exploratório-descritivo, usando como recursos metodológicos a observação das pessoas idosas na UATI e a entrevista semiestruturada. Após momentos de observação das atividades desenvolvidas na UATI e das análises realizadas durante a vivência de Pesquisa e Estágio, pudemos constatar a importância da UATI/Campus XI/Serrinha como projeto extensionista para melhoria da qualidade de vida dos idosos e destacar a relevância de apoiar e multiplicar as medidas que são implantadas para defesa da vulnerabilidade da pessoa idosa na UATI. As atividades desenvolvidas durante o estágio na UATI, responderam de maneira satisfatória para os idosos, com a otimização do bem-estar, integração dos idosos e a contribuição para a produção de um documentário tendo as idosas como protagonistas, e, também, cumprindo o papel da universidade pública, popular e inclusiva e sobretudo de oportunizar o conhecimento acadêmico para a comunidade, com projetos de intervenção, extensão e pesquisa voltadas para às pessoas idosas. No entanto, dentro do contexto das políticas públicas, ainda há limitações voltadas a esse grupo específico, que muitas vezes podem ser vistas como gastos e não como investimento e com isso uma ausência de políticas específicas para valorização dos projetos existentes e para a implementação de novos projetos. Portanto, fica claro que mesmo com todas as dificuldades encontradas, os obstáculos impostos, a falta de políticas públicas para um investimento maior em educação formal e não formal para os idosos no município de Serrinha-Ba, a Universidade Aberta da Terceira Idade –UNEB/Campus XI/Serrinha, através do seu Coordenador Local, Prof.Me. Fernando de Souza Nunes exerce um papel fundamental para uma educação acessível e democrática, a melhoria na qualidade de vida e bem-estar da pessoa idosa em Serrinha- – Ba. Certamente, ainda há muito para se fazer na UATI/UNEB/

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO Serrinha e por isso, esperamos que este relato de nossa experivência sirva como um convite para que os estudantes de Pedagogia e de outras licenciaturas se deixem apaixonar pela UATI e pelo sem fim de possibilidades nela existentes.

Palavras-Chave: pesquisa e estágio; pessoa idosa; UATI/UNEB. narrativas/arte/imagens.

REFERENCIAS

ALCÂNTARA, Alexandre De Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina. **Política nacional do idoso:** novas e novas questões. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. 615p.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 8. ed. Tradução Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, 93p.

GUERRA, Sergio. **Os Caminhos da UATI.** Salvador: EDUNEB, 2012. Disponível em:
<http://www.nuati.uneb.br/Os%20Caminhos%20da%20UATI%20REV%20RB%2029-08.htm>. Acesso em 29 de outubro de 2023.

VERAS, RAMOS, KALACHE. **Crescimento da população idosa no Brasil:** transformações e conseqüências na sociedade. Rev Saúde Públ. 1987;21(3):225-33.

VERAS, CALDAS. **Promovendo a saúde e a cidadania do idoso:** o movimento das universidades da terceira idade. Ciênc Saúde Coletiva. 2004;9(2):423-32.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

INICIAÇÃO À DOCÊNCIA NA EJA: (EXPERI)VIVÊNCIAS, RELATOS, DIÁLOGOS E CONEXÕES EM EJA

Fábio Pereira Santos

Universidade do Estado da Bahia/Campus XI
fabiosantos12090@gmail.com

Eliene Lima de Jesus

elienelimadejesus29@gmail.com
Universidade do Estado da Bahia/Campus XI

Karolayne de Carvalho Borges

Universidade do Estado da Bahia/Campus XI
karolayneborges054@gmail.com

Carla de Jesus Souza

Universidade do Estado da Bahia/ Campus XI
carla.uneb2022@gmail.com

Madryracy Ferreira Coutinho Medeiros Ovídio

Universidade do Estado da Bahia/Campus XI
madrycouthino@hotmail.com

RESUMO

Este estudo é um recorte do trabalho do Núcleo de Iniciação à Docência (NID II) – Eixo temático Educação de Jovens e Adultos, intitulado “Experivivências, diálogos e conexões em EJA: percepções entre a formação e prática pedagógica docente na EJA”, orientado pela professora Dra. Madryracy Ferreira Coutinho Medeiros Ovídio, vinculada ao Núcleo de Iniciação à Docência, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Educação, Campus X, Serrinha-Ba. Pela especificidade dessa modalidade de educação, cabe o questionamento: como às práticas pedagógicas docentes podem ser conduzidas na Educação de Jovens e Adultos, de modo dialógico visando aprendizagens significativas? Teve como objetivo geral investigar com base na Iniciação à Docência, a prática pedagógica docente na EJA, referentes a metodologia, relações sociais e dificuldades implícitas nesse processo. Como objetivos específicos: investigar e traçar o cenário da Educação de Jovens e Adultos; conhecer, através das Visitas Diagnósticas o exercício da profissão docente na EJA; compreender as relações sociais, dificuldades e os modos de intervenção na EJA. O aporte teórico utilizado ancorou-se nos seguintes autores: Freire (1997, 1999, 2006), no que diz respeito a sua contribuição para a compreensão de uma prática pedagógica docente voltada para a EJA, assim como os saberes necessários na construção dessa prática. Sacristã (1999), Tardif (2002), Souza (2012), com estudos relacionados ao entendimento de prática pedagógica e a prática pedagógica docente, bem como sua implicação na formação humana; dentre outros. A metodologia para a realização do trabalho sobre a prática pedagógica docente na EJA, parte da abordagem qualitativa buscando o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos, com inspiração na pesquisa de campo, onde observamos a prática das professoras atuantes na EJA. Os sujeitos pesquisados foram as docentes e os estudantes da EJA do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, pertencentes a Rede Municipal, do município de Serrinha-Ba, onde se deu a observação, seguidas das entrevistas semiestruturadas e rodas de conversas, realizadas de forma presencial a fim de identificarmos elementos que caracterizam

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

essa prática, transcritos em diário de campo, que foram analisados de acordo com a revisão de literatura feita para o desenvolvimento do trabalho. As conclusões da pesquisa revelam que às pessoas jovens, adultas e idosas atendidas pela Educação de Jovens e Adultos, são pessoas que deixaram ou não frequentaram assiduamente à escola e citam como causas: a necessidade de inserção precoce no mundo do trabalho; as mudanças contínuas de residência; as vulnerabilidades sociais de pessoas que moram em áreas empobrecidas; mulheres; dentre outras. Sobre o jovem, o adulto e o idoso inseridos na EJA, verificamos que eles podem ter sido excluídos do ambiente escolar, anteriormente, por diversos fatores, como o impedimento pela família de acesso à escola, questões econômicas e sociais, trabalho infantil, geralmente a se caracterizar como um trabalhador, que tem responsabilidades provenientes da vida adulta, tudo isso necessita ser considerado na prática docente. Outra característica importante dos educandos da EJA é que cada um traz sua bagagem cultural, não se constituindo, assim, um grupo homogêneo de pessoas, porque pertencem a diferentes grupos sociais e geracional com peculiaridades intelectuais, sociais, emocionais diferentes, fatores que também devem ser considerados no trabalho do professor como um todo. Com relação ao docente no contexto da EJA, foi possível observar que faz-se necessário ao profissional que atua ou irá atuar na Educação de Jovens e adultos, uma formação adequada e continuada por apresentar papel importante e de grande relevância, pois age como mediador do conhecimento e oferece às pessoas jovens, adultas e idosas instrumentos políticos, e conhecimentos para a ação interativa na sociedade, porque à medida que recebe os conhecimentos age sobre ele, permitindo aos estudantes um olhar diferenciado dos fenômenos sociais que o cercam e por conseguinte, atuações conscientes às demandas do seu contexto social. Afirmamos que a ação docente na EJA abarca fundamentais aspectos na vida dos educandos, não só no que se refere ao conteúdo escolar, mas também ao acesso a outras culturas, ao conhecimento, ao resgate social e a possibilidade de ampliar o papel de jovens e adultos, na qual por meio da educação reflitam sobre fatos que antes não tinham consciência. Por outro lado, os limites que o educador encontra nesse contexto, são: a falta de recursos, infraestrutura, valorização profissional, formação inicial e continuada e outros problemas de cunho político que interferem no trabalho docente, dessa forma, é necessário que se tenham políticas públicas voltadas a educação que contemplem esses aspectos e as especificidades próprias da modalidade da EJA. A prática pedagógica docente sobretudo na EJA, necessita reconhecer em seu estudante suas vivências, suas construções sociais, seus aprendizados. Os cursos de formação de professores por sua vez, necessitam preparar melhor os futuros docentes da EJA, oferecendo componentes e estágio para essa modalidade e nos cursos de formação continuada para esta modalidade sejam ampliadas outras possibilidades de atuação, como por exemplo, “Gestão para EJA”. Faz-se necessário que haja um currículo que atenda as particularidades desse público, docentes com formação direcionada para atuar nessa modalidade, espaços destinados à EJA, política de acesso, permanência e sucesso dos sujeitos da EJA, para que não abandonem os estudos. Este estudo torna-se importante para debater a prática pedagógica docente e as políticas da EJA, visando uma maior comunicação entre a Secretária de Educação, os Coordenadores da EJA e seus docentes, buscando não padronizar esta modalidade de educação, mas sim, de verificar em cada turma a cultura das pessoas que buscam concluir seus estudos na EJA, suas crenças, suas realidades, as necessidades enquanto estudantes e ser humano em aprendizado. Assim, ressaltamos a importâncias de futuras

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO pesquisas que abranjam a percepção entre a formação e atuação docente na EJA, buscando a compreensão dessa modalidade de educação, com o intuito de fornecer novos subsídios que possam favorecer na identidade docente de profissionais da EJA. A ideia foi lançada; que venham novas pesquisas, outros olhares, mais desafios!

PALAVRAS-CHAVE: iniciação à docência; prática pedagógica docente; EJA. ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **A educação como pratica da liberdade**. 23ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

SOUZA, João Francisco de. **Prática Pedagógica e Formação de Professores**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação de Professores**. Petrópolis: Vozes, 2002

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

INICIAÇÃO À DOCÊNCIA NA EJA: NARRATIVAS FORMATIVAS DAS ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA

Vanessa Santos

Universidade do Estado da Bahia

Patrícia da Silva

Universidade do Estado da Bahia

Geisa de Jesus

Universidade do Estado da Bahia

Madryracy Ferreira Coutinho Medeiros Ovídio

Universidade do Estado da Bahia

madryrcoutinho@hotmail.com

RESUMO

Este estudo é um recorte do trabalho do Núcleo de Iniciação à Docência (NID III) – Eixo temático na Educação de Jovens e Adultos, intitulado *Diálogos Formativos – Panorama e a constituição da docência na Educação de Jovens e Adultos: percepções entre a formação e atuação no contexto da EJA*, orientado pela professora Dra. Madryracy Ferreira Coutinho Medeiros Ovídio, vinculada ao Núcleo de Iniciação à Docência – Eixo Temático Educação de Jovens e Adultos, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Educação, Campus XI-Serrinha-BA e vincula-se à pesquisa que discute sobre formação docente na/para EJA. A questão de pesquisa consistiu em: como as docentes vivenciam a realidade da formação, da atuação, dos interferentes do cotidiano do trabalho e dos modos de intervenção na EJA? Teve como objetivo geral investigar com base na Iniciação à Docência o panorama da EJA, a formação e exercício da profissão docente, os interferentes do cotidiano e os modos de intervenção na EJA. Teve como objetivos específicos: investigar e traçar, a partir do olhar docente, o cenário da Educação de Jovens e Adultos no município de Serrinha-Ba; conhecer, através das Visitas Diagnósticas a formação e exercício da profissão docente na EJA; compreender os interferentes do cotidiano e os modos de intervenção na EJA. O referencial teórico utilizado ancorou-se nos seguintes autores: Arroyo (2005, 2011), Freire (1981, 1998, 2001), Tardif (2002); dentre outros. O trajeto metodológico foi de abordagem qualitativa devido suas características de cunho descritivo e social, com inspiração na pesquisa de campo. Os sujeitos pesquisados foram docentes e estudantes da EJA do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, pertencentes a Rede Municipal, do município de Serrinha-Ba. Os dispositivos de produção de dados foram: inicialmente realizou-se um estudo teórico, prático e reflexivo dos fundamentos filosóficos, históricos e políticos da EJA e em seguida a Visita Diagnóstica na EJA, seguidas das entrevistas semiestruturadas e rodas de conversas, realizadas de forma presencial. Posteriormente, os dados obtidos foram organizados e analisados com base nas perspectivas teóricas e nos permitiram captar informações, opiniões e considerações de acordo com a perspectiva dos sujeitos que participam do cenário em estudo. A conclusão da pesquisa aponta para as dificuldades enfrentadas pela docente e estudantes da EJA da Rede Municipal, como questões ligadas a prática pedagógica, a frequência fluida dos estudantes, a falta de materiais específicos e a ausência de formação inicial e continuada para modalidade da EJA. A modalidade da EJA na escola pesquisada possui um público de estudantes com características bem

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO heterogêneas e estão inseridos em um contexto marcado por diversas formas de exclusão social, tem suas histórias entrecortadas por processos de exclusão da e na escola, o que gerou inúmeras interrupções ao longo de suas vidas. Observa-se que o perfil dos estudantes é formado por pessoas na sua maioria desempregadas e todos pais e mães de família que possuem contextos densos, histórias de vida sofridas e se encontram em vulnerabilidade social e buscam na escola uma chance de terminarem seus estudos, melhorarem de vida, bem como novas oportunidades no mercado de trabalho. Pela análise da entrevista da docente da rede pode-se observar que a maioria dos docentes que atuam na EJA não tiveram na formação inicial e nem continuada um preparo voltado para EJA. Podemos inferir desses dados que a formação continuada para a EJA não é priorizada ou sequer levada em consideração na rede. No entanto, ela é um anseio de muitos docentes que atuam na EJA. Ressaltando, assim, o reconhecimento da necessidade de formação continuada para se trabalhar e atender as demandas específicas da EJA. Com relação aos materiais didáticos destinados à EJA, foi possível observar que o livro didático comercial destinado ao público da EJA, apresenta um distanciamento desses sujeitos e das suas trajetórias de vida e escolares. Desta forma, importante conhecer, aproximar, saber quem são, compreender os sujeitos com os quais se trabalha na EJA, como os jovens, adultos e idosos aprendem e as mediações pedagógicas necessárias para dar significância ao trabalho pedagógico, as aprendizagens significativas, implica na escolha de materiais e recursos adequados. Outra questão essencial, pensar a política de acesso, permanência e sucesso dos sujeitos da EJA, para que não abandonem os estudos. Por fim, torna-se imprescindível ações que mudem as perspectivas e a realidade da EJA através de ações sistematizadas e planejadas que tenham o intuito de buscar atender os anseios e as necessidades dos docentes e estudantes da EJA. É preciso uma intervenção para que possam gerar condições de trabalho articulando essas ações para diminuir as deficiências e defasagens da formação docente. Propiciar cursos de formação continuada e acompanhamento das escolas e das turmas, a fim de propor melhorias, alternativas, sugestões e procurar diminuir as dificuldades encontradas na prática pedagógica desses docentes são uma das alternativas para proporcionar uma melhor qualidade de ensino na Educação de Jovens e Adultos do município de Serrinha-Ba. Espera-se que esse estudo possa corroborar no repensar as ações e estratégias de formação docente, assegurar continuidade de escolarização e valorização dos coletivos da Educação de Jovens e Adultos. Esperançar!

PALAVRAS-CHAVE: iniciação à docência; EJA; ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. **Educador em Diálogo com Nosso Tempo**. Belo horizonte: Autêntica, 2011.

ARROYO, Miguel González. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G. C.; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

_____. **Pedagogia da autonomia.** 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. **Educação como prática da liberdade.** 12ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação de Professores.** Petrópolis: Vozes, 2002.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

A APRENDIZAGEM SOBRE DUAS PERSPECTIVAS: CAPENE COMO ESPAÇO DE ENSINO PARA GRADUANDOS EM PEDAGOGIA E PESSOAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

Maely de Oliveira Souza

Universidade do Estado da Bahia

maely.may10@hotmail.com

As possibilidades que a universidade nos proporciona são diversas e estar no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) é uma dessas, tal programa abre um leque de possibilidades. O tema do projeto a qual estou inserida é “Criação de tecnologias educacionais e assistiva: tecendo aprendizagens no cenário do AEE junto a crianças com deficiência /NEE nas escolas inclusivas” os bolsistas estão divididos em duas instituições, estando eu alocada no Centro de Atendimento Pedagógico a Pessoa com Necessidades Educacionais Especiais (CAPENE). Estar no CAPENE é algo novo e enriquecedor, porque a todo o momento estamos interagindo com pessoas, tendo múltiplas vivências e constantes aprendizagens. Acredito que, o que vivenciamos nesse espaço nos ajudará a conduzir ações pedagógicas mais inclusivas, seja nosso local de atuação uma sala de aula, um centro educacional, ou demais espaços que o pedagogo possa atuar. Nossa participação no programa tem sido de diversas formas, porque tanto observamos como somos coparticipantes de alguns atendimentos, os quais presenciamos semanalmente, junto com a nossa supervisora, sendo ela psicopedagoga, a qual atende pessoas com Necessidades Educacionais Especiais, dentre o público interagimos com crianças com síndrome down, autistas, que estão matriculadas no ensino regular. Algumas inquietações surgem, não só nesse espaço, mas a todo o momento em que vamos à prática, nossa profissão requer que estejamos preparados para lidar com a diversidade, seja ela de qualquer natureza, e como a universidade tem nos preparados para isso? Vejo o Capene como um espaço de aprendizado, primeiramente para seu público alvo, contribuindo também para uma melhor qualidade de vida e desenvolvimento global, pois o Centro conta com diversos profissionais de várias áreas, além de ser um espaço de acolhimento para eles e para seus familiares e responsáveis. Tenho acompanhado de perto, a psicopedagoga, observando seu trabalho pedagógico, ora ela auxilia para o avanço da decodificação/codificação, ora na oralidade, sendo explícita sua interação com as vivências dos sujeitos, a exemplo, nomenclaturas e expressões que são diferentes de acordo com a localidade e que há sempre a preocupação de se aproximar da realidade dos participantes. Objetiva-se com esse relato, compartilhar experiências vividas no CAPENE, conhecer mais sobre o Pibid, suscitar inquietações sobre nossas ações pedagógicas, principalmente no que tange a educação inclusiva, bem como analisar nossas imersões na universidade. Acredito que esse trabalho venha contribuir na compreensão dos graduandos sobre o que é o Pibid, pois por diversas vezes temos dúvidas a cerca dos programas universitários, reflexões também são tecidas, pois, estamos falando de formação de professores e suas futuras ações como docentes, sair da sala de aula para interagir em um espaço de atuação ampliam nossa aprendizagem. Por mais que o tema do projeto esteja direcionado as tecnologias assistivas, não é dado foco a elas nesse trabalho, uma vez que pretendemos adotar um viés das experiências vividas nesse processo de formação da graduação, com ênfase nos conhecimentos adquiridos por meio da interação com

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO esse grupo social (funcionários, familiares e público alvo do CAPENE) e da participação no programa. Pretendo destacar também as contribuições e ações para aprendizagem de pessoas com deficiência e transtornos neurodiversos. Participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência proporciona várias experiências, uma dessas é escrever esse trabalho, uma vez que a escrita faz parte deste, pois, produzimos relatórios, resumos, projetos dentre outros. Um quesito que já foi citado é nossa imersão no CAPENE, o mesmo permite participar de oficinas, palestras, planejamentos e atendimentos. Vale destacar também nossa participação em eventos, principalmente como monitores de acessibilidade, o que foram necessárias formações para compreender como se daria, para tanto aprendemos sobre os tipos de acessibilidade, como versar com surdos, cegos e idosos, nesse momento de aproximação, também aprendendo como agir em situações de crises em uma pessoa autista, deveras são várias experiências, as quais trazem reflexões e aprendizados, mas frente a isso encontramos desafios também, por diversas situações como essa de ser monitor de acessibilidade são novidade, outro entrave estar em conciliar as demandas acadêmicas dos componentes matriculados com as demandas do Pibid, ficamos acarretados com trabalhos para entregar e exigências para comprimir, o que às vezes se tornam exaustivos, como todo ritmo da academia, mas aos poucos as dúvidas e enfrentamentos vão se dissipando, principalmente com as parcerias entre os pibidianos. Com uma perspectiva de interação e diante do exposto, convidamos a teoria construtivista para dialogar conosco, pois a mesma traz em seu esboço uma aprendizagem ativa, que tanto nós como as pessoas com deficiência e transtornos vivenciamos no CAPENE, por tanto não se tratar de dar um conteúdo pronto, mas permitir que o aluno experimente e construa seu conhecimento, tornando-se o centro da aprendizagem, desta forma as supervisoras, professoras e as psicopedagogas dos alunos com NEE, são mediadoras, que devem contextualizar em diversas circunstâncias que promovam o conhecimento. Diante do exposto, esperamos que reflexões sejam proporcionadas a cerca da graduação, entendendo que tais experiências mesmo sendo desafiadoras, contribuirão com nossa formação pedagógica, orientando nosso trabalho profissional, com um viés inclusivo independente do espaço a qual atuaremos.

Palavras-chave: inclusão; formação; pedagogia.

REFERÊNCIAS

BAHIA.CAPES - PIBID. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.** Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência.07, dezembro, 2015.Edital nº23/2022; portaria 83/2022.PROGRAD - UNEB. Chamada Interna nº 03/2023.

BAPTISTA, C. R.. **Ação pedagógica e educação especial: a sala de recursos como prioridade na oferta de serviços especializados.** Revista Brasileira de Educação Especial, v. 17, n. spe1, p. 59–76, maio 2011.

O ENSINO DE GEOGRAFIA NAS TURMAS DE EJA COMO INSTRUMENTO CRÍTICO-SUPERADOR: O PAPEL DO PIBID NA FORMAÇÃO DO LICENCIANDO DE GEOGRAFIA

Hebert Filipe dos Santos Carneiro

UNEB/Campus XI

trebeh.uneb@gmail.com

Dr^a. Marize Damiana Moura Batista e Batista

UNEB/ Campus XI

marizeuneb@gmail.com

RESUMO

O presente resumo aborda resultado de experiência realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), em subprojeto denominado “O PIBID na defesa da Geografia nas escolas no Território do Sisal, Ba: contribuições ao ensino na abordagem histórico-crítica”, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus XI Serrinha-Ba, selecionado no Edital CAPES nº 23/2022. O estudo objetivou compreender o papel do PIBID na formação crítico-superadora do licenciando em Geografia, tendo em vista as experiências no ensino de Geografia em turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A metodologia se pautou em pesquisa qualitativa, de cunho exploratório, onde em um primeiro momento foi realizado levantamento da produção bibliográfica acerca do trabalho com atividades e temas na formação dos licenciandos em Geografia no PIBID, e em segundo momento a construção e aplicação de um questionário, onde o público alvo foi os licenciandos de Geografia que atuam no referido subprojeto. A leitura das obras “A geografia do aluno trabalhador: caminhos para uma prática de ensino” de Resende (1986) e “Escola e democracia” de Saviani (1999), foram utilizadas na construção do arcabouço teórico deste trabalho. O levantamento bibliográfico foi realizado na plataforma Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando inicialmente os descritores, Ensino de Geografia, PIBID e EJA, cuja busca não identificou nenhum trabalho. Após esta primeira busca, foram utilizados os descritores Ensino de Geografia e Educação de Jovens e Adultos, sendo identificados quatro dissertações e uma tese, em que apenas três destes trabalhos estavam disponíveis para acesso público, a saber: Malavski (2016), Alves (2009), e Borges (2008). A construção do questionário teve como colaboradores os/as licenciandos/as da Geografia que atuam no subprojeto PIBID de Geografia da UNEB Campus XI e procurou levantar questões voltadas à maneira como os licenciandos/as compreendem as experiências no PIBID de Geografia; como elas podem influenciar na sua formação, e de que modo a aproximação e as relações no espaço escolar, enriquecem a sua formação profissional. No que tange aos resultados do levantamento bibliográfico, abordando o ensino de Geografia na EJA, constatou-se em Alves (2009) que as relações sociais de produção capitalistas afetam a configuração sócio-espacial e por extensão, trazem implicações diretas nas relações de trabalho, afetando a vida dos estudantes-trabalhadores da EJA. Neste sentido, o referido autor aponta que o ensino de Geografia para turmas de EJA pode “auxiliar a desvelar e contextualizar tais relações contribuindo para a formação de cidadãos conscientes da sua realidade socio-espacial”. Malavski (2016) faz uma crítica ao

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO modelo educacional brasileiro, de caráter neoliberal. Esta autora defende um ensino de Geografia na EJA orientado na formação cidadã e que, portanto, possibilite a compreensão do espaço geográfico, (re)produzido por múltiplas relações e contradições, as quais afetam o plano da vida cotidiana. Para Borges (2008) há um contexto de exclusão educacional que caracteriza parcela significativa da população brasileira. Esta autora destaca a “ineficiência histórica das políticas públicas educacionais” quanto à não promoção do acesso e permanência do aluno na escola, especialmente os alunos da EJA. Toma como pressuposto teórico-metodológico a pedagogia freiriana para abordar a importância de desenvolver um processo de ensino-aprendizagem da Geografia escolar, em que “a prática de ensino do professor de Geografia deve considerar a condição de sujeito social desse educando”. Frente a isto, justifica o desenvolvimento de metodologias no ensino de Geografia, que possibilite estabelecer relações entre “o conteúdo geográfico ensinado na escola e o saber adquirido pelas suas experiências de vida”. Na intersecção dos trabalhos de Malavski (2016), Alves (2009), e Borges (2008), observa-se que o ensino de Geografia na EJA deve estar voltado para a formação cidadã. Para isto, cabe desenvolver metodologias fundamentadas em uma práxis pedagógica crítica, que favoreça condições de elevação do pensamento dos alunos para a compreensão das múltiplas relações que implicam na produção do espaço geográfico e impactam na reprodução da vida. Em se tratando do questionário, foi enviado para um grupo de 24 bolsistas que atuam no referido subprojeto, tendo a devolutiva de 17 bolsistas, que responderam questões sobre como avaliam as suas experiências de atuação no PIBID e aproximação no espaço escolar; as dificuldades encontradas; a importância dessas experiências na formação profissional e acadêmica; e como veem a importância da Pedagogia Histórico Crítica (PHC) no ensino de geografia. Como resultados, os licenciandos(as) avaliam positivamente as experiências no PIBID, mesmo com algumas implicações e limites na atuação. Apresentam um conjunto de novas descobertas as quais contribuem para a formação profissional e acadêmica, dando para eles uma nova visão do que é ser professor. Reconhecem a importância da aproximação do fazer universitário com o espaço escolar, expressando momento importante e indispensável nessa construção. Neste contexto são colocadas em prática as teorias estudadas na universidade, confrontando experiências com as múltiplas realidades da educação brasileira, oportunizando reinventar-se como professores. Sobre as dificuldades que encontraram na sala de aula, alguns bolsistas afirmaram não existir dificuldades, outros apontaram a falta de atenção ou facilidade em perder atenção, da parte dos alunos. Outra dificuldade diz respeito à ausência de compreensão do conteúdo e escassez de conteúdo no livro didático de geografia, sendo ele o único material didático que os alunos têm acesso. Em relação à troca de conhecimentos entre professores e alunos sobre o conteúdo estudado, os bolsistas vêm de forma positiva e proveitosa, conforme segue: “Os alunos aproximam todos os assuntos para a sua realidade”; “funcionou como um tradutor para a compreensão dos alunos”. Os bolsistas chegam ao consenso que as experiências vivenciadas na escola, oportunizaram uma mudança de opinião e posicionamento em discussões sobre temáticas que envolvem a prática no ensino de geografia. Eles vêm a importância da PHC no processo de formação como essencial, visando propor uma construção crítica e autônoma para seus alunos, superando a perspectiva centrada na mera reprodução do conhecimento. Conclui-se, portanto, que, o papel do PIBID de geografia na formação crítico-superadora do licenciando, traduz a práxis como resultado da relação dialética da teoria e da prática. Neste processo, serão aliadas

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO ao ensino de geografia, as ferramentas teórico-metodológicas e didáticas da teoria da PHC de Saviani (1999), cujo processo de ensino para apropriação de conteúdos toma como ponto de partida os problemas da prática social, voltando-se a esta como síntese elaborada no pensamento. Outro suporte teórico-metodológico está em Resende (1986), cujas práticas pedagógicas estão voltadas ao ensino de Geografia para o aluno trabalhador. Assim, o licenciando em Geografia atuante como bolsista no PIBID vai se aproximando das possibilidades de fazer os alunos alcançarem uma formação crítico-superadora, onde a Geografia será apropriada para permitir desvendar as máscaras sociais, possibilitando entender o arranjo espacial e o papel desses alunos trabalhadores na sociedade.

Palavras-chave: ensino de geografia; PIBID; EJA; formação. licenciando.

REFERÊNCIA

ALVES, M. S. **O ensino de geografia e os estudantes/trabalhadores - uma análise a partir de experiência com EJA em Sapiranga - RS.** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas. Santa Maria. RS, 2009.

BORGES, N. F. **A Geografia Escolar Do Aluno EJA: Caminhos Para Uma Prática De Ensino.** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2008.

MALAVSKI, P. D. **O Ensino de Geografia E do Urbano Na Educação de Jovens e Adultos (EJA) No Brasil: As Possibilidades E Uma Formação Cidadã Para a Conquista Do Direito à Cidade.** Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, de São Paulo. São Paulo, 2016.

RESENDE, Márcia Spyer. **A geografia do aluno trabalhador caminhos para uma prática de ensino.** São Paulo, Loyola, 1986.

SANTOS, Elaine Cunha dos; SILVA, Leandro Luiz da; LINS, David Wanderley Silva e ALMEIDA, Jacqueline Praxedes de. **“A apropriação Do espaço Escolar Pelos Pibidianos Geografia Durante O Ensino Remoto”.** *Diversitas Journal*, vol. 7, nº 4, outubro de 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.48017/dj.v7i4.2159>. Disponível em 8 de outubro de 2023.

SAVIANI, Dermeval, **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política.** 32. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

CONSTRUINDO CONHECIMENTO COM AS DIFERENÇAS, CURRÍCULO ESCOLAR E DEFICIÊNCIA

Camila Silva Santos

Universidade do Estado da Bahia
camilasilvasantos8342@gmail.com

Vanderléia Almeida da Silva

Universidade do Estado da Bahia
vanderleiaalmeida76@gmail.com

Márcia Torres Neri Soares

Universidade do Estado da Bahia
mtsoares@uneb.br

RESUMO

A Iniciação Científica (IC) é uma modalidade de pesquisa na qual estudantes da graduação têm a oportunidade de iniciar e desenvolver investigação sendo bolsistas ou voluntários, sob a orientação de um professor. A proposta de iniciar nossa inserção na IC, como discentes do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) *Campus XI- Serrinha/BA*, foi bastante oportuna e atendeu ao Edital nº 019/2023 da Uneb (2023), sob orientação da professora dra. Marcia Torres Neri Soares. O processo foi extenso, porque primeiramente obedeceu ao procedimento de inscrição, em seguida a análise do projeto e subprojetos e, posteriormente, o resultado. Nesse sentido, o edital salvaguardou a averiguação de documentação das pessoas integrantes do projeto de pesquisa, primando pelo atendimento aos critérios de participação. Face a importância da experiência advinda de nossa inserção no projeto intitulado “Uma incursão sobre Currículo Escolar e Deficiência: produções acadêmicas e interfaces com o município de Serrinha-BA”, o presente resumo visa compartilhar as experiências iniciais vividas como bolsistas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), sob o ponto de vista das propostas inclusivas presentes nas diretrizes curriculares da educação pública municipal de Serrinha-BA e das dissertações de Mestrados Profissionais (MP) produzidas na Uneb acerca da temática currículo escolar e deficiência. Embora tenhamos usufruído de pouco tempo de trabalho em relação a pesquisa, haja vista haveremos iniciado em outubro do corrente ano, consideramos ter compreendido a perspectiva teórica da investigação a ser desenvolvida, bem como já haveremos iniciado um contato preliminar com o campo de estudo. O projeto conta com a participação de três integrantes, duas bolsistas e uma orientadora. As duas bolsistas desenvolvem, respectivamente a autoria e coautoria deste trabalho, dois subprojetos, a saber: “O som além da incursão - com a palavra: o *podcast!*” e “Os bastidores de orientações curriculares na perspectiva da inclusão escolar: o município de Serrinha-BA em foco”. Como sabemos, pesquisar requer bastante cuidado, é preciso se atentar a qualquer detalhe, pois a metodologia de pesquisa não é superficial, precisa se aprofundar nas especificidades presentes. Vale ressaltar que nem sempre é possível encontrar respostas para os questionamentos existentes. Isso não representa a impossibilidade da pesquisa, pelo contrário, não encontrar ou localizar poucos estudos indica também uma obtenção de resposta. A abordagem metodológica norteadora dos projetos, em andamento, tem assento na pesquisa qualitativa

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO conforme Ghedin e Franco (2008). Do ponto de vista de sua natureza e inspirada em Pereira (2019), toma a aplicação com possibilidade de produção de conhecimentos na promoção da mudança, como exemplifica a futura construção do *podcast*. Desse modo, o primeiro momento da pesquisa, de buscar, concentrar e analisar os dados encontrados, apresentou-se um pouco complexo, porque como dantes citado, não encontrar dados sobre o objeto de estudo investigado, faz parecer ter algo de errado, porque nem sempre são obtidas as respostas pretendidas. Adentrar no *site* do município de Serrinha e pesquisar sobre o Currículo Escolar, dando ênfase à inclusão foi importante para entender mais a rede municipal aludida. Logo em seguida, realizamos uma nova coleta de dados para investigar o conteúdo curricular nas diretrizes educacionais públicas do município de Serrinha-BA. No presente momento, estamos em fase de elaboração de questões para melhor compreensão do fenômeno, pois os passos anteriormente planejados não foram suficientes para atingir ao objetivo do subprojeto de pesquisa, definido como: investigar orientações curriculares atinentes ao campo da inclusão escolar de estudantes com deficiência, na rede pública municipal de Serrinha-BA. Embora com pouco tempo para realização de estudos, já foi possível conhecer autores sobre a temática do projeto com mais aprofundamento. A exemplo, podemos citar Débora Diniz (2008) ao trazer em seu livro “O que é deficiência?”, questões de suma importância referentes à deficiência. A autora argumenta sobre esta ainda ser considerada uma tragédia pessoal, e não uma questão de justiça social, logo a grande indagação é o fato de a sociedade ser excludente e só estar preparada para indivíduos sem deficiência. Sua concepção é, portanto, da deficiência como uma produção social. Empreender tempo em fazer pesquisa, levantar dados, buscar respostas para os problemas é de grande valia para pedagogas em formação, observando o fato de o sistema educacional ser falho e excludente em diversas questões sociais. Como assegura Demo (2006) ser professor pesquisador é não aceitar a realidade como é proposta, mas sim questioná-la para poder abranger todos os indivíduos. Conforme acreditamos, a IC pode proporcionar para os bolsistas e voluntários (se houver), uma experiência enriquecedora, porque os estudantes se apropriam um pouco mais do campo empírico, pois a pesquisa permite aos estudantes vivenciarem suas nuances com mais propriedade. A participação na IC também oportuniza um levantamento de dados sobre o tema, além de uma leitura aprofundada em relação ao projeto, ou seja, são meses de pesquisa para se obter um bom resultado no final. Explorar, pesquisar, possibilitam um conhecimento mais abrangente. Além disso, ter a oportunidade de realizar um mapeamento de dados oriundos das produções acadêmicas da Uneb, sobre publicações referentes à educação especial e o currículo escolar, já nos provocou a reflexão acerca da carência de estudos, no cenário dos MP da Uneb, voltados para este tema de grande relevância na/para inclusão de pessoas com deficiência, principalmente no aspecto escolar. A inclusão de estudantes com deficiência depende da preparação da comunidade escolar para promover sua participação. Sobre esta última afirmação, consideramos um infortúnio as escolas não estarem preparadas para receber estudantes com deficiência, afinal precisamos reconhecer e respeitar as diferenças na perspectiva de sua participação nas práticas curriculares desenvolvidas em diferentes escolas.

PALAVRAS-CHAVE: pesquisa; inclusão; deficiência; currículo escolar; iniciação científica.

REFERÊNCIAS

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

AFONSO, Lucas. **Iniciação Científica**: o que é, como funciona - Brasil Escola. 13 de abril de 2022.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2006, 128p.

DINIZ, Debora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007. Coleção Primeiros Passos; 324p.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. A construção do olhar do pesquisador. In: GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 69-82.

PEREIRA, Antônio. **Pesquisa de Intervenção em Educação**: teoria e prática. Salvador: EdUNEB, 2019.

Universidade do Estado da Bahia. **Edital referente as inscrições para apresentação de propostas às bolsas de Iniciação Científica (IC) e de Iniciação Tecnológica (IT)**. Salvador, Uneb, 2023.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

APRIMORANDO E DESENVOLVENDO NOVAS HABILIDADES EDUCACIONAIS SOCIAIS RESPEITANDO E ACEITANDO AS DIFERENÇAS

Camila Silva Santos

Universidade do Estado da Bahia
camilasilvasantos8342@gmail.com

Lyvia Nascimento Santos

Universidade do Estado da Bahia
lyvianascimento20@gmail.com

Mariana Santos

Universidade do Estado da Bahia
msilva8605285@gmail.com

Milena Caldas

(Supervisora Pibid) Capene – Serrinha-BA
milenaejosemar@hotmail.com

RESUMO

O presente resumo visa expor a experiência de bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) a partir de um plano de atendimento educacional especializado que foi desenvolvido no espaço educativo CAPENE (Centro de Atendimento Pedagógico a Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais) em Serrinha, Bahia com uma criança com o diagnóstico CID Q 90 (Síndrome de Down). Este trabalho contribuiu de forma significativa na formação, principalmente no que tange ao trabalho pedagógico permitindo-nos uma aproximação com a realidade de estudantes com deficiência mencionada. O objetivo central foi desenvolver atividades lúdicas com crianças que possuem SD (Síndrome de Down), assim como a outros alunos com diversas condições, para estimular a autonomia, auto aceitação e respeito. A partir da história: “Uma amiga diferente” escrito por (Honora, Márcia 2008), que aborda sobre características diferentes permitindo que as crianças não se sintam menosprezadas em ambientes sociais por possuir alguma condição, e ainda, esse é um tema pertinente que precisa ser dialogado e exercitado com os alunos para que possam desenvolver reflexões no processo de aprendizagem. Dentre as atividades realizadas realizamos: colagem com EVA para aprimorar a coordenação motora da estudante; trabalhamos as letras, sílabas e números naturais com intencionalidade, o desenvolvimento da consciência fonêmica, silábica, leitura, percepção de som inicial, auxiliando para que a aluna conseguisse relacionar som/grafia, além de mostrar e valorizar a beleza e a riqueza das diferenças. Uma vez que, tenhamos o intuito de promover a autonomia e aprendizagem significativa para a estudante que escolhemos aplicar o plano de atendimento educacional especializado. A atividade foi aplicada com a participação de outros estudantes atendidos no CAPENE visando trabalhar o respeito à diferença, pois parafraseando Nelson Mandela (...) “Para odiar as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar”. No artigo 3º da Resolução CNE/CEB N° 2, de 11 de setembro de 2001 especifica que: “Por educação especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure serviços educacionais e recursos especiais. Organizados institucionalmente para apoiar, complementar. Suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentem necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica” (Brasil - MEC/SEESP, 2001, p. 1); Ainda que a Constituição Federal garanta o direito à educação de qualidade para todos, sabemos que muitos estudantes não desfrutam desse direito de forma plena. Uma vez que, muitos alunos que têm NEE (Necessidades Educativas Especiais) são deixados de lados na sala de aula, sem o atendimento especializado, a partir disso, são excluídos e acabam tendo baixo rendimento na aprendizagem. Não basta inserir esses estudantes dentro da sala de aula, é preciso trabalhar de maneira inclusiva, com os olhos atentos e sensíveis, afinal, cada aluno tem a sua particularidade. A criança com SD tem desenvolvimento mais lento do que as outras crianças, isto não pode ser determinado ao nascimento e não significa que ela não possa aprender, precisa de um trabalho de estimulação desde que nasce para poder desenvolver todo seu potencial. Toda criança depende de estimulação contínua bem como oferecer-lhes as terapias de apoio precocemente para vencer as primeiras dificuldades físicas provocadas pela hipotonia e estimular sua inserção nas atividades de vida diária Como consta no (Movimento Down, 2014, p. 19) “... a pessoa tem os efeitos do material genético que variam enormemente de um indivíduo para outro. A pessoa terá suas próprias potencialidades, talentos, gostos, personalidade e temperamento”. A aplicação foi um momento riquíssimo, uma vez que superou todas as nossas expectativas, atingindo assim, os nossos objetivos e contribuindo de forma significativa para nossa formação, principalmente no que tange o desafio de produzir e aplicar um plano de atendimento educacional especializado, permitindo-nos uma aproximação com a realidade de estudantes com deficiências e auxiliando na desconstrução do capacitismo construído socialmente.

PALAVRAS CHAVES: educação; inclusão; deficiência; síndrome down.

REFERÊNCIA

BRASIL. **Resolução CNE/CEB N°2**, de 11 de setembro de 2001. Institui Diretrizes Nacionais. Ministério da Educação, disponível <http://portal.mec.gov.br>

COSTA, L. **A inclusão escolar de um aluno com Síndrome de Down:** um estudo de caso. Monografia - Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar- Universidade de Brasília. Brasília, p. 58. 2011

HONORA, Márcia. **Uma amiga diferente.** São Paulo, Ciranda Cultural Editora, 2008.

MOVIMENTO DOWN. **Legislação e direitos.** 2014. Disponível em: <http://www.movimentodown.org.br/2013/06/politicas-publicas/>. Acesso em: 30 de outubro de 2023.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

**FEIRAS LITERÁRIAS: UM ESTUDO SOBRE A FEIRA LITERÁRIA
INTERNACIONAL DE SERRINHA E SEU PAPEL VITAL NA PROMOÇÃO DA
EDUCAÇÃO E DA CULTURA**

Isabelle Sanches Pereira
isspereira@uneb.br
UNEB /Campus XI
Marcondes Santos da Silva
UNEB/ Campus XI
smarcondes053@gmail.com

RESUMO

As Feiras Literárias no Brasil têm se proliferado a partir da primeira década do século XXI, com uma proeminência no ano de 2018, Alves (2018). Estes eventos, inicialmente, ocorriam, na maioria das vezes, nas capitais brasileiras e tinham como foco o livro. Neste texto pretendemos, discutir, brevemente, o papel das Feiras Literárias como um movimento educacional-cultural extremamente relevante para o desenvolvimento local das cidades, das relações entre universidade, escola, movimentos sociais, que vem ganhando outros perfis, inclusive, a partir do processo de interiorização. Fazemos isso a partir da experiência da I Feira Literária Internacional de Serrinha (FELIS) que teve como tema da sua primeira edição o bicentenário de independência da Bahia, rememorando um dos momentos mais significativos da história do Estado. A programação apresentou diversas rodas de conversas e atividades culturais, voltadas para a representatividade feminina na consolidação de tal fato, por meio da Literatura Negra. Neste viés, se voltou para o reconhecimento de mulheres como Maria Quitéria, Joana Angélica e, sobretudo, Maria Felipa, atuantes no processo de Independência da Bahia, Farias (2010), sendo a última, homenageada com uma tenda no referido evento. A FELIS contribuiu para a difusão de conhecimentos concernentes a atuação de mulheres negras em processos políticos, onde a Literatura Negra tem emergido como espaço de autorias até então não visibilizadas. A Programação da FELIS, resultado de um planejamento conjunto entre vários seguimentos, educação básica, universidade, organizações dos Movimentos Sociais propiciou reflexões contundentes em relação fatos históricos que por vezes não são abordados pelas instituições de ensino, como a história de lideranças como Maria Felipa. A Feira Literária internacional de Serrinha foi espaço para educadoras/es de municípios do Território do Sisal manifestarem suas inquietações referentes a implementação da Lei 10.639/2003, ressaltando a urgência de pautas afirmativas que fortaleçam processos de autorias, nos currículos oficiais por meio das literaturas. Através das. conversas literárias, os participantes puderam refletir sobre a importância de personagens que fomentam a construção de identidade e memória coletiva baiana, fomentando a formação de senso crítico da sociedade. Os debates pautaram discussões referentes à representatividade negra na literatura, nas diversas áreas de conhecimento, visando ampliar a diversidade de vozes e perspectivas dentro do contexto escolar. Pinheiro (2023) suscita que professores são “doadores de memórias” e que podemos pensar no papel político na difusão desses saberes. Neste sentido, a FELIS, foi durante quatro dias espaço para pensar temas como racismo, inclusão, sexualidades,

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO territorialidades, infâncias, fomentando as contribuições para a formação histórica e cultural do Brasil. Junto a isso deu visibilidade a práticas pedagógicas, produções literárias de autores/as, educadores e estudantes da escola básica, universidade, grupos culturais do Território do Sisal e de outros lugares do país. A pesquisa, ora proposta, tem o interesse de acompanhar os efeitos gerados pela primeira FELIS por meio da metodologia das Rodas de Conversa, Costa, Oliveira, Farias, (2021) junto aos seguimentos que construíram a primeira edição, bem como, o registro do processo de organização por meio da participação na organização da segunda edição, que ocorrerá em maio de 2024. A experiência de pesquisa foi iniciada a partir da reunião de avaliação da I FELIS e se amplia com a parceria entre professora orientadora e estudante, autores deste resumo, tendo em vista a construção de uma dinâmica metodológica processual e participativa de todos/as os momentos da consolidação da segunda edição. A iniciativa se constitui como uma das ações do Grupo de pesquisa Entre Elas: educação e culturas, através da Linha de Pesquisa Autorias, Currículo, Identidades, Corporeidades que tem como objetivo: pesquisar práticas e atos sociais e discursivos, gestos de fala, expressões corporais e artísticas em movimentos, construções de autoria realizados por sujeitos individuais e/ou coletivos que provocam desolamentos, atravessamentos, rasuras em posições hegemonicamente constituídas; dar ênfase aos fazeres em espaços-tempo, cotidianos curriculares escolares e não escolares onde se desenrolam, são difundidas interculturalmente ancestralidades, experiências de organização, processos de resistências. Neste viés, é relevante pautar que a FELIS se caracterizou por ser um espaço de diversidade e inclusão que primou pela acessibilidade das pessoas com deficiência, possibilitando assim a inserção deste público aos diferentes espaços do evento, subsidiadas através de monitoria voluntária de estudantes do Campus XI da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e de bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da referida instituição de ensino superior. Paralelo a isso cumpre ressaltar que as Feiras Literárias desempenham um papel fundamental no fomento à leitura e a visibilidade da literatura, local e regional que proporcionam um espaço de encontro e diálogo entre leitores e escritores, bem como outros profissionais do meio literário, a fim de promover trocas de experiências e saberes oriundos das vivências cotidianas, além de conhecimentos advindos de suas comunidades. Para além disso, a formação leitora é estimulada por meio da contação de histórias, palestras e oficinas que se constituem como elementos integrantes das programações de diversas feiras literárias, e que favorecem o desenvolvimento de potencialidades concernentes a escrita e interpretação de textos, sendo ambas aliadas ao sucesso escolar. Em suma, compreende-se que as Feiras Literárias são vistas como ferramentas essenciais para a disseminação da literatura e cultura na sociedade, proporcionando um espaço de interação e descoberta que preconiza a formação crítico-reflexiva dos/as leitores/as.

PALAVRAS-CHAVE: FELIS; feiras literárias; literatura.

REFERÊNCIAS

ALVES, Vanessa da Silva. **Circulação da Literatura Afro Brasileira dos Cadernos Negros ao Projeto Enegrascência**. Coleções: Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas. 15-Jun-2018. Disponível em: <http://www.saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/897>.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

COSTA, Lima Sandy; OLIVEIRA, Wenderson Silva; FARIAS, Isabel Maria Sabino de
Conversa como metodologia de pesquisa: Por que não? Teoria e Prática da
Educação, v. 24, n.3, p. 221-225, setembro/dezembro 2021.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista.** São
Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIAS DOMÉSTICAS E SOCIAIS VIVENCIADAS PELAS CRIANÇAS: O QUE A ESCOLA TEM A VER COM ISSO?

Evelyn Matos Santana

Estudante do Curso de Pedagogia
UNEB- CAMPUS XI

Lucas de C. Cardoso

Psicólogo NAAPA/ Escola Teodoro

RESUMO

Nos dias contemporâneos, tem se tornado cada vez mais forte o clamor da sociedade em relação a denúncias de casos de violências cometidas contra crianças. Cotidianamente, nos deparamos com frequentes noticiários em televisão, jornais e revistas, relatando os casos, os quais se tornam alvo de indignação nacional. Portanto, é necessário que haja um estudo mais aprofundado para que se tenha conhecimento de como é possível, acabar, ou pelo menos reduzir a incidências de episódios recorrentes relativos a diversos modos em que se cometem violências contra a infância. É certo que, muitas crianças podem trazer consigo todo o sofrimento dos maus tratos para dentro da escola, e nestes casos, o professor é um dos personagens mais importantes nessas histórias. O professor desempenha um papel crucial na vida das crianças, pois muitas vezes é a pessoa em quem elas depositam sua confiança para compartilhar seus segredos, enquanto aprendem e ensinam juntos. Por essa razão, o docente se torna uma peça fundamental na luta contra o abuso e a violência que ocorrem diariamente contra as crianças, devendo atuar na prevenção dessas situações. Assim, do lugar de uma professora em processo de formação, no curso de Pedagogia, me propus a estudar a seguinte questão: De que modo a escola pode atuar no enfrentamento ou prevenção de violências sofridas pelas crianças de modo efetivo? Objetivamos de modo mais geral: Conhecer ações efetivada pela escola na prevenção e enfrentamentos as violências cometidas contra as crianças. Em termos mais específicos, buscamos: Conceituar situações de violências vivenciadas pelas crianças; identificar os principais tipos de violências vividos pelas crianças e descrever as ações de enfrentamentos e prevenção articuladas pela escola A motivação para efetivar a pesquisa surgiu, por conta de ser membro deste, (Conselho Municipal da Criança e do Adolescente – CMDCA). Por conseguinte, frequentemente há relatos de crianças que sofrem diversos tipos violências, sejam elas no ambiente familiar e fora dele. E, mediante a essa realidade, nasce o desejo de pesquisar sobre o tema no ambiente escolar, especificamente numa Escola Municipal de Serrinha. Para efetivar o estudo, fundamentamos nossos diálogos a partir de uma interlocução com autores como: Adorno (2021), Veronese (1998), Lopes Neto (2011), Zanelle (2002) dentre outros. A metodologia adotada foi de abordagem qualitativa, sendo um estudo de campo, de caráter exploratório inicial, tendo como local de estudo uma escola pública, localizada na Cidade de Serrinha, contando como colaboradores: um profissional psicólogo e uma turma de crianças escolarizadas no sexto ano. O estudo se processou por meio da entrevista com o psicólogo escolar e por meio de uma oficina pedagógica planejada e orientada pelo profissional psicólogo, através da qual, de modo lúdico escutamos as crianças em suas falas sobre o fenômeno da violência. Apesar de estarmos imersos numa sociedade contemporânea, ainda pouco se

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO discute ou se fala no ambiente escolar sobre violência sexual infantil, e em consequência, pode-se dizer que, não existe uma discussão preestabelecida para os casos que possivelmente são detectados para que haja uma solução. É certo que esta pesquisa e próprio tema possui uma vertente de discussão muito forte, pois envolve a criança, familiares e o ambiente que vive. Portanto, trazer e ampliar este tema para ambiente escolar é de grande valia para o desenvolvimento e aprendizagem deste aluno, pois violência sexual infantil interfere de forma negativa em todos os aspectos sociais, afetivos e emocionais. A intenção em efetivar uma pesquisa sobre a temática da violência cometida contra a infância foi provocar reflexões e discussões sobre o tema no ambiente acadêmico. Pois, o contexto atual da realidade pesquisada, é bastante restrita, por ser um assunto visto como um tabu no ambiente escolar, e diante disso surge a importância de trazer este tema para os ambientes de discussões para que possa buscar soluções para essa realidade cruel encontrada nas escolas. Para isso, experimentamos a busca pelo entendimento do que significa violência em busca do conceito, para assim tentarmos compreender todo o ciclo que se instala e imprime sofrimento a infância. Mas, para além disso, este estudo, se pautou pela defesa da ação em desconstruir a banalização e inércia em relação a situação de violação dos direitos das crianças a terem uma vida digna, saudável e feliz, como dever ser vivida a infância. As experiências vivenciadas na infância e adolescência têm consequências profundas para o bem-estar na vida adulta. A alta prevalência de violência entre crianças, identificada como um fator comum em diversos casos, destaca a necessidade de abordar esse problema de forma abrangente, por meio da prevenção, intervenção precoce e educação. É fundamental enfrentar esse desafio duradouro, visando garantir um ambiente seguro e saudável para as crianças, proporcionando-lhes oportunidades de crescimento e desenvolvimento pleno. Os professores devem estar bem-preparados para desempenhar um papel fundamental na identificação e resposta às situações de violência contra criança, uma vez que têm contato com crianças mais do que qualquer outro serviço, embora os funcionários das escolas possam não ser capazes de acabar com a violência em casa, eles estão em posição de fazer uma diferença considerável na vida das crianças. A proteção eficaz da criança requer a compreensão dos papéis colaborativos, as crianças são mais bem protegidas quando os profissionais são claros sobre o que é exigido delas individualmente e como elas precisam trabalhar juntas. Os programas de prevenção na escola são mais eficazes quando promovidos por meio de políticas e práticas de toda a escola do que por meio de programas de componente único ou professores individuais. Promover a participação em programas educacionais preventivos, como o maio profissionais que desempenham um papel fundamental na identificação da violência doméstica. Experiências de abuso podem abalar a confiança dos jovens nos adultos e na capacidade deles em oferecer apoio e proteção. Assim, é de vital importância que os professores construam uma relação de confiança com as crianças

Palavras-chave: violências; infâncias; escola.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. **Os jovens e sua vulnerabilidade social**. 1. ed. São Paulo: AAPCS – Associação de Apoio ao Programa Capacitação Solidária, 2001.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

AYRES, J.R; et al. **Vulnerabilidade s prevenção em tempo de AIDS** In: PARKER, R. et al. Sexualidade pelo avesso: Direitos, Identidades e Poder. São Paulo: Editora 34, 1999.

AZEVEDO, Maria Amélia e GERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Mania de bater:** a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Editora iglu, 2001.

BRINO, R. F. **Capacitação do educador acerca sexual infantil.** 2002. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, UFSCar, São Carlos;

CAMINHAR, R. M. A. **Violência e seus danos á criança e ao adolescente.** In: AMENCAR (org.). Violência doméstica. Brasília: Unicef. 1999. p. 43-60;

DREZETT, J. **Aspectos biopsicossociais da violência sexual.** Jornal da Rede Pública, n. 22, p. 18-21, 2000.

LOPES NETO, Aramis Antônio. **Bullying:** saber identificar e como prevenir. São Paulo: Brasiliense, 2011.

ZANELLI, J. C. **Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas.** Estudos de Psicologia, v. 7, p. 79 - 88, 2002

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Aline Santos Macedo

Universidade do Estado da Bahia
alinemacedoo16@gmail.com

Mariana Santos da Silva

Universidade do Estado da Bahia
msilva8605285@gmail.com

Vera Cecília Marques Reis

Universidade do Estado da Bahia
marquescecilia26@gmail.com

RESUMO

A escrita desse resumo tem como objetivo apresentar a oficina que tem como temática “ a importância da afetividade no processo de aprendizagem do aluno com deficiência intelectual “. Construída a partir das seguintes questões observadas: como construir uma relação afetiva com os alunos com deficiência intelectual?; De que forma o mediador pedagógico pode utilizar momentos afetivos para estimular as habilidades do estudante?. No decorrer do período de observações aos atendimentos educacionais individualizados através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID, foi possível perceber que a afetividade é um fator fundamental no processo educacional, uma vez que, o espaço e a relação afetiva contribui significativamente no processo de ensino aprendizagem, por ser um facilitador das habilidades cognitiva, motora e emocional. Autores como Vygotsky, Piaget e Wallon retratam em suas teorias que a afetividade integra um conjunto importante para o processo de desenvolvimento e aprendizagem humana, ficando evidente que é na relação com o outro e por meio desse outro, que o indivíduo se desenvolve (Lataille, 1992). Segundo Oliveira (1993, p.26) e Pino (1991) o mediador é responsável pela construção e interação na relação para com o aluno, a fim de estabelecer uma relação entre estímulo e resposta.

O mediador é aquele que no processo de aprendizagem favorece a interpretação do estímulo ambiental, chamando a atenção para os seus aspectos cruciais, atribuindo significado à informação recebida, possibilitando que a mesma aprendizagem de regras e princípios sejam aplicados às novas aprendizagens, tornando o estímulo ambiental relevante e significativo, favorecendo o desenvolvimento. O mediador pode levar a criança a detectar variações por meio da diferenciação de informações sensoriais, como visão, audição e outras; reconhecer que está enfrentando um obstáculo e identificar o problema. Pode também contribuir para que a criança tome mais iniciativa mediante diferentes contextos, sem deixar que este processo siga automaticamente e encorajar a criança a ser menos passiva no ambiente.(Mousinho et al., 2010, p. 94).

A oficina será desenvolvida com a contribuição de 3 mediadora e 2 convidadas,

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO sendo uma psicóloga que abordará a importância da afetividade no contexto infantil e uma psicopedagoga que fará um relato acerca do reflexo do uso da afetividade durante os Atendimentos Educacionais Especializados ; após a roda de conversa colocaremos a dinâmica “ para unir e valorizar “ em ação, tendo como objetivo deixar evidente a importância do mediador e que cada um tem um jeito diferente e semelhante. Após a socialização do material produzido na dinâmica caminharemos para a finalização da oficina. Em linhas gerais, o estudo revelou que a afetividade impacta diretamente na aprendizagem dos estudantes em destaque nos aprendizes com NEE. Revelou ainda o mediador é como peça chave para execução eficaz nas práticas educativas. A partir das observações concluímos que é importante discutirmos essa temática no ambiente universitário, pois neles estão inseridos os futuros mediadores e profissionais que atuarão no contexto da educação inclusiva. Sendo também um espaço ideal para ouvi-los e ajudar a sanar as possíveis dúvidas sobre o tema abordado.

PALAVRAS CHAVE: afetividade; aprendizagem; mediador; ensino.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

CONFEÇÃO DA MASSINHA DE MODELAR CASEIRA COMO POSSIBILIDADE DE PROMOÇÃO DO LETRAMENTO

Naially Teles de Oliveira Rocha

naially6@gmail.com

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Veluzia Santos da Silva

vehl2003@gmail.com

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Patrícia Souza de Jesus

patysjesus2001@gmail.com

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Dilzete da Silva Mota

dmota@uneb.br

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

INTRODUÇÃO

O presente resumo tem como intuito relatar a experiência vivida pelas estudantes: Ananda Santiago de Oliveira; Cléo Santos de Santana, Ivila Maria Lima Ferreira; Naially Teles de Oliveira Rocha; Patrícia Souza de Jesus e Veluzia Santos da Silva no desenvolvimento da oficina pedagógica: Expressão da criatividade através da confecção da massinha de modelar caseira, desenvolvida numa sala do fundamental 1, na cidade de Serrinha BA.

A oficina pedagógica surge como uma forma de oportunizar uma vivência escolar, visando o repensar da prática pedagógica tradicional, proporcionando momentos lúdicos com objetivos que priorizem a aprendizagem da estrutura do gênero textual, sua função social, bem como exercício da criatividade e da autonomia.

Corroborando com essa concepção, buscamos trabalhar o gênero textual alinhado a uma atividade prática e lúdica que favorecesse a participação integral de todos os alunos, por isso escolhemos a receita da massinha de modelar.

Um dos benefícios de trabalhar a criação de massinha de modelar é o desenvolvimento da autonomia. Segundo Kamii (1990), a essência da autonomia é que as crianças se tornem capazes de tomar decisões por elas mesmas. Partindo disso, podemos constatar que o trabalho com a massinha estimula os estudantes na descoberta de seu potencial criativo, tornando-os capazes de decidir por si mesma o seu objetivo. A autonomia permite o desenvolvimento da coordenação motora e criatividade, pois implica no domínio de movimentos, estimulando novas formas de pensar e criar, valorizando suas habilidades e experiências.

Desse modo, o objetivo geral dessa oficina foi oferecer um momento de criação livre e expressão artística através de desenho e/ou escrita. E teve como específicos: estimular a criatividade e autonomia; oportunizar práticas de letramento e proporcionar o desenvolvimento da concepção do gênero Receita.

Sendo assim, o trabalho proporcionou um espaço onde os alunos expressaram-se de forma livre e descontraída e através de práticas de letramento.

DESENVOLVIMENTO

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

Partindo do ponto em que o letramento é a compreensão e interpretação do que é proposto, e que, de acordo com Magda Soares (2003), “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte de leitura”, a oficina foi desenvolvida com ênfase no gênero textual “receita” utilizando como materiais: figuras impressas, durex, farinha de trigo, tinta guache, óleo, água, copos descartáveis, palitos de picolé, lápis, tesoura, folhas de ofício, lousa e piloto, buscando estimular os estudantes no desenvolvimento da autonomia, possibilitando conhecer características desse gênero ao mesmo tempo que oportuniza um tipo de letramento através do lúdico.

O desenvolvimento se deu com o foco na construção da receita de massinha de modelar, apresentando um novo conteúdo que trabalha o gênero textual receita, segundo Marcuschi (2008):

Mesmo que o falante não possua um saber técnico, ele é capaz de se comunicar e ser compreendido por seu interlocutor. Algo que acontece porque os gêneros textuais não são criados por um falante, eles resultam “de formas socialmente maturadas em práticas comunicativas na ação lingüística”. É assim que algumas formas lingüísticas são facilmente reconhecidas, por estarem histórico e socialmente já consagradas como marcas de alguns gêneros. É o caso da expressão adicione duas claras em neve (para uma receita culinária) (Marcuschi, 2008).

Em concordância com essa afirmativa de Marcischi, optamos pela exposição e introdução do gênero receita para que eles de fato se apropriassem do saber instrucional que cabe nesse tipo específico de gênero textual, assim, a nossa oficina foi dividida em cinco momentos. Inicialmente foi realizado questionamentos com os alunos com perguntas do tipo “Você sabe o que é uma receita? Já fizeram alguma receita? E para que serve uma receita?” em seguida foi colocado no quadro os materiais necessários, as quantidades e o passo-a-passo para preparar a receita e a socialização sobre os conhecimentos específicos do gênero trabalhado. O próximo passo foi a confecção da massinha de modelar caseira. Após a produção, eles foram orientados a fazerem uma criação livre e expressão artística através de desenho e/ou escrita, seguindo o pensamento de Angela Kleiman:

O letramento envolve ainda saber usar o código da escrita, quaisquer dos enfoques e recursos utilizados para ensinar a decodificar, analisar e reconhecer a palavra (que corresponderiam aos métodos tradicionais de alfabetização) também podem ser considerados práticas de letramento escolar (Kleiman, 2005. p.10).

A partir dessa experiência foi notório a percepção dos estágios de escrita alfabética presente entre os estudantes da turma, a maioria conseguiu sem dificuldade aparente analisar, reconhecer o gênero exposto no quadro, além da escrita de palavras espontâneas na arte criada por eles.

A última etapa aconteceu através de uma roda de conversa onde foram expostas e socializadas as artes confeccionadas por cada aluno, com o intuito de compreender o imaginário por trás de cada desenho.

Destarte, essa atividade trouxe resultados e análises bastante significativas tanto para as *oficineiras* quanto para o público-alvo. Constatou-se mais uma vez o quanto recursos práticos e lúdicos contribuem para a construção de uma aprendizagem significativa, logo essa compreensão fomenta a nossa formação em Pedagogia, além disso, os estudantes de fato alcançaram os objetivos propostos anteriormente.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta evidenciada foi realizada a fim de contribuir com o processo de aprendizagem dos educandos e com a escola, para que esta consiga visualizar, de forma concreta, novas possibilidades de trabalho e possa contribuir efetivamente com a inclusão de atividades que tornem o aluno o principal autor de sua aprendizagem, e que eles possam se expressar livremente.

Na oficina, utilizamos uma metodologia que possibilitou respeitar o tempo de aprendizagem de cada aluno, atendendo às suas especificidades e contribuindo de forma positiva para o desenvolvimento da autonomia, da atenção, despertando a curiosidade e estimulando a participação e interação durante o processo.

Como resultado tivemos a interação e participação de todos os alunos, o que tornou nosso trabalho bastante significativo na contribuição para a aprendizagem dos educandos.

PALAVRAS-CHAVE: massinha de modelar; letramento; autonomia.

REFERÊNCIAS

KAMII, Constance. **A autonomia como finalidade da educação:** implicações da teoria de Piaget. In: A criança e o número. Campinas, SP: Papyrus, 1986.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento. Não basta ensinar a ler e a escrever.** Cefiel/ IEL/ Unicamp, 2005, 1.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização:** as muitas facetas. 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

DIFERENÇAS ÉTNICO-RACIAIS EM JULGAMENTO: VOZES DE TESTEMUNHAS.

Calliane Freitas Pereira da Silva¹

Universidade do Estado da Bahia, Serrinha, Ba, Brasil

callianefreitas@gmail.com

Carla de Jesus Freitas²

Universidade do Estado da Bahia, Serrinha, Ba, Brasil

Freitascarla880@gmail.com

Valdiana Ferreira Santos³

Universidade do Estado da Bahia, Serrinha, Ba, Brasil

Valdianaf01@gmail.com

Dilzete da Silva Mota Ramos⁴

Universidade do Estado da Bahia, Serrinha, Ba, Brasil

dmota@uneb.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho, que tem como tema: Diferenças étnico-raciais em julgamento: Vozes de testemunhas, surgiu a partir do estudo das características Linguísticas e estruturais do gênero textual artigo, durante aulas ministradas pela professora Dilzete da Silva Mota Ramos, do componente curricular do primeiro semestre: Práticas de Leitura e Produção de Textos Acadêmicos, do curso de Pedagogia, da Universidade do Estado da Bahia. Tem-se como proposta tratar de uma realidade que se faz presente em nossa sociedade, temos como objetivo relatar nossas experiências vivenciadas por três testemunhas, que se fez presente na sala de aula, no ano de 2023. Por sua vez, o júri simulado foi desenvolvido na instituição que faz parte do curso de licenciatura em pedagogia, 1 semestre da Universidade do Estado da Bahia – Campus XI no município de Serrinha. Este resumo tem como objetivo refletir e abordar a importância de combater o racismo contido em nosso cotidiano. O artigo selecionado para discussão e identificação das partes constitutivas foi: A questão da diversidade e da política de reconhecimento das diferenças da autora Kabengele Munanga. O envolvimento dos alunos com a temática deu origem a ideia de a professora propor aprofundar as discussões a partir da organização e apresentação de um Júri simulado. Nesse contexto, a questão mobilizadora do júri foi: existem diferenças étnico raciais no Brasil? O objetivo geral deste trabalho tem como finalidade debater as diversidades raciais que existem no mundo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar o trabalho, o artigo “A questão da diversidade e da política de reconhecimento das diferenças”, Munanga (2014, p.38) que reforça “(...) uma sociedade de mistura de sangue altamente mestiçada, onde os indícios da discriminação devem ser buscados nas diferenças socioeconômicas e não nas diferenças raciais (...)” Ou seja, há muitas outras questões para serem debatidas em relação ao preconceito, mas só apontam a questão racial. E de acordo com a Lei nº 10.639/03 as escolas de ensino fundamental e de ensino médio devem ensinar a história da cultura afro-brasileira, ressaltando a importância da cultura negra na

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO formação da sociedade brasileira. Se o próprio Estado brasileiro reconhece essa situação em forma de uma lei, não há por que concentrar discussão em questões menores de racismo, diferenças raciais, entre outros, diante de tantas outras questões maiores que assolam o povo brasileiro.

A metodologia para desenvolver este trabalho resultou-se pelo estudo do artigo de Mununga (2014) que deu origem ao trabalho: diferenças étnico-raciais em julgamento. A proposta apresentada tem como intuito organizar as discussões através de um Júri simulado. O júri organizado deve conter: réu, juiz, jurados, advogado de defesa, promotor, testemunhas de acusação e de defesa. Dessa forma a divisão da sala será feita em dois grandes grupos através de um sorteio realizado, para elaboração de argumentos contrários e favoráveis à existência da diferença étnico racial no Brasil. A Seleção foi feita da seguinte forma: cada grupo de três advogados e de três testemunhas para produzirem argumentos e ou testemunhas convincentes. O nosso grupo é o de testemunhas de acusação o qual acusa a inexistência do racismo, acusando que não existe, através de histórias vivenciadas pelas testemunhas. Já o grupo oposto defende o contrário, alegando a existência do racismo.

As vozes das testemunhas de acusação mostram situações que caracterizam a não existência de diferenças étnico raciais em nossa sociedade, reforçando que o povo brasileiro vive numa democracia real onde os direitos e oportunidades são assegurados a todos, como pode se observar:

Me chamo Carla de Jesus Freitas, tenho 32 anos, sou médica, desde da minha infância estudei em escola pública. Passei na melhor faculdade da Bahia, na Universidade Federal do Estado da Bahia. Mesmo vindo de uma família humilde conquistei meu espaço como qualquer outra pessoa, com muita dedicação aos meus estudos e sem depender das cotas para poder alcançar meu maior sonho e objetivo. Lembro de cada momento vivido na minha trajetória, meus colegas com muito amor e carinho me acolheram, minha experiência no ambiente universitário foi muito importante para minha vida. Hoje atuo na minha área, me sinto muito feliz e orgulhosa de poder exercer minha profissão e ajudar a contribuir com meu país.

Meu nome é Valdiana, tenho 38 anos, sou casada desde a minha juventude, e continuo com mesmo cônjuge desde a minha mocidade, ele se chama Maciel, é um homem alto, negro e tem uma excelente profissão. Pois, ele passou no concurso pela federal para polícia, na qual ele trabalha atualmente. Diferente dele, sou dona de casa, fico cuidando do nosso filho, e fazendo minhas obrigações. Meu esposo ganha super bem, e é concursado, passou em primeiro lugar na ampla concorrência. Temos um filho de 10 anos que se chama Samuel, e ele estuda em uma escola particular na qual o tratamento é igualitário para todos.

Me chamo Calliane Freitas Pereira da Silva, tenho 32 anos, sou uma mulher negra, vim de família humilde, conquistei meu espaço na política aos 31 anos de idade, Graças aos votos daqueles que me apoiaram, sendo que a grande parte da porcentagem de votos foram de pessoas brancas, as quais realizaram campanhas a favor da minha vitória. Quando ganhei o cargo de governadora, recebi total apoio de mulheres que já conquistaram seu lugar no meio político, maioria delas que também são negras, e que não sofreram preconceitos na sua trajetória por conta da cor de pele, mas sim, por questões socioeconômicas. Então, eu não acredito que algumas dificuldades que passamos seja por conta da questão racial, sendo que existem outros fatores que podem ser a causa, e esse trabalho ajudará a debater as opiniões contrárias e favoráveis sobre este assunto, ou seja, a questão racial. Tantas mulheres guerreiras que já fizeram parte da política, e se destacaram, como: Marina

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO Silva, Jurema Batista, Leci Brandão, Claudete Alves, entre outras. Levando em conta a participação dessas mulheres na política, se o preconceito realmente existisse, elas não conseguiriam chegar aonde chegaram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, realizar essa experiência na sala de aula nos proporcionou enxergar com cautela e solidariedade como devemos ter um olhar crítico diante dos fatos, e não somente dar crédito às opiniões do nosso entorno. Foi um trabalho desafiador porque nos propôs criar argumentar contra ao que acreditamos e vivenciamos na sociedade. As diferenças étnico raciais existem e se manifestam, não por coincidência, nos mais variados lugares: trabalhos, escolas, hospitais, moradias, entre outros em que se encontram a maioria dos trabalhadores negros.

É notório que o racismo está presente na vida do sujeito e até mesmo no mundo. Essa situação pode ser reparada a partir de investimento sério em educação Antirracista e multicultural, que prime pela igualdade e respeito das relações entre os variados povos que formam essa nação.

PALAVRAS-CHAVE: diferenças étnico-raciais; júri simulado; testemunhas.

REFERÊNCIAS

MUNANGA, Kabengele. **A questão da diversidade e da política de reconhecimento das diferenças**. Artigo, p. 38, 2014.

SANTOS, Sales Augusto dos. A Lei no 10.639/03 como fruto da luta antirracista do Movimento Negro. In: **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03** . Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Diversidade, 2005. 236 p. (Coleção Educação para todos).

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

IDENTIDADE EM FOCO: VALORIZANDO QUEM SOMOS

Jorge Antônio da Cruz Santos

Discente – UNEB Campus XI
santos1308cruz@gmail.com

Kívia Rayane Mota dos Santos

Discente – UNEB Campus XI
kivia.ray@gmail.com

Marcondes Santos da Silva

Discente – UNEB Campus XI
smarcondes053@gmail.com

Dilzete da Silva Mota Ramos

Docente – UNEB Campus XI
dmota@uneb.br

RESUMO

A Lei 10.639/2003 foi um marco relevante na ressignificação das práticas pedagógicas no Brasil a fim de promover notoriedade das questões de identidade e representatividade no campo educacional. Neste sentido, a presente oficina intitulada “Identidade em foco: valorizando quem somos” contribui para a compreensão de questões étnico-raciais que norteiam as múltiplas dimensões no campo didático-pedagógico. Através da experiência vivenciada na turma do 5º ano matutino da Escola Municipal Creunite Brizolara no município de Serrinha – BA constatou-se por meio das atividades práticas aplicadas com a utilização da história “Cada um com seu jeito, cada jeito é de um” de autoria de Lucimar Rosa Dias, a identificação dos educandos com o contexto cultural e social da história lida, firmando as indagações e reflexões que possibilitam as noções de identidade e ideais de representatividade.

A presente oficina teve como objetivo principal possibilitar que as crianças compreendessem a história, tendo a capacidade de identificar os traços étnico-raciais dos personagens, podendo correlacioná-los com a sua autoimagem e a partir disso reconhecer a diversidade étnico-racial e cultural e desenvolver a empatia e o respeito pelas diferenças. Além disso, refletirem sobre a importância da literatura no fomento à desconstrução de estereótipos e preconceitos relacionados a população negra. Neste viés, a ideia do projeto surgiu a partir de discussões realizadas no curso de Pedagogia do Campus XI da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no componente curricular Processos de Alfabetização e Letramento ministrado pela professora Dr^a Dilzete da S. Mota Ramos com a finalidade de fortalecer as aprendizagens relacionadas a alfabetização e letramento racial, contribuindo com a efetivação da Lei 10.639/2003 na escola. Para tanto, o livro escolhido para a criação da oficina aborda a história de uma menina negra com características e gostos diferentes da sua família, evidenciando singularidades que permitiram a identificação dos traços fenotípicos pelo público-alvo da ação realizada.

A oficina realizada teve grupo-alvo uma turma do 5º ano do ensino fundamental I de uma escola municipal da cidade de Serrinha – BA, visando a abordagem da temática da representatividade negra e diversidade cultural do país com a utilização do livro “Cada um com seu jeito, cada jeito é de um”. A oficina iniciou com a introdução de uma dinâmica em que os estudantes tiveram a incumbência de descrever algum

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO colega da turma por meio das suas características físicas, para que assim os demais pudessem perceber as várias diferenças étnico-raciais entre eles. Seguindo o planejamento, o segundo momento foi a contação de história do livro supracitado em que foram exibidos os trechos com o auxílio do projetor. Neste momento, as crianças puderam reconhecer as similaridades entre os personagens e seus colegas de turma, evidenciando a compreensão da história narrada. Após isso, houve a proposição da atividade prática da oficina que foi o desafio da produção de um autorretrato, sendo assim foi um momento muito importante da oficina, pois pôde-se observar o empenho deles na sua representação ao mesmo tempo em que foram identificando as várias diferenças expressadas por meio do desenho. Por fim, houve um momento reservado para a exposição dos desenhos e descrição das características físicas.

Em acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2017), “a instituição de ensino precisa conhecer e trabalhar com as culturas plurais, dialogando com a riqueza e diversidade das famílias e da comunidade”. Neste viés, é na escola que se deve nutrir ações que venham contemplar o que se pede nos documentos oficiais, ao mesmo tempo em que se fortaleça nas crianças valores essenciais como respeito, igualdade e empatia com o próximo. Concomitante a isso, Cavalleiro (2001), diz que “as imagens suscitadas tanto pelas ilustrações quanto pelas descrições e ações da personagem negra podem ser úteis de maneira construtiva, de modo que contribuam para a autoestima das crianças negras, bem como a sensibilização das não negras”. O traquejo vivenciado foi importante para reforçar práticas oportunas dentro do contexto educativo, além de apontar possíveis caminhos para o trabalho com a Lei nº 10.639/2003 com o uso da literatura. Em suma, além da lei anteriormente citada, a oficina realizada se fundamentou nos pensamentos de Cavalleiro (2001) e na BNCC (2017).

Percebe-se que o desenvolvimento de oficinas que abordem questões de identidade e representatividade nos anos iniciais do ensino fundamental, contribuem para a compreensão das características fenotípicas por parte dos alunos, além de proporcionar a difusão de conhecimentos provenientes de recursos e metodologias utilizadas na concretização do projeto a fim de desconstruir visões equivocadas acerca de estereótipos e questões étnico-raciais. Paralelo a isso, as instituições de ensino devem corroborar com a implementação do trabalho pedagógico interdisciplinar em consonância com a lei 10.639/2003, fomentando discussões sobre a história dos povos negros e realinhando entendimentos no que concerne as questões de âmbito racial.

Em suma, cumpre ressaltar a necessidade da criação e implementação de atividades como feiras literárias, projetos e oficinas pedagógicas a partir de literaturas que promovam a elevação da autoestima das crianças, invocando, sobretudo, a representatividade e noções identitárias. Com isso, percebe-se que atribuições como essas que trazem um contexto de representatividade e identidade potencializam a compreensão e aprendizagem das crianças, bem como favorecem a aceitação e respeito às diferenças.

PALAVRAS-CHAVE: identidade; representatividade; estereótipos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 18 out. 2023.

_____. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2010. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 17 out. 2023.

CAVALLEIRO, Eliane (Org). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

DIAS, Lucimar Rosa. **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um**. Campo Grande, MS: Editora Alvorada, 2012.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

CURSO DE EXTENSÃO INTERDEPARTAMENTAL HÍBRIDO: OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Deyvson Silva dos Santos

Bolsista PROIEX 2023

deyvsonuneb@gmail.com

Vanessa Araújo dos Santos

araujonessa19@gmail.com

Bolsista PROIEX 2023

Edital Proeix 015/2023

Maria Cezarela Oliveira Carvalho

Professora Orientadora-UNEB

mcoaraujo@uneb.br

RESUMO

O processo de inclusão de pessoas com deficiências no sistema educacional, seja na educação básica e na universitária, assim como na dimensão social, ao longo dos anos, tem sido alavancado de modo assertivo por diversos movimentos da ordem mundial, os quais alargaram e despertaram as pessoas, os cidadãos para a luta em prol de espaços sociais e educativos cada vez mais acessíveis e, por conseguinte, mais inclusivos. Isso significa dizer que, lutar para que todos e todas estejam juntos em processos de aprendizagens coletivas é mister para que tenhamos um mundo mais equânime, e justo sob ponto de vista de oportunidades e construções mais humanitárias, em ações de respeito e celebração da diversidade inerente ao ser humano e ao mundo. Diante de tantos desafios que emergem da necessidade de incluir todos e todas, não importando a condição e mesmo a existência da deficiência, emerge, nos cenários da educação a necessidade legal, social, econômica, cultural, moral e ética de oferecer aos sujeitos condições de equidade para que acessem aos sistemas de educação, permaneçam e possam construir caminhos de aprendizagem. De tal modo, tecer ações que se voltem a formação continuada de professores, educadores e profissionais do AEE se constitui em ação importante para colaboração das Universidades com os processos de construção da educação inclusiva e democrática. De tal modo, ao propor o Curso de Extensão, voltado para educadores, pesquisadores, profissionais da educação, que atuam com pessoas com NEE e ou alguma deficiência, a Universidade atua no papel de agente de fomento, pesquisa e extensão do conhecimento atuando nas comunidades, territórios onde se insere. O curso foi pensado, após várias imersões de estudantes, professores nas realidades vivenciadas nos cenários de escolas de educação básica, localizadas no cenário do Território do Sisal, sobretudo em Serrinha e Conceição do Coité, em relação aos vários entraves e demandas alusivas aos processos de inclusão escolar de estudantes com NEE ou na condição de deficiência. As ações, serão pensadas e articuladas por meio do NAI- Núcleo de Acessibilidade e Inclusão, como espaços e tempos de estudos, pesquisas, produção de conhecimentos, ensino na área da educação especial e inclusiva. Pensamos que as ações a serem efetivadas por meio do curso de extensão, poderão subsidiar construções cooperativas de práticas inclusivas em nossas escolas, e na Universidade. Nosso intento maior será o fomento das práticas pedagógicas e criação de práticas, recursos, tecnologias assistiva e educacionais voltadas para os

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO processos de ensino e aprendizagem de pessoas com NEE e com deficiência. Fomentar as práticas pedagógicas e criação de práticas, recursos, tecnologias assistiva e educacionais voltadas para os processos de ensino e aprendizagem de pessoas com NEE e com deficiência. Constituir espaços-tempos dialogais sobre a construção da escola inclusiva, afetiva e socialmente comprometida com uma ecologia humana, socioambiental. Dialogar sobre os fundamentos teóricos e metodológicos da educação inclusiva e das interseções com o AEE, Fomentar a construção de recursos colaborativos para uso nas atividades do AEE. A metodologia usada se constitui em um movimento construtivo, colaborativo, construção da educação com desenho remoto se traduz como desafio, em razão da situação vivenciada pela pandemia da covid 19, assim como pela emergência de outras variáveis inerentes a condição de multicampia da UNEB. Isso posto, efetivaremos as ações do projeto em tela, em formato híbrido, considerando duas dimensões: 1. Aulas web síncronas e remotas: com o uso da sala de aula no Teams, considerando a especificidade de tal ação, com interação em tempo real; 2. Atividades presenciais- Oficinas, 3. Atividades assíncronas, com uso do AVA - moodle, com a criação da sala de aula virtual: **FORMAÇÃO DE APOIADORES** onde teremos um conjunto de atividades a serem desenvolvidas semanalmente de modo a complementar e ou suplementar carga horária e ampliação de estudos por meio de: leituras, atividades, estudos dirigidos, uso de tutorias de aprendizagens, mapas textuais, discussão, fórum temático online, pesquisas favorecedoras das aprendizagens. As atividades do curso iniciaram-se no mês de fevereiro de 2023, sendo que até o mês de outubro foram realizadas 80% das atividades planejadas tais como: aulas síncronas, plantões pedagógicos, oficinas presenciais, grupos de estudos, atividades no AVA dentre outros. As atividades tem data para conclusão em dezembro, sendo que a expectativa é de que, 75% dos cursistas concluam as atividades com êxito. Para fundamentar as discussões e termos um norte, dialogamos com Vygotsky, Piaget, Mantoan e Mazzota. Ao final do percurso, realizaremos seminário avaliativo, para que possamos refletir sobre os entraves, obstáculos e potencialidades constituídos nesse percurso de dez meses de atividades deste curso, inédito por ser híbrido e por envolver dois Departamentos da Uneb, assim como mobilizar pessoas, instituições parceiras para construção da rede de suporte para as práticas e gestão de políticas públicas em educação especial no Território do Sisal da Bahia.

Palavras-chave: inclusão; acessibilidade; deficiência; NEE; Educação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm.

CARDOSO, Jusceli M. O. de Carvalho, SILVA, Antônio Cesar Ramos & SILVA, Márcia Raimunda de Jesus M. **Falando em Inclusão silenciosa:** Onde está o aluno surdo no currículo Escolar? I Encontro Regional sobre Currículo Escolar dos Territórios de Identidade do Portal do Sertão e Sisal, 2012. ISSN 2357 7096, páginas 150-160. Disponível em: <http://livrozilla.com/doc/1225299/anais-do-i-encontro-regional-sobre-curr%C3%ADculo-escolar-dos>

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO
MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Diferenciar para incluir ou para excluir? Por uma pedagogia da diferença.** EDUCAÇÃO INCLUSIVA - Revista da Pró Inclusão/Associação Nacional dos Docentes de Educação Especial, v. 6, p. 11-14, 2015. Disponível em: <<https://diversa.org.br/artigos/diferenciarpara-incluir-ou-para-excluir-por-uma-pedagogia-da-diferenca/>>.

MAZZOTA, Marcos José Silveira. **Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas.** São Paulo: Cortez, 1996.

VYGOTSKY LS. Obras completas. **Tomo cinco: Fundamentos de Defectologia.** Havana: Editorial Pueblo Y Educación;1989.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL: A CESTA DE DONA MARICOTA

Maria Vanilda de Oliveira Pereira

Universidade do Estado da Bahia/ Campus XI
mariavop18@gmail.com

Roberta de Oliveira Souza

Universidade do Estado da Bahia/Campus XI
robertasouzadpe@gmail.com

Vera Cecília Marques Reis

Universidade do Estado da Bahia/ Campus XI
marquescecilia26@gmail.com

Profª Drª Dilzete da Silva Mota Ramos

Universidade do Estado da Bahia/ Campus XI
dmota@uneb.br

RESUMO

O respectivo projeto surgiu como proposta de atividade do componente curricular do sexto semestre “Processos de Alfabetização e Letramento”, ministrada pela professora Dra. Dilzete da S. Mota Ramos, do curso de Pedagogia, da Universidade do Estado da Bahia/ Campus XI. Visa envolver a utilização de jogos e brincadeiras inclusivas nas aulas de Língua Portuguesa, em uma sala do terceiro ano do ensino fundamental I, em uma escola municipal da cidade de Serrinha-BA. A questão norteadora do trabalho foi, uma literatura que aborda cuidados com alimentação pode contribuir para a construção de hábitos alimentares mais saudáveis? Nesse sentido, foram traçados como objetivos refletir sobre hábitos de consumir alimentos saudáveis a partir da contação da história A Cesta da Dona Maricota, trabalhar e desenvolver momentos de contação de história de forma dinâmica; promover a inclusão de todos os alunos nos jogos e brincadeiras elaboradas em sala de aula, com intuito de estimular o companheirismo e participação entre os mesmos. A fundamentação teórica foi baseada em Fanny Abramovich e em Magda Soares. A oficina foi aplicada em uma sala composta por dezenove alunos com faixa etária entre oito a dez anos, entre eles um com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outro com Transtorno do Déficit de Atenção Com Hiperatividade (TDAH). A maior parte dos discentes já possuem domínio sobre a leitura e escrita, por este motivo foi escolhido como conteúdo da aula discorrer sobre alimentação saudável, utilizando como metodologia: O momento da acolhida aconteceu com a exposição da música “Como vai?” de Marcelo Seralva; No segundo momento ocorreu uma discussão prévia relacionada ao tema da aula, foram feitas perguntas como: “Você gosta de frutas? Qual a sua fruta preferida? Qual fruta que você não gosta? Por quê? Qual fruta tem o pé no quintal da sua casa? Quem gosta de comer verduras, quais as verduras que gostam de comer? Quem gosta de legumes, quais os legumes que costumam comer?” a fim de fazer um levantamento prévio sobre os conhecimentos que os alunos já adquiriram sobre a alimentação saudável. No terceiro momento, houve a contação da história “A Cesta De Dona Maricota” de Tatiana Belink, cujo conteúdo do livro discorre sobre variados tipos de legumes e frutas e traz dois exemplos de receitas que podem ser feitas com ingredientes saudáveis; No quarto momento, aconteceu um diálogo sobre o que eles aprenderam após a exposição da história,

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO através de perguntas como: “Gostaram da história? Qual parte que vocês ~~na~~ gostaram? Das frutas que estão na história qual a preferida de vocês? E qual fruta, legumes ou verduras que tem na história que vocês não conhecem?. No quinto momento foi socializado o jogo que seria feito e as regras que seriam necessárias para a realização do jogo, sendo ele um bingo de palavras que ocorreu em duplas, foram utilizadas cartelas com nomes de frutas presentes na história. O sorteio foi através de perguntas referentes às características das frutas, legumes e verduras. As crianças teriam que adivinhar a fruta e procurar e marcar na cartela, caso tivesse a palavra sorteada. Os membros da oficina auxiliaram escrevendo a palavra no quadro. No final do bingo, a dupla que conseguiu marcar todas as palavras, levou o prêmio. Após a entrega do principal prêmio, os outros alunos também ganharam um pequeno brinde pela participação. Para finalizar a oficina, ocorreu um diálogo sobre o que ocorreu. O bingo foi importante pois todos conseguiram entendê-lo e participar, o que contribuiu para o desenvolvimento da leitura e atenção desses alunos.

Palavras-Chave: alimentação saudável; jogos inclusivos; frutas; verduras.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil:** gostosuras e bobices. São Paulo, Scipione, 1997.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento.** 6. ed. São Paulo, Contexto, 2015.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

DIREITO DAS CRIANÇAS

Larissa das Chagas Mota

UNEB – Universidade do Estado da Bahia
larissachagas895@gmail.com

Patrícia Saturnino Araújo

UNEB – Universidade do Estado da Bahia
ty18patricia@hotmail.com

Taiane de Carvalho Santana

UNEB – Universidade do Estado da Bahia
taianecarvalho7@gmail.com

RESUMO

Esta oficina foi realizada por uma turma do 6º semestre de pedagogia da UNEB – Campus XI, numa turma do 4º ano do Ensino Fundamental I em uma escola municipal da cidade de Serrinha – BA, no dia 10 de outubro de 2023, no turno matutino. É fruto do trabalho desenvolvido no componente curricular Processos de Alfabetização e Letramento, ministrado pela professora dra. Dilzete da S. Mota Ramos. Tem como tema: DIREITOS DAS CRIANÇAS. A importância de as crianças conhecerem os seus direitos foi o que norteou o trabalho. Tem por objetivos desenvolver a compreensão sobre os direitos das crianças; propor o conhecimento sobre novas palavras; praticar leitura e escrita das palavras através do gênero textual poesia. E como justificativa, a necessidade de informar às crianças sobre os direitos que lhes são assegurados para que elas os conheçam, tais como: direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. É dever não somente dos pais, familiares e do Poder Público, mas de toda sociedade, como ressalta o Estatuto da Criança e do Adolescente: “as crianças e os adolescentes como sujeitos de direitos, em condições peculiares de desenvolvimento, que demandam proteção integral e prioritária por parte da família, sociedade e Estado”. Essa discussão se deu através do poema O DIREITO DAS CRIANÇAS – Ruth Rocha. SOARES (2020) defende que a aprendizagem do sistema de escrita deve ocorrer contemporaneamente à aprendizagem dos usos sociais desse sistema. Nessa perspectiva de alfabetizar letrando, o trabalho foi desenvolvido visando significar o lido, o escrito e a experiência do aluno. A metodologia utilizada foi apresentação e discussão de cartaz ilustrado com direito das crianças, de forma didática e prazerosa sobre o tema abordado em uma roda de conversa. Em seguida, recitação da poesia O DIREITO DAS CRIANÇAS – Ruth Rocha, com interação das crianças através de palitoches com figuras relacionadas a poesia afim de conhecer saberes e dificuldades dos alunos sobre o sistema de escrita e alfabética, foi realizado um ditado de palavras sobre a temática. A oficina foi encerrada com momento de brincadeiras na quadra poliesportiva do local, para representar os direitos ao lazer, ao cuidado e ao respeito. Houve, ao término, distribuição de doces. Este trabalho pedagógico é de suma importância por propiciar, concomitantemente, conhecimento sobre o que garante cidadania às crianças e sobre como funciona o sistema da leitura e de escrita alfabética. É relevante para esse eixo por apresentar discussões que contribuem para a formação docente e por se constituir em prática pedagógica que exercita alfabetizar letrando. Os resultados

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO indicam que os alunos conseguiram ampliar o conhecimento sobre os direitos das crianças e foi possível perceber, no entanto, que algumas não dominam as habilidades da leitura e da escrita. Concluímos que o trabalho oportunizou levar o aluno a identificar direitos que são assegurados por lei e não são conquistados, vivenciados pelos mesmos, tais como o lazer, a saúde, a moradia digna, dentre outros.

Palavras-chave: direito das crianças; leitura; escrita.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.** Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990a.

ROCHA, Ruth. **O direito da criança.** Disponível em: https://sgmd.nute.ufsc.br/content/especializacao-cultura-digital/educacao-infantil/medias/files/ruth_rocha.pdf. Acesso em 01 de outubro de 2023.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento.** São Paulo, Contexto, 2003.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

DIFERENÇAS ÉTNICO-RACIAIS: CONTRIBUIÇÕES ATRAVÉS DE JÚRI SIMULADO PARA EFETIVAÇÃO DA LEI 10.639/23 NA UNIVERSIDADE

Dilzete da Silva Mota Ramos

dmota@uneb.br

Iracema da Silva Nascimento

UNEB Campus XI

iraceman02@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho que tem como tema: Diferenças étnico-raciais: Contribuições através de júri simulado para efetivação da Lei 10.639/23 na universidade, surgiu durante aulas ministradas pela professora Dilzete da Silva Mota Ramos, do componente curricular do primeiro semestre: Prática de Leitura e Produção de Textos Acadêmicos, do curso de Pedagogia, da Universidade do Estado da Bahia. O envolvimento dos alunos com a temática deu origem a ideia de a professora propor aprofundar as discussões a partir da organização e apresentação de um Júri simulado. Com esse júri simulado adotamos ideias que constituem contribuições para a concretização da Lei 10.639/23 no ambiente universitário no curso de Pedagogia, que forma professores que possivelmente atuarão na escola básica e ajudarão no processo formativo de novos cidadãos, são, portanto, agentes multiplicadores de saberes e valores que regem a sociedade. A questão norteadora deste estudo foi: Como discussões sobre diferenças étnico-raciais no Brasil impactam, num ambiente de formação de professores, e podem contribuir para a efetivação da Lei 10.639/2003? Para desenvolver o estudo, elaboramos como objetivos refletir sobre a existência das diferenças étnico-raciais e reconhecer como elas se manifestam nos cidadãos brasileiros. Essas discussões são muito relevantes, por evidenciar a falsa democracia racial, por fortalecer argumentos construídos a partir do estudo e para difundi-los entre os agentes em formação do saber escolar e de valores sociais - os professores. O trabalho é fundamentado por estudos Munanga (2014) que trazem abordagem de duas correntes, uma que afirma a democracia racial e a outra que aponta a existência de diferenças raciais na sociedade brasileira. Segundo Munanga, "a globalização cria problemas na convivência pacífica entre os diversos e os diferentes." Entre esses problemas têm-se as práticas racistas, a xenofobia e todos os tipos de intolerância, notadamente religiosa. Além disso utilizamos a Lei 10639/2003 que foi promulgada há 20 anos, que tornou obrigatório no Brasil o ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas de ensino básico e médio. Lei resultante da ação do movimento negro no Brasil e dos povos indígenas. Em relação à metodologia, o envolvimento dos alunos com a temática deu origem a ideia de a professora propor aprofundar as discussões a partir da organização e apresentação de um Júri simulado. Com esse júri simulado adotaremos ideias que serão contribuição. para a concretização da Lei 10.639/23 no ambiente universitário. Para a sua organização a sala foi dividida em dois grandes grupos, um grupo a defesa e o outro a acusação, um deveria construir argumentos favoráveis a existência da diferença étnico racial no Brasil e outro que deveria argumentar contra a existência dessa diferença. A partir disso, a professora apresentou os componentes de um júri sendo eles: réu, juiz, promotores, advogados

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO defesa, testemunhas (acusação e defesa), jurados, plateia. Foi uma experiência e inovadora, vivência a organização de um júri, entender como será realizado e aprender mais sobre os componentes. Esse júri simulado vai possibilitar uma nova perspectiva sobre as diferenças étnico-raciais no ambiente universitário, com essa experiência adotaremos ideias de contribuição da efetivação da Lei 10.639/23 nas universidades, que é extremamente importante para a valorização da cultura afrodescendentes. Pode-se afirmar que este trabalho fortalece o Eixo: Educação, cultura e diversidade, por apresentar uma proposta que visa atingir um público multiplicador de educação, ou seja, de formação de sujeitos capazes de convívio respeitoso com os mais variados tipos de diferenças étnico-raciais por meio de uma educação multicultural e antirracista. Conclui-se que um trabalho que visa promover um olhar atento e respeitoso para com as diferenças oportuniza a construção de uma sociedade mais igualitária e justa para todos os sujeitos cidadãos que nela habitam.

Palavras-chave: diferenças étnico-raciais; júri simulado; lei 10.639/23.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

AS ARTES MÚSICA E DANÇA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Rosiane Caetano de Sena Barreto

rose.caetano.sb@gmail.com

Vanessa Santos Ferreira da Silva

vannsantosferreira@gmail.com

Discentes do Curso de Pedagogia
Bolsistas do PIBID UNEB- CAMPUS XI

Geisiane Pereira Ramos

geise.ramos14@gamil.com

Supervisora do PIBID

Glauce Maciel Barbosa Pereira

gmpereira@uneb.br

Coordenadora de Núcleo do Programa do
PIBID

RESUMO

Esse resumo busca relatar uma atividade realizada na Escola Monsenhor Demócrito de Barros, a partir de observações nas aulas de arte do Ensino Fundamental II, da professora Geisiane Pereira Ramos, através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do subprojeto “Criação de tecnologias educacionais e assistiva: tecendo aprendizagens nos cenários de AEE junto a crianças com deficiência/NEE nas escolas inclusivas” do curso de Pedagogia do Campus XI da Universidade do Estado da Bahia. Podemos perceber que as atividades artísticas como a música e a dança, tem efeitos terapêuticos, estratégias de estímulo de áreas do cérebro que despertem os potenciais de aprendizagem dos estudantes, podendo contribuir de maneira significativa inclusive para os estudantes que possuem algum tipo de dificuldade de aprendizagem, além de contribuir para estimular a sociabilidade, diminuir a timidez, fortalecer a autoconfiança, estimular a memória. Tudo isso aliada a uma dinâmica ativa e coerente buscando resultados positivos cujas linhas norteadoras possam contribuir para um desenvolvimento de aprendizagem eficaz.

Desde o início da história da humanidade, a arte tem se mostrado como uma práxis presente em todas as manifestações culturais. “A aprendizagem e o ensino da arte sempre existiram e se transformaram, ao longo da história, de acordo com normas e valores estabelecidos, em diferentes ambientes culturais”. (PCN. 1998. p.20).

A dinamicidade do processo didático e do conhecimento que se ensina e aprende no espaço escolar requer que o professor incentive e promova o hábito de estudos, leituras e discussões coletivas de textos, bem como se implemente novas estratégias de ensino, tanto os que trazem subsídios aos conteúdos específicos, quanto os que ampliam e aprofundam bases, encaminhamentos e concepções do ato educativo do ensino-aprendizagem, os valores, costumes, crenças, respeito ao próximo e tradições. Nesse contexto, a missão da escola, necessita então de uma ampla e bem apoiada visão dos fundamentos, princípios e conceitos do processo didático.

Propiciando o desenvolvimento do currículo da escola, buscando um melhor e mais eficiente desempenho do trabalho didático-pedagógico e, obviamente, a melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem, tem o presente plano a função de orientar e nortear a atividade docente, dinamizando, facilitando-a.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

“É esta uma das grandes riquezas e contribuições da dança no processo educacional: a possibilidade de conhecer, reconhecer, articular e imaginar a dança em diferentes corpos, e, portanto, com diferentes maneiras de viver em sociedade (PCN, 1998, p.72).

O quando e como trabalhar os vários tipos de música levados para a sala de aula vai depender das opções feitas pelo professor, tendo em vista os alunos, suas vivências e o meio ambiente, e vai depender da bagagem que ele traz consigo: vai depender de seu “saber música” e “saber ser professor de música” (PCN. 1998. p.79).

Este plano de ação é flexível, pois poderá ser ajustado de acordo com as necessidades reais da escola, e de todos os estudantes que estão inseridos nela. Considerando os temas transversais, e afim de promover uma maior participação e interação entre os estudantes, no processo de ensino-aprendizagem é necessário articulações para construir alternativas que possibilitem a participação de todos, inclusive, as que possuem algum tipo de necessidade educativa, para uma educação a serviço do desenvolvimento pessoal e social, oferecendo aos discentes uma educação com qualidade, no intuito de formar cidadãos críticos, ativos e reflexivos.

O embasamento da atividade realizada teve a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96, que afirma: A matéria “Artes” foi reconhecida como disciplina, tendo seu ensino se tornado obrigatório na educação básica. O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos (LDB. nº12.287. 2010). Atualmente, a disciplina de Artes compõe-se do ensino de Artes Plásticas, Artes Cênicas, Dança e Música, que se tornou obrigatória a partir de 2008 com o advento da Lei Federal 11.769.

A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2o deste artigo.

Antes de começarmos a dinâmica fizemos uma explicação sucinta para que os estudantes entendessem qual era o nosso objetivo, falamos sobre inclusão, as dificuldades e desafios que uma pessoa com baixa visão ou cega passa no dia a dia. A realização da atividade aconteceu de forma onde em círculo os estudantes, ficam repetindo a palavra cabra-cega, e ao fundo uma música e à medida que a mesma for diminuindo o volume um dos participantes, de olhos vendados, procura agarrar e adivinhar quem é o colega. Quando o estudante estiver perto de um outro participante, o mesmo ficava em silêncio, para não ser reconhecido pela voz. Aquele que foi segurado, e seu nome revelado passaria a ficar com os olhos vendados e a dinâmica se repetia com todos os participantes. Em seguida fazemos uma roda de conversa, para discutirmos sobre essa dinâmica, o professor iniciou a conversa com a pergunta. O que acharam da dinâmica? Como se sentiram de olhos vendados? Será que essa atividade, está acessível para um pessoal com deficiência? Quais deficiências? o que eles acrescentariam, ou substituiriam na dinâmica?

A sala de aula deve estar arrumada de forma que tenha espaço pra a locomoção livre de todos os participantes, evitando assim acidentes. O tempo estimulado foi de 30 minutos, podendo ser dois participantes simultaneamente. Como recurso para essa atividade pedagógica usamos apenas duas vendas.

Durante a aplicação da atividade podemos perceber que alguns alunos apresentavam dificuldades direcionais ou seja, confundiam-se nas posições direita-esquerda.

A partir disso, conclui-se que, a música e a dança são excelentes instrumentos pedagógicos, que contribuem para que as práticas educacionais do educador possam de alguma forma ajudar no processo de ensino-aprendizagem do educando,

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO colaborando para que este possa desenvolver todas as suas potencialidades sociais, psicológicas, físicas, emocionais, coordenação motora, equilíbrio e consciência corporal, buscando sempre formar um indivíduo crítico-reflexivo-criativo, capaz de transformar-se e transformar o meio social em favor de uma sociedade mais justa e igualitária.

Participar de forma direta com os alunos, interagir e ouvir o que eles acharam da dinâmica foi muito gratificante e com certeza será muito relevante para nossa formação enquanto estudantes de Pedagogia, tendo em vista que todos fizeram questão de participar e registrar de forma oral a experiência vivida durante a dinâmica. Com certeza essa interação com os alunos foi uma aprendizagem muito importante para nós que almejamos um futuro de possibilidades para todos.

Palavras-chave: música; dança; ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.**

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1998.

FERRARI, Solange dos Santos Utuari.[et al.]. **Por Toda Parte.** 7º ano, Ensino Fundamental. 2ª.ed. São Paulo: FTD, 2018.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

OFICINA DE LEITURA O CABELO DE LELÊ

Rosilane Paixão da Conceição

Universidade do Estado da Bahia
rosilanepaixao95@gmail.com

Isabela de Oliveira Vitor

Universidade do Estado da Bahia
isa.oliver6643@gmail.com

Railane Ferreira da Conceição

Universidade do Estado da Bahia
railane412@gmail.com

Dilzete da Silva Mota

Orientadora

RESUMO

A oficina tem como tema a história infantil "O cabelo de Lelê". A ideia de produzi-la surgiu durante as aulas do componente Linguagens e Análises Linguísticas, ministrada pela professora Dilzete Mota Ramos. Essa oficina foi organizada na Universidade do Estado da Bahia, Campus XI, por um grupo de alunas da turma do segundo semestre do curso de pedagogia. O que norteou a escolha dessa história foi a possibilidade de trabalhar com a questão da representatividade, a partir dos vários tipos de cabelo crespo que podemos ver na história. Essa diversidade apresentada na história nos dá a possibilidade de conversar com as crianças sobre questões raciais de uma forma mais lúdica, através disso, poderemos desenvolver uma atividade voltada a identidade de cada criança. O texto "O Cabelo de Lelê" fala sobre autoestima, identidade, acessibilidade pessoal e representatividade, ele aborda padrões de beleza. Lelê é uma criança da década passada, época em que só o cabelo liso era aceitável. Lelê então se sente incomodada com o que vê no espelho, sem saber o que fazer, ela puxa e estica os cabelos tentando entender de onde vem tantos cachinhos. A história também busca valorizar os traços da cultura negra, valorizar quem tem o cabelo afro e sofre com o racismo. A oficina tem como objetivo principal elevar a autoestima de cada criança, especialmente as que sofrem discriminação por ter um cabelo fora do padrão estabelecido pela sociedade, mostrar que cada cabelo com a sua identidade possui valores igualitários. Durante a oficina iremos trabalhar em cima da temática da representatividade, iniciando com o acolhimento das crianças com a música "Cabelo de Lelê" de Cida Barros, que fala sobre a beleza do cabelo crespo. Em seguida, faremos um momento de leitura da história "O cabelo de Lelê". Na sequência, apresentaremos um poema sobre o amor próprio e a auto aceitação. Seguiremos com a proposta de cada criança caracterizar os seus traços e cabelos, expondo suas produções em um mural. Encerraremos a nossa oficina entregando uma lembrancinha para as crianças. Esta oficina demonstra um comprometimento com a educação inclusiva e a valorização da diversidade. O trabalho é fundamentado na lei 10639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de "história e cultura afro-brasileira" dentro das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares dos ensinos fundamental e médio. A oficina promove a autoestima das crianças e incentiva a aceitação de diferentes tipos de cabelo e identidades. Abordar questões de representatividade,

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO edesconstruir padrões de beleza desde cedo nas salas de aula é uma maneira eficaz de contribuir para uma sociedade mais igualitária e respeitosa com a individualidade de cada pessoa. Além disso, a valorização dos traços da cultura negra é um passo importante para combater o preconceito e promover a inclusão. A oficina pode ter um impacto significativo no desenvolvimento das crianças e em como elas percebem a si mesmas e aos outros.

PALAVRAS-CHAVES: representatividade; cabelo; diversidade.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

MEMÓRIAS CONSTRUÍDAS PELOS ESTUDOS E ESCRITAS CIENTÍFICAS SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO TERRITÓRIO DO SISAL

Vanessa Araújo dos Santos

araujonessa19@gmail.com

Bolsista IC

UNEB - CAMPUS XI

Orient. Profa. Jusceli Maria O. de C.

Cardoso

jcardoso@uneb.br

UNEB - CAMPUS XI

RESUMO

A Universidade do Estado da Bahia, com o Campus XI, Serrinha, completará ano em curso, mais de três décadas de atividades de ensino, pesquisa e extensão, dentro do Território do Sisal baiano. Esse marco, além da recente publicação das Políticas de acessibilidade e inclusão da Uneb, como documento público que assevera o compromisso desta casa acadêmica com os contornos da educação inclusiva, nos motivou a edificação do projeto de pesquisa que se volta para o olhar atento ao acervo de publicações científicas, produzidas pelos acadêmicos, sobretudo discentes e docentes, nos movimentos de estudos e iniciação científica, quanto ao recorte temático da educação inclusiva, ao longo de um espaço temporal de vinte anos, datados a partir do marco do primeiro curso de Mestrado oferecido na UEFS (instituição pública, localizada na cidade de Feira de Santana) em parceria com o governo de Cuba, com o Centro Latino Americano da Educação Especial-CELAEE.

O Mestrado em Educação Especial, do qual estivemos partícipes como estudante e pesquisadora, foi motivador da criação, em 2002, do NAPEEI- Núcleo de Apoio Pedagógico a Educação Especial Inclusiva, no Campus XI, para onde convergiram debates, discussões, oficinas e o fomento aos estudos no campo da inclusão, sobretudo das pessoas com deficiência e NEE. Então, definimos o marco de 2002, primeiro mestrado em Educação e criação do NAPEEI, ocorrido em solo sisaleiro, tomamos esse norte como referência para edificar um estudo de cunho documental, bibliográfico, fazendo um levantamento de todas as temáticas em foco e estudo ao longo da linha cronológica demarcada. Diante de tal demarcação, julga-se pertinente o estudo em razão da necessidade de termos um desenho, uma cartografia dos principais temas que emergiram e continuam surgindo no âmbito das discussões sobre edificação da educação inclusiva. De tal modo, pensamos que ao fazer a catalogação dos temas, produções, levantamento direto no acervo dos colegiados de curso do Campus XI e talvez no Núcleo de Acessibilidade e Inclusão, poderemos encontrar pistas significativas sobre a realidade da educação inclusiva, escrita, registrada em memórias e documentos escritos pelos olhos dos acadêmicos do Campus XI. Conhecer os principais temas, recortes, nuances, características dos trabalhos escritos ao longo de vinte anos, de existência da linha de pesquisa, Educação Especial e Inclusiva (inaugurados pelo NAPEEI) do Campus XI, catalogando as produções existentes no acervo dos colegiados de cursos e no Núcleo de Acessibilidade e Inclusão, no intento de com isso, tecer os fios da memória da educação inclusiva tal qual coexistiu e se manifesta nos dias correntes,

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO contribuindo a partir de tal olhar documental para a compreensão ampla da educação especial e inclusiva constituída, levantando também possibilidade contributivas para a reflexão, ação ressignificativa quanto às políticas públicas de inclusão e acessibilidade em vigência. 1.Fazer o levantamento em todos os colegiados de cursos do Campus XI, quanto a trabalhos, registros, escritas acadêmicas que tematizem a educação inclusiva no território do sisal; 2.Identificar autores, formatos dos escritos correlacionados ao tema da educação inclusiva edificadas no Campus XI; 3. Produzir a catalogação dos trabalhos que tematizam a educação inclusiva, a partir dos acervos do Campus XI; 4. Elaborar um catálogo e repositório virtual para livre acesso da comunidade as produções sobre educação inclusiva alavancadas pelos acadêmicos do Campus XI.

A pertinência do presente projeto se anuncia pela importância da temática da educação inclusiva, sobretudo para a Universidade do Estado da Bahia, autodeclarada como inclusiva e acessível. Isto porque, no ano que corre no calendário, a temática mote das atividades de acolhimento e recepção do semestre 2023.1 se constituiu pelo aglomerado de falas, discursos, atividades todas celebrativas no sentido de fomentar a tão necessária inclusão de todos e todas nesta Uneb, que precisa estar pintada com as cores das gentes. De tal modo, tomamos como essencial, nestes dias de tamanhas celebrações, retomar os fios do pretérito, tentando encontrar entre eles, fios e conexões que possam recontar a história da educação inclusiva no território do sisal, pelo olhar e pelas ações, estudos e iniciação de pesquisas feitas pelos atores e atrizes sociais do Campus XI. Entendemos que a construção e a ressignificação da história de um povo perpassam pela capacidade dos próprios sujeitos registrarem os fatos, acontecimentos que constituíram a linha de tempo, além da capacidade de retomar a memória individual e coletiva em face de revivificar a história pessoal de cada um, como única, como também a história coletiva do grupo e comunidades do qual os sujeitos fizeram/fazem parte. Sendo assim, o trabalho em torno da revivificação das escritas, dos fatos, das histórias pessoais e coletivas de um coletivo social se torna de relevância para todos e todas, no sentido histórico, social, mas também como objeto real de interesse coletivo em compreender a inclusão. Assim, a produção da pesquisa em tela, se converterá num exercício fecundo de encontros com os trabalhos, escritas, registros produzidos pelos acadêmicos e que compõem os acervos dos colegiados de cursos e do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão do Campus XI.

A pesquisa, aqui proposta, poderá apresentar ao final do percurso, um catálogo com todos os registros, trabalhos, produções que estão depositados nos armários ou prateleiras, trazendo à tona a memória e cartografia da inclusão no Território do Sisal da Bahia. Para realização de uma pesquisa, o desenho do percurso metodológico é crucial, uma vez que o sucesso do estudo científico está diretamente ligado à capacidade de antever, prever sistematicamente cada etapa constitutiva da pesquisa. Neste caso, o planejamento se inicia com a opção pela abordagem do estudo, que neste caso, se pauta pelo enfoque qualitativo, uma vez que, o objeto e contexto do estudo, demandam do pesquisador uma posição pautada na postura descritiva, analítica e heurística. Além do mais, a abordagem qualitativa está alicerçada na perspectiva epistemológica da Fenomenologia e nos paradigmas do compreender e buscar interpretar a realidade em estudo, em face de estabelecer um olhar mais apurado, sensível, hermenêutico, da realidade, sobretudo humana que se edifica numa teia da ordem da complexidade dos fenômenos, depreendendo então daí a essência fenomenológica da investigação.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

Uma vez que, trataremos com fenômenos humanos, no caso a educação inclusiva (mesmo que de modo indireto, por meio dos escritos sobre a pauta da inclusão), cremos na coerência e pertinência da ancoragem da pesquisa pretendida se dar pelo enfoque qualitativo. Autores diversos, entre os quais Lüdke e André (1986) falam a respeito da insatisfação de pesquisadores em relação aos métodos empregados na investigação pautados no paradigma positivista, em que indicavam um modelo hermético de ver o mundo, pela lógica cartesiana, do objetivismo quântico, logo desconsiderava as nuances múltiplas e subjetivas da realidade sobretudo quando se busca edificar o método da pesquisa pelos caminhos do construtivismo científico. No cenário dos fenômenos educacionais, cada vez mais os pesquisadores foram percebendo a necessidade de assunção do enfoque qualitativo, já que apenas pelos modelos quânticos, a realidade, e as interfaces dos aspectos humanos e subjetivos ficavam desconsiderados. De modo que, a assunção da abordagem qualitativa para lastrear os estudos em educação, permite uma penetração ampla e mais profunda na realidade natural onde ocorrem os fenômenos sociais, permitindo ao pesquisador o ato de desnudar a realidade vivenciada a partir da fala, das percepções dos atores e atrizes sociais.

Em razão do objeto, da natureza dos objetivos anunciados para o estudo, será necessário adentrar no contexto natural e real, não obstante, não havendo o contato direto entre os pesquisadores e os colaboradores, outrossim, todo o caminho metodológico desenhado será efetivado pela busca direta, coleta direta dos dados, nos acervos disponíveis nos colegiados de cursos e no NAI do Campus XI. Logo, a pesquisa, com enfoque qualitativo, será delineada pela abordagem dos estudos documentais de tal modo que, escolhida a abordagem, torna-se necessário delinear o tipo da pesquisa que pretendemos realizar. Tomando em consideração a problemática norteadora do estudo, e o objeto cremos na pertinência de desenharmos o percurso metodológico da pesquisa através do estudo documental, de enfoque bibliográfico, carecendo para isso de uma metodologia sistematicamente delineada em etapas: I movimento: interlocução com os colaboradores, no caso específico dos monitores de iniciação científica para que possamos estudar literatura pertinente ao tipo do estudo avançado no campo dos trabalhos empíricos documentais. II Movimento: Acesso ao acervo dos colegiados de cursos para análise dentro do acervo físico (na maior parte, presume-se que estejam impressos em papel, encadernados e em perfeitas condições de uso); III Movimento: Análise e categorização das produções; IV Movimento: Análise temática e enquadramento em blocos de aproximação por temática inerente à educação especial/ inclusiva; V Movimento: Produção de quadro síntese com temáticas, autores, orientadores, situação e suporte; VI Movimento: Catalogação do acervo com registro dos textos, criando-se uma metodologia para nomear/ organizar todo o material; VII Movimento: Produção de um catálogo físico e virtual contendo toda a produção classificada por temas, subtemas, formato, suporte e, assim como busca pelo licenciamento livre do material para posterior difusão e por fim, elaboração de um repositório digital de acesso livre para que toda a produção encontrada, catalogada pela pesquisa seja disponível para uso corrente.

Em sentido mais amplo, o estudo estará contextualizado, de modo indireto ao chamado Território de Identidade do Sisal baiano o qual abrange uma área de 21.256,50 Km² e é composto por 20 municípios: Araci, Candeal, Cansanção, Itiúba, Monte Santo, Nordestina, Queimadas, Quijingue, Serrinha, Teofilândia, Valente, Barrocas, Biritinga, Conceição do Coité, Ichu, Lamarão, Retirolândia, Santaluz, São Domingos e Tucano. A razão para tal recorte e contextualização se dá pela

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO procedência dos estudantes, graduandos, docentes , técnicos e analistas que transitam e são residentes, em maioria nas cidades que constituem tal Território de identidade.

Palavras-chave: inclusão; acessibilidade; memórias; escritas.

REFERÊNCIAS

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo. Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

IMPACTOS DA NÃO IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 PARA O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

Wilma dos Santos Rodrigues

wilma.srne@gmail.com

Dilzete da Silva Mota Ramos

Universidade do Estado da Bahia

dsmota@uneb.br

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

O trabalho aborda como tema: Impactos da não Implementação da lei nº10.369/03 no Processo de Construção de Identidade, a partir de uma reflexão de como a ausência de um ensino com a abordagens decoloniais não apresenta protagonistas de referências para uma construção de identidade representativa que possibilite identificar sujeitos da sua etnia em seu meio social, criando um espelho de referências.

Trago como objetivo geral: refletir sobre o impacto da não implementação da lei nº10.639/03 no processo da construção de identidade e representatividade. Para tanto, foram traçados alguns objetivos específicos, sendo eles: identificar no PME (Plano Municipal de Educação) e PPP (Plano Político Pedagógico) municipal, diretrizes que orientam à implementação da lei nos currículos escolares; compreender através de narrativas de 03 (três) coordenadoras municipais sobre como se dá a orientação da implementação da lei no currículo; apresentar dados sobre representatividade realizadas com estudantes do ensino fundamental 2 das 03 (três) escolas das quais as coordenadoras fazem parte.

REFLEXÕES

A obrigatoriedade da implementação da lei nº 10.639/03 nas instituições de ensino público e privado, fez surgir inúmeras pesquisas sobre às práticas pedagógicas, desafios e avanços no ensino após a decoloniedade. Neste artigo, iremos pontuar como a implementação da lei nº10.639/03 no currículo escolar contribui para a formação de identidade do indivíduo.

A pesquisa é resultante das minhas implicações quando iniciei em 2013 nos movimentos sociais de Serrinha-Ba (Movimento Negro Afro Jamaica e Instituto Casa da Cidadania de Serrinha- ICCS), que me possibilitaram participar de conferencias públicas, encontros de entidades negras e outros espaços de formação e fortalecimento das discussões sociais.

No ano de 2019, quando obtive a primeira experiência como estagiária em uma escola municipal da cidade, exerci a função de mediadora de um estudante com TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA) do 7º ano. Nesse período, pude acompanhar de perto que, nas aulas, as abordagens didáticas não contemplavam a população negra, sendo que 90% do corpo alunado daquela escola era majoritariamente negros/as e pardos/as. Com a ausência da prática pedagógica curricular pontuando abordagens antirracistas e de identidade racial pude perceber a importância de se discutir, refletir e implantar a lei nº10.639/03 no currículo, a fim de que os estudantes se identificassem quanto sujeitos de direitos, tivessem

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO
conhecimento sobre sua ancestralidade, possibilitando-lhes que sejam protagonistas de suas histórias.

A abordagem teórica e metodológica se faz pertinentes para aquisição de novos conhecimentos sobre essa temática. Foi feito levantamento no colegiado de pedagogia do campus XI, sobre as produções acadêmicas como Trabalho de Conclusão de Curso- TCC e Artigo, no período de 2012 a 2023. Constatou-se a existência de apenas 01(uma) produção de monografia que aborda a implementação da lei, intitulado de: Lei nº 10.639/03 no Município de Conceição do Coité/BA: Uma análise sobre ações da Secretaria Municipal de Educação, Santos (2017).

A trajetória percorrida por essa autora é parecida com a que proponho neste estudo, no que diz respeito a observar se as diretrizes contidas no plano de educação daquele município apontam caminhos para a implementação da lei. Ela também traz em seu objetivo, a entrevista semiestruturada com coordenadoras municipais.

Outros trabalhos de cunho monográfico e ou artigo tratam de questões relacionadas a temática étnico-racial em ambiente escolar, não escolar e universitário, a exemplos de: Carvalho (2021), Santos (2021), Silva (2023), Mota (2023), Oliveira (2023), dentre outros. Esta pesquisa evidencia a importância do estudo por mim realizado, por se direcionar, a investigar e refletir o impacto da não implementação da lei nº 10.639/03 no município de Serrinha, após 20 anos da lei sancionada.

Dessa forma, o contato com o problema é imprescindível para a obtenção dos resultados. Por se tratar de uma pesquisa de curto período, se faz necessário que posteriormente se faça um aprofundamento para que se possa obter um cenário mais representativo da. Nos aspectos metodológicos, optamos pela pesquisa de abordagem qualificativa, de cunho explorativo, por considerarmos que tal perspectiva foi a mais adequada para tratar o objeto de estudo. Partindo de uma pesquisa bibliográfica, analisaremos documentos que venham envasar a construção desse diálogo, traremos a narrativa de 03 (três) coordenadoras através de pesquisa semiestruturada. Para fundamentarmos esse estudo, traremos os teóricos: Nascimento (2022), Cavalleiro (2021), Cavalleiro (2005), Santos (2005), Gomes (2005), Souza (2005), Cruz (2005), Pereira (2005), Dias (2005), Munanga (2005), Silva (2005), Pinheiro (2021).

A pesquisa está estruturada da seguinte forma: inicialmente a introdução apresenta a temática, os objetivos, justificativa, metodologia, os autores que fundamentam o trabalho e informam a organização do mesmo.

Em seguida, a sessão “Lei nº10.639/03 Mãos que a Tecem”. Traz uma abordagem sobre o contexto sócio histórico e político que possibilitou o surgimento da lei no cenário nacional e municipal, enfocando o protagonismo do Movimento Negro Unificado-MNU para que a lei fosse sancionada.

Vale ressaltar que este trabalho de TCC encontra-se em andamento de fase de coleta de e análise de dados.

Palavras-chave: lei nº10.639/03; implementação; ensino.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

ATELIÊ PEDAGÓGICO
AULAS DE ORALIDADE: QUE TAL CONSTRUIR UM PROTÓTIPO DIDÁTICO?

Ana Paula de Jesus Bispo Araújo
Elen Silva Santos
Luciano da Silva Brito
Rosiane Caetano de Sena Barreto
Discentes do Curso de Pedagogia
UNEB- CAMPUS XI
Jusceli Maria O. de C. Cardoso
Professora da UNEB, CAMPUS XI

RESUMO

A linguagem oral expressiva/impressiva em uso pragmático é o uso social da fala oral. Capacidade de uso da linguagem oral em situações de comunicação, ou seja, em atividades discursivas. É a linguagem oral posta em atividade interativa, construcionista e discursiva, sobretudo no âmbito da exteriorização e da ação interindividual e interlocutiva. Com a capacidade de se comunicar com o outro, exteriorizando as ideias, os pensamentos, o imaginário, na maior parte das vezes, através do uso da palavra oral/ fala oral, o ser humano se torna sociável, transmite cultura, constrói a sua própria história. Em se tratando da escola, em muitas situações, vivenciamos momentos em que, a fala oral precisa ser estimulada e trabalhada sob o ponto de vista didático posto que, na maioria dos casos, é ela o veículo modal de maior uso para comunicação. De tal modo, emergiram os ateliês para edificação de protótipos didáticos, que atrelem letramentos e ludicidades. Com inspiração na própria semântica do vocábulo, percebemos a pertinência de elaborarmos os ateliês pedagógicos com o sentido de ser um lugar de trabalho cooperativo, em que todos os participantes (docentes, discentes, profissionais do AEE) pudessem partilhar, trocar ideias e construir de modo colaborativo recursos, protótipos didáticos empenhados com a edificação de práticas leitoras prazerosas e significativas, tendo como recurso indutor das experiências leitoras a ludicidade. De tal modo, denominamos os ateliês de práticas pedagógicas para designar, nomear os espaços tempos de aprendizagem colaborativa, edificados por meio da articulação entre o NUPE- Núcleo de Pesquisa e Extensão do CAMPUS XI, a Brinquedoteca Criação, o NAI- Núcleo de Acessibilidade e Inclusão do CAMPUS XI, educação básica, nos segmentos educação infantil e ensino fundamental, da cidade de Serrinha e de outras circunvizinhas. O objetivo da abertura dos ateliês se consolidam na promoção de um espaço de interlocução entre a educação básica e os estudantes do curso de Pedagogia, mediados pelo componente Fundamentos Teóricos e Metodológicos do ensino da Língua Portuguesa no sentido da gestação de práticas, recursos com potencial para uso didático nas turmas de educação fundamental, tendo como premissa a construção das práticas de leituras como atos inclusivos, ativos, críticos e acima de tudo, permeados pela função social do ato de ler, tendo como moldura para tudo, a ludicidade. À luz dos Multiletramentos entendemos os protótipos como constructos, ou seja, artefatos elaborados pelos profissionais cujo intento se volta a atender as demandas específicas de um coletivo de sujeitos e ou mesmo para atenção a questões individuais dos discentes. Os

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO
ateliês pedagógicos são espaços destinados a aprendizagens coletivas, sendo que se constitui num ambiente que desafia e convida os educadores e profissionais da educação a pesquisar e colocar em ação a criatividade no sentido de criação de artefatos, construtos didáticos com potencial de aplicação e replicação em diversas cenas pedagógicas. De tal modo, edificamos a proposta coletiva de realização de um ateliê pedagógico, cuja tônica é a ludicidade convidativa para que nos reunamos em atos dialogais e divertidos, no entanto tendo em mente a elaboração autoral e criativa de recursos, materiais que denominamos à luz da teoria dos Multiletramentos com especial recorte em Rojo (2012) de protótipo didáticos. Neste ateliê pedagógico colaborativo teremos três sessões distintas: no primeiro tempo trataremos de produção de protótipos destinados as aulas de leituras, no segundo momento, para aulas de escrita e no terceiro, para aulas de oralidade. Neste ateliê, iremos desenvolver protótipos enfocando as aulas de oralidade no duplo papel: linguagem expressiva e impressiva, com o intento de produzir momentos significativos em que as crianças se apropriem socialmente da linguagem oral.

Palavras-chave: ludicidades; oralidade; protótipos didáticos; multiletramentos.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

INICIAÇÃO À DOCÊNCIA NA EJA: (EXPERI)VIVÊNCIAS, RELATOS, DIÁLOGOS E CONEXÕES EM EJA

Fábio Pereira Santos

Universidade do Estado da Bahia/Campus XI
fabiosantos12090@gmail.com

Eliene Lima de Jesus

elienelimadejesus29@gmail.com

Universidade do Estado da Bahia/Campus XI

Karolayne de Carvalho Borges

Universidade do Estado da Bahia/Campus XI

karolayneborges054@gmail.com

Carla de Jesus Souza

Universidade do Estado da Bahia/ Campus XI

carla.uneb2022@gmail.com

Madryracy Ferreira Coutinho Medeiros Ovídio

Universidade do Estado da Bahia/Campus XI

madrycoutho@hotmail.com

RESUMO

Este estudo é um recorte do trabalho do Núcleo de Iniciação à Docência (NID II) – Eixo temático Educação de Jovens e Adultos, intitulado “Experivivências, diálogos e conexões em EJA: percepções entre a formação e prática pedagógica docente na EJA”, orientado pela professora Dra. Madryracy Ferreira Coutinho Medeiros Ovídio, vinculada ao Núcleo de Iniciação à Docência, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Educação, Campus X, Serrinha-Ba. Pela especificidade dessa modalidade de educação, cabe o questionamento: como às práticas pedagógicas docentes podem ser conduzidas na Educação de Jovens e Adultos, de modo dialógico visando aprendizagens significativas? Teve como objetivo geral investigar com base na Iniciação à Docência, a prática pedagógica docente na EJA, referentes a metodologia, relações sociais e dificuldades implícitas nesse processo. Como objetivos específicos: investigar e traçar o cenário da Educação de Jovens e Adultos; conhecer, através das Visitas Diagnósticas o exercício da profissão docente na EJA; compreender as relações sociais, dificuldades e os modos de intervenção na EJA. O aporte teórico utilizado ancorou-se nos seguintes autores: Freire (1997, 1999, 2006), no que diz respeito a sua contribuição para a compreensão de uma prática pedagógica docente voltada para a EJA, assim como os saberes necessários na construção dessa prática. Sacristã (1999), Tardif (2002), Souza (2012), com estudos relacionados ao entendimento de prática pedagógica e a prática pedagógica docente, bem como sua implicação na formação humana; dentre outros. A metodologia para a realização do trabalho sobre a prática pedagógica docente na EJA, parte da abordagem qualitativa buscando o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos, com inspiração na pesquisa de campo, onde observamos a prática das professoras atuantes na EJA. Os sujeitos pesquisados foram as docentes e os estudantes da EJA do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, pertencentes a Rede Municipal, do município de Serrinha-Ba, onde se deu a observação, seguidas das entrevistas semiestruturadas e rodas de conversas, realizadas de forma presencial a fim de identificarmos elementos que caracterizam

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

essa prática, transcritos em diário de campo, que foram analisados de acordo com a revisão de literatura feita para o desenvolvimento do trabalho. As conclusões da pesquisa revelam que às pessoas jovens, adultas e idosas atendidas pela Educação de Jovens e Adultos, são pessoas que deixaram ou não frequentaram assiduamente à escola e citam como causas: a necessidade de inserção precoce no mundo do trabalho; as mudanças contínuas de residência; as vulnerabilidades sociais de pessoas que moram em áreas empobrecidas; mulheres; dentre outras. Sobre o jovem, o adulto e o idoso inseridos na EJA, verificamos que eles podem ter sido excluídos do ambiente escolar, anteriormente, por diversos fatores, como o impedimento pela família de acesso à escola, questões econômicas e sociais, trabalho infantil, geralmente a se caracterizar como um trabalhador, que tem responsabilidades provenientes da vida adulta, tudo isso necessita ser considerado na prática docente. Outra característica importante dos educandos da EJA é que cada um traz sua bagagem cultural, não se constituindo, assim, um grupo homogêneo de pessoas, porque pertencem a diferentes grupos sociais e geracional com peculiaridades intelectuais, sociais, emocionais diferentes, fatores que também devem ser considerados no trabalho do professor como um todo. Com relação ao docente no contexto da EJA, foi possível observar que faz-se necessário ao profissional que atua ou irá atuar na Educação de Jovens e adultos, uma formação adequada e continuada por apresentar papel importante e de grande relevância, pois age como mediador do conhecimento e oferece às pessoas jovens, adultas e idosas instrumentos políticos, e conhecimentos para a ação interativa na sociedade, porque à medida que recebe os conhecimentos age sobre ele, permitindo aos estudantes um olhar diferenciado dos fenômenos sociais que o cercam e por conseguinte, atuações conscientes às demandas do seu contexto social. Afirmamos que a ação docente na EJA abarca fundamentais aspectos na vida dos educandos, não só no que se refere ao conteúdo escolar, mas também ao acesso a outras culturas, ao conhecimento, ao resgate social e a possibilidade de ampliar o papel de jovens e adultos, na qual por meio da educação reflitam sobre fatos que antes não tinham consciência. Por outro lado, os limites que o educador encontra nesse contexto, são: a falta de recursos, infraestrutura, valorização profissional, formação inicial e continuada e outros problemas de cunho político que interferem no trabalho docente, dessa forma, é necessário que se tenham políticas públicas voltadas a educação que contemplem esses aspectos e as especificidades próprias da modalidade da EJA. A prática pedagógica docente sobretudo na EJA, necessita reconhecer em seu estudante suas vivências, suas construções sociais, seus aprendizados. Os cursos de formação de professores por sua vez, necessitam preparar melhor os futuros docentes da EJA, oferecendo componentes e estágio para essa modalidade e nos cursos de formação continuada para esta modalidade sejam ampliadas outras possibilidades de atuação, como por exemplo, “Gestão para EJA”. Faz-se necessário que haja um currículo que atenda as particularidades desse público, docentes com formação direcionada para atuar nessa modalidade, espaços destinados à EJA, política de acesso, permanência e sucesso dos sujeitos da EJA, para que não abandonem os estudos. Este estudo torna-se importante para debater a prática pedagógica docente e as políticas da EJA, visando uma maior comunicação entre a Secretária de Educação, os Coordenadores da EJA e seus docentes, buscando não padronizar esta modalidade de educação, mas sim, de verificar em cada turma a cultura das pessoas que buscam concluir seus estudos na EJA, suas crenças, suas realidades, as necessidades enquanto estudantes e ser humano em aprendizado. Assim, ressaltamos a importâncias de futuras

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO pesquisas que abranjam a percepção entre a formação e atuação docente na EJA, buscando a compreensão dessa modalidade de educação, com o intuito de fornecer novos subsídios que possam favorecer na identidade docente de profissionais da EJA. A ideia foi lançada; que venham novas pesquisas, outros olhares, mais desafios!

PALAVRAS-CHAVE: iniciação à docência; prática pedagógica docente; EJA. ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **A educação como pratica da liberdade.** 23ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade.** São Paulo: Cortez, 2006.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Poderes instáveis em educação.** Porto Alegre: ArtMed, 1999.

SOUZA, João Francisco de. **Prática Pedagógica e Formação de Professores.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação de Professores.** Petrópolis: Vozes, 2002

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

OFICINA DE LEITURA: O CABELO DE LELÊ

Camilla Bispo dos Santos

Universidade do Estado da Bahia
camillasantos545@gmail.com

Ivoneide Rocha Oliveira

Universidade do Estado da Bahia
ivonelaine@hotmail.com

Syndi Moame Paixão Cesar

Universidade do Estado da Bahia
Syndipaixao@hotmail.com

Orientadora: Dilzete da Silva Mota

Nesse relato falaremos sobre a experiência de organizar uma oficina de leitura. O tema do trabalho desenvolvido é "O cabelo de Lelê". Durante o primeiro contato com a história, observou-se a necessidade de abordar esse tema sobre os diferentes tipos de cabelo, e a beleza da diversidade, que é uma questão que não é discutida e nem trabalhada em sala de aula, apesar de existir a lei 10639/03, que garante a obrigatoriedade do ensino de "história e cultura afro-brasileira", essa é uma temática que deveria ser pensada em uma forma de ser trabalhada para além do novembro negro, pensar em uma forma de incluir a diversidade cultural no currículo escolar durante o ano todo, pois sabemos que a maioria das crianças brasileiras são pretas e pardas, e elas tem o direito de estudar sobre a história dos seus antepassados, sobre a sua cultura e diversidade, e não apenas sobre a escravidão. A partir disso, foi desenvolvida uma ação lúdica para crianças de uma escola pública do município de Serrinha. Também surgiu a necessidade de se falar sobre a questão racial e sobre a diversidade, já que esses assuntos não são abordados com tanta frequência nas escolas. A questão que norteou a produção dessa oficina foi: Qual é a importância de falar sobre a diversidade cultural e de elevar a autoestima de crianças negras, que possuem o cabelo afro? Nesse sentido, os objetivos da oficina são: elevar a autoestima de cada criança, especialmente as que sofrem discriminação por ter o cabelo fora do padrão estabelecido pela sociedade, e mostrar que cada cabelo possui valores igualitários. A elaboração desse trabalho começa com um plano pedagógico, planejando a forma de pôr a oficina em prática, desde o acolhimento das crianças, até a finalização deste trabalho. A oficina se inicia com uma música que tem a mesma temática da história trabalhada, chamada "cabelo de Lelê" da cantora Cida Barros, falando dos diversos tipos de cabelos. Seguimos para a leitura da história "O cabelo de Lelê". Em seguida, iremos desenvolver uma atividade lúdica, onde pediremos aos alunos que caracterizem seus traços e cabelo, essas produções serão expostas em um varal. A oficina é finalizada com a entrega de uma pequena lembrancinha para as crianças.

A organização desta oficina foi iniciada na aula da professora Dilzete, sendo percebido a importância de trabalhar esse tema com as crianças, decidimos então utilizar a história "O cabelo de Lelê". Nosso grupo se reuniu em sala de aula e deu continuidade através de um grupo de WhatsApp para que pudessemos pensar em conjunto todos os detalhes para deixar o nosso trabalho mais atrativo, desde a escolha da música de acolhimento, até a escolha de lembrancinhas para as crianças. Nós iríamos apresentar a oficina na escola municipal Cleonita Brizolar,

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO mas por conta de um problema ocorrido com o transporte (o motorista do ônibus nos informou que não foi avisado com antecedência que ele deveria nos levar da faculdade até a escola) nós infelizmente não tivemos a oportunidade de realizar a atividade. Após esse ocorrido, a professora Dilzete informou a turma que marcaria uma outra data para a realização da oficina na escola, porém ela decidiu que os grupos deveriam apresentar no seminário do NUPE, onde nós iremos ter a oportunidade de realizar a oficina organizada para os mesmos alunos da escola, dessa vez sendo dentro do campus XI da Universidade do Estado da Bahia.

Escolhemos essa história com o intuito de demonstrar os diferentes conflitos que um jovem (principalmente um jovem de cor e de cabelos afros) passa para se aceitar do jeito que é, muitas vezes esses conflitos com a sua aparência são aumentados por familiares e pessoas próximas. Acreditamos que abordar algumas questões sociais como o racismo e a autoestima desde a infância ajuda as crianças a desenvolverem a consciência racial, para que todos lutem em conjunto contra o racismo, essa abordagem colabora com a mudança da sociedade, para que no futuro ela seja livre de preconceitos e intolerância. Com base nessa informação, elaboramos uma manhã voltada à identidade, para estimular e demonstrar para as crianças a importância de aceitar o seu próprio cabelo, e mostrar que não existem padrões de cabelos estabelecidos, e sim misturas de raças, para que elas se sintam acolhidas, mostrar para as crianças que elas podem e devem ter sua representatividade no mundo e no local onde elas estão inseridas, para que elas cresçam sabendo que tem os mesmos direitos de pessoas brancas, sabendo que podem se inserir em diversos espaços, não só em lugares considerados inferiores pela sociedade. Abordando desde a infância uma educação emancipadora e o reconhecimento de crianças negras para que se sintam protagonistas das suas próprias histórias, para que as mesmas leiam e se encontrem nos diversos contexto sociais, e é com o propósito de trazer esse sentimento de protagonismo que nós escolhemos trabalhar com a história "O cabelo de Lelê", para que eles se enxerguem em uma personagem linda, que ama seus traços, seu cabelo e sua cultura.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

O PIBID DE GEOGRAFIA E A FORMAÇÃO DO LICENCIANDO: UMA LEITURA DE ATIVIDADES E TEMAS FORMATIVOS

Ronaldo da Silva Xavier

UNEB - DEDC Campus XI

ronaldoreivax@gmail.com

Maria Ferreira dos Santos

UNEB - DEDC Campus XI

mariaferreira4646@gmail.com

Marize Damiana M. B. e Batista

UNEB - DEDC Campus XI

E-mail: mbbatista@uneb.br

Este texto aborda experiência corrida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto “O PIBID na defesa da Geografia nas escolas no Território do Sisal, Ba: contribuições ao ensino na abordagem histórico-crítica”, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus XI Serrinha-Ba. O referido subprojeto está sendo desenvolvido em dois colégios estaduais do ensino médio, sendo um no município de Conceição do Coité e outro em Serrinha. É com base na experiência vivenciada por um grupo de pibidianos em um colégio estadual no município de Serrinha que este texto irá se desenvolver. Trata-se de um conjunto de atividades formativas, a exemplo de palestras e jornada pedagógica, de natureza teórica e prática, ocorridas na Universidade e na Escola parceira do subprojeto, e que contribui tanto para a formação dos sujeitos envolvidos no subprojeto quanto para gerar reflexões sobre o currículo escolar de geografia, evidenciando necessidade de melhoria do trabalho pedagógico. Frente ao processo de experienciar as atividades formativas, foi possível fazer algumas problematizações a respeito da escola e do ensino de geografia: Mediante situações vivenciadas na experiência, questiona-se qual a finalidade da escola para estudantes da classe trabalhadora e que apresentam várias dificuldades nos conteúdos das diferentes áreas de conhecimento, inclusive na Geografia? isto leva a seguinte questão: A quem serve a escola? Em meio à reforma do ensino médio, como garantir que a Geografia seja ensinada e aprendida como ciência que possibilita a compreensão crítica da sociedade burguesa, cujo grupo dominante se beneficia do poder para definir o currículo e os conteúdos que serão ensinados? Mediante este contexto, é que situamos a temática denominada o PIBID de Geografia e a formação do licenciando: uma leitura de atividades e temas formativos, que tem como objetivo geral analisar a importância do trabalho com atividades e temas na formação dos licenciandos em Geografia no PIBID e para isto apresenta os seguintes objetivos específicos: identificar nas experiências no PIBID da UNEB Campus XI, atividades e temas que contribuem na formação dos licenciandos em Geografia; analisar o caráter formativo das atividades e temas desenvolvidos no âmbito do PIBID de Geografia da UNEB Campus XI. O trabalho com atividades e tema formativos no subprojeto PIBID de Geografia tem relevância na vida profissional, acadêmica e pessoal dos pibidianos, pois o estudo por meio de palestras, discussões e realização de práticas pedagógicas na escola, foi importante, pois oportunizou vivenciar a discussão de temas relevantes, tanto no espaço acadêmico quanto na escola e na sala de aula. Especificamente os temas de algumas discussões foram usados nas intervenções, gerando aprendizagens pertinentes para a vida profissional. Conforme

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

ideia apresentada por André (2012) em texto elaborado por Assis (2020), quando aborda a questão de que os professores não se tornam pesquisadores, sem que sejam oferecidas as necessárias condições ambientais, materiais, institucionais, sem que seja levado em conta as demandas do trabalho docente cotidiano, assim como os requisitos para o desenvolvimento do trabalho científico de qualidade. Outro ganho para a formação inicial em Geografia é o fato de que as palestras deram aos bolsistas uma carga de conhecimento imensa de temas formativos diversos, os quais, futuramente, podem usar na elaboração de aulas temáticas, oficinas e projetos. Trata-se de saberes não exclusivos da geografia, mas que de certa forma também serão interessantes para a aprendizagem e o currículo dos alunos, então um saber útil. Como diz Pontuschka (2009) (apud Queiroz e Albuquerque, 2022), A Geografia como uma ciência, em seu movimento histórico, se relaciona com seus temas e com outras disciplinas escolares, estando em permanente transformação. Desse modo, cabe ao professor apropriar-se desse conhecimento estabelecendo relação no tempo e no espaço, visando o ensino dos conteúdos e temas geográficos de maneira disciplinar e interdisciplinar, na escola. A experiência com atividades e temas formativos no PIBID contemplou palestras, a exemplo uma que teve como tema “Geografia na Escola Pública: Abordagem Histórico Crítica”, desenvolvida pelo professor Marcos Couto, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), realizada de maneira remota e que contou com a participação de todos os bolsistas de Iniciação à Docência, supervisores e coordenação. A atividade possibilitou aos bolsistas um panorama da história da Geografia, da origem até os dias atuais, assim como tratou do modo como ela é ensinada e organizada nas escolas atualmente. Outra questão importante foi que o contato com um professor de outra instituição de ensino superior gera possibilidades de aprender Geografia por meio de temas abordados sob outro olhar, cujas vivências representam um ganho intelectual, proporcionando um repertório diverso de conhecimentos. Outra palestra tratou do tema Reforma do ensino médio e luta de classes, sendo realizada pelos professores Dra. Eliza Bartolozzim (UFES), Dr. Domingos Leite Lima Filho (UFTPr) e Dr. Henrique Novaes (UNESP); do outro lado os debatedores foram Dra. Jaqueline Ventura (UFF), Dra. Inny Accioly (UFF) e Dr. Regis Argüelles (UFF) e como Coordenadoras as Profas. Dras. Maria Ciavatta (UFF) e Lia Tiriba (UFF). A mesma foi importante porque fez conhecer a lei e dessa forma, questionar a carga horária da Geografia que foi reduzida no currículo do ensino médio, o que afeta diretamente os licenciandos pelo fato de que futuramente irão ensiná-la nas escolas, encontrando aí dificuldades devido a priorização de uma lógica de mercado na educação, que faz esquecer uma de suas funções primordiais que é a formação social. A jornada pedagógica na escola parceira fez parte de um segundo momento da experiência com atividades e temas formativos no PIBID. Na jornada foi possível fazer uma imersão na escola, participando do planejamento e das discussões dos temas propostos. Além disso, ocorreu a oportunidade de conhecer o corpo docente da escola, funcionários, direção e coordenação. Foi possível se sentir incluído como professor, participar dessa vivência de reunião com outros professores, para contribuir com o processo formativo e pedagógico da escola. A participação na jornada teve como ponto positivo o fato dos pibidianos observarem como e quais são os procedimentos do cotidiano dessa profissão na escola, identificando padrões adotados pela instituição. Outro aspecto relevante foi o licenciando ter a chance de ver como funciona o planejamento das atividades, os projetos, as datas comemorativas e verificar como a escola divide essas atividades durante o período letivo. Mediante estas reflexões cabe ressaltar o papel do PIBID de Geografia na

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO formação do licenciando, tendo como parâmetro o desenvolvimento de atividades e temas formativos. Fica evidenciado que o PIBID é um programa de formação inicial de professores que auxilia os estudantes na formação e permanência na universidade. As atividades desenvolvidas no PIBID são muito importantes porque fazem os licenciandos se desenvolverem em diversas áreas do conhecimento, dialogando com professores supervisores nas escolas parceiras. Com isto proporciona uma carga de conhecimento imensa e, de certa forma, ajuda a aplicar e passar essas informações para os estudantes na sala de aula na escola, por meio das intervenções, dos estágios e futuramente quando se tornarem professores.

PALAVRAS-CHAVE: atividades formativas; geografia; escola; ensino médio.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Lenilton. **O aperfeiçoamento da leitura e da escrita na formação de professores:** uma experiência de ensino-pesquisa no PIBID-geografia. Geografia Ensino & Pesquisa, João Pessoa v. 23, e16. Fev. 2020 Disponível em:<<https://doi.org/10.5902/2236499430836>>. Acesso em: 30 de Out. 2023.

QUEIROZ, Tatiane e ALBUQUERQUE, Isabela. **Ensino de Geografia e o PIBID:** Compartilhando Vivências Supervisionadas. In: CONEDU VIII Congresso Nacional de educação, 8., 2022, Salvador. Anais eletrônicos [...] Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/90058>>. Acesso em: 30 de Out. 2023.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

POSTERS

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA NA EJA: A QUEM E A QUE SERVE A GEOGRAFIA?

Gustavo Lima da Cruz

UNEB/DEDC XI

glima4522@gmail.com

Maristela dos Santos Carmo

UNEB/DEDC XI

smaristela186@gmail.com

Marize Damiana M.B. e Batista.

UNEB/DEDC XI

marizeuneb@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho sistematiza estudo realizado no subprojeto PIBID do curso de Licenciatura em Geografia UNEB Campus XI, Serrinha. O subprojeto “O PIBID na defesa da Geografia nas escolas do Território do Sisal, Ba: Contribuições ao ensino na abordagem histórico-crítica” e atua em duas escolas estaduais de ensino médio, uma em Serrinha e outra em Conceição de Coité. Foi questão norteadora deste estudo: o livro didático de geografia para Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresenta conteúdo, método e objetivos voltados a qual concepção formativa? O estudo teve como objetivo geral analisar as produções existentes sobre livro didático de Geografia na EJA, no segmento correspondente ao patamar de conclusão da educação básica. Frente a isto, procurou identificar os sujeitos que exercem poder sobre a produção do espaço e conseqüentemente atuam na definição dos conteúdos de ensino desta ciência, das finalidades, assim como os impactos sobre a compreensão do espaço em suas múltiplas dimensões e contradições, tanto no ensino quanto na realidade socioespacial. A metodologia da pesquisa foi qualitativa, do tipo bibliográfica, com levantamento de dados da produção científica sobre livro didático de Geografia na EJA, procurando identificar conteúdo, método e objetivos de ensino, analisando as finalidades e implicações no processo de compreensão dessa ciência no ensino da Geografia na escola. Buscou-se entender o tipo/concepção de ensino de geografia desenvolvido na escola e a quem serve, no sentido de compreender como o livro didático de Geografia é utilizado na EJA e como as produções científicas abordam o livro didático de Geografia. Para realizar o levantamento bibliográfico acerca da produção sobre livro didático de Geografia na EJA, foi definida a base de dados *on-line* da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), (catálogo de teses e dissertações). Na BDTD, a pesquisa foi orientada pelos seguintes descritores: (1) Geografia na EJA, identificando-se 14 trabalhos, sendo que destes apenas 7 abordaram o tema em estudo; (2) Livro didático de Geografia na EJA, em que foram encontrados 10 trabalhos apenas 1 abordou o tema. Na CAPES, a busca foi feita apenas com o descrito 2, onde foram identificados 5 trabalhos, sendo que apenas 1 abordou o tema. Dos 7 trabalhos que tratavam da Geografia na EJA, 2 trataram da cartografia (Ferreira, 2018 e Rezende, 2014), 1 da geografia e arte (Santos, 2023), 1 da narrativa de paisagens (Rocha, 2021) e 3 estiveram mais voltados para o ensino de geografia na formação crítica do

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO estudante-trabalhador (Neto, 2008; Alves, 2009 e Ribeiro, 2011). Dois trabalhos abordaram o tema do livro didático de Geografia na EJA, um ressaltou a ausência da abordagem com a escala geográfica no estudo dos conteúdos da EJA, processo que dificulta a compreensão da totalidade do espaço (Silva, 2008); outro abordou a dependência dos professores quanto ao uso desta ferramenta em sala de aula (Humberto, 2016). A análise do material bibliográfico revelou uma ênfase ao uso do livro didático de geografia na escola, dissociado de um posicionamento crítico sobre conteúdos, métodos e objetivos do ensino dessa ciência na EJA.

Palavra-chave: ensino de geografia. livro didático de EJA; formação de estudantes-trabalhadores.

REFERÊNCIAS

ALVES, Murilo Souto. **O ensino de Geografia e os Estudantes/Trabalhadores:** uma análise a partir da experiência com EJA em Sapiranga - RS. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências. Santa Maria - RS, julho de 2009.

ARAÚJO, Humberto Cordeiro. **Entre algemas e liberdade: prática docente e uso do Livro Didático de Geografia na Educação de Jovens e adultos-EJA em Serrolândia-Bahia.** 2016. 120f. Dissertação (Mestrado). Programa de Geografia. Universidade Estadual da Bahia, Bahia 2016.

FERREIRA, Alan Serafim. **Cartografias “Outras” na EJA:** Por uma Prática Decolonial no Ensino de Geografia. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Seropédica-RJ, maio de 2018.

NETO, Fernanda Borges. **A geografia escolar do aluno EJA caminhos para uma prática de ensino.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia-MG. 2008.

SANTOS, Hermes Vieira. **Com arte também se aprende geografia:** Formação *online* para professores da EJA-anos iniciais. Dissertação de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas. Londrina-PR, 2023.

REZENDE, Caroline Geraldine Ferreira. **A cartografia escolar na educação de jovens e adultos:** uma experiência com a prática docente em geografia. Dissertação (Mestrado) Programa de Geografia. Universidade Federal de Goiás. Goiás 2014.

RIBEIRO, Ruvia Oliveira. **Formação cidadã, juventude e trabalho:** a geografia na educação de jovens e adultos (EJA). 2011. 133f. Dissertação (Mestrado) programa de Geografia. Universidade Federal de Goiás. Goiânia 2011.

ROCHA, Leandro. **A narrativa por entre lugares, estradas e paisagens:** da formação docente à prática de um professor de geografia. 2021. 101f. Dissertação (Mestrado) Programa de pós-graduação em Geografia. Instituto de Agronomia Multidisciplinar de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro 2021.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO
SILVA, Marcos Aurélio Gomes. **A Utilização da escola geográfica como forma de
abordagem de conteúdos:** uma análise do livro didático adotado na educação de
jovens e adultos (EJA). 127f. Dissertação (Mestrado) programa de Geografia.
Universidade Federal do Piauí. Piauí 2018.

CONTEÚDO E MÉTODO DE ENSINO DE GEOGRAFIA NO DOCUMENTO CURRICULAR REFERENCIAL DA BAHIA- DCRB, ENSINO MÉDIO

Anderson Dantas Barbosa

Universidade do Estado da Bahia

synhooofc@gmail.com

Janeide Bispo dos Santos

Professora da UNEB, CAMPUS XI

janeidebsantos@gmail.com

RESUMO

O trabalho que apresentamos traz para o centro do debate o tema: os conteúdos e métodos de ensino de Geografia, tendo como documento de reflexão e análise o DCRB- Documento Curricular Referencial da Bahia, jogando luzes para os postulados apontados neste texto referencial, que subsidia o desenho dos projetos e planos de ensino da Geografia para os contextos educacionais da Bahia. O estudo efetivado circunscreveu-se a uma ação de iniciação científica, representando pela formação em pesquisa a qual se deu pela abordagem qualitativa, sendo uma incursão alinhada com os princípios da pesquisa bibliográfica, tendo como foco a análise do documento referencial do ensino da Geografia. Os objetivos que nortearam o estudo científico foram: análise reflexiva da concepção de conteúdos e métodos de ensino da Geografia presente no documento referencial, especificamente quanto a proposta de itinerários formativos integrados; ciências da Natureza e Linguagens, Ciência Humanas. A fundamentação teórica que norteou o estudo se pautou a partir dos diálogos com autores como: Couto (2016), Beltrão (2019), Mello (2004), Saviani (1999) dentre outros. Quanto a abordagem metodológica se processou em etapas: contextualização das reformas neoliberais e a relação com a concepção de Novo Ensino Médio e da BNCC-Base Nacional Comum Curricular, análise da concepção de conteúdo e método orientadora da perspectiva de ensino de Geografia presente na BNCC e na própria reforma do ensino médio e nos cadernos de apoio a aprendizagem produzidos pela Secretaria de Educação e Cultura da Bahia. O estudo feito nos oportunizou a efetivação de reflexões sólidas quanto aos aspectos sublinhados como proposição de objetivos sendo possível constatar que a proposta curricular edificada como diretriz para o ensino da Geografia nas escolas de educação básica da Bahia apontam para a fragmentação dos conteúdos, tendo como relevo a ideia de que a vida social se move pela prática esvaziada de teorias, aligeirando os conteúdos, deslocando a prática de ensino para o sentido imediatista, emoldurando o sentido da educação para um “ certo preparo” para o mercado profissional e ou para o “ ingresso na academia”, o que torna o ensino da Geografia distante do exercício fecundo da análise, pesquisa e compreensão da intrincada e complexa teia de temas e interconexões que a Ciência Geográfica tem e deve manter com todas as áreas do conhecimento humano, haja vista que o tecido social se movimenta constantemente e as questões geopolítica, ambientais, por exemplo precisam ser debatidas e analisadas com maior cuidado pelas práticas de ensino, sobretudo junto a jovens e crianças escolarizados na educação básica.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO
Palavras-chave: BNCC; DCRB; geografia; educação.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

PROMOVENDO IDENTIDADE, AUTOESTIMA E REPRESENTATIVIDADE

Awany Queiroz de Andrade

Universidade do Estado da Bahia – Campus XI
queirozawany@gmail.com

Grazielle Gomes Simões

Universidade do Estado da Bahia – Campus XI
gomesgrazi47@gmail.com

Natália Pereira Oliveira

Universidade do Estado da Bahia-Campus XI
no8207640@gmail.com

Orientadora- Dr^a Dilzete da Silva Mota Ramos

Universidade do Estado da Bahia-Campus XI
dmota@uneb.br

RESUMO

Esse projeto tem como tema “Menina Bonita do Laço de Fita”. A questão que impulsionou sua construção foi: o que norteia a ideia de produzir este trabalho voltado para discutir a identidade, a autoestima e a representatividade com crianças da escola pública? A oficina justifica-se pela possibilidade de desenvolver o amor-próprio das crianças, valorizando sua ancestralidade, a beleza negra e a promoção uma educação antirracista através do protagonismo negro da literatura infantil, o que contribuirá para o aumento de sua autoestima e conseqüentemente a mudança de comportamento. A história “Menina Bonita do Laço de Fita”, de Ruth Rocha, enfatiza a representatividade da personagem negra na literatura infantil, trazendo como personagem principal uma menina que causa admiração devido sua cor. Tendo a prática da contação de histórias presente no cotidiano da sala de aula, a temática expressa nessa literatura pode ser usada como forma de construção de identidade própria e uma visão de mundo mais ampla e realista. Para isso, a presente oficina pretende seguir os seguintes passos: Contação da história com os personagens caracterizados pelos alunos. Em seguida, serão apresentadas questões de compreensão. Logo após, as crianças deverão elaborar um painel com o título “Viva as Diferenças”, que seria implementado a partir de autorretrato das crianças, onde elas fazem seus próprios desenhos. A representatividade com as crianças na escola pública é essencial para que as mesmas possam lidar desde cedo com as diferenças, tanto nela quanto nos outros, respeitando-se e respeitando a convivência com diferentes tipos físicos. Já que vivemos em um país com a maior população africana fora da África. Com isso, precisamos que as escolas transmitam para as crianças elementos afirmativos de convívio social e suas diferenças. Este livro, Menina Bonita do Laço de Fita (1966) nos traz muitas reflexões, que consonância com a Lei 10.639, enfatiza cultura negra que enriquece as práticas pedagógicas do currículo oficial da rede de ensino. Essa Lei foi de suma importância, tornando obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana no ensino fundamental e médio, valorizando as matrizes africanas e conteúdos relacionados a essa temática. Conclui-se que este trabalho é relevante, pois é capaz de construir uma identidade positiva nas crianças, desenvolvendo a autoestima, o amor-próprio e

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO a aceitação, além de valorizar as diferentes etnias, levando a discussão sobre a diversidade racial para dentro da escola pública. Contribui, dessa maneira, para fomentar a educação antirracista na vida dos alunos dentro e fora da escola, e que seja um resultado positivo também na vida comunitária e em conjunto social.

Palavras-chave: identidade; autoestima; literatura; diversidade.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

DIFERENÇAS ÉTNICO-RACIAIS

Edilza Oliveira dos Santos

ediilzaoliveira1201@gmail.com

Iolanda Bispo Santiago

Yollanda721@gmail.com

Sandra Melo Gomes

Sandra834775@gmail.com

Discentes do Curso de Pedagogia

UNEB/CAMPUS XI

Dilzete da Silva Mota Ramos

dmota@uneb.br

Docente da UNEB, CAMPUS XI

RESUMO

Este trabalho é fruto de um projeto, em fase de desenvolvimento, que tem como tema “Diferenças Étnico-raciais em julgamento”. A necessidade de se refletir sobre a existência ou não dessas diferenças e como elas se manifestam na sociedade norteou as discussões desta pesquisa. Ela surgiu a partir de atividade solicitada pela professora Dr^a. Dilzete da S. Mota Ramos, do componente curricular Prática de Leitura e Produção de Textos Acadêmicos, do curso de Pedagogia, Universidade do Estado da Bahia, Campus XI. A proposta da atividade foi trabalhar características linguísticas e estruturais do gênero textual artigo, a partir do artigo de Munanga (2014): “A questão da diversidade e da política de reconhecimento das diferenças”. O envolvimento da turma com as discursões levou a organização de um júri simulado. Tem como objetivos refletir sobre a existência de diferenças étnicos raciais, a necessidade de reconhecê-las e de implantação de uma educação multicultural para assegurar respeito as diferenças e igualdade de oportunidades. Para fundamentar o trabalho, usamos os estudos de Munanga (2014) que trazem uma abordagem de duas correntes, primeira que afirma a democracia racial e a outra que aponta a existência de diferenças raciais na sociedade brasileira. Segundo Munanga, “globalização criam problemas na convivência pacífica entre os diversos e os diferentes. Entre esses problemas têm-se as práticas racistas, a xenofobia e todos os tipos de intolerância, notadamente religiosa”. Utilizamos também a lei 10.639/2003, promulgada há 20 anos, que tornou obrigatório, no Brasil, o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, nas escolas de ensino básico lei resultante da ação do movimento negro no Brasil e dos povos indígenas. A metodologia empregada e desenvolvida a partir de estudo bibliográfico mediante uma abordagem qualitativa. Para organizar o júri simulado, a sala foi dividida em dois grandes grupos para que cada um produzisse argumentos convincentes contrários e favoráveis a existência de diferenças étnicos-raciais no Brasil, os quais devem ser representados por promotor, advogados, testemunhas (defesa e acusação); Como o trabalho está em andamento, espera-se que ele amplie o conhecimento sobre a temática discutida, instigue o aprofundamento nas discussões, desperte a curiosidade dos leitores para participação da apresentação do júri.

Palavras-chave: diferenças étnico-raciais; diferenças; educação.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

MINI CURSO

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

CIDADES DO TERRITÓRIO DO SISAL EM FOCO: DINÂMICAS URBANAS E PROBLEMATIZAÇÕES SOCIOESPACIAIS

Maria da Paz de Jesus Rodrigues

UNEB – Campus XI
mprodrigues@uneb.br

Alana Marques de Oliveira

UNEB – Campus XI
alana.marques047@gmail.com

Janine Carvalho dos Santos

UNEB – Campus XI
janinecarvalho30@gmail.com

Wallefe Santana Silva Oliveira

UNEB – Campus XI
wallefesantanaoficial@gmail.com

RESUMO

Na contemporaneidade, o fenômeno urbano e as práticas de (re)produção do espaço urbano condicionadas pelos ditames capitalistas tem se dispersado pelo território brasileiro e, de modo distinto, atingido das grandes metrópoles às cidades pequenas, provocando ou intensificando problemas socioespaciais. Contudo, as análises acadêmicas sobre essas questões sempre privilegiaram os grandes centros urbanos, negligenciando a realidade das pequenas cidades e das que se encontram fora dos eixos metropolitanos. Assim, o objetivo central do minicurso será propiciar análises ampliadas referentes à configuração das cidades que compõem o Território de Identidade do Sisal; suas articulações na rede urbana inter-regional; as estratégias empregadas pelos principais agentes que atuam no processo de produção do espaço urbano, com enfoque prioritário para o papel desempenhado pelo Estado; e as principais problemáticas socioespaciais e contradições que afetam essas cidades, sobretudo, no que diz respeito às questões de moradia e limitações de espaços públicos de lazer e equipamentos coletivos. Para alcançar tais propósitos, as discussões serão embasadas, ainda que de modo introdutório, na compreensão de conceitos e processos pertinentes à (re)produção do espaço numa lógica de subordinação às estratégias de acumulação e reprodução do capital; a noção do urbano e da cidade como mercadorias em detrimento do seu valor de uso para reprodução da vida; os agentes de produção do espaço e suas formas de atuação; a acentuação das desigualdades e negação do direito à cidade condicionados por esses processos. Todavia, as discussões também serão pautadas em dados secundários publicados pelos órgãos governamentais e, principalmente, nas investigações empíricas que vêm sendo realizadas pelos ministrantes e suas vivências em diferentes cidades que conformam o Território do Sisal. A proposta se fundamentará na exposição sistematizada de alguns aspectos, porém serão estimuladas as livres manifestações dos participantes sobre as abordagens enfocadas, de modo que se estabeleça uma discussão de troca de experiências e compreensões. Durante o minicurso, também se recorrerá ao uso de imagens, charges, vídeos curtos e músicas para fomentar as análises e estimular o uso de múltiplas linguagens, com vista a apontar possibilidades de inserção dessas

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO abordagens em diferentes contextos, das associações comunitárias às salas de aula. É imprescindível que essas discussões extrapolem o âmbito acadêmico e passem a ser apropriadas por um maior número de cidadãos, pois possibilitará mobilizações no sentido de requerer que os seus direitos básicos lhes sejam assegurados, e não cerceados. Para que passem a exigir uma atuação dos Poderes Públicos mais alinhadas com os interesses sociais e coletivos, e a universalização do direito à cidade, o que envolve o acesso a direitos sociais mais amplos, a exemplo da educação, saúde, moradia, infraestrutura urbana, ao lazer. Ou seja, a uma vida mais digna e a aspectos que se configuram como essencial para minimizar as desigualdades socioespaciais.

Palavras-chave: cidades do território do sisal; problemas urbanos; direitos sociais.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA: SUPORTE COM PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS

Gêisa Cunha dos Santos

Universidade do Estado da Bahia
geisa-cunha@hotmail.com.br

Marize Damiana M. Batista e Batista

Universidade do Estado da Bahia
marizeuneb@gmail.com

RESUMO

A superação do modelo fragmentário de ensino, produz conhecimento superador. Como nos mostra a pedagogia histórico-crítica, escolhida como fundamento para esta pesquisa, quando se produz conhecimento buscando romper a alienação na qual a sociedade burguesa (de classes) está inserida, estamos buscando forças para o enfrentamento das contradições e desigualdades produzidas sob a lógica do modo de produção capitalista. Ao falar sobre o ensino, mais especificamente sobre o ensino de geografia, faz-se necessário investigar como essa disciplina presente no currículo escolar vem sendo tratada. A escola, espaço onde esses conhecimentos são transmitidos, vem sendo cada vez mais desestruturada em seu currículo, para que a socialização do conhecimento sistematizado não aconteça. Para tanto, a burguesia intensifica a fragmentação do sistema educacional, criando teorias educacionais, bases de ensino, competências e habilidades como forma de legitimar o controle do acesso ao conhecimento e como consequência, moldam os sujeitos para que não compreendam a realidade e não consigam avançar na aprendizagem. A Geografia tem como objeto de estudo o espaço geográfico. Para conhecer esse espaço, é fundamental problematizá-lo na dimensão da prática social, no intuito de que os estudantes o conheçam e percebam as relações e interesses existentes no mesmo. Assim, este trabalho tem como objetivo realizar minicurso com professores dos anos iniciais, ancorando-se em reflexões sobre a prática de ensino de geografia com crianças, fundamentando-se nas contribuições da pedagogia histórico-crítica para identificar atividades que subsidiem o processo de aprendizagem sob a abordagem crítico-superadora. A metodologia será de caráter participativa e diagnóstica, orientada pelo desenvolvimento de atividades que articulam teoria e prática (práxis). As reflexões e práticas feitas a respeito do tratamento dado ao ensino de geografia na escola dos anos iniciais terão como fundamento o trabalho educativo em Saviani (2011). Frete a este processo, a ludicidade será acionada como uma das formas mais adequadas para atingir o objetivo do ensino de geografia nos anos iniciais, dado por meio da elaboração de jogos e brincadeiras, com a finalidade de acionar conteúdo da observação, representação, leitura e compreensão do espaço concreto vivenciado pelos alunos. O processo formativo no minicurso será organizado em momentos, os quais serão orientados pelos princípios metodológicos e operacionais da pedagogia histórico-crítica, a saber: i) prática social inicial que orienta o ensino de geografia nos anos iniciais; ii) sua problematização pelos professores/as, com escuta e registros; iii) apropriação de aporte teórico dos fundamentos da pedagogia histórico-crítica e da geografia escolar com crianças, para instrumentalização e análise dessa prática; iv) superação do senso comum

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO para elaboração de síntese e identificação de atividades essenciais que expressam a internalização do concreto no pensamento; v) retorno à realidade da prática social via pensamento complexo, para avaliar o escopo das atividades de geografia propostas para mediar o trabalho de professores com crianças em escolas nos anos iniciais, gerando intervenções crítico-sopradoras na prática pedagógica e o ensino de geografia e introduzindo categorias espaciais no trabalho com crianças na produção da aula de geografia.

Palavras-chave: ensino de geografia; escola; prática pedagógica; anos iniciais.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

OFICINAS

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

LIBRAS NA INFÂNCIA: INTERPRETANDO AS EMOÇÕES

Alane Pamela Lopes de Aquino

Universidade do Estado da Bahia- UNEB

alanepamela129@gmail.com

Mikaely Raiane Santos Chaves

Universidade do Estado da Bahia- UNEB

raianemikaely372@gmail.com

Thifany de Jesus Oliveira

Universidade do Estado da Bahia- UNEB

thifanyoliveira202@gmail.com

Jusceli Maria Oliveira de Carvalho Cardoso

Universidade do Estado da Bahia- UNEB

jcardoso@uneb.br

RESUMO

A presente proposta para realização de uma oficina pedagógica traz como tema: Libras na infância: Interpretando as Emoções. A problemática que norteia a elaboração desse trabalho pedagógico se deu a partir do fato de haver poucas ações voltadas a conscientização e convivência com pessoas com deficiência, visto que, a linguagem de sinais é pouco trabalhada, sobretudo nas salas de aula da educação infantil, isso dificulta a maneira com a qual esses sujeitos se expressam e são entendidos, criando uma barreira para conviver e criar relações não só no ambiente escolar, mas também em outros espaços sociais. Essa proposição de oficina se justifica devido a importância de instrumentalizar de forma lúdica as crianças em relação a linguagem de sinais, dando ênfase para a interpretação das emoções a partir da mesma, considerando que as emoções é uma das principais formas de expressão e comunicação durante a infância. Quando não se tem um relativo conhecimento acerca de interpretá-las dificulta-se a convivência e interação de crianças sem deficiência, com crianças que possuem algum tipo de deficiência, a exemplo da surdez, o que por consequência as excluem de uma socialização plena, essencial para a formação da identidade do indivíduo. Tivemos como objetivo construir junto as crianças, atividades lúdicas que visem a promoção de reflexão-ação com o intuito de conscientização quanto ao esforço coletivo para termos uma sociedade respeitosa para com as diferenças humanas promovendo a inclusão e a compreensão entre crianças surdas e ouvintes, proporcionando-lhes as ferramentas necessárias para expressar e compreender emoções de forma eficaz por meio da linguagem de sinais, já que esta tem a capacidade de estimular a sensibilização sobre a importância da acessibilidade e da diversidade linguística. Para a fundamentação teórica trouxemos abordagens que dialogam com os trabalhos de autores como Cardoso (2006), Macedo (2007), Marchei (2004), Vygotsky (2001). Para a abordagem metodológica utilizamos a perspectiva da oficina como local de produção colaborativa de conhecimentos (Cardoso, 2006) como também com o auxílio das diversas linguagens do conhecimento, como música, vídeos e brincadeiras. Almejamos com a realização desta oficina despertar nas crianças a conscientização acerca da importância da aprendizagem de Libras enquanto um meio de interação e comunicação as emoções para com as pessoas surdas. Além

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO disso, a realização dessa prática pedagógica se configura fundamental para uma formação voltada a uma educação mais inclusiva comprometida ao desenvolvimento e uma aprendizagem socioconstrutivista, na qual as crianças têm a oportunidade de desenvolver habilidades linguísticas em Libras, o que pode ser valioso para a comunicação não apenas sobre emoções, mas em diversos contextos.

Palavras-chave: emoções; oficina pedagógica; inclusão.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Jusceli Maria Oliveira de Carvalho. A criança com dificuldades na oralidade e a prática discursiva na sala de aula. **A travessia do silêncio excludente para a didática da oralidade**. Dissertação de Mestrado, Feira de Santana, Bahia, Brasil, 2006, páginas 114- 118.

MACEDO, Roberto Sidnei, **Currículo, Diversidade e Equidade Luzes para uma Educação Crítica**. Salvador: EDUFBA, 2007

MARCHESI, Álvaro C. et all. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. Necessidades educativas especiais – vol. 3. Porto Alegre. Artmed, 2004

VYGOTSKY, L, S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. 2001

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA INCLUSÃO ESCOLAR

Tainance Souza Freire

Universidade do Estado da Bahia – DEDC XI
tainancefr2@gmail.com

Daniele dos Santos Ferreira

Universidade do Estado da Bahia – DEDC XI
danieleferreira6250@gmail.com

Lucimara Morgado Pereira Lima

Centro de Atendimento a Pessoas com Necessidades
Educação Especiais – CAPENE
morgadomara@hotmail.com

Glauce Maciel Barbosa Pereira

Universidade do Estado da Bahia – DEDC XI
gmpereira@uneb.br

RESUMO

A oficina “Jogos, Brinquedos e Brincadeiras na Inclusão Escolar” terá como objetivo estimular a interação e a inclusão de todas as crianças com e sem deficiência por meio do brincar, oportunizando momentos de aprendizado de forma prazerosa e significativa e, contribuir para o desenvolvimento delas, buscando a autonomia e independência. A oficina se baseia em experiências e vivências na Instituição Centro de Atendimento a Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais – Capene, enquanto bolsistas do Programa Iniciação à Docência – PIBID. Nesta Instituição, foram observados os estudantes que são atendidos, suas necessidades e habilidades e, com isso pode-se buscar meios que para auxiliar na compreensão das atividades trabalhadas. E, os jogos, as brincadeiras e os brinquedos fazem parte continuamente deste contexto, o que possibilitou o planejamento e a elaboração esta oficina. O brincar desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, auxiliando no desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e sociais. Além disso, o uso de recursos pedagógicos cria um ambiente agradável e promove uma relação positiva entre os estudantes e professores. Alguns teóricos como Vygotsky e Piaget serviram de embasamento para a escrita desta oficina, já que são amplamente reconhecidos pelos seus estudos no desenvolvimento de crianças e, destacam a importância do jogo e da brincadeira no desenvolvimento humano, especialmente na infância. Esta oficina terá como participantes crianças com e sem deficiência e, promoverá um ambiente lúdico e inclusivo, utilizando dos seguintes recursos pedagógicos: contação de histórias, o circuito, a amarelinha, africana, o quebra-cabeça, o jogo da memória, o dominó, o pega varetas, o enchimento de balões com farinha de trigo para criação de bonecos e as bolinhas de sabão. Ao utilizar jogos e brincadeiras como ferramentas de aprendizado será possível proporcionar a estimulação cognitiva, a interação com os demais participantes, além do aprendizado de conceitos básicos para a vida em sociedade. Através do uso de recursos pedagógicos, cria-se um ambiente agradável e uma relação positiva entre os estudantes e professores. Todas essas atividades citadas, foram cuidadosamente selecionadas para criar um ambiente inclusivo e proporcionar às crianças uma experiência de aprendizado significativo e divertido. O brincar permite que as crianças pratiquem a autonomia e independência, desvendem as

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO regras e os objetivos dos jogos, além de expressar sua criatividade e imaginação. Essa abordagem visa melhorar a qualidade de vida dos participantes e prepará-los para um futuro mais independente e participativo na sociedade. Em conclusão a oficina “Jogos, Brinquedos e Brincadeiras na Inclusão Escolar” é uma iniciativa que busca a promoção do desenvolvimento das crianças com deficiência, estimulando suas habilidades cognitivas, sua interação social e sua inclusão. Espera-se que a oficina seja um momento lúdico e de diversidade e, que possa ser exemplo para outras práticas com os estudantes com deficiência. Além disso, espera-se que a experiência nos auxilie em nosso futuro enquanto professoras.

Palavras-chave: inclusão escolar; brincar; diversidade.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: A LEITURA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO A PARTIR DA INCLUSÃO

Angélica Pereira dos Santos

Universidade do Estado da Bahia
angelica.9-6@hotmail.com

Bianca de Araujo Ferreira

Universidade do Estado da Bahia
biantina_46@hotmail.com

Wallefe Santana Silva Oliveira

Universidade do Estado da Bahia
wallefesantanaoficial@gmail.com

Jusceli Maria Oliveira de Carvalho Cardoso

Professora UNEB, CAMPUS XI
jcardoso@uneb.br

RESUMO

A presente proposta para a realização de uma oficina pedagógica traz como tema: Educação geográfica: A leitura do espaço geográfico a partir da inclusão. O problema surge na necessidade de proporcionar uma educação inclusiva aos diferentes sujeitos, na perspectiva de integração por meio da cultura de respeito, buscando a construção estratégica da igualdade e minimizando as diferenças existentes em sala de aula, motivados pelo seguinte questionamento: de qual maneira podemos tornar o ensino da geografia acessível para indivíduos com necessidades específicas diversas no espaço escolar? A proposição da oficina se justifica por encontrar abordagens que possibilitem a aprendizagem de maneira participativa através de atividades lúdicas e que contribuam com a sociabilidade entre as crianças envolvidas. O objetivo é trabalhar conteúdo da geografia escolar, abordando as cores em Libras, para criar os elementos visuais necessários para a identificação de cada divisão regional brasileira (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul), além de oportunizar o aprendizado e a difusão da língua brasileira de sinais, no âmbito da desconstrução do preconceito e de barreiras comunicacionais impostas pela sociedade a comunidade surda. Um dos principais conceitos da Geografia é o espaço geográfico e, ao se utilizar o mapa como recurso metodológico, as crianças poderão compreender os elementos que o estruturam e o constituem, Richter, Marin e Decanini (2010). Para fundamentação teórica dialogamos com trabalhos teóricos de Vygotski, e autores como Marchesi (2004), Macedo (2007), Cardoso (2006) entre outros. É necessário ressaltar que existem diversos desafios aos profissionais da educação, e para o ensino de Geografia esses desafios se intensificam visto a falta de formação específica que são necessários para o planejamento da prática docente que viabilize o ensino da ciência geográfica aos alunos com deficiência Chaves e Nogueira (2011). Abordagem metodológica para interagir com crianças envolve a utilização de métodos lúdicos para inspirar momentos divertidos que a partir de experiências concretas e em atos sociais, acreditamos na perspectiva das aprendizagens sociais, que é conseguido por meio de diversas estratégias como dinâmicas interativas voltadas ao ensino de Libras e Geografia. Além disso, priorizamos diálogos abertos com as crianças sobre temas importantes como inclusão, respeito e coexistência

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO com outras pessoas, apesar das diferenças na experiência humana, utilizando a oficina como local de produção colaborativa do conhecimento e do saber. Aspiramos que a partir da realização da oficina o público envolvido desempenhe um papel importante na promoção, crescimento e oportunize as crianças a uma compreensão e aceitação da diversidade humana.

Palavras-chave: libras; geografia; inclusão; educação; respeito.

REFERÊNCIAS:

CARDOSO, Jusceli Maria Oliveira de Carvalho. **A criança com dificuldades na oralidade e a prática discursiva na sala de aula. A travessia do silêncio excludente para a didática da oralidade.** Dissertação de Mestrado, Feira de Santana, Bahia, Brasil, 2006, páginas 114- 118

CHAVES, Ana Paula Nunes; NOGUEIRA, Ruth Emilia. **Os desafios do professor frente ao ensino de geografia e a inclusão de estudantes cegos.** CEP, v. 88, p. 900, 2011.

CUNHA, Júnior; NYAMIEN, Francy Rodrigues da Guia. **Oficinas pedagógicas para uma educação inclusiva.** 1. ed. Toledo, Pr: Instituto Quero Saber, 2020.

MACEDO, Roberto Sidnei, **Currículo, Diversidade e Equidade Luzes para uma Educação Crítica.** Salvador: EDUFBA, 2007

MARCHESI, Álvaro C. et al. **Desenvolvimento Psicológico e Educação. Necessidades educativas especiais** – vol. 3. Porto Alegre. Artmed, 2004

RICHTER, Denis; MARIN, Fátima Aparecida Dias Gomes; DECANINI, Mônica Modesta Santos. **Ensino de Geografia, espaço e linguagem cartográfica. Mercator**, v. 9, n. 20, p. 163-178, 2010

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

PALAVRINHAS MÁGICAS: REFLEXÃO SOBRE A VIDA

Janine Carvalho dos Santos¹

Universidade do Estado da Bahia

janinecarvalho30@gmail.com

José Armando dos Santos Silva²

Universidade do Estado da Bahia

josesantos80035@gmail.com

Juscely Maria Oliveira de C. Cardoso

Universidade do Estado da Bahia

jccardoso@uneb.br

RESUMO

O texto a seguir discorre acerca da produção de uma oficina voltado ao público infantil com o tema "Palavras mágicas: reflexão sobre a vida" no qual busca a uma contribuição para gestos positivos que serão significativos para a formação pessoal do grupo. Diante disso, a problemática é como pedagogicamente podemos agir para solucionar conflitos através da ludicidade no propósito de fomentar o engajamento moral das crianças para sua oralidade e comunicação? A proposta na realização dessa oficina é mostrar que pequenas ações são necessárias para uma melhor sociedade. Tendo o objetivo de construir junto às crianças, atividades lúdicas que visem a promoção de reflexão-ação, com o intuito conscientização quanto ao esforço coletivo para termos uma sociedade respeitosa para as diferenças humanas. O fundamental teórico no qual esse projeto tem embasamento, se dá a partir do teórico Vygotsky, que em sua linha de raciocínio diz que um processo entre as pessoas é transformado por um processo que vem do interior da pessoa, e essa é a principal mensagem a ser transmitida, além do qual o mesmo defende a boa contribuição do trabalho em grupo, trios e duplas desde que possua uma mediação adequada. Seguindo a linha da fundamentação, a sua metodologia é uma produção de um trabalho que prevê a formação coletiva, por meio de momentos de interação e troca de saberes a partir de uma horizontalidade na construção do saber. As atividades realizadas em cunho a inclusão, no qual permite colocar o indivíduo no lugar do outro, para sentir como a vida do colega para ser produzido a equidade, entender necessário ações justas para todos, que se inicia no âmbito escolar e é necessário ser levado para a vida. Além de que, nessa oficina busca-se agregar pequenos valores a um público que está em uma fase de aprender, e mostrar que é necessário fazer a sua parte no mundo, com gestos que necessariamente não são grandes, mas possuem um efeito gigantesco. O tema, voltado a palavras mágicas, pode parecer um título irrelevante, mas provoca mudanças em volta do seu convívio, seja na inserção da criança ao conviver com o outro na rua ou ao iniciar seus primeiros dias de aula. São palavras que dão abertura ao círculo social e permite que pessoas, independente da sua classe social, sejam tratadas como gente, seja do vendedor ambulante ao executivo, um simples bom dia pode ser a palavra positiva que aquela pessoa está recebendo no seu dia. Em um mundo permeado de violência verbal, violência física, além de conflitos em várias partes do mundo, é reconfortante ser a pessoa que reproduz um sorriso e simpatia. Por isso, o complemento do tema se complementa na reflexão sobre a vida, porque essa é a mensagem que quer ser transmitida durante a produção da oficina cultivada para ser

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO levada externamente.

Palavras-chave: inclusão; comunicação; oficina; palavras mágicas; educação.

REFERÊNCIA

COSTA, Dóris Anita Freire. **Superando limites:** a contribuição de Vygotsky para a educação especial. Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 23, n. 72, p. 232-240, 2006. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862006000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 nov. 2023.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

A RATOEIRA E O RATO: SOLIDARIEDADE E EMPATIA

Beatriz Rodrigues Miranda

Universidade Estadual da Bahia- Campus XI
biamatos188@gmail.com

Marianna Torres Prado

Universidade Estadual da Bahia- Campus XI
tpgmarianna@gmail.com

Fernanda Victória Pinheiro

Universidade Estadual da Bahia- Campus XI
vicsantiago461@gmail.com

Dilzete da Silva Mota Ramos

dmota@uneb.br

RESUMO

Esta oficina apresenta como tema "A Ratoeira e o Rato: "Solidariedade e Empatia". Surge de um estudo resultado de uma atividade avaliativa do componente curricular Linguagens e Análises Linguísticas, da Universidade Estadual da Bahia - Campus XI, mediado pela professora Dilzete da Silva M. Ramos. O projeto escolhido tem a intenção de fazer os alunos refletirem sobre a questão da importância da empatia, convivência e respeito. Diante disso, o objetivo proposto do projeto é através da oficina que será apresentada no XI SEMINÁRIO do NUPE, proporcionar uma reflexão sobre a importância de conviver em sociedade, de forma solidária, empática e respeitosa. O estudo lúdico dessa fábula oportuniza reflexão sobre a necessidade de convivência harmoniosa e solidária na sociedade. Diante da desvalorização de valores, tais como: respeito, solidariedade, amizade, etc, esta fábula foi selecionada com o fim de propiciar reflexão nos alunos sobre a relevância do ato de compartilhar e ajudar para assegurar relações saudáveis. A fábula é um tipo de gênero textual que apresenta personagens inanimados com características de seres humanos, traz sempre uma moral sobre a história apresentada. Segundo (Souza, 2002) A fábula, costuma ser conceituada como breve narrativa alegórica, de caráter individual, moralizante e didático, independentemente de qualquer experiência espiritual ligada ao sobre. Nela, as personagens apresentam situações do dia-a-dia, de onde podem ser extraídos paradigmas de comportamento social, com base no bom senso popular. Seres irracionais e, as vezes, até mesmo coisas e objetos, contracenam entre si, ou com pessoas, ou com deuses mitológicos Abramovich(1989) postula que é "com a literatura infantil que iremos trabalhar a imaginação, a criatividade, o viver o faz de conta, o fazer arte, o explorar e instigar o interesse da criança" por vários temas. Nesse sentido, o estudo da fábula concorre para o processo de "apropriação da literatura enquanto linguagem", isto é, letramento literário. Inicialmente será utilizada uma dinâmica com pirulitos para contextualizar a fábula. Logo após a história será contada de forma teatral com os personagens caracterizados com máscaras. Em seguida, serão lançadas questões de compreensão relacionadas à história. Outras questões de inferências também serão feitas, visando observar a relação que os alunos fazem da história com suas experiências de vida. Por último, será realizada uma sessão de pinturas de animais nos rostos das crianças. A atividade será realizada no NUPE, portanto ainda não é possível transmitir os resultados obtidos com os alunos. Porém, aponta para um trabalho lúdico, dinâmico

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO que oportuniza a interação e participação das crianças. Conclui-se que um trabalho dessa natureza muito pode contribuir para a construção de comportamentos solidários, tão necessários na sociedade contemporânea. Em outra instância, também muito colabora para o nosso processo formativo enquanto estudantes de pedagogia e para este eixo, no sentido de apresentar uma proposta nova de prática pedagógica lúdica, que visa a produção de conhecimentos.

Palavras-chave: fábula; letramento literário; planejamento; solidariedade.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

INTRODUÇÃO A AUDIODESCRIÇÃO COMO DISPOSITIVO DIDÁTICO: SUBSÍDIOS AOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Lucas de Carvalho Cardoso

Psicólogo do NAAPA / NAI - Núcleo de Acessibilidade e Inclusão

lucardoso@uneb.br

Poliana Santana dos Santos

Estagiária do Programa +Futuro / NAI –

Núcleo de Acessibilidade e Inclusão

pollysantos81929@gmail.com

RESUMO

A acessibilidade nos espaços pedagógicos se torna um desafio constante para todos os profissionais envolvidos nos atos pedagógicos. As políticas públicas de educação inclusiva têm demandado dos atores e atrizes sociais, estudos e proposições que se voltem para o fomento de ações inclusivas sejam na educação básica e na universidade. Os desafios de incluir estudantes e pessoas com NEE ou com deficiência na dinâmica acadêmica se mostram como pulsantes na academia, o que tem direcionado as práticas dos NAI- Núcleo de Acessibilidade Inclusão a efetivação de pesquisas e ações de extensão empenhadas com o anúncio de possibilidades e construções colaborativas de meios e práticas de inclusão. Dentre os vários recursos e tecnologias que emergem, como significativas, destaca-se o uso da audiodescrição, como recurso de intersemiótica, que permite a transmutação das visualidades para a linguagem oral. Logo, emergiu o problema motivador do minicurso: De que modo os profissionais que atuam nos espaços acadêmicos podem fazer uso didático do áudio descrição para favorecer a edificação de espaços- tempos de aprendizagem? Diante de tal questão, planejou-se uma oficina, com carga horária de 04 h para efetivação dos trabalhos teórico-práticos, que terão como eixo de ação uma metodologia pautada pelo socio interacionismo de inspiração Vygotskiana, focada na interlocução, com aprofundamento teórico e metodologias de aplicação prática das técnicas de audiodescrição. Para fundamentação teórica dialogou-se com os trabalhos de: Carpes (2016), Costa (2013), Franco (2022), Motta (2010), Sá (2020) dentre outros autores que discutem sobre audiodescrição. Os objetivos previstos foram: conhecer as principais técnicas e recomendações da audiodescrição pedagógica, subsidiando os cursistas a compreensão dos mecanismos e usos práticos de tal recurso para aplicação nos espaços pedagógicos diversos da Universidade. Com as ações deste mini curso intentamos difundir entre os sujeitos, os conhecimentos e técnicas de audiodescrever o mundo do visual para a oralidade, permitindo as pessoas que necessitam, o acesso pleno as informações para construção do conhecimento.

Palavras-chave: audiodescrição; inclusão; acessibilidade; educação.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

**APRENDER BRINCANDO:
AS FORMAS GEOMÉTRICAS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

João Eduardo dos Santos

Universidade do Estado da Bahia - DEDC XI

jaoneb1@outlook.com

Paulo Vitor Silva de Jesus

Universidade do Estado da Bahia - DEDC XI

unebvitor@gmail.com

Janair Meireles de Lima

Universidade do Estado da Bahia - DEDC XI

janairmeireles03@gmail.com

Lucimara Morgado Pereira Lima

Centro de Atendimento Pedagógico a Pessoas com Necessidades Educacionais

Especiais - CAPENE

morgadomara@hotmail.com

RESUMO

O presente resumo relata a partir de experiências vivenciadas como bolsistas de iniciação à docência no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, desenvolvida através do subprojeto: “Criação de tecnologias educacionais e assistiva: tecendo aprendizagens nos cenários de AEE junto a crianças com deficiência/NEE nas escolas inclusivas” do curso de Pedagogia do Campus XI da Universidade do Estado da Bahia – UNEB em Serrinha – Bahia, por meio do Centro de Atendimento Pedagógico a Pessoas com Necessidades Especiais - CAPENE, instituição essa que está vinculada a secretaria de educação do município de Serrinha e atende a todas as escolas do município em que são diagnosticadas crianças com necessidades educativas e/ ou deficiência desde que estejam matriculadas nas instituições de educação deste município, sob a coordenação da professora Glauce Maciel e supervisionado pela professora Lucimara Morgado. Desse tema mais amplo surge a oficina pedagógica intitulada: “Aprender Brincando: As Formas Geométricas na Perspectiva da Educação Inclusiva.”, essa oficina pedagógica aborda a temática do ensino de geometria na educação inclusiva, tendo como público-alvo os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. O problema norteador da ação foi: Como proporcionar o desenvolvimento matemático a partir do ensino das formas geométricas na perspectiva da educação inclusiva utilizando recursos lúdicos? A proposição da oficina se justifica na importância do brincar no desenvolvimento infantil, abordando aspectos motores, emocionais, sociais, psicológicos e cognitivos. Temos como objetivo: Promover a aprendizagem por meio de atividades lúdicas, enfocando o entendimento das formas geométricas, com ênfase na perspectiva da educação inclusiva, visando proporcionar uma experiência educacional acessível, envolvente e inclusiva para todos os estudantes, promovendo uma aprendizagem mais significativa, relacionando as formas geométricas ao cotidiano dos alunos e desenvolvendo a capacidade de observação das diferenças e semelhanças entre objetos. Para abordagem metodológica utilizamos a perspectiva de oficina como local de produção colaborativa do conhecimento (Cardoso, 2006) onde também realizaremos uma avaliação inicial para determinar o nível de familiaridade dos alunos com formas geométricas e identificar necessidades

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO específicas de alunos com deficiências. Em seguida, serão apresentadas atividades recreativas, como quebra-cabeças, jogos de encaixe e construção com blocos de montar, que tornam o aprendizado das formas geométricas envolvente e acessível a todos os alunos. Para fundamentação teórica dialogamos com trabalhos de autores como: Sherard (1981); Pavanello (1993) e Ferreira (1996) onde destacam a importância da Geometria no desenvolvimento das crianças, permitindo a compreensão e a interação com o mundo ao seu redor. O projeto também segue as recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN'S, que incentivam o ensino de Geometria desde as séries iniciais, visando a utilização de materiais manipuláveis para tornar conceitos abstratos mais concretos. A Geometria é fundamental para o desenvolvimento da percepção espacial e a resolução de problemas, promovendo o pensamento crítico e autônomo dos alunos. Em resumo, o projeto "Aprender Brincando: As Formas Geométricas na Perspectiva da Educação Inclusiva" busca utilizar a ludicidade e a acessibilidade para ensinar formas geométricas aos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Através de atividades lúdicas e adaptáveis, o projeto visa reavivar o interesse dos alunos por esse conhecimento, estabelecendo conexões com o cotidiano e outras disciplinas, promovendo a inclusão de todos os estudantes, e incentivando a criatividade, o pensamento crítico e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais.

Palavras-chave: educação; inclusão; geometria; criatividade; brincar.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM DIFICULDADE DE APRENDIZADO

Cleudson Alves Rosa

Bolsista ID - PIBID/CAPES

Universidade do Estado da Bahia/Campus XI

cleudson747456639.com@gmail.com

Lara Ribeiro Almeida

Bolsista ID - PIBID/CAPES

Universidade do Estado da Bahia/Campus XI

laralmeida.ped@gmail.com

Thais Oliveira Mota

Bolsista ID - PIBID/CAPES

Universidade do Estado da Bahia/Campus XI

thaisuneb2019@gmail.com

Profa. Geisiane Pereira Ramos

Supervisora ID - PIBID/CAPES

geise.ramos14@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho foi realizado através de análises empreendidas pelos bolsistas de ID do PIBID, estudantes do curso de Pedagogia, UNEB - Campus XI, em Serrinha – Bahia, sob orientação da professora supervisora Geisiane Pereira Ramos, tem como objetivo evidenciar as ações realizadas na aplicação de uma oficina pedagógica intitulada "Jogos, brinquedos e brincadeiras na construção do processo de aprendizagem do aluno com dificuldade de aprendizado". No período de atuação no PIBID na condição de bolsistas de iniciação à docência, na Escola Monsenhor Demócrito de Barros, no ano de 2023, pôde-se perceber uma acentuada queda no domínio da língua escrita e oralidade no que se refere aos estudantes do Ensino Fundamental II, por influência do panorama pandêmico que o mundo passou. Durante muitos anos, os jogos, brinquedos e brincadeiras vem mudando, porém a essência do brincar permanece, mas o brincar na escola tem sido pouco introduzido ao pedagógico e lúdico. Através da interação entre os sujeitos e com os objetos, as crianças, adolescentes e principalmente aquelas que apresentam qualquer tipo de deficiência ou dificuldade no aprendizado podem vivenciar, experimentar e aprender utilizando os diferentes recursos ludo pedagógicos, auxilia a respeitar e seguir regras e no trabalho em equipe. Por meio da ludicidade as crianças e adolescentes começaram a expressar-se com maior facilidade, ouvir, respeitar e discordar de opiniões, exercendo sua liderança, sendo liderados e compartilhando sua alegria de brincar. Acreditamos que a ludicidade através de brincadeiras e brinquedos têm um papel importante como recurso para incentivar no processo de aprendizagem na prática pedagógica, desenvolvendo não apenas o conhecimento, mas a cultura, o social e o psicológico. Dessa forma, surge então o seguinte problema: como os jogos, brinquedos e brincadeiras podem potencializar o processo de aprendizagem de alunos com dificuldades de aprendizado? O principal objetivo desse projeto é, através da aplicação de oficina, favorecer com ludicidade a aprendizagem na aplicação de jogos, brincadeiras e construção de brinquedos. Elkonin (1998) e Leontiev (1994) afirmam que durante a brincadeira ocorrem as mais importantes

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

mudanças no desenvolvimento psíquico infantil. Para estes autores a brincadeira é o caminho de transição para níveis mais elevados de desenvolvimento. Face ao exposto, o lúdico é uma necessidade do ser humano em qualquer idade, facilitando sua aprendizagem, portanto, as brincadeiras e jogos são imprescindíveis no processo de ensino aprendizagem, pois envolve o aluno nesse processo buscando seu interesse e interação. Segundo Freire (1991 p.39), “a criança que brinca em liberdade, sobre o uso de seus recursos cognitivos para resolver os problemas que surgem no brinquedo, sem dúvida alguma chegará ao pensamento lógico que necessita para aprender a ler, escrever e contar”. A oficina contará com a construção de um jogo educativo, no qual será produzido um jogo da velha que tem a finalidade de formar palavras a partir de sílabas. Conterá também com diálogos acerca da importância dos jogos, brinquedos e brincadeiras no processo de aprendizagem e como professores poderão implantar esses recursos nas aulas. Em novos contextos, jogos adaptados ou estratégias lúdicas podem facilitar a assimilação de novas informações e a adaptação a ambientes de aprendizado distintos. Sendo assim, a construção do aprendizado, aliado aos saberes do indivíduo contribuem para o desenvolvimento da criança e do adolescente que possui algum tipo de dificuldade de aprendizado. Por conseguinte, brincar, *faz-se mister*, pois cada sujeito aprende de uma maneira individualizada.

Palavras-chave: adolescente; brincadeiras; brinquedos; criança; jogos.

REFERÊNCIAS

ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREIRE, J.B. **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1991.

LEONTIEV, A.N. **Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar**. In: Vygotsky, L. S.; Luria, A.R.; Leontiev, A. N. (Orgs.), *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Moraes, 1994.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

EM PROL DA EQUIDADE: UNIVERSALIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO EM LIBRAS

Camila Silva Santos

Universidade do Estado da Bahia
camilasilvasantos8342@gmail.com

Vanderléia Almeida da Silva

Universidade do Estado da Bahia
vanderleiaalmeida76@gmail.com

Lyvia Nascimento Santos

Universidade do Estado da Bahia
lyvianascimento20@gmail.com

Lucimara Morgado Pereira Lima

Supervisora Pibid
Capene – Serrinha-BA
morgadomara@hotmail.com

RESUMO

Considerando a possibilidade da criança com surdez entrar na escola sem ter um meio de transmissão, tomando como base o fato da maioria das pessoas não possuírem os conhecimentos básicos para estabelecer uma comunicação e desenvolver uma relação de proximidade pela língua de sinais, foi pensada e elaborada a oficina “Em Prol da Equidade: Universalização da Comunicação pela Libras” com o intuito primário de desenvolver atividades para com adultos, jovens, responsáveis ou pessoas próximas de crianças com deficiência. A oficina perpassa por objetivos que visa desenvolver a compreensão e o entendimento da importância de evidenciar os meios de comunicação existentes para tornar a inclusão mais valorizada, além de instigar um número expressivo de pessoas a procurar compreender a língua, visando o conhecimento sobre esse meio de comunicação e estimular as pessoas a buscar conhecer e compreender a Libras. A educação inclusiva preza por um ensino democrático, onde cada indivíduo efetivamente possua a garantia de um ensino, buscando pela integração dos estudantes, com foco em assegurar o direito educacional de cada um, objetivando condições adequadas e a permanência do mesmo. A Libras é um instrumento de inclusão, foi elaborada para contribuir no processo de comunicação para as pessoas com deficiência, visando a equidade delas. A Língua brasileira de sinais pode ser um instrumento de comunicação para outras deficiências existentes. As pessoas que não conseguem se comunicar verbalmente, por exemplo, podem utilizar a língua de sinais para estabelecer uma intercomunicação. Por isso, a presença de uma língua é considerada fator indispensável ao desenvolvimento dos processos mentais. Libras proporciona uma comunicação acessível e inclusiva, porém para que isso se universalize, é necessário não apenas a comunidade de surdos se comunicar com a Língua Brasileira de Sinais, mas sim o maior número de pessoas, pois não adianta existir a Libras como meio de comunicação, e no entanto necessitar de um intérprete sempre que houver uma pessoa com deficiência auditiva no ambiente. Para fundamentar a escrita deste trabalho temos Hellen Keller (1902); Emmanuelle Laborit (1993), que durante todos os seus estudos buscaram contribuir com comunidade surda através das suas histórias mostrando a relevância do ensino e da língua de sinais. A sociedade cria uma limitação para esse dispositivo de

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO
comunicação, desvaloriza e não atribui a ênfase necessária, é preciso que as
pessoas entendam o quanto é fundamental reconhecer a importância para que a
inclusão abandone a teoria e parta efetivamente para prática visando que as
pessoas com deficiência possa participar igualmente do meio social. Durante a
oficina ocorrerá um momento no qual poderão receber seu sinal em Libras através
das pessoas surdas, e ainda atividade interativa de mímica que será realizada
através de grupos. Evidenciaremos a relevância da percepção sobre a língua
brasileira de sinais, para a real inserção de indivíduos com deficiência em todos os
ambientes sociais, visto o capacitismo existente na sociedade brasileira.

Palavras chaves: inclusão; acessibilidade; libras.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

COMER PARA PODER CRESCER UMA OFICINA SOBRE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

Paulo Vitor Silva de Jesus

Universidade do Estado da Bahia - Campus XI
unebvitor@gmail.com

Janair Meireles de Lima

Universidade do Estado da Bahia - Campus XI
janairmeireles03@gmail.com

Madija Santos da Silva

Universidade do Estado da Bahia - Campus XI
silvamadija@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho refere-se a oficina pedagógica intitulada Comer para Poder Crescer: Uma Oficina sobre Alimentação Saudável, desenvolvida como uma atividade de avaliação para o componente curricular: Núcleo de Iniciação à Docência (NID II) do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Telma Regina, onde aborda a importância da alimentação saudável, tendo como público-alvo estudantes do 1º ano do ensino fundamental. O problema norteador da ação foi: Como proporcionar a conscientização das crianças a respeito da compreensão do que são alimentos saudáveis e não saudáveis utilizando recursos lúdicos?. A proposição da oficina se justifica na implementação de recursos criativos e didáticos, não apenas para auxiliar nas tarefas escolares, mas também para estimular a imaginação e a criatividade das crianças. Além disso, visa promover uma educação alimentar eficaz, com o intuito de melhorar a saúde e a qualidade de vida das crianças. Temos como objetivo: Promover e evidenciar através de recursos lúdicos e da musicalização a importância que a alimentação saudável e adequada tem com cada fase do desenvolvimento da criança, discutindo como uma alimentação saudável pode contribuir para uma melhor qualidade de vida contemplando a diversidade de legumes e frutas que proporcionam uma vida saudável. Para abordagem metodológica utilizamos a perspectiva de oficina como local de produção colaborativa do conhecimento (Cardoso, 2006) desenvolvendo-se sob uma formação social humanizada visando debater sobre a necessidade de aprender-se hábitos alimentares saudáveis. A proposta baseia-se na aplicação de dinâmicas que explicam e diferenciam os tipos de alimentos que são saudáveis e não saudáveis, trabalhando também os sentidos do corpo humano (Olfato, tato e paladar) com relação aos conteúdos, trazendo assim a implementação de uma formação humanizada, utilizando de recursos tecnológicos com abordagens sobre o tema para ajudar na construção do projeto. Para fundamentação teórica dialogamos com trabalhos de autores como: Monteiro e Costa (2004), Amaral (2008) e Consea (2013). Em resumo, o projeto busca utilizar-se da ludicidade e da brincadeira para promover a educação alimentar, que fortemente influenciam na construção de hábitos alimentares saudáveis que são investimentos fundamentais para o futuro das crianças e para a construção de uma sociedade mais saudável e consciente. Portanto, esta oficina representa um passo importante na direção de um ambiente escolar que valoriza o bem-estar das crianças e seu desenvolvimento pleno. Ao proporcionar uma abordagem lúdica e educativa

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO sobre alimentação saudável, espera-se que as crianças adquiram conhecimentos e hábitos que contribuam para uma vida saudável e equilibrada.

Palavras-chave: educação; alimentação; saudável.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

A MAGIA DAS CORES: TODOS SOMOS DIFERENTES, TODOS SOMOS ESPECIAIS

José Mateus Ferreira Costa

Universidade do Estado da Bahia - UNEB
mateus12.mf@gmail.com

Maria Eduarda Kevylla Lima Rodrigues

Universidade do Estado da Bahia - UNEB
rodrigueseduarda@gmail.com

Jusceli Maria Oliveira de Carvalho Cardoso

Docente da UNEB, CAMPUS XI
jcardoso@uneb.br

RESUMO

A presente proposta que tem como finalidade a realização de uma oficina pedagógica traz como tema: A magia das cores: Todos somos diferentes, todos somos especiais. A problemática que induziu esta ação foi: De qual forma as escolas podem inserir na educação o estudo e a difusão da Libras desde o ensino infantil? O que nos impulsionou a tomar essa iniciativa foi a vulnerabilidade que, a maioria dos âmbitos escolares, ainda apresentam quando a pauta está voltada para trabalhar com a inclusão e, nesse caso, a de alunos que possuem problemas auditivos e dificuldades em pronunciar-se verbalmente. Tivemos como objetivo em construir junto às crianças, atividades lúdicas que visem a promoção de reflexão-ação com o intuito de conscientização quanto ao esforço coletivo para termos uma sociedade respeitosa para com as diferenças humanas; Utilizamos os referenciais teóricos de grandes contribuintes com perspectivas onde fomentam o campo educacional com discussões plausíveis através de suas teorias desenvolvidas referentes a processos cognitivos; dentre eles os trabalhos teóricos : Freire (1996, 1999, 2005), Vygotsky (1991). A abordagem metodológica escolhida foi a de oficina pedagógica por desenvolver a construção de conhecimentos realizados na prática quebrando o método de ensino tradicional, pois dessa forma participação e envolvimento do discente é bem mais notória e as aprendizagens se processarão de modo crítico, ativo e prazeroso.

Palavras-chaves: educação; libras; conscientização; respeito.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

CARTOGRAFIAS DO COTIDIANO: CONHECER, LOCALIZAR E NAVEGAR NO ESPAÇO

Alane Pamela Lopes de Aquino

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

alanepamela129@gmail.com

Angélica Pereira dos Santos

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

angelica.9-6@hotmail.com

Jaiane Araujo Oliveira

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

jaianeoliveira010@gmail.com

José Mateus Ferreira Costa

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

mateus12.mf@gmail.com

Lais Samara Ferreira dos Santos

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

laisasantos1990@hotmail.com

Eric Silva dos Santos

Secretaria da Educação do Estado da Bahia – Professor Efetivo

silavadossantos.eric@gmail.com

RESUMO

A proposta de oficina, intitulada "Cartografias do Cotidiano: Conhecer, Localizar e Navegar no Espaço", é organizada pelos bolsistas do Programa Residência Pedagógica do subprojeto *Tempos e Percursos da Docência: Educação Geográfica e Saberes-Fazeres na Escola*. Seu objetivo é abordar a ciência cartográfica, uma área da geografia, com a intenção de possibilitar a reflexão sobre aspectos essenciais da cartografia. Sabe-se que, no contexto da educação básica, a Cartografia Escolar apresenta diversas fragilidades em seu ensino. Na realidade das escolas públicas, é comum que os estudantes concluam seus estudos sem a devida apropriação dos conhecimentos cartográficos básicos necessários para sistematizar, ler e interpretar cartas e mapas. Nesse sentido, a realização desta oficina tem como propósito principal possibilitar a compreensão acerca dos conhecimentos cartográficos, alinhando teoria e prática e considerando a construção da identificação do sujeito em relação ao o espaço em que vive. O problema motivador para a elaboração desta proposição está relacionado às diversas problemáticas que atualmente afetam o ensino público, as quais refletem na falta de apropriação dos conhecimentos da ciência cartográfica. Nesse sentido, a oficina surge como uma alternativa para desenvolver um ensino de cartografia que oportunize melhores condições de aprendizagem por parte do estudante. A elaboração desta oficina se justifica pela promoção do ensino de habilidades de mapeamento a um grupo de estudantes do ensino médio. Essas habilidades visam aprimorar a compreensão da geografia e o uso de ferramentas de geolocalização, desempenhando um papel crucial ao capacitar as pessoas a compreender e utilizar informações espaciais. Esse conhecimento influencia diversas áreas, desde a educação até a pesquisa

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO científica e o planejamento urbano. Para a fundamentação teórica temos como base os trabalhos de Castellar (2017), Francischett (2007) e Rosa (2004), dentre outros. Para fins metodológicos, utilizaremos a perspectiva de oficina pedagógica, visando promover práticas colaborativas aliadas a propostas de atividades que envolvam as diversas linguagens do conhecimento, a exemplo da linguagem imagética. A oficina abrange a exposição e leitura de vários mapas temáticos, além de discussões sobre escalas, legendas e os principais aspectos da cartografia, incluindo suas tecnologias, aplicações e importâncias no cotidiano das pessoas. Há também o cálculo manual e a conversão de distâncias utilizando escalas. Além disso, inclui atividades lúdicas, como caçadas ao tesouro com o auxílio de croquis cartográficos do espaço físico do *campus* XI da UNEB, e a interpretação de cartas enigmáticas que contêm charadas para localizar pontos icônicos na cidade de Serrinha, os quais devem ser identificados no mapa da cidade. A contribuição do trabalho para o presente eixo temático está pautada na necessidade de potencializar o desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico. Ao explorar o conceito de cartografias do cotidiano, conclui-se que os alunos podem desenvolver habilidades de pensamento reflexivo, questionando a forma como o espaço é percebido e representado e como isso influencia as decisões e ações no dia a dia. Além disso, a atividade proposta é um meio relevante para estimular a criatividade e inovação, pois utiliza-se de diferentes formas de representação, como mapas, diagramas e tecnologias de geolocalização. Isso permite que os alunos desenvolvam habilidades criativas e inovadoras na interpretação e representação do espaço. A abordagem das cartografias do cotidiano pode contribuir para o desenvolvimento de competências geográficas, como a leitura de mapas, a compreensão de escalas e a análise espacial, enriquecendo a educação e preparando os alunos para compreender de forma mais consciente o espaço ao seu redor.

Palavras-chave: oficina; cartografia; educação cartográfica.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

OFICINA DE INICIAÇÃO À LEITURA CARTOGRÁFICA: PRÁTICAS CARTOGRÁFICAS NO COTIDIANO

Alana Marques de Oliveira

Universidade do Estado da Bahia
alana.marques047@gmail.com

Diego Calçada Rigaud Felix

Universidade do Estado da Bahia
diegogeo90@gmail.com

Erico Ribeiro Santos

Universidade do Estado da Bahia
ericoribeiroer10@gmail.com

Gilda Oliveira de Jesus

Universidade do Estado da Bahia
gildaoliveira726@gmail.com

José Marcos Silva Ribeiro

Universidade do Estado da Bahia
jmsribeiro08@gmail.com

Taise Reis Silva Andrade

Universidade do Estado da Bahia
isereis028@gmail.com

RESUMO

A proposição da “I Oficina de Iniciação à Leitura Cartográfica: Práticas cartográficas no cotidiano”, intenciona conceber momentos de aprendizagens cartográficas a partir de situações que emergem no cotidiano cujo público alvo são estudantes do Ensino Fundamental I. A questão problema que mobiliza a nossa intenção de oficina é: Como a linguagem cartográfica pode auxiliar na compreensão do espaço geográfico no cotidiano? A proposta desponta relevância social em decorrência da importância de que nos Anos Iniciais ocorra uma alfabetização cartográfica. Assim, a partir de um conjunto de atividades lúdicas e interativas, intencionamos promover aprendizagens significativas de maneira coletiva e reflexiva abordando conceitos básicos da cartografia: legendas, escala e orientação. A cartografia consiste na arte de criar mapas, cartas gráficas, croquis e plantas envolvendo coletas de dados e informações geoespaciais que possibilitam fazer análises espaciais a partir de representações precisas e úteis do mundo real. A cartografia desempenha um papel importante no ensino da Geografia e no fazer pedagógico dos professores no cotidiano da sala de aula. Geralmente, para mobilizar as intervenções didático-pedagógicas uma variedade de materiais cartográficos são utilizados incluindo mapas temáticos para auxiliar os estudantes a ter uma melhor compreensão do mundo, dos seus lugares de vivência, como também a desenvolver habilidades geoespaciais. A cartografia ganha maior significado quando trabalhada em sala de aula considerando a realidade dos sujeitos em formação escolar, nesse sentido as dinâmicas que serão desenvolvidas, parte da compreensão de sistema de ações e objetos incorporados no cotidiano que envolve a cartografia mediante o uso de atividades didático-pedagógicas que possibilitem aos estudantes orientação geográfica e noções de escalas, trabalhando práticas que exemplifiquem desde de microescala – bairro, rua cidade e município – a macroescala, estado, país e

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO mundo – além de estimular e orientar os estudantes sobre noções de lateralidade e verticalidade. Para a fundamentação teórico-conceitual, dialogou-se com Almeida (2001), Fonseca (2013) e Oliveira (2022), o diálogo que esses autores vêm retratando, que a aprendizagem cartográfica inicia-se a partir da gênese da orientação e de práticas que sejam significativas aos estudantes. As oficinas pedagógicas contribuem na construção da aprendizagem dos sujeitos, fazendo a inserção dos mesmos aos conceitos cartográficos de forma simples e dinâmica, mobilizando a sala como um possibilitando desenvolver habilidades e reflexões de situações vivenciadas no cotidiano. Portanto, a metodologia que melhor se adequou ao projeto, foi a qualitativa, por a mesma fornecer uma rica base teórica, como também uma grande informação de dados, que tornaram a execução dessa oficina relevante. Se utiliza de uma perspectiva de construir um espaço dinâmico de produção de conhecimento, onde as práticas que serão realizadas se tornam em um momento colaborativo para construção de noções básicas do conhecimento cartográfico despertando a interatividade dos estudantes. Espera-se que essa oficina pedagógica contribua com o processo de formação cartográfica dos estudantes, estimulando eles a terem uma percepção básica dos conceitos cartografia e de direção, relacionando a teoria com a prática.

Palavras-chave: cartografia; práticas de ensino; oficinas didáticas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Do desenho ao mapa:** iniciação cartográfica na escola. SCRIBD. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/371794872/ALMEIDA-Rosangela-Doin-de-DO-DESENHO-AO-MAPA-INICIACAO-CARTOGRAFICA-NA-ESCOLA-pdf>. Acesso em: 31 mai. de 2023.

FONSECA, S. F. da; MENDONÇA, G. L.; SANTOS, D. C. dos; CARDOSO, V. F. **Ensino de Geografia:** uso e aplicação de oficina de cartografia enfatizando as formas de orientação. Geografia Ensino & Pesquisa, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 147–156, 2013. DOI: 10.5902/2236499410778. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/10778>. Acesso em: 31 out. 2023.

OLIVEIRA, Maria Gabriela Martins de; SANTOS, Ivaneide Silva dos. **Oficinas pedagógicas e aprendizagem significativa no ensino de geografia.** Revista Ensino de Geografia (Recife), [S. l.], v. 5, n. 3, 2022. DOI: 10.51359/2594-9616.2022.253710. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/ensinodegeografia/article/view/84-105>. Acesso em: 31 out. 2023.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

O PATINHO FEIO: DIVERSIDADE

Ariane Silva

as0295018@gmail.com

Josélia Jesus

joseliasouza055@gmail.com

José Carlos

silvasantoscarlos793@gmail.com

Maíres Alves

mairesalves34@gmail.com

Profª Drª Dilzete Mota

Universidade do Estado da Bahia

dмота@uneb.br

RESUMO

A oficina "o patinho feio", produzida durante as aulas do componente curricular Linguagens e Análises Linguísticas, ministrada pela professora Dilzete Ramos, foi planejada uma manhã com atividades lúdicas com intuito de estimular a diversidade do estado da Bahia, e também a conscientização sobre as diversas diferenças recorrentes na sociedade. Os alunos matriculados no quarto ano da escola Creunite Silva Brizolara Perreira, com atividades que envolviam interação com dinâmica, músicas, desenho e animação com fantoches. Além disso, a escolha desta história, teve embasamento na temática norteadora de que está voltada para a inclusão do diferente, a aceitação e a necessidade de respeitar o outro, A história conta o cotidiano de um cisne que nasceu em uma família de patos, sendo ele então diferente dos demais integrantes da família foi considerado feio, por até então não se encaixa no padrão que foi determinado por membros anteriores, com isso podemos notar a importância de nos enxergarmos como um ser distinto, e que isso não necessariamente ruim, sendo assim diferente faz parte da nossa identidade.

A história é de extrema importância por abordar assuntos que ajudam na aceitação de crianças que porventura se sintam excluídas e indiferentes em espaços escolares e não escolares, sendo assim, levar o "patinho feio" para alunos em idade de desenvolvimento. Oportuniza e reflete sobre a importância de aceitação das diferenças de colegas e de suas próprias individualidades, nesse viés, ensinamos futuros jovens a não aceitarem discriminação por parte de colegas e até mesmo críticas desnecessárias de parentes, assim a temática da história traz reflexões relevantes para os alunos e acrescentando assim positivamente no desenvolvimento cognitivo, social e mental da criança. A oficina tem como tema :o patinho feio, respeito a diversidade, foi produzida durante as aulas, a questão que norteou essa pesquisa como a história pode contribuir para a inclusão do diferente e a aceitação do diferente e da necessidade de respeitarmos o outro, nesse sentido, os objetivos da oficina são: refletir sobre a importância de acolher aceitar e respeitar o diferente; a metodologia utilizada foi a contação da história com fantoches, logo em seguida uma dinâmica com a música o funk do patinho, dando continuidade os alunos irão colorir impressões que nos vamos oferecer a eles. A importância para o eixo do seminário será, estimular a criança a desenvolver por meio da história reflexões que são de cunho explicativo, ensinando a criança a ser mais receptiva com o diferente. Concluir a atividade com a exposição das diferenças dos desenhos e demonstrar

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO
que o ato de ser diferente não é ruim, concluímos com entrega de brindes.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

A CARTOGRAFIA E OS ELOS AFETIVOS NA ESCOLA

Camila Matos dos Santos

camilamattoss4357@gmail.com

Istefani Maria dos Santos

fanynants@hotmail.com

Hellen Carla dos Santos Cruz

hellencarlasantos@hotmail.com

Jeniffer Lima Alves

jenifferlimaalves@gmail.com

Maria Vitoria Almeida Matos

vickamatos2001@gmail.com

Rodrigo Guimarães Mota

rguimaraes1992@gmail.com

RESUMO

A presente oficina comporta uma abordagem sobre a cartografia e os elos afetivos construídos no ambiente escolar. Temos a cartografia como uma linguagem, já que: “Uma vez que uma linguagem exprime, através do emprego de signos, um pensamento e um desejo de comunicação com outrem, a cartografia pode, legitimamente, ser considerada uma linguagem.” (Joly, 2004, p. 13), bem como uma importante forma de comunicação usada pela humanidade desde seus primórdios, ou seja: “O mapa sempre foi um instrumento usado pelos homens para se orientarem, se localizarem, se informarem, enfim, para se comunicarem.” (Oliveira, 2011, p. 16), aparecendo, inclusive, como uma das habilidades que devem ser desenvolvidas pelos estudantes no Ensino Fundamental de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como podemos perceber no trecho a seguir: “(...) faz-se necessário o desenvolvimento de habilidades voltadas para o uso concomitante de diferentes linguagens (oral, escrita, cartográfica, estética, técnica etc.).” (Brasil, 2017, p. 356) e, além disso, temos a questão de que a cartografia nem sempre é um conteúdo muito presente em sala de aula, ou que aparece de forma insuficiente. Levando em consideração todo esse contexto, elaboramos a oficina “**A cartografia e os elos afetivos na escola**”, intencionado potencializar a aprendizagem dos estudantes sobre o tema de uma forma mais lúdica e contextualizada. A oficina está organizada em 4 passos, a saber: apresentação e explicação do funcionamento da oficina, abordagem sobre o que é um mapa mental, como é sua realização e construção; exposição dialogada sobre leitura de mapas temáticos; construção de uma planta baixa do espaço escolhido, e utilização de cores diferentes na legenda para retratar emoções que remetem aos ambientes da escola (Felicidade / Alegria: Amarelo; Angústia: Azul; Ansiedade / Medo: Roxo; Segurança: Verde); e apresentação e socialização das produções, escuta sensível sobre o que foi produzido e questionamentos acerca das emoções expressadas em cada lugar. A oficina oferece uma possibilidade de trabalhar a cartografia de uma maneira articulada com a realidade dos discentes de modo que diversifica as maneiras de se utilizar os elementos cartográficos em sala de aula e o trabalho pedagógico dos professores de Geografia, além de contribuir com a formação e com o processo de aprendizado da linguagem cartográfica do participantes da oficina. Que a realização da atividade aqui descrita seja relevante, eficaz, produtiva e

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO satisfatória para todos aqueles que, de certa forma, estejam envolvidos em sua execução, seja na categoria de ministrante, seja como participante.

Palavras-chave: cartografia; mapa mental; linguagem cartográfica; emoções.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **BASE Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

JOLY, F. **A Cartografia**. 6. Ed. Tradução: Tania Pelegrini. Campinas, SP: Papirus, 2004. 136p.

OLIVEIRA, L. de. **Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa**. In: ALMEIDA, R. D. de. **Cartografia Escolar**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2011. 224p.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

HISTÓRIA INFANTIL SOBRE DIFERENÇAS ÉTNICOS-RACIAIS NO BRASIL

Cleane Lopes de Aquino¹

Cleanelopes656@gmail.com

Universidade do Estado da Bahia, Serrinha, Ba, Brasil

Fernanda Alves dos Santos²

fernandaalves.s56@gmail.com

Universidade do estado da Bahia, Serrinha, Ba, Brasil

Mariele Miranda Ferreira Dantas³

Marielemirandam.m@gmail.com

Universidade do Estado da Bahia, Serrinha, Ba, Brasil

Prof^a Dr^a Dilzete da Silva Mota Ramos⁴

dmota@uneb.br

Universidade do Estado da Bahia, Serrinha, Ba, Brasil

RESUMO

Esta oficina tem como tema: Qual é a cor do amor? A ideia de abordar essa temática surgiu durante discussões sobre as Diferenças Raciais no Brasil, nas aulas ministrada pela Professora e Doutora Dilzete da Silva Mota Ramos do componente curricular Práticas de Leitura e Produção de Textos Acadêmicos do curso de Pedagogia do primeiro semestre da Universidade do Estado da Bahia, Campus XI. Este projeto tem como objetivo principal discutir sobre a importância da história infantil na construção dos valores, tais como alteridade, empatia, respeito que são trabalhados na história a partir da abordagem étnico-racial no Brasil. A questão norteadora desta oficina é: Essa história pode colaborar simultaneamente com discussões sobre diferenças étnicos-raciais, preconceito, discriminação e valores como alteridade e respeito? A história infantil traz para a criança um mundo repleto de emoções, sentimentos, sentidos e significados no meio pelo qual interage, desenvolvendo na criança a criatividade, a percepção de diferentes resoluções de problemas, autonomia e criticidade, elementos importantes para a formação pessoal e social do indivíduo Ferreira (1990). O que nos levou a escolha dessa temática foi: Mostrar que somos todos iguais, apesar das diferenças, conscientizar nossas crianças sobre seus valores étnicos e mostrar a importância do respeito ao diferente. Desta forma, utilizaremos uma metodologia teatral simples e dinâmica que por meio de fantoches, contaremos a história de Lorenzo e Dandara, dois amigos totalmente distintos que criaram uma relação de amizade verdadeira, respeitando suas diferenças. A obra de Priscila Pereira Boy (2018) retrata a história de um menino de pele branca (Lorenzo) e de uma menina de pele negra (Dandara) onde vemos a inocência e a pureza da amizade entre eles, em um ato extremo de amor, independentemente das suas cores e raças. Sendo assim, o intuito dessa oficina é mostrar as diferenças raciais existentes no Brasil de modo que percebam a beleza nas diferenças e compreendam que elas nos tornam seres únicos e especiais e o quanto necessário é que essa conscientização seja real, afinal as crianças não nascem racistas, elas tornam-se. A história infantil tem o poder de encantar e enfeitiçar por meio de palavras e ilustrações, ajuda a criança compreender o que está acontecendo com o mundo e a repensar sobre si mesmo, pois muitas vezes a criança internaliza tais representações negativas, não gostando de si mesmo TC Silva (2014). A História infantil apresenta significados em vários níveis diferentes,

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO enriquecendo a existência da criança. Em outras palavras, o conto de fadas dá a infância a certeza de que os problemas existem, mas podem ser resolvidos Aguiar (2001). Este trabalho é fundamentado por Munanga (2014), Priscila Boy (2018), Aguiar (2001), Ferreiro (1990) e pela Lei 10639/2003. Munanga afirma a existência das diferenças étnico-raciais no Brasil e aponta a necessidade de uma educação multicultural e antirracista para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A lei 10639/2003 estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e de outras providências. Nesse sentido esta oficina constitui como uma forma de efetivar essa lei, por ser pensada para alunos da escola básica, e se propõe a discutir de forma lúdica e prazerosa questões primordiais para educação antirracista e para a diversidade de um modo geral, ao abordá-las primando por valores caros à humanidade alteridade, empatia e respeito.

Palavras-chave: história infantil; discriminação étnico-racial; crianças; respeito.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

“MINHA MÃE É NEGRA SIM: CONSTRUINDO IDENTIDADE

Fernanda Maria Carneiro de Jesus

Uneb campus XI

Femaria117@gmail.com

Sônia Barbosa Araújo

Uneb campus XI

Soniabarbosaara@outlook.com

Thamilis Santos

Uneb campus XI

Santosthamilis39@gmail.com

RESUMO

Esta oficina tem como tema: “Minha mãe é negra sim: Construindo identidade”. Este trabalho discute as “diferenças étnico-raciais”. Surge durante as aulas da professora Dilzete da Silva Mota Ramos, do componente curricular do primeiro semestre: Prática de Leituras e Produções de Textos Acadêmicos, do curso de Pedagogia, da Universidade do Estado da Bahia, Campus XI. O artigo selecionado para discussão foi: “A questão da diversidade e da política de reconhecimento das diferenças” do autor Munanga(2014, p.35): "Em vez de opor igualdade e diferença, é preciso combiná-las para poder construir a democracia". Em debate com a turma, surge a necessidade de aprofundar as discussões a partir da organização e apresentação de um Júri simulado. A Lei 10639/2003 estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira nas escolas do ensino fundamental e médio. Foi escolhido a literatura infantil negra, “Minha mãe é negra sim” da autora e escritora Patrícia Santana, para ministrar uma oficina para alunos do terceiro e quarto ano do ensino fundamental I, que será realizada no NUPE. A presente história retrata um fato de preconceito racial, vivido pelo garoto Eno, ocorrido na escola em que o mesmo estuda, que deixou o menino muito triste, mas seu avô, com toda sua experiência, consegue devolver o sorriso do menino. Com essa história, pretende-se passar para os ouvintes como identificar o preconceito de cor, na sala de aula. O método que se pretende usar é uma oficina de contação de história, por meio da leitura de forma lúdica, com interpretações dos sentimentos sentido pelo menino Eno. O objetivo desta oficina é combater o preconceito, criando um ambiente propício para todos se expressarem, sem medo de represálias, independentemente da raça, credo, condição física, etnia ou orientação sexual. As ações feitas contribuirão para a aceitação de cidadãos, de forma consciente do seu papel na sociedade. Reconhecer o racismo é o primeiro passo, depois é preciso uma educação antirracista com ênfase em valores étnicos, visando convivência respeitosa. A questão que norteou esse trabalho é a importância dessa literatura infantil, para desenvolver sentimentos de autor- estima e reconhecimento racial nas crianças. O que se espera com essa oficina é ensinar sobre os diferentes tipos de racismo, suas origens históricas e impactos sociais, promover a conscientização sobre estereótipos e preconceitos raciais, discutir a importância da equidade racial, fornece ferramentas para combater o racismo no dia a dia e promover o respeito e a valorização da diversidade racial. As reflexões propostas neste trabalho são relevantes para o eixo 1 por oportunizar a propagação da literatura negra infantil, o que contribui para discussões numa perspectiva de formação educacional que

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO
assegure a convivência respeitosa com a diversidade.

PALAVRAS-CHAVES: identidade; preconceito; reconhecimento; sentimentos;
diversidade.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

TODO MENINO É UM REI

Alana Santos da Silva

allanasilva4587@gmail.com

Mercia de Oliveira Carneiro

merciaoliveira337@gmail.com

Sara Ferreira Lopes dos Santos

saraferreiralopes77@gmail.com

RESUMO

A oficina se desenvolve a partir do tema "Todo menino é um rei". Aborda-se uma questão racial, por meio da qual se enaltece a beleza das crianças negras e a sua identidade. Surge como proposta solicitada pela professora Dilzete Mota Ramos, responsável pelo componente de Linguagem e Análise Linguística do curso de Pedagogia (segundo semestre), na Universidade do Estado da Bahia, campus XI, Serrinha. A oficina seria realizada na instituição da educação infantil Escola Municipal Creunite Brizolara Pereira, com os alunos do 5º ano do turno matutino, entretanto, houve um atraso por parte do transporte municipal, que não chegou a tempo na universidade para levar os universitários até a referida escola, o que impossibilitou a realização da oficina com os alunos. O tema aborda uma questão racial, o design gráfico apresenta uma criança preta, de olhos azuis, enfeitada com adereços de ouro, colar e corrente, que remetem a imagem simbólica de um rei, na qual também se enaltece a riqueza da negritude. De que forma um desenho gráfico de uma criança preta com adereços de ouro, que simbolizam uma majestade pode contribuir para construção de uma imagem positiva das crianças pretas de uma escola pública? O objetivo central é enaltecer e valorizar a cultura negra e promover a auto-estima das crianças a partir de suas características físicas e combater o preconceito nas escolas. É evidente que existe pouco trabalho consistente voltado para o processo de ensino e aprendizagem de questões relacionadas à cultura afro-brasileira e ao respeito das diferenças étnico-raciais. A lei nº 10.639/2003 tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, com o objetivo de trabalhar nas salas de aula a valorização de presenças africanas na sociedade, visando contribuir com o processo de construção de auto-estima e representatividade positiva de crianças pretas, assim como na formação de uma cultura de respeito ao diferente, para crianças brancas e negras. A elaboração e construção do trabalho, colabora com a implementação dos fundamentos desta lei. Foi escolhido o desenho gráfico de Nilcley Rocha e a poesia "O Pequeno Príncipe Preto" de Marcelo Serralva. As mensagens desses gêneros textuais ajudam a desconstruir a imagem única e simbólica de um rei branco montado em seu cavalo branco, sendo instrumento para o conhecimento sobre as histórias dos povos negros, aumentando a consciência sobre as desigualdades produzidas com base no racismo estrutural. A metodologia foi estruturada em alguns momentos. Inicialmente, foi reproduzida a música "Todo menino é um rei" de Roberto Ribeiro, depois houve a apresentação do design gráfico e a solicitação para que os alunos expressassem suas interpretações acerca da imagem e da poesia. Posteriormente, houve uma atividade lúdica na qual as crianças produziram um auto-retrato delas como rei. Por fim, estas produziram um cartaz com seus desenhos para exposição em sala. Encerra-se a oficina com a distribuição de lembrancinhas, que consistiam em doces

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO inseridos dentro de saquinhos, marcados com um adesivo que continha a imagem de uma criança brincando de pipa em um vilarejo e a frase "Todo menino é um rei". Através da apresentação, a intenção é enaltecer as crianças de pele negra, incentivando elas a se identificarem como peças importantes na sociedade, por isso a representação e a utilização de jóias e da coroa de ouro, que simbolizam a riqueza, valor social que é detido por maioria branca. Deste modo, as crianças com o mesmo tom de pele que o menino exposto na imagem poderão experimentar o sabor da representatividade, bem como saberão que podem ser reis e líderes, mesmo diante de tantos estereótipos e dos contextos socioeconômicos adversos.

PALAVRAS CHAVE: representatividade; questões raciais; crianças negras

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

MAPEAMENTO COLABORATIVO: O USO DAS GEOTECNOLOGIAS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA E PLANEJAMENTO URBANO

Hebert Filipe Dos Santos Carneiro

UNEB-CAMPUS XI-SERRINHA

Trebeh.uneb@gmail.com

Valdirene Barbosa dos Santos

UNEB-CAMPUS XI-SERRINHA

val.santos.123@hotmail.com

Gustavo Lima da Cruz

UNEB-CAMPUS XI- SERRINHA

Silvano Ferreira de Oliveira

UNEB-CAMPUS XI- SERRINHA

Pro. Dr. Bruno Leonardo Gonçalves e Castro

UNEB-CAMPUS XI- SERRINHA

bcastro@uneb.br

O presente plano de oficina tem como tema o mapeamento colaborativo, e o uso da plataforma do Openstreetmap (OSM) como ferramenta de coleta e integração de informações geográficas voluntárias (VGI). Onde objetiva-se compreender como o mapeamento colaborativo pode ser usado como uma ferramenta de conhecimento para a investigação e identificação de possíveis problemas na sociedade e possíveis soluções. Na qual pode-se repensar o ensino de geografia com novas perspectivas, na utilização de ferramentas tecnológicas associadas para um melhor ensino de cartografia usando os meios digitais. No contexto atual, altamente tecnológico investir em ferramentas e dinâmicas no ambiente digital, a exemplo, dentro do OpenStreetMap permite que o estudante torne-se protagonista de sua aprendizagem, uma vez que este terá a liberdade de tecer reflexões e análises para além das propostas apresentadas dentro do livro didático e da fala do professor. O estudante é incentivado a buscar conhecimento, à medida que o também o produz ao alimentar o OSM com informações (representadas em pontos, linhas e polígonos) referente à dinâmica urbana local. Conforme aponta Freire (2005), a educação é libertadora quando o aluno passa a desempenhar uma função ativa em seu processo de aprendizagem, portanto, não figurando como um receptáculo de saberes. Nesta perspectiva busca-se provocar os alunos a fazerem leituras do espaço urbano, e como eles produzem e reproduzem o espaço no seu cotidiano de relações espaciais, entretanto segundo (Santos; Santos, 2017) “A compreensão do espaço geográfico tornou-se crucial, pois, por meio da observação, identificação e análise dos processos de mudanças socioespaciais é possível tecer a leitura da realidade.” realidade que por meio do mapeamento colaborativo pode ser usada como instrumento no ensino de geografia. Da mesma forma que pode ser usado pela população na participação do planejamento urbano municipal. Que terá relação com o que diz (Evangelista, 2017) “Uma nova cultura vem se desenvolvendo no século XXI, a chamada Cultura Participativa, onde o compartilhamento de tempo e informações é o elemento primordial. Ao unir a cultura participativa e a elaboração de mapas têm-se a Cartografia Colaborativa.” a partir das discussões apresentadas pelos autores abrangesse a importância e relevância do mapeamento colaborativo tanto no ensino de geografia nas escolas, como para a introdução da

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO sociedade no que se diz respeito à produção e reprodução do espaço urbano, e como ele pode ser discutido e criado para atender as necessidades de uma população. Para tanto, será usada na prática metodológica, a estrutura do laboratório de cartografia digital (LACARD), para fazer a exposição e instruções cartográficas, para a compreensão de dados vetoriais e sua função na construção de um mapa. As instruções iniciais para a criação da conta que dará acesso às ferramentas para o manuseio da plataforma do Openstreetmap. Em segundo momento será a prática de mapeamento colaborativo na vetorização da área, que terá delimitação dentro da plataforma, no terceiro momento aberto para avaliações da prática que tiveram com o mapeamento. Conclui-se que, esta oficina torna-se pertinente ao mediar a interação dos conhecimentos vistos no âmbito da universidade com a escola básica. Oferece condições ao professor em formação, principal público-alvo, ter acesso a novas metodologias de ensino que subsidie sua prática, cujo resultado seja protagonismo dos estudantes da/na aprendizagem. Nesse sentido, o OSM sintetiza dentro da sala de aula conhecimentos sistematizados da Geografia com a realidade vista e percebida pelos estudantes.

Palavras-chave: mapeamento colaborativo; openstreetmap; cartografia; geotecnologias; mapeamento urbano.

REFERÊNCIAS

ELIAS, Nasr Naim Elias; OLIVEIRA, Daniel; FERNANDES, Vivian de Oliveira.

Identificação do uso de diferentes primitivas geométricas na representação de feições na plataforma de mapeamento colaborativo do OpenStreetMap.

Salvador, 2019.

EVANGELISTA, A. N. A. **Mapeamento colaborativo online como subsídio para a gestão ambiental de um campus universitário.** 2017. 84 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213 p. ISBN 8521900058.

MACHADO, A. A. CAMBOIM, S. P. **Mapeamento colaborativo como fonte de dados para o planejamento urbano: desafios e potencialidades.** Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana, v. 11, 2019.

SANTOS, Chrislayne Fernandes ; SANTOS, Márcio Dos Reis. **UMA INTRODUÇÃO AO MAPEAMENTO PARTICIPATIVO: PIRAMBU E OS PROBLEMAS URBANOS.**

Anais do Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias -

CINTERGEO, p. 91–92, 2017. Disponível em:

<<https://www.revistas.uneb.br/index.php/cintergeo/article/view/6947>>. Acesso em: 4 nov. 2023.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

O PRECONCEITO RACIAL ESCONDIDO EM “BRINCADEIRAS DO COTIDIANO

Andreyana Nascimento Mota

Andreynamota07@gmail

UNEB CAMPUS XI

Carine Junqueira Silva

Carinejunqueira@gmail.com

UNEB CAMPUS XI

Ingrid Naially Silva

Ingridnaiallyalmeida@gmail.com

RESUMO

As diferenças raciais são representadas nos gêneros textuais das charges. As oficinas abarcam o trabalho dos discentes de graduação do curso de pedagogia do primeiro semestre Andreyana Nascimento Mota, Carine Junqueira Silva e Ingrid Naially Silva de Almeida, sob a orientação da docente Dilzete da Silva Mota Ramos, no contexto das atividades de ensino do componente Práticas de leituras e produção de textos acadêmicos. O preconceito racial muitas vezes está presente em brincadeiras cotidianas de forma disfarçada, perpetuando estereótipos e discriminando pessoas com base na sua cor de pele. Será que usar as charges que trazem vozes racistas do tipo "nada contra os negros, aliás, até tenho alguns amigos negros no Facebook", "para uma negra, você até que é bonita!". Contribui para refletir sobre diferenças étnicas raciais na escola? Refletindo essas brincadeiras causam danos e constrangimento, e é crime. Brincadeiras que diminuem um indivíduo por suas características não é divertido, e sim preconceituoso. Essa oficina busca promover a importância e o respeito às diferenças nas construções de uma verdadeira democracia, proporcionando igualdade e oportunidades para todos sem restrições. O trabalho fundamentado no texto de Munanga no artigo 68 da constituição as leis 10639/2003 torna obrigatório o ensino da história da África, do negro no Brasil e dos povos indígenas. A oficina inicialmente terá a apresentação mediante a charge através de slides que será uma forma visual de introduzir o tema, e logo após será feita uma roda de conversa explorando a mensagem vista na charge de forma mais aprofundada e, por fim vamos propor as crianças que façam uma frase para combater o preconceito racial na sociedade. Isso ajuda a ampliar o conhecimento cultural das crianças para promover a valorização da diversidade, fortalecer os princípios de igualdade e respeito, combater o preconceito e aprender sobre diferentes culturas e pessoas.

REFERÊNCIAS

MUNANGA, Kabengele. **Dossiê Relações Raciais e Diversidade cultural**. Jul 2014

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

A RATOeira E O RATO: SOLIDARIEDADE E EMPATIA

Ana Claudia Cordeiro de Almeida

aninhaalmeida_@hotmail.com

Universidade Estadual da Bahia- Campus XI

Rafaela Andrade Santos

rafaela97_santos@hotmail.com

Universidade Estadual da Bahia- Campus XI

Sandymila Santiago Pereira

sandymila.pereira14@gmail.com

Universidade Estadual da Bahia- Campus XI

Dilzete da Silva Mota Ramos

dmota@uneb.br

RESUMO

Esta oficina apresenta como tema "A Ratoeira e o Rato: "Solidariedade e Empatia". Surge por um estudo resultado de uma atividade avaliativa do componente curricular Linguagens e Análises Linguísticas, da Universidade Estadual da Bahia - Campus XI, mediado pela professora Dilzete da Silva M. Ramos, produzida pelos discentes: Ana Cláudia, Beatriz Rodrigues, Fernanda Victória Pinheiro, Marianna Torres, Rafaela Andrade e Sandymila Santiago.

De início nos foram concedidas duas aulas, onde tivemos a oportunidade de discutir e confeccionar através de temas e sugestões voltadas para a educação infantil, a importância da literatura no contexto escolar e como seria o passo a passo dessa apresentação. O projeto escolhido tem a intenção de fazer os alunos refletirem sobre a questão da importância da empatia, convivência e respeito.

Diante disso, o objetivo proposto seria a apresentação, que aconteceria a princípio na escola Creunite Brizolara, dia onze de outubro de dois mil e vinte e três. Porém, mesmo com a solicitação do transporte feito pela professora (Dilzete Mota Ramos) responsável pela atividade proposta, esse meio de locomoção, disponibilizado pela prefeitura, sofreu um atraso por falta de comunicação do condutor e o responsável pelo transporte, assim levando a não realização da atividade de campo na escola predefinida.

Devido a essa situação, houve uma transferência de local do projeto, o qual será apresentado no XI SEMINÁRIO do NUPE, que acontecerá com os mesmos alunos da escola definida anteriormente, mas ocorrerá no Campus XI da UNEB, com intenção de proporcionar uma reflexão sobre a importância de conviver em sociedade, de forma solidária, empática e respeitosa. O espaço será devidamente ornado para a recepção das crianças e em salas determinadas pela organização do NUPE.

A apresentação terá início com uma abertura de atividades elaboradas pelas estudantes de pedagogia do segundo semestre, explicando quem somos às crianças. Logo após, como forma de acolhimento, ouviremos seus nomes e idades. Daremos abertura a dinâmica: os alunos deverão esticar um braço e colocar o outro atrás do corpo, no braço esticado terá um pirulito. O desafio é: abrir o pirulito e pôr na boca, no entanto, seria difícil sozinho, fazendo com que a criança tenha necessidade de pedir ajuda ao colega, ou seja, a intenção é experimentar a ajuda que ele precisa e o colega também, remetendo a moral da fábula.

Assim, daremos início a contação de história. A fábula é um tipo de gênero textual

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO que apresenta personagens inanimados com características de seres humanos, traz sempre uma moral sobre a história apresentada. Será realizada por meio de apresentação teatral, mas anteriormente questionaremos: Vocês já foram numa roça? Quais animais têm em um sítio? pois são perguntas relativas à fábula. Logo após daremos início a abertura do teatro, onde contaremos a história do Rato e a Ratoeira, em que o Rato estaria exposto ao perigo após identificar na fazenda a presença de uma ratoeira colocada pela esposa do fazendeiro. E com isso solicitada ajuda aos outros animais da fazenda os quais negaram ajuda. A caracterização dos personagens da peça fora feita com a confecção de máscaras produzidas com EVA pelos componentes da equipe, simbolizando os animais da fazenda: a vaca, o rato, o porco e a galinha, além da mulher do fazendeiro, a qual é morta por uma mordida de cobra, tendo assim que sacrificar os animais que não tiveram solidariedade e empatia sobre a necessidade do pequeno ratinho. Logo após a encenação da fábula, faremos mais perguntas e discutiremos sobre a história. Visando observar a relação que os alunos fazem da história com suas experiências de vida. Por fim, será realizada uma sessão de pinturas de animais nos rostos das crianças com os animais que eles mais se identificaram na fábula.

O estudo lúdico dessa fábula oportuniza reflexão sobre a necessidade de convivência harmoniosa e solidária na sociedade. Diante da desvalorização de valores, tais como: respeito, solidariedade, amizade etc., esta fábula foi selecionada com o fim de propiciar reflexão nos alunos sobre a relevância do ato de compartilhar e ajudar a assegurar relações saudáveis. Segundo Souza, (2002) a fábula, costuma ser conceituada como breve narrativa alegórica, de caráter individual, moralizante e didático, independentemente de qualquer experiência espiritual ligada ao sobre. Nela, as personagens apresentam situações do dia a dia, de onde podem ser extraídos paradigmas de comportamento social, com base no bom senso popular. Seres irracionais e, às vezes, até mesmo coisas e objetos, contracenam entre si, ou com pessoas, ou com deuses mitológicos Abramovich (1989) postula que é “com a literatura infantil que iremos trabalhar a imaginação, a criatividade, o viver o faz de conta, o fazer arte, o explorar e instigar o interesse da criança” por vários temas. Nesse sentido, o estudo da fábula concorre para o processo de “apropriação da literatura enquanto linguagem”, isto é, letramento literário.

A atividade será realizada no NUPE, portanto ainda não é possível transmitir os resultados obtidos com os alunos. Porém, aponta para um trabalho lúdico, dinâmico que oportuniza a interação e participação das crianças. Conclui-se que um trabalho dessa natureza muito pode contribuir para a construção de comportamentos solidários, tão necessários na sociedade contemporânea. Em outra instância, também muito colabora para o nosso processo formativo enquanto estudantes de pedagogia e para este eixo, no sentido de apresentar uma proposta nova de prática pedagógica lúdica, que visa a produção de conhecimentos.

Palavras-chave: empatia; respeito; solidariedade; convivência.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil:** gostosuras e bobices. São Paulo. Scipione, 1997.

SOUSA, Manuel Aveleza de. ESOPPO. **As fábulas de Esopo-** tradução Manuel Aveleza de Sousa – 2. ed. revista – Rio de Janeiro: Thex, 2002.

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO

YAPO, YA YA, Ê Ê Ô: UMA VIAGEM PELAS CULTURAS DOS POVOS ORIGINÁRIOS

Josiele Oliveira dos Santos

Universidade do Estado da Bahia

sjosiele879@gmail.com

Elaine Santiago Junqueira de Queiroz

Universidade do Estado da Bahia

elsantijunqueira@gmail.com

Nívia Lima Souza

Universidade do Estado da Bahia.

nivialimasouza0@gmail.com

INTRODUÇÃO

Relatar sobre a realização da oficina: “YAPO, YA YA, Ê Ê Ô: UMA VIAGEM SOBRE A CULTURA INDIGENA “ é reviver uma experiência prática com alunos do 1º ano do fundamental 1 que fora muito importante por propiciar, concomitantemente, conhecer a realidade de aprendizagem dos alunos, Para Zabala (1998) essas experiências abrem “Possibilidade de melhora da atuação docente como resultado de um conhecimento mais profundo das variáveis que intervêm e do papel de cada uma delas no processo de aprendizagem dos alunos”.

Como também, contribuir com a valorização e reconhecimento da cultura indígena nas instituições de ensino e no que envolva os processos de ensino-aprendizagem dos alunos correspondendo a Lei nº 11.645/08 da Constituição Federal

Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR)

A atividade avaliativa foi desenvolvida através do componente curricular Processos de Alfabetização e Letramento, ministrada pela professora doutora Dilzete da S. M. Ramos, do sexto semestre, do curso de Pedagogia da UNEB/Campus XI, possibilitou o desenvolvimento de uma atividade pedagógica com objetivos de: Identificar os significados dos termos indígenas presentes na música YAPO como Yapo, Barro, Feliz e Indígena, de Palavra Cantada, e na história, Tupi e Iraci, de autor desconhecido, informar conhecimentos a partir da música e da história e socializar e interagir com os colegas e professoras aspectos da cultura indígena através dos gêneros música e história trabalhados.

O trabalho foi desenvolvido através de uma abordagem qualitativa, iniciou-se com um acolhimento, que se deu através de uma música de Bom Dia Coleguinha como vai? Logo após, houve a socialização da temática e a exposição de objetos indígenas como cocar, flauta de madeira, chocalho e tambor que ocorriam ao mesmo tempo, posteriormente a contação da história Tupi e Iraci, que conta as aventuras de dois irmãos indígenas e sua interação com a aldeia e a natureza. Foram levadas para crianças poderem sentir os cheiros das plantas citadas na história: alecrim e capim-limão.

Também foi utilizado como recurso lúdico a música de Palavra Cantada “YAPO” e

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO movimentos. De atividade escrita, houve um caça-palavras com significados dos termos da música (barro, feliz, indígena e yapo) e, por fim, a entrega das balas em sacos plásticos amarrados com cordão de sisal de lembrancinhas. Perante o eixo temático, esse trabalho pedagógico expõe a essencialidade de trabalhar em amplitude educacional a cultura indígena e seus aspectos durante todo o ano letivo e de maneira transdisciplinar, Para Lopes (2005, p. 189).

A educação escolar deve ajudar professor e alunos a compreenderem que a diferença entre pessoas, povos e nações é saudável e enriquecedora; que é preciso valorizá-la para garantir a democracia que, entre outros, significa respeito pelas pessoas e nações tais como são, com suas características próprias e individualizadoras; que buscar soluções e fazê-las vigorar é uma questão de direitos humanos e cidadania. Aprendendo a se ver, a ver o seu entorno (família, amigos, comunidade imediata) de modo objetivo e crítico, a comparar todos elementos com os de outros tempos e lugares, a criança desenvolve comportamentos adequados para viver numa sociedade democrática.

Outrossim, esta experiência foi de suma importância formativa para as discentes que o realizaram, pois demonstrou que as crianças conseguem uma boa interação, compreensão e respeito pela cultura indígena, uma vez que, reconhecem alimentos, adereços e instrumentos desses povos.

Ou seja, a professora regente já havia trabalhado em aula sobre a cultura indígena e os povos e os educandos interagiram bem com a oficina, sendo alcançados os três objetivos primordiais, além disso, também ficou explícito a forma afetiva que os infantes encararam a realização das atividades práticas propostas e também a relação perante o docente com os educandos.

Ademais, os desafios de exercitar a docência, através da atividade planejada foi possível, porque a parceria entre a universidade e a escola ocorreu de forma harmoniosa e fluída tanto a professora regente, quanto o corpo administrativo colaboraram para que a realização da oficina fosse bem-sucedida.

As contribuições permeiam a vinculação da prática com a teoria na atuação docente e na relação professor-aluno, abrindo possibilidades de trabalho e de aproximação com os povos indígenas e acreditamos que esta oficina pedagógica tem um efeito positivo no que concerne a estratégia de um trabalho lúdico permeado de aprendizagem e humanidade, pois essas experiências e que podem ser realizados com crianças de diversas faixas etárias, indica que a cultura indígena pode também ser abordada a Base Nacional Comum Curricular, como por exemplo, no componente curricular de Artes

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Ressalta, no entanto, a possibilidade de ser trabalhado em outros componentes como história, educação física, língua portuguesa e geografia e redireciona a ideia de discutir durante todo ano letivo e não só no dia dezanove de abril, dia dos povos indígenas enfatiza, dessa forma, a diversidade cultural e a pluralidade étnica encontrada no Brasil, demonstrada através da ancestralidade e isso propicia a

35 ANOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DA PESQUISA E EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO ruptura de estereótipos e leva para a área escolar debates reais sobre os povos que vivem no país, que facilite a construção de identidade e a desconstrução de conceitos pré-concebidos sobre os povos, A escola é a segunda instituição social que o indivíduo integra e que pode proporcionar o convívio em sociedade com respeito às diferenças.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Constituição (1988) **Constituição República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

Cantada, Palavra. **Yapo**. 18 de jun. de 2015. Disponível em: <
<https://youtu.be/rcBvsH7jqnc?feature=shared> > Acesso em: 06 de Set. de 2023.

DEPUTADOS, Câmara dos. **Trabalhando o tema “Cultura e estereótipos sobre os povos indígenas”**. Plenarinho: o jeito criança de ser cidadão. Brasília, DF, 2021.

LOPES, Véra Neusa. Racismo, preconceito e discriminação. **in: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 185-204.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Penso Editora, 2015.